

ELIANE APARECIDA GOULART MENDES

**Varição NÓS ~ A GENTE: implementação da forma inovadora em
diferentes comunidades de fala em Minas Gerais**

BELO HORIZONTE

2019

ELIANE APARECIDA GOULART MENDES

**Varição NÓS ~ A GENTE: implementação da forma inovadora em
diferentes comunidades de fala em Minas Gerais**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2019

M538v

Mendes, Eliane Aparecida Goulart.

Varição NÓS ~ A GENTE [manuscrito] : implementação da forma inovadora em diferentes comunidades da fala em Minas Gerais / Eliane Aparecida Goulart Mendes. – 2019.

221 f., enc. : il., maps., graf., color., tabs., p&b.

Orientadora: Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de pesquisa: Variação e Mudança Linguística.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 153-161.

Anexos: f. 162-220.

1. Língua portuguesa – Variação – Minas Gerais – Teses.
 2. Língua portuguesa – Regionalismos – Minas Gerais – Teses.
 3. Língua portuguesa – Português falado – Itáúna (MG) – Teses.
 4. Língua portuguesa – Português falado – Machacalis (MG) – Teses.
 5. Língua portuguesa – Português falado – Piranga (MG) – Teses.
 6. Língua portuguesa – Pronome – Teses.
 7. Mudanças linguísticas – Teses.
- I. Oliveira, Ana Larissa Adorno Marciotto. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS



FOLHA DE APROVAÇÃO

Varição Nós A GENTE: implementação da forma inovadora em diferentes comunidades de fala em Minas Gerais

ELIANE APARECIDA GOULART MENDES

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, área de concentração LINGÜÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudo da Variação e Mudança Linguística.

Aprovada em 31 de maio de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira - Orientadora
UFMG


Prof(a). Pâmella Alves Pereira
UFVJM


Prof(a). Melina Rezendes Dias
Colégio Militar de Belo Horizonte


Prof(a). Maria do Carmo Viegas
UFMG


Prof(a). Fernando Antônio Pereira Lemos
CEFET-MG

Belo Horizonte, 31 de maio de 2019.

À Prof.^a Dr.^a. Maria do Carmo Viegas, pela forma sábia com que me apoiou, revelando-se exigente, mas, ao mesmo tempo, acolhedora e amável, sendo sempre disponível e dedicada, mostrando-me que era necessário oferecer o melhor de mim. Obrigada pela paciência! Minha eterna gratidão!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me concedido, dentre muitas bênçãos, a de realizar esta tese, dando-me constantemente força para enfrentar todos os percalços durante esta trajetória acadêmica.

Aos membros do VARFON-Minas/CNPq pela disponibilização dos *corpora*, os quais têm contribuição incomensurável para a realização desta pesquisa.

À minha graciosa família, que sempre me apoiou, bem como compreendeu as minhas ausências e acreditou que eu seria forte o suficiente para alcançar mais uma vitória. Em especial, aos meus filhos Yasmim, Stephany, Yuri e Yorrane e, à minha mamãe, Ana, a quem serei eternamente grata e amarei por toda a minha vida. Ao meu papai, Walter, pelo carinho e amor.

Aos meus queridos irmãos, Wagna, Wagner, Kelly, Alex e Jacqueline pelo apoio, amor e compreensão nas minhas ausências.

Aos meus queridos sobrinhos, Vitória, Adryan, Lucas, Pedro Henrique, Francisco, Miguel Augusto, Vinícius, Ana Cecília e Benjamin pelo carinho e acolhimento nos momentos de dificuldades.

Aos meus tios e primos pelo incentivo e afeto.

Ao meu amado Vovô Manezinho - Manoel Severino Gomes, a quem amei e admirei a vida inteira, que, infelizmente, não pôde me acompanhar até o final desta jornada acadêmica. Quem me recebia em sua casa com longas e valiosas conversas nos momentos de dificuldades. Esse homem exemplo partiu no dia 17 de maio de 2018, deixando muita saudade...

Aos meus queridos sogros, Maíse de Carvalho Gonçalves Mendes e Heli Alves Mendes, que, no período do doutorado, não puderam me acompanhar até o final, mas que me apoiaram muito, suprimindo minhas ausências com meus filhos.

Ao meu querido esposo, Leonardo, pelos inenarráveis momentos de compreensão e inesgotáveis provas de afeto ao longo desta caminhada. Pelas xícaras e xícaras de café e pelas palavras de incentivo que me serviram de impulso e referência para continuar todos os dias – especialmente nos mais difíceis. Muito obrigada, meu amor!

Aos professores Prof.^a Dr.^a. Sueli Coelho, Prof.^a Dr.^a. Maria Antonieta, Prof.^a Dr.^a. Cândida Seabra, Prof. Dr. César Nardelli, Prof.^a Dr.^a. Constância Duarte, Prof. Dr. Lorenzo Vitral e Prof.^a Dr.^a. Ana Paula Rocha, que contribuíram, indubitavelmente, para o meu desenvolvimento acadêmico.

Agradeço especialmente à Prof.^a Dr.^a. Ana Larissa Adorno Marciotto Oliveira pela disponibilidade e confiança no trabalho.

À minha amiga, Heloisa Leão (irmã do coração), pelos numerosos conselhos, apoio e amizade.

À minha amiga, Vanêssa Dornelas, pelo apoio, com quem compartilhei dificuldades e por quem tenho uma grande admiração.

Aos meus amigos, Danielle Cunha, Vanessa Ferreira, Patrícia Vieira, Ana Carolina Magalhães, Nayara Baêta, Paulo Antunes, Darlan Santos, Ana Lúcia, Louriane Silva e Sandra Gherardi pelo incentivo e amizade.

À Faculdade e Colégio Santa Rita – FASAR pelo apoio, em especial, aos diretores Maria da Paz Fonseca e Costa, Alexandro Pertence, Rosângela Pertence, Simone Pertence, ao corpo discente e docente e demais funcionários.

A todos os professores que se dispuseram a participar da minha banca do exame de qualificação, dividindo comigo sua experiência e conhecimento. Em especial, à Prof.^a. Dr.^a. Melina Dias e ao Prof. Dr. Fernando Lemos.

A toda comunidade universitária da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Localização do Município de Itaúna	86
FIGURA 2 – Localização do Município de Machacalis	89
FIGURA 3 – Localização do Município de Piranga.....	92

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Percentuais Gerais: Uso Geral de A GENTE.....	150
---	-----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Código dos Informantes por Cidade e Faixa Etária	95
QUADRO 2 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Itaúna	107
QUADRO 3 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Itaúna	112
QUADRO 4 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Machacalis	123
QUADRO 5 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Machacalis	128
QUADRO 6 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Piranga	137
QUADRO 7 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Piranga	141
QUADRO 8 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária	142
QUADRO 9 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária	143
QUADRO 10 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária	144
QUADRO 11 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo	146
QUADRO 12 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo.....	147
QUADRO 13 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo	148
QUADRO 14 – Percentuais Gerais: Uso Geral de A GENTE.....	149
QUADRO 15 – Síntese das Cidades.....	152

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Itaúna	98
TABELA 2 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna	99
TABELA 3 – Estudo da variação NÓS ~ GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna.....	101
TABELA 4 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna	103
TABELA 5 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna.	104
TABELA 6 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna	106
TABELA 7 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Machacalis	108
TABELA 8 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis	109
TABELA 9 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis	110
TABELA 10 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis	110
TABELA 11 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis	111
TABELA 12 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna	111
TABELA 13 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	113
TABELA 14 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis.....	114
TABELA 15 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	117
TABELA 16 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	119
TABELA 17 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis.....	121
TABELA 18 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	124
TABELA 19 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis.....	125

TABELA 20 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	125
TABELA 21 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis.....	126
TABELA 22 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis.....	127
TABELA 23 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Piranga.....	129
TABELA 24 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Piranga.....	130
TABELA 25 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga.....	132
TABELA 26 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga.....	133
TABELA 27 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga.....	134
TABELA 28 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga.....	135
TABELA 29 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Piranga.....	138
TABELA 30 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Piranga.....	138
TABELA 31 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga.....	139
TABELA 32 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga.....	139
TABELA 33 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga	140
TABELA 34 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga	140

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AL	– Alagoas
ALFSB	– Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano
BA	– Bahia
CNPq	– Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CORDIAL-SIN	– <i>Corpus Dialectal</i> para o Estudo da Sintaxe
DID	– Diálogos entre Informante e Documentador
ES	– Espírito Santo
GO	– Goiás
MA	– Maranhão
MEC	– Ministério da Educação
MG	– Minas Gerais
MS	– Mato Grosso do Sul
NURC	– Norma Urbana Culta
NURC-SSA	– Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador
PB	– Português do Brasil / Português Brasileiro
PE	– Português Europeu
PEUL	– Programa de Estudos sobre o Uso da Língua
PnB	– Portugueses no Brasil
PortVix	– Projeto do Português falado em Vitória
PR	– Paraná
RJ	– Rio de Janeiro
SC	– Santa Catarina
SPSS	– <i>Statistical Package for the Social Sciences</i> (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais)
UNESCO	– <i>United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization</i> (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)
VALPB	– Projeto de Variação Linguística no Estado da Paraíba
VARBRUL	– Método de Análise Multivariada, do inglês <i>variable rule</i> (regra variável)
VARFON-Minas	– Variação Fonético-fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais
VARSUL	– Variação Linguística Urbana no Sul do Brasil
UFMG	– Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Nesta tese, temos como objeto de estudo os fenômenos de variação envolvendo a variável pronominal de 1ª Pessoa do Plural em comunidades de fala diversas em Minas Gerais. Vários estudos têm mostrado que a variação NÓS ~ A GENTE está progredindo na direção da implementação de A GENTE. Tratamos esse processo como uma etapa da variação entre NÓS e A GENTE, conforme Labov ([1972] 2008) e como um fenômeno de gramaticalização de A GENTE, conforme Hopper e Traugott (1993). Nesse sentido, estamos tratando principalmente, na variação em questão, da etapa de estratificação envolvida no processo de gramaticalização de A GENTE, o qual vem assumindo funções de NÓS. A principal pergunta é: quais fatores linguísticos e não linguísticos interferem no processo de mudança de NÓS para A GENTE? Interessa-nos, ainda, observar especialmente os conceitos de redes sociais apresentados por Milroy (1987). As propriedades que caracterizam a rede social de um indivíduo influenciam nas realizações linguísticas desse indivíduo. A proposta desta pesquisa está inserida nos estudos do Grupo de Pesquisa do CNPq VARFON-MINAS e visa investigar, no sistema pronominal do português, a variação das formas de 1ª Pessoa do Plural NÓS ~ A GENTE nas cidades de Machacalis, área pertencente ao falar considerado baiano, de Itaúna e de Piranga, regiões pertencentes ao falar mineiro, segundo Zágari (1998).

ABSTRACT

In this work, we aim at studying the phenomenon of pronominal variation, involving the first person plural in different speech communities in Minas Gerais. Several studies have shown that the variation between NÓS and A GENTE is evolving towards the implementation of A GENTE. We address this process as a stage of the variation between NÓS and A GENTE, according to Labov ([1972] 2008), and as a phenomenon of grammaticalization of A GENTE, according to Hopper and Traugott (1993). In this sense, we are mainly dealing with the stratification stage involved in the process of grammaticalization of A GENTE, which has been performing the function of NÓS. The main issue in this study concerns the linguistic and non-linguistic factors that influence the process of moving from WE to A GENTE. We also focus on the concepts of social networks, as presented by Milroy (1987). The properties that characterize the social network of an individual influence his linguistic realizations. Moreover, the proposal of this research regards the studies of the CNPq Research Group VARFON-MINAS, which aims at investigating the variation of first person plural forms NÓS and A GENTE in the Portuguese Pronominal System in the town of Machacalis, an area belonging in the Baiano variation, and in Itaúna and Piranga, pertaining to the Minas Gerais variation, according to Zágari (1998).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2. PROBLEMATIZAÇÃO E TRABALHOS CORRELATOS	19
2.1 Problematização.....	19
2.2 Trabalhos Correlatos.....	25
2.2.1 Menon (1996)	25
2.2.2 Seara (2000).....	26
2.2.3 Lopes (2003).....	27
2.2.4 Borges (2004)	28
2.2.5 Silva (2004)	29
2.2.6 Zilles (2007)	30
2.2.7 Ramos <i>et al.</i> (2009)	32
2.2.8 Tamanine (2010).....	32
2.2.10 Silva (2010)	34
2.2.11 Franceschini (2011)	35
2.2.12 Vianna (2011).....	36
2.2.13 Maia (2012)	38
2.2.14 Vianna e Lopes (2012)	39
2.2.16 Nascimento (2013)	40
2.2.17 Sória (2013).....	41
2.2.18 Silva (2014)	43
2.2.19 Gruber <i>et al.</i> (2015)	44
2.2.20 Freitas (2015) -	45
2.2.21 Vitória (2017).....	46
2.2.22 Outros trabalhos correlatos	47
2.2.23 O tratamento do A GENTE pronominal nas gramáticas	48
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	55
3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística.....	55
3.2 Gramaticalização	62
3.3 Redes Sociais.....	68
4. A VARIÁVEL, A SELEÇÃO DOS INFORMANTES E A COLETA DE DADOS	72
4.1 A variável e os fatores envolvidos.....	72
4.1.1 Significados determinado e indeterminado	72
4.1.2 Função Sintática	75
4.1.3 Faixa Etária e Gênero/Sexo	77

4.1.4 Comunidades de Fala.....	81
4.1.4.1 A Comunidade de Fala: Itaúna/MG.....	85
4.1.4.2 A Comunidade de Fala: Machacalis/MG	88
4.1.4.3 A Comunidade de Fala: Piranga/MG	91
4.2 Seleção dos Informantes e Coleta de Dados.....	94
5. ANÁLISE DOS DADOS	97
5.1 Itaúna	98
5.1.1 Análise da Faixa Etária.....	98
5.1.2 Análise do Gênero/Sexo	108
5.2 Machacalis.....	113
5.2.1 Análise da Faixa Etária.....	113
5.2.2 Análise do Gênero/Sexo	124
5.3 Piranga.....	129
5.3.1 Análise da Faixa Etária.....	129
5.3.2 Análise do Gênero/Sexo	138
5.4 Conclusão	142
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	153
ANEXO A – Dados de Itaúna: Sujeito Determinado	162
ANEXO B – Dados de Itaúna: Sujeito Indeterminado.....	175
ANEXO C – Dados de Machacalis: Sujeito Determinado	179
ANEXO D – Dados de Machacalis: Sujeito Indeterminado	197
ANEXO E – Dados de Piranga: Sujeito Determinado	204
ANEXO F – Dados de Piranga: Sujeito indeterminado	214

1. INTRODUÇÃO

Nesta tese, temos como objeto de estudo os fenômenos de variação (LABOV[1972] 2008) envolvendo a variável pronominal de 1ª Pessoa do Plural em comunidades de fala diversas em Minas Gerais.

Observamos especificamente a variável explícita 1ª Pessoa do Plural pronominal e suas variantes A GENTE e NÓS nas funções de:

a) Sujeito determinado

Ex.:

1. “[...] Itaúna é uma cidade assim que né eu acho que ela faz assim a sua própria história. A história dela não mistura com nenhuma não. Que aqui **nós** tivemos, a cidade foi criada por pessoas que mandavam na cidade né? ” (EMIAF39 e os moradores de Itaúna)
2. “[...] é, às vezes **a gente** sai e vai no varejão, com eles, faz o suco com eles, faz bolo, mas, mais é o diário mesmo, trabalha o sistema corporal [...]” (BMIAF40 e os funcionários da APAE)

b) Sujeito indeterminado

Ex.:

3. “[...] então o mundo nosso, **nós** tem esse mundo grande, planeta, de terra, [...] ” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral)
4. “[...] não, num é questão de pensar na vida, hoje amizade tá difícil, hoje **a gente** infelizmente não pode acredita em amizade mais, né? ” (AHIAM34 e as pessoas de modo geral)

c) Objeto sem preposição determinado

Ex.:

5. “[...] Olaria, tijolo assim, não saia muito aqui, aí ele foi trabalhar fora devido a isso né, para manter **nós**.” (JMJF e sua família)
6. “[...] tinha professores que levava **a gente** sim. Mas excursões fora da cidade, tipo assim, você fala viajar [...]” (KMJF e os colegas de classe)

d) Objeto sem preposição indeterminado

Ex.:

7. “[...] tem muitas pessoas que pode ensinar **a gente** basta a gente querer aprender, [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).
8. “[...] porque de fora o que ensina **a gente** é competição muito alta [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

e) Objeto com preposição determinado

Ex.:

9. “[...] eles chamaram polícia **pra nós**, veio o pessoal de bom despacho [...]” (EMIAF39 e os moradores da cidade)
10. “[...] pagava um carroceiro pra levar água **pra gente** na escola [...]” (CMAF e os funcionários da escola)

f) Objeto com preposição indeterminado

Ex.:

11. “[...] porque amigo que é amigo não oferece nada **pra gente**, eles pode fumar, ele pode fazer a deles lá, [...]” (DMIJF16 e as pessoas de modo geral)
12. “[...] tira uma experiência **pra gente** mesmo, né? [...]” (AHIAM34 e as pessoas de modo geral)

Vários estudos têm mostrado que a variação NÓS ~ A GENTE está progredindo na direção da implementação de A GENTE. Tratamos esse processo como uma etapa da variação, conforme Labov ([1972] 2008), entre NÓS e A GENTE e do processo de gramaticalização de A GENTE, conforme Hopper e Traugott (1993). Nesse sentido, estamos tratando, principalmente, na variação em questão, da etapa de estratificação envolvida no processo de gramaticalização de A GENTE, o qual vem assumindo funções de NÓS. Interessa-nos, ainda, observar especialmente os conceitos de redes sociais apresentados por Milroy (1987). Observamos se as propriedades que caracterizam a rede social de um indivíduo influenciam nas realizações linguísticas desses.

A proposta desta pesquisa está inserida nos estudos do Grupo de Pesquisa do CNPq VARFON-MINAS e visa investigar, no sistema pronominal do português, a variação das

formas de 1ª Pessoa do Plural NÓS ~ A GENTE nas cidades de Machacalis¹, área pertencente ao falar considerado baiano, de Itaúna e de Piranga, regiões pertencentes ao falar mineiro, segundo Zágari (1998). Assim, utilizaremos os *corpora* do VARFON-MINAS das cidades de Itaúna, Machacalis e de Piranga.

Baseando-nos, como veremos, na problematização presente na literatura, propomos as perguntas seguintes:

- a) O significado da variável, determinado ou não, interfere na implementação da forma A GENTE? Essa forma se implementa mais rapidamente em um significado do que em outro?
- b) A mudança de NÓS para A GENTE ocorre igualmente em funções sintáticas diversas? Se há diferença em relação às funções, podemos dizer que encontramos indícios de que essa diferença está relacionada à simplificação do sistema pronominal (LOPES, 2003)?
- c) No processo de mudança NÓS ~ A GENTE, as comunidades estão todas na mesma etapa do processo? Caso negativo, que hipóteses podemos aventar a respeito das diferenças?

Nesta pesquisa avaliaremos três hipóteses.

A hipótese 1 é que A GENTE se encontra em mudança em progresso nas comunidades de fala, no significado indeterminado, estando esse à frente do significado determinado na implementação da mudança, tendo como referência os estudos realizados por Silva (2014).

Na hipótese 2, consideramos que o A GENTE, tanto determinado quanto indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição provavelmente apresenta estigma devido à forma padrão NOS.

A hipótese 3 é que a mudança se encontra em diferentes estágios de progressão nas comunidades pesquisadas, devido às diferenças nas redes sociais das mesmas. Haveria reação à mudança, maior em Machacalis e Piranga do que em Itaúna.

¹ Grafa-se oficialmente Maxacalis (com “x”). Contudo foi escolhida a forma Machacalis por se tratar da grafia preferida pelos moradores da cidade, em conformidade com Almeida (2008).

Consideramos que Machacalis e Piranga apresentam uma rede social mais fechada do que Itaúna.

Esta tese está organizada em 6 capítulos, formados por esta introdução e 5 capítulos. No capítulo 1, temos a problematização e trabalhos correlatos. No capítulo 2, tratamos dos pressupostos teórico-metodológicos. No capítulo 3, apresentamos a descrição da variável, a seleção dos informantes e a coleta de dados. No capítulo 4, apresentamos a análise dos dados. No último capítulo, encontram-se as considerações finais.

2. PROBLEMATIZAÇÃO E TRABALHOS CORRELATOS

2.1 Problematização

A língua não deve ser vista como uma estrutura pronta e acabada e está propensa à variação e à mudança. Observamos que os grupos sociais apresentam características peculiares no seu modo de falar. Essas podem ser favorecidas por aspectos como faixa etária, gênero/sexo, grau de escolaridade, dentre outros fatores.

De acordo com Mollica (2015),

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípio, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e no domínio pragmático-discursivo. O português falado no Brasil está repleto de exemplos. (MOLLICA, 2015, p. 9)

Nessa perspectiva, vale ressaltar a assertiva apresentada por Coelho *et al.* (2015) sobre o sistema linguístico:

[...] primeiramente, **a língua é um sistema** organizado-tão organizado que seus falantes se comunicam perfeitamente entre si, não importando se um mora no interior de São Paulo e o outro na capital do Rio Grande do Sul, se um tem 6 anos de idade e o outro 60, se um tem curso superior e o outro ensino fundamental. Em segundo lugar, podemos concluir que **a língua varia**, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade-além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua [...] (COELHO *et al.*, 2015, p.13, grifos dos autores)

Considerando a heterogeneidade linguística presente no Português Brasileiro² (PB), destacamos um fenômeno em variação encontrado na Língua Portuguesa (LP) na contemporaneidade que é a alternância entre os pronomes pessoais, como, por exemplo, as formas pronominais NÓS ~ A GENTE, referentes à 1ª Pessoa do Plural. Esse fenômeno não é só da contemporaneidade, segundo Lopes (2003), que aponta que o uso de A GENTE como forma pronominal já se encontra datado desde o século XVII conforme citação a seguir:

[...]. Evidencia-se, a partir do [século] XVII, um crescimento progressivo de exemplos dessa natureza, o que pode refletir um período de transição entre o uso, até aquele momento, da forma em questão exclusivamente como substantivo, e o início do emprego efetivo como pronome, que ocorre a partir do século XIX. Esse período transitório instaura-se entre o século XVII e o XIX. Ressalte-se que a ascendência

² Português Brasileiro, doravante (PB)

da curva dos casos considerados ambíguos coincide com uma curva descendente do emprego de *gente* como sinônimo de pessoas (emprego como substantivo). Do mesmo modo, conforme se configura a intensificação do emprego de *a gente* como forma pronominal do século XIX em diante, a interpretação ambígua deixa de se fazer presente. (LOPES, 2003, p.65)

Ainda em conformidade com Lopes (2003),

[...] só há ocorrências de *a gente* pronominal a partir do século XVIII. Antes disso, entre o período de XIII e XVII, há apenas os tais dados ambíguos; [...] Como aponta Cintra (1972:38) é no século XVIII que formas pronominais como *vós*, empregado para um único interlocutor, caem em desuso, deixando “o caminho aberto para a progressiva invasão e expansão das outras formas substantivas que levam o verbo para a 3ª pessoa”.

Comparando-se as ocorrências de *a gente* pronominal com as de *gente* substantivo, observa-se que somente no século XX o uso de *a gente* se consolida como pronome, apresentando frequências acima da média (56%). Antes disso, mais precisamente entre os séculos XVIII e XIX, o uso de *gente* como substantivo é mais significativo. Quando, entretanto, as ocorrências de interpretação duvidosa são agrupadas às ocorrências de *a gente* pronominal, o perfil diacrônico da implementação da mudança de *gente* > *a gente* é mais nítido, [...] (LOPES, 2003, p.103)

Assim, observamos que o termo A GENTE vem funcionando como pronome pessoal principalmente no PB, implicando, muitas vezes, o verbo na 3ª Pessoa do Singular e indicando um grupo de pessoas em que o falante também se inclui, transmitindo de modo geral o significado que o pronome pessoal NÓS possui.

Sória (2013) afirma que

Qualquer falante nativo do português europeu (doravante, PE³) ou do português brasileiro (PB) está familiarizado com a forma *a gente*, seja como utilizador, seja como ouvinte. Apesar disso, a inserção dessa expressão no quadro pronominal das gramáticas tradicionais, bem como o seu ensino nas escolas primárias, ainda é bastante restrita e controversa. (SÓRIA, 2013, p. 14)

Em estudo realizado sobre o pronome A GENTE na fala Maceioense: um estudo sociolinguístico, Vitorio (2017, p. 63) observa que "o quadro tradicional de pronomes apresentado na maior parte das gramáticas e dos materiais que servem de modelo ao ensino de Língua Portuguesa elege apenas as formas do pronome NÓS para a referência à 1ª Pessoa do Plural".

³Português Europeu, doravante PE

Em consonância com essa observação, Lopes (2003) acrescenta que

O quadro dos pronomes pessoais, que ainda vigora nas gramáticas, estruturado a partir de três pessoas do discurso (*eu, tu, ele*) com variação de número (*nós, vós, eles*), está longe de ter uma coerência interna e de dar conta da realidade concreta do português do Brasil. Urge uma revisão. Primeiramente, precisamos de uma definição coerente. (LOPES, 2016, p. 106)

Na concepção de Silva e Arduin (2004):

A entrada dos pronomes *ocê* e *a gente* no PB não afetou apenas o paradigma pronominal do sujeito e a concordância verbal (...). Essas inovações provocaram uma espécie de mudança em cadeia que afetou também outros subsistemas pronominais- dos clíticos e dos possessivos. Configura-se, desse modo, o que Labov chama de "encaixamento estrutural". (SILVA e ARDUIN, 2004, p. 99 *apud* VARGAS, 2014, p.55)⁴

Como dissemos, nosso objeto de estudo é, pois, a variável 1ª Pessoa do Plural da qual estudamos especificamente as variantes A GENTE ~ NÓS. Realizamos esta pesquisa nas comunidades urbanas de Itaúna/MG, Machacalis/MG e Piranga/MG, buscando elucidar a implementação da variante A GENTE nessas comunidades de fala. Gostaríamos de salientar que não investigamos a forma A GENTE como variante de EU. Também não investigamos a variante Ø para a 1ª Pessoa do Plural. Investigamos apenas as variantes expressas em uma palavra ou locução.

Destacamos os vários estudos da variação NÓS ~ A GENTE, dentre eles o de Silva (2014), que mostra que esse não é somente um caso de variação, mas também de mudança em progresso, conforme o modelo teórico-metodológico variacionista de Labov ([1972] 2008), em que há a progressão de A GENTE, considerada forma inovadora.

Assim, investigamos, no sistema pronominal brasileiro, a variação das formas de 1ª Pessoa do Plural – NÓS ~ A GENTE – nas funções gramaticais de sujeito, de objeto sem preposição e de objeto com preposição. Observamos essas funções com significado determinado e indeterminado.

Consideramos que a separação das funções e dos significados é metodologicamente importante quando tratamos o fenômeno como variação, já que a variação implica formas diferentes com o mesmo significado no mesmo contexto.

⁴SILVA, I.; ARDUIN, J. O recorte de regras variáveis: algumas reflexões. **Working Papers em Linguística**, UFSC, n. 8, 2004.

Nascimento (2013, p. 29), baseando-se em Omena (1986), “considerou a função sintática um aspecto relevante na variação entre *nós* e *a gente*”.

Temos a hipótese de que está ocorrendo o processo de gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (1993), do A GENTE. Para Lopes (2002), a gramaticalização ocorre quando um item lexical/construção passa a assumir, em certas circunstâncias, um novo *status* como item gramatical, ou quando itens gramaticais se tornam ainda mais gramaticais, podendo mudar de categoria sintática (recategorização), receber propriedades funcionais na sentença, sofrer alterações semânticas e fonológicas, deixar de ser uma forma livre e até desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema. Segundo a autora, teríamos, então, um processo de gramaticalização de A GENTE deixando GENTE de ser substantivo e, juntamente com o determinante, tornando-se uma forma pronominal. Assim, segundo pesquisas, o A GENTE estaria em progressão no PB.

De acordo com a proposta de Nascentes (1953), o PB apresenta sete subdivisões em relação aos falares. Quatro incluem áreas de Minas Gerais, evidenciando, desse modo, a complexidade linguística desse estado e sua representatividade em relação ao patrimônio linguístico do país. Nesse sentido, ao descrever os falares das três comunidades em estudo, contribuimos para a descrição do PB.

Analizamos três comunidades de fala distintas. Uma que apresenta uma rede social mais aberta (MILROY, 1987), Itaúna, e outras em que há uma rede social mais fechada, Machacalis e Piranga.

Assim, interessa-nos responder as seguintes perguntas iniciais:

A variante A GENTE está em progressão nos dois significados?

A variante A GENTE está em progressão nas duas funções?

Existe diferença na implementação desses processos linguísticos nas três cidades?

Se existe, qual seria a motivação para essa diferença?

Apresentamos a hipótese 1 de que A GENTE se encontra em mudança em progresso nas comunidades de fala, no significado indeterminado, estando esse à frente do significado determinado na implementação da mudança, tendo como referência os estudos realizados por Silva (2014).

Também, de acordo com Menon (1996),

Num dado momento do português, ainda não estudado em profundidade ou extensão, dentre as várias construções possíveis especializou-se o uso da locução formada pelo artigo *a* mais o substantivo *gente*, para designar os seres de maneira coletiva, genérica: especializou-se o sentido, mas não se perdeu o significado primeiro. Passa, então, a ser uma das formas de expressar o “sujeito indeterminado”. Desse uso, possivelmente derivou o emprego de *a gente* por *nós* ou por *eu*. Visto que o (s) falante (s) pode(m) se incluir na indeterminação, a forma adquiriu os traços semânticos de 1ª pessoa do plural e, depois, do singular⁵. (MENON, 1996, p. 625-626),

Portanto, pode-se afirmar que a variante A GENTE com significado determinado é mais recente, o que torna possível formular a hipótese de que A GENTE pronominal determinado deve ter a sua implementação menos avançada em relação ao significado indeterminado.

Levantamos ainda a hipótese 2: o A GENTE, tanto determinado quanto indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição, e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição parece apresentar estigma social, pois existe a forma padrão NOS.

Formulamos a hipótese 3 de que a mudança se encontra em diferentes estágios de progressão nas diferentes cidades devido às diferenças nas redes sociais das cidades pesquisadas. Haveria reação à mudança e resistência maior em Machacalis e Piranga do que em Itaúna. Nesse sentido, nossa hipótese é de que a implementação de A GENTE sofre influência das redes sociais, conforme Milroy (1987), nas comunidades em questão. Itaúna por apresentar uma rede social mais aberta, vem implementando a mudança mais rapidamente do que em Machacalis e Piranga. Nas comunidades de Machacalis e Piranga, o processo de mudança estaria mais atrasado do que em Itaúna.

Daí a relevância de considerarmos, neste estudo, o trabalho de Milroy (1987), que assume as redes sociais como um importante fator a ser estudado. Desse modo, objetivamos relacionar a questão da implementação da forma A GENTE como pronome nas cidades aqui pesquisadas às redes sociais dessas comunidades de fala.

Nesta pesquisa, adotamos a Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana), que tem como objeto de estudo a variação e a mudança linguística na comunidade de fala. Consideramos, aqui, a etapa de

⁵ Nesta pesquisa, não foram encontrados casos de A GENTE referente à 1ª Pessoa do Singular.

variação NÓS ~ A GENTE presente no processo de gramaticalização de A GENTE. A língua é vista aqui como dotada de “heterogeneidade sistemática”. O domínio de estruturas heterogêneas é parte da competência linguística dos indivíduos. Nesse sentido, a ausência de heterogeneidade estruturada na língua seria tida como disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968] 2006, p. 101).

Hopper e Traugott (1993) compreendem a gramaticalização como unidirecional, uma vez que a mudança gradual na gramaticalização é um processo irreversível. Defendem que esse processo de gramaticalização remete a um fenômeno linguístico tanto sincrônico quanto diacrônico. Ao tratar de “camadas”, os referidos autores consideram que as camadas novas coexistem com as camadas mais antigas, e essas não são necessariamente excluídas. Nesse sentido, consideramos como exemplo de coexistência o emprego da forma A GENTE, em variação com a forma NÓS, com o item lexical GENTE, precedido de determinante. O substantivo GENTE não foi excluído na fala das diversas comunidades. Neste trabalho, trataremos, principalmente, da variação, na etapa de estratificação envolvida no processo de gramaticalização do A GENTE, o qual vem assumindo funções de NÓS. A estratificação consiste na coocorrência da nova função (no caso A GENTE pronominal) com a forma anterior que exercia essa função (NÓS).

Como dissemos, diferentemente do NÓS que, na tradição gramatical, é usado com o verbo na 1ª Pessoa do Plural, o A GENTE é usado, na maioria das vezes, com o verbo na 3ª Pessoa do Singular. No Brasil, vários estudiosos vêm desenvolvendo trabalhos sobre as variantes NÓS e A GENTE na função gramatical de sujeito e os fenômenos de concordância envolvidos.

Nascimento (2013) mencionou o estudo dialetológico de Nascentes (1953) sobre o linguajar carioca:

Nascentes (1953) realiza um estudo dialetológico sobre o linguajar carioca, e agrega informações sobre o uso de a gente. Faz observações sobre a sua utilização nas “classes incultas”, mostra como exemplo: “a gente vamos hoje” (p. 170), o qual explica a caracterização da forma a gente como um pronome pessoal.

Em relação ao exemplo citado “a gente vamos hoje” o falante, ao escolher a gente em lugar do pronome nós, apesar de excluir a concordância formal, deixa explícita a concordância semântica: “...a pessoa que está falando tem em mente a sua pessoa e as mais”. Esse entendimento traz a ideia de que o uso de a gente carrega o valor de um pronome pessoal. (NASCIMENTO, 2013, p.23)

Segundo Borges (2004),

Salienta-se, dessa forma, que já havia nos textos arcaicos uma variabilidade de concordância associada à forma *a gente*, tanto em número como em gênero. Essa variabilidade poderia estar indicando a existência de um processo inserido em um *continuum* linguístico que, nesse caso específico, resultaria na própria gramaticalização envolvendo a forma *a gente*. A variação seria, aqui, o estágio inicial do processo de mudança que, por sua vez, estaria relacionado a determinados fatores de ordem linguístico-social. (BORGES, 2004, p.29)

Colocadas essas questões, vamos aos principais trabalhos correlatos.

2.2 Trabalhos Correlatos

Nesta seção, apresentamos de forma sumária alguns trabalhos realizados em diversas regiões do Brasil acerca das variantes A GENTE ~ NÓS. Consideramos que esta foi uma amostragem representativa dos vários estudos sobre essas variantes.

2.2.1 Menon (1996) - artigo científico

Título: A GENTE: UM PROCESSO DE GRAMATICALIZAÇÃO

Aspectos estudados: Menon (1996) ressalta que vários autores fazem referência à “expressão *a gente*” e à silepse de número ou de pessoa que ocorre nas atestações em que se demonstra o grande leque de possibilidades de concordância com a “palavra *gente*”. Alguns estudiosos até chegam a conferir a essa forma o título “pronome indefinido”, quando tratam do seu uso como uma das possibilidades de “indeterminação do sujeito”. No entanto, no panorama geral das referências, os autores não perceberam que não se trata mais do substantivo *gente*, o qual, em locução formada com o artigo *a*, teria sofrido uma série de transformações. Omena (1987), citada por Menon (1994), ressalta “formas de referência” da 1ª Pessoa do Plural no português do Brasil, isto é, fala em *pronominalização* de *a gente*. Apesar de considerar a forma um pronome de 1ª Pessoa, a autora não dá maiores detalhes sobre como essa forma teria chegado a ser um pronome. Menon (1994) menciona as expressões cristalizadas ao se referir à forma *a gente* ou a outras formas nominais utilizadas para expressar um sujeito indeterminado: *a pessoa, o cara, o camarada, o sujeito, o indivíduo, a turma*. Em português, *a gente* se gramaticalizou, isto é, sofreu modificações em nível morfossintático, transformando-se de locução nominal em pronome. Durante esse processo, perdeu a capacidade de se flexionar, de receber determinantes e mudou a concordância em gênero com o

predicativo. Paralelamente, ocorreram alterações semânticas e fonético-fonológicas. Menon afirma que o processo de gramaticalização seria a transformação por que passa uma *palavra lexical*, autônoma, para se tornar uma *palavra gramatical*, presa ou funcional.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resultados: Menon (1996) constatou em sua pesquisa que *a gente* se comporta como qualquer outro pronome pessoal: a concordância do predicativo passa a ser feita de acordo com o sexo do referente extralinguístico: *nós estamos cansados (as) /a gente está cansado (a)*. Assim, afirma categoricamente que, *a gente* está, portanto, perfeitamente integrado no paradigma dos pronomes pessoais, sobretudo no PB.

2.2.2 Seara (2000) – artigo científico

Título: A VARIAÇÃO DO SUJEITO *NÓS* E A *GENTE* NA FALA FLORIANOPOLITANA

Comunidade de fala pesquisada: Florianópolis-SC

Descrição do Corpus: O *corpus* trabalhado foi composto de doze entrevistas de informantes florianopolitanos, com nível de escolaridade primário e colegial, sendo seis do sexo masculino e seis do feminino, subdivididos em três faixas de idade: quatro de 15 a 24 anos; quatro de 25 a 50 anos e quatro com mais de 50 anos.

Aspectos estudados: Seara (2000) investigou a variação pronominal das formas *nós* e *a gente* na função de sujeito no falar de Florianópolis, destacando que a alternância de uso entre *nós* e *a gente* está em mudança. No estudo enfatizaram-se fatores linguísticos, tais como o tempo verbal, os graus de conexão discursiva e as características semânticas do sujeito.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Pacote estatístico VARBRUL.

Resultados: Por meio da pesquisa, Seara (2000) concluiu que a variante *a gente* é a mais frequente. Ao investigar as diferentes variáveis que podem condicionar o uso de *a gente* em detrimento de *nós*, constatou que, nos tempos verbais em que há menor saliência fônica na diferença entre a 3ª Pessoa do Singular e a 1ª Pessoa do Plural, como, por

exemplo, no Pretérito Imperfeito, houve maior probabilidade do uso de *a gente*. Observou, ainda, que se preserva a predominância da forma *a gente* em frases cujo sujeito é indeterminado semanticamente, ou seja, em que o traço [-específico] continua associado à variante *a gente*, destacando que o traço [+ específico] também passa a ser associado a essa variante. Em relação à questão da mudança em tempo aparente, identificou através das três faixas etárias, que há indícios de um processo de mudança em curso.

2.2.3 Lopes (2003) – artigo científico

Título: A INSERÇÃO DE A GENTE NO QUADRO PRONOMINAL DO PORTUGUÊS

Comunidade de fala pesquisada: Países lusófonos (Brasil, Portugal e Moçambique)

Descrição do Corpus: Nas análises em tempo real de longa duração, foram utilizados textos escritos do século XIII ao século XX. A autora destacou que os textos selecionados para o estudo em tempo real de longa duração foram divididos em duas grandes amostras. A primeira delas é constituída por uma documentação relativa ao período que vai do século XIII ao XVI, ou seja, textos referentes ao português arcaico. A segunda amostra começa nas origens do português como língua escrita (século XIII) indo até a atualidade (século XX). Nesse *corpus*, além do fator temporal, levou-se em conta a distribuição diatópica intercontinental, contrapondo-se dados do português europeu, do português do Brasil e do português africano, este último representado por um texto de autor moçambicano. Estabeleceu-se também uma diferença entre textos escritos por portugueses no Brasil (PnB) e textos escritos por brasileiros (PB).

Aspectos estudados: Lopes (2003) pesquisou sobre a inserção de *a gente* no sistema pronominal do português, inserção essa vista como um processo de mudança em tempo real de longa duração (do português arcaico ao português contemporâneo). De acordo com a autora, diversos estudos mostraram que o substantivo *gente* cristalizado na forma *a gente* passou a fazer parte do nosso sistema pronominal como indicador da 1ª Pessoa, em variação com o pronome *nós*. Falta, entretanto, identificar o que determinou este processo, que passou a ser chamado mais recentemente de pronominalização e de gramaticalização.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Pacote de Programas VARBRUL

Resultados: A pronominalização do substantivo *gente* não foi um processo isolado, mas uma consequência de uma mudança encaixada linguística e socialmente. Essa propagação, que começa de cima para baixo, dissemina-se. Nesse sentido, a inserção de *a gente* no quadro pronominal do português pela comunidade como um todo, bem como as formas de emprego do *a gente* perdem sua concepção semântica inicial, gramaticalizando-se – algumas de maneira mais acelerada do que outras. A fase histórica que marca a gramaticalização de *a gente* é a mesma nos dois espaços intercontinentais (Brasil e Portugal), mas notam-se comportamentos linguísticos distintos em função dessa variável: textos portugueses apresentando um comportamento mais conservador em termos da implementação da mudança e textos brasileiros tendo um comportamento mais inovador no que se refere à frequência de uso da nova forma pronominal. No português do Brasil, tal uso tem se generalizado em substituição à forma *tu*, ao contrário da variante europeia, como forma de intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. Referenda tal perspectiva o fato de em Moçambique – outro território para onde o português foi transplantado – também haver comportamento inovador. No que tange ao estudo em tempo real de curta duração com base nos dados, há, nos últimos 20 anos, uma aceleração da substituição de *nós* por *a gente* no português do Brasil.

2.2.4 Borges (2004) – tese

Título: A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ANÁLISE HISTÓRICO-SOCIAL-LINGUÍSTICA DA FALA DAS COMUNIDADES GAÚCHAS DE JAGUARÃO E PELOTAS.

Comunidade de fala pesquisada: Jaguarão e Pelotas-RS

Descrição do Corpus: É constituído por dois tipos de dados: fala de personagens de onze peças de teatro de autores gaúchos, correspondente a um período de cem anos (1896 até 1995) e fala de sessenta indivíduos das cidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas. As entrevistas foram realizadas em 2000 e 2001: trinta e seis em Pelotas (VarX) e vinte e quatro em Jaguarão (BDS Pampa). Os *corpora* possuem uma divisão equilibrada de informantes por gênero, faixa etária e classe social. As faixas etárias foram divididas da seguinte forma: A- de 16 a 25 anos; C- de 26 a 49 anos e E- de 50 anos ou mais e as classes sociais: B- classe baixa; M- classe média-baixa e a T- classe média-alta.

Aspectos estudados: Borges (2004) fez uma análise do processo de variação e mudança decorrente da inserção de *a gente* no sistema pronominal do português do Brasil, a partir de fatores linguísticos e sociais relacionados, dando ênfase à utilização de *a gente* na posição de sujeito. O autor tinha por finalidade identificar os fatores, principalmente os de natureza sintático-semântica que atuaram no processo de gramaticalização de *a gente* para sua efetivação como pronome pessoal. Para isso, o autor traça o percurso histórico da pessoalização do pronome *a gente*, com a meta de identificar o período em que essa forma passou a ser utilizada também em contextos do campo determinado. Sob essa perspectiva, Borges (2004) apresentou os diferentes graus de gramaticalização e afirmou que esses estão atrelados às características linguísticas e sociais, ou seja, é necessário buscar explicitar quais os fatores que favorecem a mudança linguística. Além disso, destacou que a variação é uma etapa do processo de mudança linguística e, por sua vez, a variação teria condicionamentos linguístico-sociais.

Teoria adotada: Teoria da Variação e da Mudança Linguística.

Programa utilizado para a análise dos dados: O pacote de programas Varbrul e o SPSS.

Resultados: Os resultados do uso de *a gente* indicam que a gramaticalização de *a gente* decorre de vários processos de mudança concomitantes e inter-relacionados – mudança semântica, sintática, morfológica e fonológica; a partir da década de 1960 a forma *a gente* cristaliza-se como pronome pessoal de 1ª Pessoa do Plural; a utilização de *a gente*, em variação com *nós*, está relacionada a condicionadores linguísticos de natureza discursiva, sintática, morfológica e fonológica; o uso de *a gente* em Pelotas está em um estágio mais adiantado do que em Jaguarão; a divisão por classe social indica que em Pelotas a mudança acontece ‘de cima para baixo’ e em Jaguarão ‘de baixo para cima’; o uso de *a gente* é maior nas faixas etárias mais jovens nas duas comunidades; em Pelotas ocorre a redução (mudança incipiente) de *a gente* para ‘ente’ (~ ‘ente’); a propagação da mudança ocorre dos grandes centros para os menores.

2.2.5 Silva (2004) – dissertação

Título: DE QUEM NÓS/A GENTE ESTÁ (MOS) FALANDO AFINAL? UMA INVESTIGAÇÃO SINCRÔNICA DA VARIAÇÃO ENTRE NÓS E A GENTE COMO ESTRATÉGIAS DE DESIGNAÇÃO REFERENCIAL

Comunidade de fala pesquisada: Cidade de Blumenau-SC

Programa do Jô Soares, da Rede Globo

Descrição do *Corpus*: As amostras foram constituídas por 32 entrevistas, 16 colhidas na cidade de Blumenau-SC, da fala de profissionais, muitos deles vinculados a um hospital da cidade, e os demais dados foram colhidos do Programa do Jô. As entrevistas que foram coletadas na cidade de Blumenau ocorreram entre os anos de 2001 e 2002. Já as exibidas no Programa do Jô aconteceram no período de 2003 e 2004. As amostras possuem a mesma distribuição de informantes, todos possuíam grau de escolaridade superior e foram classificados conforme o sexo e a faixa etária. Os bancos de dados utilizados por Silva (2004) foram PEUL e VARSUL, bem como os projetos NURC e VALPB.

Aspectos estudados: Silva (2004) apresenta este trabalho com o objetivo de descrever e analisar a intercambialidade acerca da variação **NÓS/A GENTE** (e suas respectivas realizações) atrelada à particularidade de serem pronomes multirreferenciais, designando, dentro de certa escala de possibilidades, desde as pessoas do discurso até referentes genéricos.

Resultados: Os resultados obtidos na pesquisa nos informam que a utilização dos pronomes **NÓS** e **A GENTE** indicam mudança, pois, conforme o pronome **A GENTE** se fixa como pronome pessoal, este disputa cada vez mais espaço, concorrendo, assim, com a forma **NÓS**.

2.2.6 Zilles (2007) - artigo científico

Título: O QUE A FALA E A ESCRITA NOS DIZEM SOBRE A AVALIAÇÃO SOCIAL DO USO DE A GENTE?

Comunidade de fala pesquisada: Português do Brasil com foco no Rio Grande do Sul

Descrição do *Corpus*: Os primeiros resultados quantitativos aqui apresentados são de um estudo de tempo aparente, em que foram analisadas entrevistas de 39 informantes do banco de dados do projeto Variação Linguística Urbana no Sul do País, VARSUL. Todos são de Porto Alegre e foram estratificados em gênero (19 masculino e 20 feminino), idade (17 de 25- 49 anos e 22 acima de 50 anos) e nível de escolarização (10 com escolaridade elementar – até 5 anos de estudo, 8 com escolaridade intermediária – 5 a 8 anos, 9 com escolaridade secundária – 9 a 11 anos, e 12 com escolaridade pós-secundária – mais de 11 anos). Esses critérios foram estabelecidos na própria coleta de dados do VARSUL.

Ainda de Porto Alegre são comparadas duas amostras, uma gravada nos anos 1970, pelo projeto NURC, e outra dos anos 1990, gravada pelo projeto VARSUL. Foram analisadas as entrevistas de 36 falantes, sendo 18 do gênero masculino e 18 do feminino, divididos em duas faixas etárias: “jovens” (25 a 44 anos) e “velhos” (45 a 69 anos). A grande maioria deles (32) tem educação universitária completa, mas, na amostra dos anos 1990, foram incluídos quatro falantes com educação secundária, supondo não haver diferença significativa entre eles, com base nos resultados do estudo de tempo aparente (ZILLES, 2005). Assim, 20 falantes foram gravados na década de 1970 e 16, na década de 1990.

Aspectos estudados: Zilles (2007) apresentou estudo com o objetivo de sintetizar os principais resultados de pesquisas acerca da gramaticalização de *a gente* no português do Brasil (PB), assim como levantar uma série de questões que ainda demandam investigação. Para isso, tratou do conceito e das características da gramaticalização, não só do ponto de vista da teoria linguística, como um processo de mudança estrutural, mas também como um processo sociolinguístico, já que nenhuma mudança pode prescindir de falantes que a implementem e sua atuação é decisiva em fazê-las avançar ou não. Assim, mostrou alguns resultados quantitativos de pesquisas já realizadas, ressaltando a regularidade do processo no país, ao mesmo tempo em que focalizou mais de perto o Rio Grande do Sul, apontando diferenças entre comunidades que podem contribuir para um entendimento de como esta mudança está progredindo. Ademais, apontou questões relevantes para uma compreensão mais adequada da implementação sócio-histórica da mudança e da avaliação social.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resultados: A partir de seu estudo, Zilles (2007) concluiu que entre *nós*, a distância entre como se fala e como se escreve é amplamente reconhecida. Os caminhos percorridos pelos processos dessa mudança já têm sido bastante estudados quanto à língua falada, mas na escrita são ainda pouco explorados, particularmente dentro de uma perspectiva sociolinguística. Desse modo, ressaltou que, provavelmente, em certas circunstâncias, importa escrever como se fala ou recriar, na escrita, traços da fala, ao passo que, em outras, isso não é mesmo possível sem o ônus de estigma para quem escreve. Ressaltou, ainda, que a compreensão dessas práticas sociais poderá dizer muito da avaliação social que formas inovadoras recebem e quais os caminhos que percorrem para sua aceitação na escrita.

2.2.7 Ramos *et al.* (2009) - artigo científico

Título: DO NOSSO COTIDIANO OU DO COTIDIANO DA GENTE? UM ESTUDO DA ALTERNÂNCIA NÓS/A GENTE NO PORTUGUÊS DO MARANHÃO

Comunidade de fala pesquisada: São Luís - MA

Descrição do Corpus: O *corpus* da pesquisa se constitui de dados obtidos por meio de entrevistas gravadas em áudio, nos meses de março e abril de 1996, com dez maranhenses de São Luís, distribuídos igualmente pelos dois sexos. O estudo contemplou quatro faixas etárias – faixa I (13 a 15 anos), faixa II (16 a 25 anos), faixa III (26 a 55 anos) e faixa IV (mais de 55 anos) – e três níveis de escolaridade – ensino fundamental (EF), ensino médio (EM) e superior (S).

Aspectos estudados: Ramos *et al.* (2009) discorreram na pesquisa sobre questões concernentes à variação linguística, objetivando examinar como se dá a alternância da forma do pronome pessoal de 1ª Pessoa do Plural (*nós*) e a forma, originalmente, do substantivo coletivo (*a gente*), com base em dados do português falado no Maranhão. Investigou-se tanto o encaixamento da forma *a gente* no subsistema dos pronomes pessoais – quer seja na função de sujeito, quer seja na função de complemento ou de adjunto, pressionando as formas *nós*, *nos* e *conosco* – como no subsistema dos possessivos, em competição com *nosso/nossa*.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resultados: Ramos *et al.* (2009) constataram, por ora, que é possível apenas assinalar tendências no que diz respeito à alternância *nós/a gente* no português falado no Maranhão, quer seja na função de sujeito, quer seja na de não sujeito. Os dados apresentados são relevantes do ponto de vista significativo, mas ainda não o são do ponto de vista quantitativo. Assim, concluiu que o quadro pronominal do português falado no Maranhão necessita de mais estudos que possam mapear as formas em uso no estado, como é o caso do *tu*, a fim de tornar possível elucidar como elas se acomodam no âmbito de um sistema, o qual tem sido constantemente discutido.

2.2.8 Tamanine (2010) – tese

Título: CURITIBA DA GENTE: UM ESTUDO SOBRE A VARIAÇÃO PRONOMINAL NÓS/A GENTE E A GRAMATICALIZAÇÃO DE A GENTE NA CIDADE DE CURITIBA – PR

Comunidade de fala pesquisada: Curitiba - PR

Descrição do Corpus: A análise contemplou 32 entrevistas divididas igualmente entre níveis de escolaridade, faixa etária e sexo dos informantes. Assim sendo, o *corpus* foi composto por 32 entrevistas de informantes curitibanos em que estão contempladas duas faixas etárias (A - 25 a 49 anos e B - 50 anos ou mais), *sexo* masculino e feminino e quatro escolaridades: *primário*, *ginásio*, *secundário* e *ensino superior*, em conformidade com a organização do VARSUL. Os dados foram disponibilizados pelo Projeto VARSUL - Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil.

Aspectos estudados: Tamanine (2010) apresentou como proposta de trabalho uma investigação acerca da variação *nós/a gente* na posição de sujeito e a gramaticalização de *a gente* a partir da análise das variáveis linguísticas e sociais com informantes de Curitiba. A base teórica e metodológica da investigação centrou-se, especialmente, nos princípios da gramaticalização e da Teoria Variacionista (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968). Tamanine (2010), baseando-se em Menon (1996), menciona que a variante com o sentido indeterminado (*a gente*) foi implementada primeiro e só depois se estendeu para o significado determinado. O significado determinado é mais recente. Então, o termo *a gente* é mais usado com o significado indeterminado, posto que foi o primeiro a ser implementado.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988)

Resultados: Dentre os resultados obtidos na amostra, destaca-se que o pronome *a gente*, em variação com *nós*, apresentou maior tendência de uso entre as curitibanas mais jovens, e que o *texto descritivo* e os *verbos estativos* são contextos de retenção do uso de *nós* entre os informantes. A expressiva ocorrência de *a gente* na função de sujeito indica sua *especialização*, estágio avançado da gramaticalização segundo Hopper (1991) e o seu uso nesta função apontou significativa presença como *determinador*, sentido preferencialmente representado pelo uso de *nós* até então. Esses fatos são importantes para a constatação do fluxo contínuo no processo de mudança de *a gente*.

2.2.9 Mendonça (2010) – dissertação

Título: NÓS E A GENTE EM VITÓRIA: ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA CAPIXABA

Comunidade de fala pesquisada: Vitória - ES

Descrição do *Corpus*: Banco de dados do Projeto do Português falado em Vitória (PortVix), composto por 46 entrevistas, das quais utilizou 40. Tal *corpus* encontra-se organizado em sexo (feminino e masculino), faixa etária (7 a 14 anos, 15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

Aspectos estudados: Mendonça (2010) apresentou a dissertação com a descrição e análise da fala dos moradores de Vitória do uso das formas variantes *nós* e *a gente* sob a perspectiva teórico-metodológica da Sociolinguística Variacionista e, assim, mapeou o uso das formas *nós* e *a gente* na cidade de Vitória, contribuindo com os estudos sobre o novo sistema pronominal que se forma no português brasileiro. Foi intenção também dessa pesquisa contribuir com os estudos da área de sociolinguística que privilegiam a função de interação social da linguagem, a partir das relações de indivíduos em contextos que estimulam a linguagem oral.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para análise dos dados: GOLDVARB X

Resultados: Quanto à análise dos fatores sociais, destacou a atuação vigorosa das variáveis “faixa etária” e “sexo”. As mulheres e os jovens lideram o processo de mudança. Os resultados deste trabalho indicam que Vitória se alinha a outras pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, (LOPES), Florianópolis (SEARA), Jaguarão e Pelotas (BORGES) e Porto Alegre (ZILLES), que concluíram que o sistema pronominal do Português brasileiro está em pleno processo de mudança.

2.2.10 Silva (2010) - artigo científico

Título: A VARIAÇÃO NÓS E A GENTE NO PORTUGUÊS CULTO CARIOCA

Comunidade de fala pesquisada: Rio de Janeiro- RJ

Descrição do Corpus: Foram contemplados os *corpora* de textos do português da década de 90. Da amostra de textos orais, selecionaram-se seis inquéritos, sendo duas entrevistas por faixa etária (uma de homem e uma de mulher). Da amostra de textos escritos, foram observados 21 anúncios, 10 notícias e 2 editoriais. Desse modo, o referido autor apresentou considerações sobre o uso dos pronomes *nós* e *a gente* no português carioca culto, tomando por base textos do NURC/ RJ e do VARPORT.

Aspectos estudados: Silva (2010) investigou a distribuição entre as variantes de 1ª Pessoa do Plural em textos orais e escritos do português culto da cidade do Rio de Janeiro. Os dados foram analisados a partir de variáveis linguísticas e sociais. Além disso, objetivou-se relacionar o fenômeno com a questão do ensino.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Os dados obtidos passaram por tratamento estatístico com o uso do programa computacional GOLDFARB-X

Resultados: O autor apresentou dados de variação entre *nós* e *a gente* no português culto carioca. A forma *nós* é mais recorrente com o Pretérito Perfeito, na fala de idosos e em textos escritos. Já a forma *a gente* é predominante nos dados de jovens e com o verbo no presente do indicativo e pretérito imperfeito. Observou-se, também, que a forma inovadora se acomoda melhor na indeterminação do sujeito, uma vez que carrega traços menos marcados.

2.2.11 Franceschini (2011) - tese

Título: VARIAÇÃO PRONOMINAL *NÓS/A GENTE* E *TU/VOCÊ* EM CONCÓRDIA – SC

Comunidade de fala pesquisada: Concórdia - SC

Descrição do Corpus: A amostra foi constituída por 24 entrevistas, coletadas entre os anos de 2007 e 2010 pela própria pesquisadora, e distribuídas por duas *faixas etárias* (26 a 45 anos, 50 anos ou mais), *sexo* (masculino, feminino) e três níveis de *escolaridade* (ensino fundamental I, ensino fundamental II, ensino médio).

Aspectos estudados: Franceschini (2011) objetivou, em sua pesquisa, descrever e analisar a variação pronominal *nós/a gente* e *tu/você* no falar de Concórdia – SC. A pesquisa foi respaldada, especialmente, nos pressupostos da *Teoria da Variação e*

Mudança Linguística, delineada por Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov ([1972], 2008), que leva em consideração a influência de variáveis linguísticas e sociais (faixa etária, gênero/sexo e escolaridade) no condicionamento do uso das formas em variação. A *atitude linguística* dos falantes é de extrema importância nos processos de mudança linguística, já que, segundo Labov ([1972]2008), o *uso* de uma variante em detrimento de outra é precedido de um julgamento favorável daquela variante pela maioria dos falantes de uma comunidade linguística e, portanto, uma mudança de uso é, em princípio, precedida de uma atitude positiva em relação ao uso da variante inovadora em detrimento da conservadora.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Para a análise estatística dos dados coletados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL (PINTZUK, 1988).

Resultados: Os resultados gerais desta pesquisa indicaram uma provável mudança em curso, pois, tanto na variação *nós/a gente*, como na variação *tu/você*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* apresentaram uma maior probabilidade de uso na faixa etária mais jovem; já os pronomes conservadores *nós* e *tu* predominaram na faixa etária *mais velha*. Quanto às variáveis independentes selecionadas, a *determinação do referente* mostrou-se a mais significativa na análise das duas variáveis dependentes, apontando, assim, as mesmas tendências, ou seja, em contexto de sujeito *indeterminado*, os pronomes inovadores *a gente* e *você* são favorecidos e, em contexto *determinado*, são os pronomes canônicos *nós* e *tu* que predominam. Dentre os fatores linguísticos, foram considerados os seguintes: *concordância verbal*, *tempo verbal*, *saliência fônica*, *tonicidade*, *tipo de ocorrência*, *tipo de discurso*, *tipo de verbo*, *determinação do referente* e *tipo de texto*. Em relação às *variáveis sociais*, foram levadas em consideração duas *faixas etárias*, *sexo* e três níveis de *escolaridade*.

2.2.12 Vianna (2011) - tese

Título: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NA IMPLEMENTAÇÃO DE A GENTE EM VARIEDADES DO PORTUGUÊS

Comunidade de fala pesquisada: Dois pontos na Grande Lisboa (Oeiras e Cacém) e dois pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu) e na cidade do Funchal (capital da Ilha da Madeira)

Descrição do Corpus: Exame de entrevistas sociolinguísticas e testes escritos coletados entre portugueses e brasileiros. Uso da metodologia oferecida pela Teoria da Variação. Aplicação de pressupostos funcionalistas e variacionistas. Tais *corpora* incluem entrevistas coletadas em dois pontos na Grande Lisboa (Oeiras e Cacém) e dois pontos da região metropolitana do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu). Posteriormente, novos inquéritos foram realizados na cidade do Funchal (capital da Madeira) e passaram a fazer parte da base de dados do Projeto, como sendo representativos da porção insular da nação portuguesa.

Aspectos estudados: A tese de Vianna (2011) teve por finalidade analisar a variação entre *nós* e *a gente* na língua oral do português europeu, em confronto com os resultados aferidos na variedade brasileira, com base na produção científica dos últimos vinte e cinco anos. Vianna (2011, p.16) constatou em uma análise comparativa que: “A relação urbano/rural talvez explique por que a mudança se processa em ritmo mais lento em Minas Gerais, do que se observa em outros estados, como o Rio de Janeiro, o Rio Grande do Sul etc.” Assim, comparou-se a implementação de *a gente* nas duas variedades da língua portuguesa, bem como o grau de pronominalização da forma em cada uma delas. Com relação à discussão acerca do grau de pronominalização da forma, partiu-se da análise do comportamento da forma em estruturas predicativas, observando padrões de concordância mais produtivos e frequentes, com relação aos traços de gênero, número e pessoa, nas duas variedades da língua.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Os dados obtidos foram submetidos ao tratamento do estatístico efetuado pelo programa computacional de regras variáveis – o GOLDVARB 2001.

Resultados: A autora concluiu que os contextos linguísticos e extralinguísticos se mostraram favorecedores para o uso de *a gente* no PE: (i) marca morfêmica do verbo que o acompanha; (ii) sujeito preenchido e nulo; (iii) paralelismo formal; (iv) localização no território português; (v) escolaridade; (vi) gênero; e (vii) faixa etária. A análise dos resultados demonstra semelhanças para o fenômeno variável, principalmente quando se têm em vista os fatores estruturais. Com relação aos fatores sociais, a variedade europeia demonstra maior conservadorismo, havendo diminuição no uso da forma inovadora com

o aumento da escolarização. Diferentemente do PB, a análise do PE não indica mudança de comportamento em curso.

2.2.13 Maia (2012) – tese

Título: INVESTIGANDO AS FORMAS REDUZIDAS DE A GENTE NO DIALETO MINEIRO

Comunidade de fala pesquisada: Belo Horizonte - MG

Descrição do Corpus: Para a análise acústica, apresentou um conjunto de entrevistas realizadas em Belo Horizonte, as quais são representativas da fala de uma grande área urbana. Para isso, foram consideradas as variáveis extralinguísticas faixa etária (jovens, de 18 a 35 anos; medianos, de 36 a 49 anos; idosos, maiores de 50 anos) e escolaridade (fundamental e superior). Assim sendo, foram observadas 24 entrevistas no estilo DID - Diálogos entre Informante e Documentador, distribuídas da seguinte forma: 8 jovens, 8 medianos e 8 idosos; 12 do ensino fundamental e 12 do ensino superior.

Aspectos estudados: Realizou estudo da gramaticalização da forma *a gente* no PB, mais especificamente no dialeto mineiro, desde um breve panorama sobre seu percurso da forma nominal (item lexical) à pronominal, até a investigação de sua fase atual.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Programa de análise multivariada GoldVarb 2001. Para identificação e medição das formas reduzidas, utilizou-se a Fonética Acústica, operacionalizada com o uso do programa PRAAT.

Resultados: A autora percebeu que as duas formas de *a gente* (reduzidas e plenas) podem ocorrer, e os resultados apontam que o *a gente*, forma pronominal, está em processo de cliticização. Observou em sua análise em tempo aparente a presença da mudança em progresso nos dados do dialeto mineiro. Em relação à escolaridade, há um favorecimento do uso de formas plenas pela escola. Segundo Maia (2012), o uso de formas plenas é mais frequente entre falantes com formação em nível superior, quando comparados aos do ensino fundamental, posto que a consciência fonológica está atrelada ao tempo de escolarização. A referida autora observou, ainda, que no ensino superior há um leve favorecimento ao surgimento das formas plenas enquanto que no ensino fundamental existe um favorecimento das formas reduzidas.

2.2.14 Vianna e Lopes (2012) - artigo científico

Título: A COMPETIÇÃO ENTRE NÓS E A GENTE NAS FUNÇÕES DE COMPLEMENTO E ADJUNTO: DESVENDANDO OUTRAS PORTAS DE ENTRADA PARA O PRONOME INOVADOR

Comunidade de fala pesquisada: Cidade do Rio de Janeiro - RJ

Descrição do *Corpus*: A investigação contou com 36 entrevistas e foi organizada da seguinte forma: sexo (homem e mulher), faixa etária (18 anos a 35 anos, 36 anos a 55 anos e 56 anos a 75 anos) e escolaridade (ensino fundamental, ensino médio e ensino superior).

Aspectos estudados: Vianna e Lopes (2012) abordaram no artigo a substituição de *nós* pela variante *a gente* na posição de sujeito, a qual pode ser considerada um processo de mudança em curso no português do Brasil, como atestam as descrições feitas nas diversas regiões do país. Na pesquisa, propuseram estender a análise para as demais funções sintáticas, observando as formas variantes de 1ª Pessoa do Plural como complemento de verbo e de nome. Consideraram, no primeiro caso, as funções de: (i) acusativo; (ii) dativo; (iii) oblíquo complemento de verbo; e (iv) oblíquo adjunto de verbo. No segundo caso, o estudo da variação das formas de *nós* e *a gente* no interior do sintagma nominal que procura dar conta das seguintes funções: (i) complemento de nome, e (ii) adjunto de nome.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Goldvarb 2001

Resultados: Os resultados encontrados mostram que formas do paradigma de *a gente* são mais frequentes no sintagma verbal, ao passo que, no interior do sintagma nominal, o uso das formas do paradigma de *nós* ainda se mantém produtivo.

2.2.15 Mattos (2013) - tese

Título: GOIÁS NA PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Comunidade de fala pesquisada: Goiás

Descrição do *Corpus*: Este estudo conta com uma amostra da fala de 55 pessoas com um mínimo de 10 anos de escolarização, sendo 27 homens e 28 mulheres, perfazendo um total de 2412 dados.

Aspectos estudados: A pesquisa de Mattos (2013) trata do estudo da 1ª Pessoa do Plural na fala goiana. Serviu-se do instrumental teórico e da metodologia da Sociolinguística Variacionista Laboviana e da leitura de registros históricos e de descrição etnográfica com a finalidade de investigar os contextos linguísticos e sociais, fundamentais na compreensão da alternância de uso de *nós* e *a gente* e da concordância verbal na fala dos *corpora*.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Goldvarb X

Resultados: Foi encontrado um percentual de 22% de singular verbal com *nós* e de 3% de plural verbal com *a gente*. A dimensão da não concordância verbal com *nós* na fala de pessoas com mais de 10 anos de escolarização caracteriza uma identidade linguística vinculada à matriz cultural de base rural, fortemente valorizada em Goiás. Os resultados estatísticos realizados pelo programa Goldvarb X para a não concordância verbal com *nós* apontaram a influência da variável ritmo, no sentido da esquiva ao vocábulo proparoxítono, e das variáveis sociais, *faixa etária*, *nível de escolarização* e *sexo/gênero do falante*, apontando os mais jovens, os falantes com até 10 anos de escolarização (ensino médio) e as mulheres como francos favorecedores do singular verbal com *nós*. A autora constata que, relativamente aos cálculos para alternância das formas, há uma frequência de 77% de *a gente* e de 23% de *nós*, um perfil de uso semelhante ao que vigora no restante do país, segundo pesquisas sociolinguísticas.

2.2.16 Nascimento (2013) - dissertação

Título: NÓS E A GENTE EM SALVADOR: CONFRONTO ENTRE DUAS DÉCADAS

Comunidade de fala pesquisada: Salvador - BA

Descrição do Corpus: A análise empírica baseou-se nos dados de vinte e quatro inquiridos, examinados numa perspectiva sociolinguística, buscando evidenciar a relação entre as categorias *nós* e *a gente* e os fatores linguísticos, como o preenchimento do sujeito, o nível de referencialidade, paralelismo discursivo, tempo e modo verbal, tipo de oração, tipo de verbo, tipo de texto e classificação da frase e extralinguísticos, como gênero, faixa etária e década da gravação do inquirido, que pudessem influenciar no comportamento linguístico do falante. Foram submetidos ao GoldVarb 554 dados, sendo 287 (51,80%) de *nós*, explícito ou não, e 267 (48,20%) de *a gente*, explícito ou não.

Aspectos estudados: Nascimento (2013) apresenta um estudo sobre a variação, no português brasileiro, dos pronomes de 1ª Pessoa do Plural, *nós* e *a gente*, em posição de sujeito, identificando tanto os fatores sociais, quanto os ambientes linguísticos que os condicionam na fala de informantes da primeira e da terceira faixa etária dos inquiridos do Projeto Norma Linguística Urbana Culta da cidade de Salvador (Projeto NURC-SSA) do tipo DID - Diálogos entre Informante e Documentador com o objetivo de descrever os padrões reais de uso na comunicação oral, adotados por indivíduos portadores de nível superior da cidade de Salvador, dos anos setenta, confrontados com dados dos anos noventa. Apresentam-se considerações sobre a trajetória do pronome *a gente* e investigam-se, em seguida, as contribuições de gramáticos e linguistas acerca desses pronomes.

Teoria adotada: Teoria da Variação e da Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: GoldVarb 2001

Resultados: A análise empírica teve por base a análise de dados de vinte e quatro inquiridos, examinados numa perspectiva sociolinguística, a qual buscou explicitar a relação entre as categorias *nós* e *a gente* e os fatores linguísticos que pudessem influenciar no comportamento linguístico do falante. Assim, constatou-se que, na década de 70, o uso de *nós* é maior entre os informantes da faixa etária 3 (56 anos em diante), com um peso relativo de 0,76, correspondendo a 64% deste total. No que se refere à década de 90, período que apresenta maior ocorrência de *a gente*, os informantes da faixa etária 3 também apresentaram maiores índices de ocorrências de *nós* e a conclusão é de que esses dados apontam para a mudança em curso no sentido da implementação da variável *a gente* na fala culta de Salvador.

2.2.17 Sória (2013) - dissertação

Título: NÓS, A GENTE E O SUJEITO NULO DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL

Comunidade de fala pesquisada: O *corpus* do PE, que abrange todo o território continental, e duas localidades rurais do nordeste brasileiro.

Descrição do Corpus: Os *corpora* utilizados na pesquisa provêm de duas fontes: um *corpus* para o PE e um para o PB. O *corpus* do PE é oriundo das pesquisas do grupo de Lisboa CORDIAL – SIN (*Corpus* Dialectal para o Estudo da Sintaxe). O *corpus* do PB utilizado nesta investigação provém da coleção Amostras da Língua Falada no Semiárido

Baiano (ALFSB), organizada pelas Professoras Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, para o projeto *A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano*. As entrevistas perfazem um total de 36 entrevistas, sendo metade de informantes do sexo masculino e metade do feminino (18 homens e 18 mulheres), de idades variadas.

Aspectos estudados: A dissertação de Sória (2013) teve por finalidade apontar as ocorrências da nova forma pronominal *a gente*, do tradicional pronome de Primeira Pessoa do Plural *nós* e do sujeito nulo de 1ª pessoa do plural nos dialetos de Portugal, identificando semelhanças e contrastes entre os dialetos e, em particular, entre as variedades europeia e brasileira do português e testar a hipótese de que a entrada de *a gente* no quadro pronominal do português do Brasil está relacionada com a simplificação da pauta de pronomes, com o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e com a perda das propriedades de língua de sujeito nulo (DUARTE, 1993, 1995, 2003).

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resultados: A partir do levantamento das ocorrências de *nós*, *a gente* e do sujeito nulo de 1ª Pessoa do Plural, desenhou-se um panorama geral da presença de cada um desses elementos nos territórios brasileiro e português. Uma vez que existe na literatura a hipótese de correlação diacrônica entre a inserção de novos pronomes no sistema pronominal (nomeadamente, *a gente* e *você (s)*), a simplificação desse sistema, o enfraquecimento do paradigma de flexão verbal e a perda/redução das propriedades do sujeito nulo no português do Brasil, esta investigação concentra-se também na análise dos padrões de concordância verbal desencadeados por *nós* e *a gente* nas duas variedades do português. Resumidamente, a autora concluiu que a inserção de *a gente* no sistema pronominal do português não resulta na eliminação/marginalidade de *nós*. A eliminação de *nós*, da mesma forma, não resulta na eliminação/marginalidade das formas verbais de 1ª Pessoa do Plural. Já a eliminação/marginalidade das formas verbais de 1ª Pessoa do Plural resulta, por sua vez, na eliminação/marginalidade das propriedades do sujeito nulo de 1ª Pessoa do Plural na amostra dialetal do PB. Constatou que a forma *a gente* é, de fato, utilizada com valor pronominal ao longo dos dialetos do PE e do PB estudados, ou seja, em todos os dialetos do território continental português, sem exceção, da mesma forma como é usada na amostra dialetal do PB. Além de exercer a função sintática de sujeito (pronome pessoal nominativo), a expressão *a gente* também desempenha outras diversas funções, tais como de complemento direto, indireto, oblíquo, genitivo etc.

2.2.18 Silva (2014) - artigo científico

Título: ESTUDO COMPARATIVO DA VARIAÇÃO A GENTE ~ NÓS NO FALAR BAIANO E NO FALAR MINEIRO

Comunidade de fala pesquisada: Machacalis e Ouro Branco - MG

Descrição do Corpus: Dados disponibilizados pelo VARFON-Minas: Variação Fonético-fonológica, Morfológica e Lexical em Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Dra. Maria do Carmo Viegas, da Faculdade de Letras da UFMG. Foram selecionadas 16 entrevistas, 08 entrevistas de cada cidade, sendo 04 informantes jovens (entre 18 e 24 anos) e 04 adultos (entre 40 e 60 anos) em cada cidade. A divisão entre jovens e adultos foi considerada de grande relevância por se tratar de um trabalho que enfatiza a análise em tempo aparente. Metade dos informantes é do sexo feminino e a outra metade, do masculino. Todos são moradores da zona urbana e equitativamente distribuídos nas duas faixas etárias. O fator escolaridade foi controlado, ou seja, todos os informantes têm ensino médio completo.

Aspectos estudados: Silva (2014) aborda em seu trabalho que o português brasileiro se apresenta caracterizado por uma grande riqueza de variações linguísticas ainda pouco estudadas. A pesquisa, integrada aos objetivos do VARFON-Minas, buscou explicitar fenômenos linguísticos presentes em Minas Gerais. Para isso, realizou-se investigação sobre o sistema pronominal, especificamente sobre a variação das formas pronominais de 1^a pessoa do plural *nós* ~ *a gente* na cidade de Machacalis, localizada no Vale do Mucuri, Nordeste de Minas, pertencente ao falar baiano, e na cidade de Ouro Branco, localizada na região central do estado, pertencente ao falar mineiro, segundo Zágari (1998). A realização da pesquisa nos municípios selecionados tem como objetivo a comparação desses diferentes falares para uma melhor descrição do português do Brasil e para uma melhor compreensão dos processos subjacentes a essa variação. O estudo buscou inicialmente observar o *status* da variação: em progressão? Ou estável? A referida pesquisa baseou-se na Teoria da Variação e Mudança (LABOV[1972] 2008). Fez-se um recorte específico, que contemplou a análise dos dados referentes à função de sujeito, deixando as demais ocorrências para etapas posteriores. Observou-se, ainda, que uma parte das realizações com a variável *nós* ~ *a gente* na função de sujeito possui *sentido determinado* e a outra parte, *sentido indeterminado*, o que culminou na divisão do trabalho em duas etapas.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: Na pesquisa foi aplicado o teste de qui-quadrado para observar a significância dos resultados.

Resultados: Os dados revelaram que as duas cidades se encontram em momentos diferentes do processo de mudança linguística. Ouro Branco, situada na região central de Minas Gerais, parece ter um ritmo mais acelerado no que concerne à implementação de formas inovadoras. Fatores ligados ao contato linguístico intenso que ocorre nessa região provavelmente favorecem o processo de mudança. Assim, em Ouro Branco, o uso da forma *a gente* está generalizado, seja com *sentido determinado*, seja *indeterminado*, jovens e adultos preferem essa variante inovadora. Para a autora, em Machacalis, temos um quadro que aponta para um estágio não tão avançado em relação ao que se verificou em Ouro Branco. O uso do pronome *a gente* com sentido *indeterminado* encontra-se em progressão entre os falantes machacalienses. Quanto ao sentido *determinado*, os dados apontam para uma progressão da forma *nós*. Logo, há uma especialização em Machacalis: *nós* com *sentido determinado* e *a gente* com *sentido indeterminado*. Em Ouro Branco não há essa especialização. Interessante é perguntar por que a especialização se deu nesse sentido: *nós* – *determinado* - e *a gente* – *indeterminado*.

2.2.19 Gruber *et al.* (2015) - artigo científico

Título: NÓS E A GENTE VARIAÇÃO ESTÁVEL OU MUDANÇA LINGUÍSTICA?

Comunidade de fala pesquisada: Campo Grande – MS

Descrição do Corpus: Para a realização desta pesquisa, foram entrevistados 12 informantes, estudantes e trabalhadores do sexo masculino e feminino, entre as faixas etárias de 18 a 50 anos, sendo todos residentes em Campo Grande – MS. Entrevistas essas gravadas em áudio, no mês de junho de 2015.

Aspectos estudados: Os autores destacaram a intercalação diante do uso dos termos “*nós*” e “*a gente*” entre os falantes da língua portuguesa. Nesse sentido, em sua maioria, o termo “*a gente*” é usado para designar a 1ª Pessoa do Plural, porém, não em grande proporção, já que esse termo é utilizado também para se reportar à 1ª Pessoa do Singular. Será que o que determina a utilização das variações são fatores sociais através da faixa etária, escolaridade e/ou gênero? Para a substituição do pronome “*nós*” pela expressão pronominal “*a gente*”, atestada em algumas variedades do português brasileiro, destaca,

neste trabalho, dentre outros mencionados ao decorrer do mesmo, Lopes (1999), Zilles (2004) e Furtado (s./d.). Assim, a proposta da pesquisa foi de analisar a ocorrência das formas “*nós*” e “*a gente*” no vocabulário do português brasileiro, observando principalmente se é uma variação estável ou uma mudança linguística.

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Resultados: Os autores chegaram à conclusão de que as variantes *nós* e *a gente* concorrem na fala dos entrevistados da cidade de Campo Grande tal como ocorre em todo país. Notou-se que a forma *a gente* é usada no lugar do *nós* na posição de sujeito. Constatou-se que o uso do pronome *nós* aparece mais na fala dos informantes na faixa etária de 31 anos a 50 anos do que das pessoas da faixa etária inferior, demonstrando, com isso, que as pessoas mais idosas conservam mais a variante considerada como padrão do português brasileiro. O estudo da alternância das formas *nós* e *a gente* mostrou que as maneiras de utilização desses pronomes são uma variação estável e que evidenciam uma relação de concordância de acordo com cada região, cultura, condição socioeconômica e cultural, distintamente. Todos os dados evidenciam através da entrevista e com as pesquisas realizadas em outras comunidades brasileiras, que o quadro pronominal do português tende a uma mudança devido à inserção da forma *a gente*. O que não quer dizer mudança linguística, mas, sim, uma variação estável no modo de expressar de cada região.

2.2.20 Freitas (2015) - artigo científico

Título: A GENTE ~ NÓS ESTUDO COMPARATIVO DO VOCABULÁRIO RURAL MINEIRO

Comunidade de fala pesquisada: três localidades rurais do estado de Minas Gerais: Serra do Cipó, Passos e Águas Vermelhas.

Descrição do Corpus: Para a realização deste estudo, os dados utilizados foram retirados de *corpora* constituintes das pesquisas *Caminho do boi, caminho do homem: o léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*, de Vander Lúcio de Souza; *O vocabulário rural de Passos/MG: um estudo linguístico nos Sertões do Jacuhy*, de Gisele Aparecida Ribeiro e *Café com Quebra Torto: um estudo léxico cultural da Serra do Cipó – MG*, de Cassiane Freitas. Tais dissertações apoiam-se nos ensinamentos da antropologia linguística e não fazem a adoção de questionários.

Aspectos estudados: Freitas (2015) apresentou pesquisa com o objetivo de analisar o uso da 1ª Pessoa do Plural, cujas variantes são as formas *nós* e *a gente* em três localidades rurais do estado de Minas Gerais: Serra do Cipó, Passos e Águas Vermelhas. Nesse contexto, foi realizada uma comparação desses distintos falares com o intuito de descrever o português falado nessas regiões. Assim, foram analisadas, separadamente, a variação *nós* ~ *a gente* na função de sujeito com sentidos determinado e indeterminado na fala espontânea de informantes das cidades de Águas Vermelhas, Passos e Serra do Cipó, localizadas, respectivamente, nas regiões norte, sul e central do estado de Minas Gerais. A pesquisa teve como base os princípios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de Labov ([1972] 2008).

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: O pacote de programas estatísticos VARBRUL (PINTZUK, 1988)

Resultados: A partir da pesquisa, a autora concluiu que o *nós* foi mais utilizado, por se tratar de uma forma mais conservadora e o *a gente* foi menos recorrente, por se tratar de uma variante inovadora. As variantes *nós* e *a gente*, como sujeito, têm comportamento distinto nas três regiões, uma vez que a forma pronominal mais conservadora (*nós*) em posição de sujeito ocorre de maneira predominante em todos os *corpora* analisados. Entretanto, a autora se surpreendeu com o resultado de especialização da forma inovadora *a gente* como item de indeterminação do sujeito, enquanto a forma *nós* é usada quase que unanimemente em todas as regiões como sujeito determinado.

2.2.21 Vitória (2017) – artigo científico

Título: O PRONOME A GENTE NA FALA MACEIOENSE: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO

Comunidade de fala pesquisada: Maceió - AL

Descrição do Corpus: A amostra é constituída por 72 entrevistas, estratificadas de acordo com as variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade.

Aspectos estudados: Vitória (2017) descreve e analisa em seu trabalho a alternância pronominal entre as formas *nós* e *a gente* e a concordância verbal relacionada ao uso do pronome *a gente* na cidade de Maceió - AL. O trabalho adotou os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV[1972] 2008).

Teoria adotada: Teoria da Variação e Mudança Linguística

Programa utilizado para a análise dos dados: GoldVarb X

Resultados: De acordo com os resultados obtidos, o autor verificou que *a gente* foi o pronome preferido – 76% versus 24% de *nós*, sendo essa variação condicionada pelas variáveis paralelismo formal, função sintática e faixa etária. Verificou-se, também, que *a gente* é mais frequente com o verbo na 3PS (terceira pessoa do singular) – 94% versus 6% de *a gente* + 1PP (primeira pessoa do singular), sendo essa variação condicionada pelas variáveis explicitude do sujeito, saliência fônica, escolaridade e faixa etária.

2.2.22 Outros trabalhos correlatos

Mencionamos a seguir outros trabalhos produzidos acerca da Variação A GENTE ~ NÓS.

- 1) Carneiro (2008) – dissertação: “Nós e a gente em Caimbongo: aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de uma comunidade afro-brasileira”.
- 2) Souza; Botassini (2009) – artigo: “A variação no uso dos pronomes-sujeito nós e a gente”, referente a 37 cidades do interior de São Paulo.
- 3) Brustolin (2009) – dissertação: “Itinerário do uso e variação de **nós** e **a gente** em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis”.
- 4) Nunes (2010) – artigo: “A variação social em Areia, Estado da Paraíba, Brasil”.
- 5) Silva; Camacho (2017) – artigo: “Os pronomes "nós" e "a gente" no português falado em Rio Branco”.
- 6) Rubio (2011) – artigo: “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista”.
- 7) Silva (2011) – dissertação: “Nós/a gente variação ou mudança?” Estuda Belém - PA.
- 8) Spessatto (2010) – artigo: “Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa”.
- 9) Silva (2013) – artigo: “Emprego de Nós e A Gente no Preenchimento do Sujeito em Cocal-GO”.
- 10) Tavares (2014) – dissertação: “Variação pronominal (NÓS/A GENTE) nos telejornais nacionais da rede Globo”.
- 11) Pacheco (2014) – tese: “Alternância NÓS e A GENTE no Português Brasileiro e no Português Uruguaio da fronteira Brasil-Uruguai (ACEGUÁ)”.

- 12) Deon; Penkal; Franceschini (2016) – artigo: “Variação pronominal NÓS/A GENTE em Guarapuava, Paraná: O papel dos fatores linguísticos”.
- 13) Scherre; Yacovenco; Naro (2018) – artigo: “Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias”.

2.2.23 O tratamento do A GENTE pronominal nas gramáticas

Nesta seção, optamos por realizar um levantamento de como a forma pronominal referente à 1ª Pessoa do Plural é tratada nas gramáticas.

Nas palavras de Pacheco (2014),

A variação pronominal de primeira pessoa do plural, como a maioria dos fenômenos linguísticos variáveis, não é devidamente registrada nas gramáticas tradicionais. Algumas delas sequer registram o uso, e outras registram o pronome ainda com certa cautela. (PACHECO, 2014, p.112)

O gramático Ernani Terra apresentou em seu livro *Curso Prático de Gramática* uma seção complementar *Gramática do dia a dia*, onde destaca que as normas estabelecidas pela gramática normativa nem sempre são obedecidas na linguagem coloquial, afirmando, desse modo, com relação ao sistema pronominal, que é perceptível no dia a dia vários usos que não estão de acordo com a linguagem padrão, mas que já se incorporaram ao falar dos brasileiros.

De acordo com Ernani Terra (2011),

Utiliza-se largamente a forma pessoal **a gente** em substituição ao pronome pessoal reto de primeira pessoa (nós):
A gente vê cada coisa nesta vida!
A gente precisa respeitar mais o meio ambiente.
 “Então **a gente** achava melhor entrar no jogo com a maior cara de pau do mundo” (Lygia Fagundes Telles) (TERRA, 2011, p.139, grifos do autor)

Ainda de acordo Ernani Terra (2011),

Observe que, quando utilizamos a expressão **a gente**, a concordância deve ser feita na terceira pessoa do singular. Dessa forma, a frase “A gente somos inútil”, de uma conhecida canção popular, pode ser entendida como uma irreverência artística.
 Na linguagem coloquial, devemos dizer “A gente é inútil”. Na linguagem formal, “Nós somos inúteis”. (TERRA, 2011, p.139)

Carvalho (2016) apresenta algumas atividades acerca do A GENTE pronominal na seção do estudo de pronomes pessoais em seu livro *Escrever bem com gramática* sem nenhum comentário para o leitor.

Os gramáticos Giacomozzi, Valério e Reda (2016), na obra *Descobrendo a Gramática*, na categoria de pronomes pessoais, afirmaram: “ Na linguagem do dia a dia, é comum o emprego da expressão **a gente** no lugar do pronome pessoal reto **nós**. Nesse caso, atenção à concordância: **a gente** vai, **nós** vamos...” (GIACOMOZZI, VALÉRIO e REDA, 2016, p.154). É interessante mencionar que, nas atividades empregaram o A GENTE na função sintática de sujeito e de objeto com e sem preposição.

Na Novíssima Gramática da Língua Portuguesa de Cegalla (2008) na categoria de pronomes não encontramos ocorrências de A GENTE.

Os autores da *Gramática Reflexiva*, Cereja e Magalhães (2016), apresentam o uso do A GENTE como um contraponto com relação aos pronomes pessoais registrados nas gramáticas normativas: “Atualmente, alguns especialistas defendem a inclusão de **você**, **vocês** e da expressão **a gente** entre os pronomes pessoais, pelo fato de essas palavras, cada dia mais, estarem sendo utilizadas, respectivamente, em lugar de **tu**, **vós** e **nós**. ” (CEREJA e MAGALHÃES, 2016, p.185).

Esses mesmos gramáticos propõem uma reflexão para os leitores por meio da seguinte questão: “Você também acha que a palavra **você** e a expressão **a gente** deveriam figurar entre os pronomes pessoais? ” (CEREJA e MAGALHÃES, 2016, p.186) Ressaltam, ainda, que: “Segundo alguns especialistas, a expressão a gente pode assumir a função de substantivo, quando tem o sentido de “povo”, “grupo de pessoas”, e a função de pronome pessoal quando equivale a “eu” ou a “nós”. ” (CEREJA e MAGALHÃES, 2016, p.193)

Observamos que, nessa mesma gramática, existe o seguinte adendo: “O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* apresenta duas entradas para a expressão **a gente**. Ex.: “**1.** a pessoa que fala; eu; **2.** a pessoa que fala em nome de si própria e de outro (s); nós”. ” (CEREJA e MAGALHÃES, 2016, p.193)

Segundo esses gramáticos,

Em Portugal, como no Brasil, a expressão **a gente** vem sendo empregada naturalmente na linguagem cotidiana. Naquele país, é comum ouvirmos uma pessoa, de qualquer nível social e cultural, dizer algo como: **A gente** decidimos não participar do campeonato.

No Brasil, essa forma também é falada e ouvida com naturalidade por qualquer grupo de pessoas? (CEREJA e MAGALHÃES, 2016, p.193)

Observamos que, no PB, a concordância do verbo no plural é mais rara. Assim, constatamos que essa gramática optou por um enfoque inovador.

Na *Gramática Histórica* de Coutinho (1976), na categoria pronomes pessoais, não encontramos nenhuma menção do A GENTE como forma pronominal. Segundo esse gramático: “Os pronomes pessoais eram mais empregados no latim vulgar que no clássico. De todas as classes de palavras são os pronomes pessoais que mais fielmente guardam vestígios da declinação latina “. (COUTINHO, 1976, p. 253)

Mesquita (2007), no livro *Gramática da Língua Portuguesa*, afirma que: “ Na linguagem coloquial, **nós** é frequentemente substituído por **a gente**, também uma característica do português do Brasil “. (MESQUITA, 2007, p.262)

Para respaldar sua assertiva, esse mesmo gramático apresenta os exemplos:

Tem dias que **a gente** se sente
Como partiu ou morreu.
A gente estancou de repente
Ou foi o mundo, então, que cresceu. (Chico Buarque)
Agora o vento soprando, chicoteava **da gente** não aguentar. (Mário de Andrade) (MESQUITA, 2007, p.262)

Cunha e Cintra (2008), na *Nova gramática do português contemporâneo*, dentre as fórmulas de representação da 1ª pessoa, no colóquio normal, destacam a substituição de *a gente* por *nós* e, por *eu* conforme exemplos a seguir:

Houve um momento entre nós
Em que **a gente** não falou. (F. Pessoa, QGP, nº 270.)

__ Não culpes mais o Barbaças, compadre! **A gente** só queria gastar um bocadinho do dinheiro. (F. Namora, TJ, 165.)

__ Você calcula o que é **a gente** ser perseguida pelos homens. Todos me olham como se quisessem devorar-me. (C. dos Anjos, DR, 41.) (CUNHA e CINTRA, 2008, p.310)

Bechara (2009), na *Moderna Gramática Portuguesa*, nas considerações acerca dos pronomes pessoais ressalta que:

O substantivo *gente*, precedido de artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular: “ É verdade que *a gente*, às vezes, tem cá as suas birras “[AH.4, II, 158]. (BECHARA, 2009, p.166)

Luft (2002), em sua *Moderna Gramática Brasileira*, mesmo propondo apresentar uma gramática do português falado no PB de acordo com o que hoje se pensa em linguística, no quesito locução pronominal, não abordou a forma pronominal A GENTE.

Lima (2013), em sua *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, não faz nenhuma abordagem em relação ao emprego do A GENTE na categoria de pronomes pessoais.

Azeredo (2008), em sua *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, na categoria de pessoa e sua expressão pronominal afirma que:

As palavras gramaticais cuja função referencial é identificar as pessoas do discurso se chamam pronomes pessoais.

Assim conceituada, a classe de pronomes pessoais abrange a rigor os pronomes pessoais no sentido restrito, os pronomes demonstrativos e os pronomes possessivos, visto que estes três subtipos fazem referência às pessoas do discurso. De acordo com a nomenclatura oficial, porém, a expressão ‘pronomes pessoais’ aplica-se apenas às formas com que se assinalam:

- a) o indivíduo que fala-primeira pessoa do singular (eu),
- b) o conjunto de indivíduos em que o eu se inclui-primeira pessoa do plural (nós/ a gente),
- c) o indivíduo ou indivíduos a que o eu se dirige segunda pessoa, do singular ou do plural (tu/vós, você/ vocês), e
- d) o indivíduo ou coisa a que o eu se refere _terceira pessoa do singular ou do plural (ele/eles). (AZEREDO, 2008, p.175)

Azeredo (2008) ressalta, ainda, que:

Os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja como valor genérico/indeterminado (como o do pronome *se*: *não se sabe/a gente não sabe*), seja para a referência dêitica (ver.8.6) situacionalmente identificada. (AZEREDO, 2008, p.176)

Perini (2016, p.153-154), em sua *Gramática descritiva do português brasileiro*, discorre o seguinte acerca dos pronomes pessoais:

Os pronomes pessoais são os itens *eu, você, tu, ele (ela), nós, vocês, eles (elas)*, além de *se*. Essas palavras têm um comportamento gramatical peculiar, e precisam ser estudadas separadamente, o que fazemos neste capítulo.

Além dos estudados a seguir, existem outros itens tradicionalmente analisados como pronomes pessoais. Alguns não ocorrem no PB, como *vós*, que mesmo na língua escrita só se usa em certos contextos religiosos. Outros se comportam como nominais comuns, e não

precisam ser estudados separadamente: *Vossa Excelência, o senhor, a senhora, a gente*. Seriam “pronomes pessoais” no sentido de que se referem ao interlocutor, mas gramaticalmente não diferem dos outros SNs.

Cabe ressaltar que Perini (2016, p.115) menciona o A GENTE como item lexical usado para indeterminar o sujeito, de modo geral restrito a referência a seres humanos.

De acordo com Menon (1995),

A grande maioria dos manuais escolares continua a apresentar o paradigma dos pronomes pessoais sujeito (doravante PSUJ) como constituído das formas eu-tu-ele; nós-vós-eles, respectivamente pessoas do singular e do plural, independentemente das mudanças já ocorridas (e reconhecidas como tais) nesse sistema. É um fato inquestionável que nós já desapareceu completamente do uso - tanto oral como escrito - no português do Brasil (doravante PB), independente de região, salvo nas mesmas gramáticas escolares, onde ainda se defende, e se impõe, o conhecimento e uso desta forma, de maneira artificial. O mesmo não acontece, seguramente, com o seu correlato do singular pois, embora o uso de você seja uma realidade na maior parte do Brasil, ainda subsistem áreas, mais ou menos definidas, onde a vitalidade do uso de tu é característica do (s) dialeto (s). (MENON, 1995, p. 91-92)

Neves (2000), em seu livro *Gramática de Usos do Português*, como uma das particularidades do emprego de pronomes pessoais, discorre acerca do uso do sintagma nominal A GENTE como pronome pessoal na linguagem coloquial. Esta autora apresenta a ocorrência de A GENTE nos seguintes casos:

a) Para referência à primeira pessoa do plural (=nós):

É. Vamos...Mais adiante, A GENTE toma um táxi e manda rumar para o Marroco.(A)

Depois A GENTE conversa. (AGO)

Que tal A GENTE se encontrar lá na Beira Mar? (AGO)

Não sei que espécie de negócio o senhor vai poder fazer com A GENTE. (ALE)

O senhor me desculpe, seu vigário, mas lá na roça, depois do que aconteceu, A GENTE ficou sem um grão de farinha pra matar a fome... (ALE)

Chega a fazer-se concordância plural com **a gente**:

*Vou montar uma casa pra você e A GENTE vai ficar sempre **juntos**. (ETR)*

b) Para referência genérica, incluindo todas as **pessoas** do discurso:

Dizem que A GENTE se habitua a tudo, que é só questão de vontade, ou melhor: de força de vontade. (A)

Nessas horas A GENTE não pensa em nada, perde a cabeça. (AFA)

Sorte é como topada, que A GENTE dá sem querer. (AM)

Olhe, seu Pantaleão, A GENTE pra se dar bem com o mundo tem que viver de tocaia. (AM)

Não, é lá perto. **A GENTE** vai de Belém a Altamira pelo rio, um rio grande chamado Xingu_ vai de barco, dorme nele, demora quatro noites e três dias. Chega a Altamira que é como Parapitinga, depois levam **A GENTE** de caminhão para as tais agrovilas. (ATR)

Não se pode falar desse assunto com Carlinhos. **A GENTE** quer fazer um bem, vira pecado mortal. (AF)

Observe-se, neste último exemplo, que as duas construções:

Não se pode falar desse assunto com Carlinhos

e

A GENTE quer fazer um bem, vira pecado mortal

Têm praticamente as mesmas características, quanto à **indeterminação** do **sujeito**, embora a forma **A GENTE** sempre deixe indicado o envolvimento da **primeira pessoa** no conjunto. (NEVES, 2000, p.469-470)

Vilela e Koch (2001), na obra *Gramática da Língua Portuguesa*, na categoria de pronomes pessoais, mencionam sobre o A GENTE:

A gente funciona, sobretudo na língua falada, como pronome e exige a terceira pessoa do singular, designando normalmente um grupo em que o falante também se inclui:

A gente tem que olhar pelo nosso futuro: ninguém o vai fazer por nós podendo, contudo, referir-se a uma única pessoa:

Você não acredita como a gente é tratada lá na aula: sou tratada de cão para baixo!

Os pronomes pessoais apenas têm valor substantivo e apenas podem desempenhar as funções sintáticas de substantivo. (VILELA e KOCH, 2001, p.216)

Castilho (2010), em sua *Nova Gramática do Português Brasileiro*, afirma que:

Os pronomes pessoais são bastante suscetíveis a mudanças. Estudos recentes têm apontado para sua reorganização no PB, sobretudo em sua modalidade falada, com fortes consequências na estrutura sintática da língua. A centralidade desses pronomes no sistema das línguas explica por que a reorganização do quadro dos pronomes repercute nos demais pronomes, na morfologia verbal, na concordância verbal e na estrutura funcional da sentença. Ufá! Não é pouca coisa!!!(CASTILHO, 2010, p.477)

Interessante ressaltar que, no quadro dos pronomes pessoais no PB, Castilho (2010) insere o A GENTE no PB Informal na 1ª Pessoa do Singular e na 1ª Pessoa do Plural. Ademais, divide o quadro em: pessoa, PB Formal (sujeito e complemento) e PB Informal (sujeito e complemento).

Na 1ª Pessoa do Plural, **NÓS** tem sido substituído pelo sintagma nominal indefinido A GENTE, conforme exemplos citados por Castilho (2010):

a) **A gente** não está sabendo bem como sair desta.

b) **Nós** rimos muito ontem à noite, e aí **a gente** começamos a se entender.

c) **Nós** tem uma sinuquinha lá que nós fizemos, **a gente** não se fala legal. (CASTILHO, 2010, p.478)

A partir da pesquisa realizada nas gramáticas, constatamos que existem alguns gramáticos que abominam, desconsideram a utilização da locução pronominal A GENTE. Entretanto, considerável parcela dos falantes da língua portuguesa faz uso da mesma.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

3.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

Para uma melhor compreensão dos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista, faz-se necessário contextualizar de forma sumarizada os estudos da linguagem do século XIX e do início do século XX. Segundo Coelho *et al.* (2015),

Os estudos linguísticos no século XIX foram marcados por duas grandes tradições: a do método histórico-comparativo e a neogramática. A primeira tinha como propósito estabelecer correspondências sistemáticas entre duas ou mais línguas ou entre dois ou mais estágios da mesma língua. Na tradição **neogramática**, consolidada principalmente na obra de Hermann Paul, encontram-se pressupostos de uma teoria da mudança que teve grande impacto nas discussões linguísticas posteriores. A hipótese principal de Paul sobre a mudança leva em consideração a língua de um falante-ouvinte individual (o idioleto), uma realidade fundamentalmente psicológica, homogênea, dissociada das relações sociais. (COELHO *et al.*, 2015, p. 56, grifo dos autores)

No período de transição entre os séculos XIX e XX tivemos Antoine Meillet que defendia a ideia de que toda e qualquer variação na língua é motivada por fatores sociais. No início do século XX tivemos na perspectiva Linguística soviética Nicolai Marr, que alegou que as línguas são instrumentos de poder enquanto Mikhail Bakhtin considerou a língua como um processo de interação verbal historicamente situada. (COELHO *et al.*, 2015)

Ainda segundo Coelho *et al.* (2015),

No início do século XX, Saussure, marco da corrente linguística denominada **estruturalismo**, rompe com a tradição dos estudos históricos e comparativos vigente no século anterior e delimita, como objeto de estudo da Linguística, a língua (*langue*) tomada em si mesma, vista como um sistema de signos que estabelecem relações entre si formando uma estrutura autônoma, desvinculada de fatores externos e sociais e históricos. O foco na mudança, que era uma preocupação do século XIX, é desviado para um recorte no tempo em que interessam apenas as relações internas estabelecidas simultaneamente entre os elementos do sistema linguístico. Assim, a perspectiva diacrônica (histórica e dinâmica) no estudo da língua cede lugar à sincronia (atemporal e estática). (COELHO *et al.*, 2015, p. 56, grifo dos autores)

Sob essa perspectiva, para Saussure, a língua era considerada um sistema organizado e vista como homogênea. Assim, Ferdinand Saussure, o pai da Linguística Moderna, neogramático de formação, rompe com os estudos históricos e comparativos vigentes no século anterior e delimita, como objeto de estudo da Linguística, a língua

como um sistema de signos. Dessa forma, a sincronia assumiu o papel crucial dos estudos, uma vez que uma língua específica só poderia ser analisada em um determinado momento isolado no tempo e com testemunho dos falantes que não teriam a consciência coletiva da evolução diacrônica. (COELHO *et al.*, 2015)

De acordo com Coelho *et al.* (2015),

Nos Estados Unidos, a visão estruturalista cede espaço, na década de 1960, ao **gerativismo**, fundado por Noam Chomsky. Para essa corrente, uma língua é um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças, derivado do estado inicial da faculdade da linguagem, um componente inato à espécie humana. Assim como o estruturalismo, o gerativismo considerava a língua um sistema homogêneo desvinculado de fatores históricos e sociais. (COELHO *et al.*, 2015, p. 56, grifo dos autores)

A partir da década de 1960 surgiu a teoria gerativista fundada por Noam Chomsky, que considerava a língua um sistema abstrato de regras para a formação de sentenças. Comprendemos que a mudança linguística se dá de geração para geração, levando em conta que as crianças desenvolvem seu conhecimento sobre a língua e assimilam suas regras a partir de seu contato com os adultos. Nesse aspecto, a visão gerativista defende que a criança apreende princípios universais de gramática que, paulatinamente, vão permitindo a aquisição de regras estáveis.

Surge, então, a Sociolinguística com inúmeros trabalhos desenvolvidos por Labov, focalizando especialmente a variação fonético-fonológica na língua inglesa. Tanto a abordagem estruturalista como a gerativista consideravam a língua como uma realidade abstrata, desvinculada de fatores históricos e sociais. É como uma reação a essas duas correntes que a Sociolinguística desponta nos Estados Unidos na década de 1960, tendo como um de seus maiores expoentes William Labov.

Segundo Labov ([1972] 2008),

Para Chomsky, a linguística é propriamente o estudo da competência, e ele deixa explícita a prática que decorre do paradoxo saussuriano: que o real objeto do estudo linguístico é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente. Além disso, Chomsky insiste que o dado da linguística não é o enunciado do indivíduo a ser estudado, mas suas intuições acerca da língua – primordialmente, seus julgamentos sobre quais frases são gramaticais, e quais não são – e também julgamentos sobre a relação entre as frases – que frases significam “o mesmo”. É preciso construir teorias da linguagem para explicar essas intuições. (LABOV, [1972] 2008, p. 218 - 219)

Ainda conforme Labov ([1972] 2008),

Sem uma linha básica de marcadores sociolinguísticos estáveis, não há como investigar questões mais abstratas: o contraste entre mudança e estabilidade; entre traços fonológicos e gramaticais, entre estratificação abrupta e suave, ou entre regras abstratas de nível alto e padrões fonéticos de nível mais baixo; o papel da função referencial vs. informação sociolinguística expressiva; a interação de sexo com classe social e *status* étnico; o padrão de hipercorreção do segundo grupo de mais alto *status* social; e diversas outras questões que pressupõem, todas, que tenhamos estabelecido a orientação sociolinguística básica da comunidade com marcadores sociolinguísticos estáveis. (LABOV, [1972] 2008, p. 281)

De acordo com Vitral, Viegas e Oliveira (2010),

Como é sabido, a Teoria da Variação e Mudança, desde o texto seminal de Weinreich, Labov e Herzog (1968), bem como de Labov (1972, 1994) implementa, numa abordagem teórica objetiva, a ideia de que as línguas, como fatos sociais, estão sujeitas a mudanças, prevendo-se que, para tanto, sofrerão variação linguística. Nesta visão, duas premissas são centrais: (1) a heterogeneidade que se observa nas línguas é ordenada, ou seja, é possível estabelecer princípios que as descrevam e as expliquem; (2) a produção das formas de uma língua pelos falantes pode ser variável, o que é tratado, inicialmente, por meio da noção de regra variável e tem, como consequência, a coocorrência de formas intercambiáveis sem que o significado que se intenta veicular seja prejudicado. De acordo com a fórmula tornada célebre, das formas coocorrentes e concorrentes deve ser aferido o mesmo valor de verdade no mesmo contexto, o que é condição imprescindível para que ocorra a mudança linguística. (VITRAL, VIEGAS e OLIVEIRA, 2010, p. 201-202)

Segundo Tarallo (2007, p. 7), é possível afirmar que há uma relação entre língua e sociedade, bem como uma possibilidade de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada.

Meyerhoff (2006) afirma que desde a década de 60 do século XX linguistas estão atentos aos fatos que demonstram que a fala pode ser e é influenciada por fatores não-linguísticos.

(...) since the 1960s sociolinguists have amassed considerable evidence showing that speaker variability can be constrained by non-linguistic factors (things external to the linguistic system) as well as by linguistic factors. The effects of social factors are seldom categorical; that is, all speakers generally alternate at some time. No social or contextual constraint determines where you will hear one form rather than another 100 per cent of the time. However, they will tell you how likely you are to hear different forms in different contexts and with different speakers. The difference is probabilistic. This is why it is so helpful to take the

trouble to quantify forms for different speakers or in different contexts.⁶
(MEYERHOFF, 2006, p. 10)

Pode-se afirmar que a heterogeneidade das línguas leva em conta, além de fatores linguísticos, fatores sociais, os quais podem estar regulando a variação e a mudança linguística, ou seja, os grupos de fatores sociais, tais como gênero/sexo, escolaridade, idade, grupo social e outros, podem atuar nos processos variáveis. Nesse sentido, um exemplo da influência desses fatores é o que Labov ([1972] 2008) descreve a respeito da fala das crianças. Em conformidade com este autor,

[...] Na medida em que os pais influenciam a língua inicial das crianças, as mulheres influenciam mais ainda; as mulheres certamente conversam mais do que os homens com as criancinhas e têm uma influência mais direta durante os anos em que as crianças estão formando regras linguísticas com maior rapidez e eficiência. Parece provável que o ritmo do progresso e a direção da mudança linguística devem muito à especial sensibilidade das mulheres a todo o processo. (LABOV, [1972] 2008, p. 347)

De acordo com Weinreich; Labov e Herzog ([1968] 2006),

Ao considerar alguns subsistemas ou variáveis como marcados pelo traço arcaico/ inovador, a teoria da língua pode observar a mudança linguística enquanto ocorre. Pela observação *in vivo*, podemos aprender coisas sobre a mudança linguística que estão simplesmente perdidas nos monumentos do passado.

Esta transição ou transferência de traços de um falante para o outro parece ocorrer por meio de falantes bidialetais ou, mais geralmente, falantes com sistemas heterogêneos caracterizados pela diferenciação ordenada. A mudança se dá (1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa, (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência, e (3) quando uma das formas se torna obsoleta. A transferência parece ocorrer entre grupos de pares de faixas etárias levemente diferentes; todas as evidências empíricas reunidas até agora indicam que as crianças não preservam as características dialetais de seus pais, mas sim, as do grupo de pares que domina seus anos pré-adolescentes. (WEINREICH; LABOV e HERZOG, [1968] 2006, p. 122)

⁶Desde a década de 1960 sociolinguistas têm acumulado evidência considerável demonstrando que a variação da fala pode ser restringida por fatores não-linguísticos (coisas externas ao sistema linguístico) tanto quanto por fatores linguísticos. Os efeitos de fatores sociais são raramente categóricos; ou seja, todos os falantes geralmente alternam sua maneira de falar em algum momento. Nenhum restritor social ou contextual determina onde se pode ouvir uma forma em preferência a outra em cem por cento do tempo. No entanto, tais restritores podem dizer quando é mais provável de se ouvir tal forma em tal contexto para tais falantes. A diferença é probabilística. Esse é o motivo pelo qual é tão importante tomar tempo para quantificar as formas presentes na fala de diferentes pessoas e em contextos diferentes. (Tradução Nossa)

Diante do exposto, é possível afirmar que a mudança ocorre à medida que o falante faz uso de uma forma alternativa. Durante um tempo, as formas existem simultaneamente e, ao final, uma das formas pode se tornar obsoleta.

A sociolinguística parte do pressuposto de que qualquer língua, de qualquer comunidade, exibe sempre variações, o que significa dizer que qualquer língua é representada por um conjunto de variedades. E é essa heterogeneidade que, de acordo com os padrões sociolinguísticos, pode e deve ser sistematizada, já que analisar e sistematizar as variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala são os principais objetivos dos estudos sociolinguísticos. Desse modo, é possível afirmar que a sociolinguística se baseia no estudo da língua falada, observada e descrita em seu contexto social, em situações reais de uso.

Meyerhoff (2006) explicita que

Everyone can modify the way they speak depending on who they are with or what the situation is. When they do this, they are drawing on their sociolinguistic knowledge. And every time they change the way they speak, depending on their interlocutor or situation, they provide more sociolinguistic information that builds up the sociolinguistic knowledge in the community.⁷ (MEYERHOFF, 2006, p.1)

Em consonância com Weinreich; Labov e Herzog ([1968] 2006), dentro das etapas envolvendo o fenômeno da variação e mudança existem cinco problemas a serem tratados por uma teoria da mudança linguística. Dessa forma, o linguista deve buscar respostas para esses cinco problemas empíricos:

- a) Problema dos fatores condicionantes: determinar o conjunto de fatores que atuam para que a mudança ocorra.
- b) Problema da transição: diz respeito ao estágio intermediário que mostra a deriva pela qual uma forma linguística evolui de A para B. A teoria da mudança considera todo dialeto como transicional.
- c) Problema do encaixamento: estabelecer a ligação da mudança estudada com outras que ocorrem na estrutura linguística e no contexto mais amplo da comunidade de fala.

⁷Todos podem modificar a maneira como falam dependendo de com quem falam ou da situação em que estão envolvidos. Quando fazem isso, estão construindo de seu conhecimento sociolinguístico. Todas as vezes em que se modifica a maneira de falar dependendo do interlocutor ou da situação provê-se mais informação sociolinguística que constrói o conhecimento sociolinguístico da comunidade. (Tradução nossa)

- d) Problema da avaliação: mostrar as consequências da mudança linguística sobre a estrutura e o uso da língua.

Para esta pesquisa, enfatizamos que nos interessa primordialmente o quinto problema, que é o da implementação da variante inovadora na sociedade.

Weinreich; Labov e Herzog ([1968] 2006) definem o problema da implementação como:

O processo global da mudança linguística pode envolver estímulos e restrições tanto da sociedade quanto na estrutura da língua. A dificuldade do enigma da implementação é evidente no número de fatores que influenciam a mudança: é provável que todas as explicações a serem propostas no futuro próximo serão *a posteriori*. Se considerarmos seriamente o postulado de que a mudança linguística é mudança no comportamento social, então não deve nos surpreender que hipóteses preditivas não estejam prontamente disponíveis, pois este é um problema comum a todos os estudos do comportamento social (Neurath 1944). Tais considerações não devem nos impedir de examinar tantos casos quanto pudermos em todo por menor para responder os problemas levantados acima e reunir tais respostas numa visão abrangente do processo de mudança. Uma proposta deste tipo para os modos como os fatores sociais incidem sobre os traços linguísticos num mecanismo cíclico se baseia em padrões repetidos observados nuns poucos casos bem estudados (LABOV, 1965). Sugere-se que uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] (WEINREICH; LABOV e HERZOG, [1968] 2006, p. 124)

Em síntese, a mudança linguística é influenciada por diversos fatores.

Também é de grande relevância mencionar alguns princípios gerais para o estudo da mudança linguística (WEINREICH; LABOV e HERZOG, [1968] 2006):

1. A mudança linguística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança linguística começa quando a generalização de uma alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
2. A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas.
3. Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade.

4. A generalização da mudança linguística através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico.

5. As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

6. A mudança linguística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança linguística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

7. Fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento linguístico. (WEINREICH; LABOV e HERZOG, [1968] 2006, p.125-126)

Nesse sentido, observamos mais uma vez que a língua não é homogênea e que nenhuma mudança acontece aleatoriamente, assim como nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança, mas toda mudança está atrelada à questão da variabilidade e heterogeneidade. Assim, podemos salientar a importância das pesquisas de base empírica para a sociolinguística.

Mollica (2015) discorre acerca da relevância do papel da mudança linguística:

O papel da mudança linguística é fundamental para os estudos sociolinguísticos. Os problemas teóricos envolvidos referem-se aos processos de encaixamento, avaliação e implementação. Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. Em última análise, deve definir se o caso é de variação estável ou de mudança em progresso [...] (MOLLICA, 2015, p.10)

Assim, é possível fazer uma análise do fenômeno linguístico identificando, por exemplo, se o processo de variação está estável na comunidade, se determinada variante é de uso restrito de determinado grupo de falantes (homens/mulheres, jovens/idosos, etc.), ou se determinada variante é mais frequente no grupo dos jovens, indicando mudança em progresso.

À luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (cf. LABOV, [1972] 2008), buscamos explicitar quais são os fatores que favorecem o uso de cada uma das variantes em estudo, com a finalidade de se observar, em especial, a etapa de implementação da mudança linguística e a sua relação com a Teoria da Gramaticalização, conforme Hopper e Traugott (1993).

3.2 Gramaticalização

O processo de gramaticalização ocorre em todas as línguas. Esse fenômeno linguístico pode envolver qualquer tipo de função gramatical, tendo em vista que, nesse caso, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir outras funções referentes à organização interna da linguagem. Assim, é considerado um processo através do qual os elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais.

Vários estudos mostram que a variação A GENTE ~ NÓS está relacionada com a gramaticalização de A GENTE. Nossa proposta é o estudo da gramaticalização de A GENTE nas comunidades de fala pesquisadas, considerando que a variação A GENTE ~ NÓS é uma etapa do processo de gramaticalização de A GENTE.

Para o processo em questão, adotamos o modelo de Gramaticalização proposto por Hopper (1996, p. 230-231), o qual é regido por cinco princípios: da estratificação (*layering*), da divergência (*divergence*), da especialização (*specialization*), da persistência (*persistence*) e da descategorização (*decategorization*):

1. Layering. Within a broad functional domain, new layers are continually emerging. As this happens, the older layers are not necessarily discarded but may remain to coexist with and interact with the newer layers. Layering points to something that had been noted by several researchers: Grammaticalization does not proceed by eliminating old forms and substituting new ones but by “crowding” the field with subtly differentiated forms all having approximately the same meaning (such as, for example, the many ways of expressing the future tense in English; [...]).⁸

⁸Estratificação (*layering*): Dentro de um domínio funcional, novos estratos estão continuamente emergindo. Enquanto isso acontece, os estratos mais antigos não são necessariamente descartados, mas permanecem coexistindo e interagindo com as novas camadas. A estratificação aponta para um ponto percebido por muitos pesquisadores: a gramaticalização não acontece pela eliminação de formas mais antigas em substituição pelas novas, mas sim por “encher” o campo com formas diferenciadas sutis todas tendo o mesmo sentido aproximado. (Exemplo, as várias maneiras de expressar o futuro em inglês; [...]). (Tradução nossa)

2. Divergence. When a lexical form undergoes change to a clitic or affix, the original lexical form may remain as an autonomous element and undergo the same changes as ordinary lexical items. Divergence means that the grammaticalization of a form does not entail the disappearance of its lexical uses; rather, the grammaticalized form and its lexical counterpart may coexist, as in English *I've eaten it* (with 've from *have* as an auxiliary verb) and *I have two of them* (with *have* as a main verb.)⁹
3. Specialization. Within a functional domain, at one stage a variety of forms with different semantic nuances may be possible. As grammaticalization occurs, this variety of formal choices narrows and the smaller number of forms selected assume more general grammatical meanings. Specialization is a central aspect of grammaticalization, since it typically results in one form being singled out for a grammatical function, as in the example of French *pas* discussed above.¹⁰
4. Persistence. When a form undergoes grammaticalization from a lexical to a grammatical function, so long as it continues to have a grammatical role, some traces of its original lexical meanings tend to adhere to it, and details of its lexical history may be reflected in constraints on its grammatical distribution. Persistence is characteristic of earlier stages, in which the original contextual meanings of forms continue as they move from lexical to grammatical functions. For example, the auxiliary use of *manage* mentioned in the first paragraph requires a main verb denoting an intentional action. *I managed to buy a pig* is possible but not **I managed to need a bicycle*. This restriction on the auxiliary use of *to manage* is an immediate consequence of its history as a volitional verb.¹¹
5. Decategorialization. Grammaticalization always involves a loss of categoriality and proceeds in the following direction: Noun or Verb → another category, never the reverse. Thus adverbs, auxiliaries, prepositions, and other “minor” categories would always derive from

⁹Divergência: quando uma forma lexical sofre mudança tornando-se um clítico ou afixo, a forma lexical original pode permanecer como um elemento autônomo e passar pelas mesmas mudanças que os itens lexicais comuns. Divergência significa que a gramaticalização de uma forma não pressupõe o desaparecimento de seus usos lexicais. Em vez disso, a forma gramaticalizada e sua contraparte lexical podem existir ao mesmo tempo. Exemplo: no inglês *I've eaten it* (com 've vindo de *have*, verbo auxiliar) e *I have two of them* (com *have* sendo verbo principal). (Tradução nossa)

¹⁰Especialização: Dentro de um domínio funcional, em determinado estágio, a variedade de formas com diferentes nuances semânticas pode ser possível. Ao passo que a gramaticalização ocorre, a variedade de opções diminui e o menor número de formas selecionadas assume significados gramaticais mais gerais. A especialização é um aspecto central da gramaticalização, já que ela tipicamente resulta em uma das formas geradas ser separada para uma função gramatical, como no exemplo advindo do francês, *pas*, discutido anteriormente. (Tradução nossa)

¹¹Persistência: quando uma forma passa pela gramaticalização fluindo de forma lexical para uma função gramatical, enquanto ela permanece com um papel gramatical, alguns traços de seus sentidos lexicais originais tendem a continuar aderidos a ela. Ainda, detalhes de seu histórico lexical podem refletir em limitações na sua distribuição gramatical. A persistência é característica dos estágios iniciais, nos quais os significados contextuais originais das formas persistem enquanto ela se movimenta das funções lexicais para funções gramaticais. Por exemplo, a função auxiliar de *manage*, na língua inglesa, mencionada no primeiro parágrafo requer um verbo principal que denote a intencionalidade da ação. *I managed to buy a pig* é possível, mas, *I managed to need a bicycle* não é. Essa restrição no uso auxiliar do verbo *to manage* é uma consequência imediata de seu histórico como verbo indicativo de intenção. (Tradução nossa)

the prime categories Noun and Verb, never the reverse [...].¹²
(HOPPER, 1996, p. 230-231)

Elucidamos que, em relação ao princípio da estratificação, podem emergir, ao longo do tempo, nos domínios funcionais da gramática, novas camadas. Assim, o pronome A GENTE é usado, apesar de o NÓS continuar em uso.

De acordo com Pereira (2012),

O princípio da **divergência** refere-se aos casos em que um item lexical dá origem a um processo de gramaticalização em determinado contexto, levando ao surgimento de um item gramatical, mas não se gramaticaliza em outros contextos, mantendo suas propriedades lexicais originais. Isso mostra, portanto, que quando uma forma sofre gramaticalização, ela não perde sua autonomia. Assim, itens com mesma etimologia passam a existir na língua com funções diferentes. Retomando o exemplo da forma A GENTE, temos, de um lado, o substantivo GENTE que permanece na língua como item autônomo, e também temos, por outro lado, a forma gramaticalizada da construção A GENTE, que não pode mais ser analisada como a união de um artigo a um substantivo. Essas duas formas coexistem num mesmo recorte temporal. (PEREIRA, 2012, p. 55, grifo da autora)

Tamanine (2010, p. 74), baseando-se em Hopper (1991), nos diz: “O terceiro princípio apresentado por Hopper (1991) é a *especialização*, este se associa à limitação das opções que ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória.”

Segundo Vianna (2011),

O princípio da persistência refere-se à manutenção, por parte da forma inovadora, de alguns traços semânticos da forma-fonte. Quando um item lexical em vias de gramaticalização assume uma função mais gramatical, alguns traços do seu significado original tendem a aderir-se ao novo emprego. Dessa forma, detalhes de sua história como item lexical podem se encontrar refletidos no comportamento da forma gramaticalizada. (VIANNA, 2011, p.56)

De acordo com Silva (2010),

Como é normal nos itens gramaticalizados, o pronome a gente ainda conserva resquícios do período em que ainda era um sintagma coletivo, como a impossibilidade de aparecer acompanhado de um determinante (* a gente três) e o traço de indefinitude, capaz de fazer referência a

¹²Descategorização: A gramaticalização sempre envolve perda de categorização e acontece na seguinte direção: Substantivo ou Verbo → outra categoria. Nunca o oposto. Sendo assim, advérbios, auxiliares, preposições e outras categorias “menores” sempre derivam das categorias principais Substantivo e Verbo, nunca o contrário[...]. (Tradução nossa)

uma quantidade indeterminada de pessoas. Contribui também o fato de ser uma forma mais neutra do que nós, posto que mantém vínculo com o núcleo do SN coletivo, do qual se originou. Isso geraria a maior ocorrência de a gente em ambientes menos marcados, seja quanto ao tempo do verbo, seja quanto à saliência fônica. (SILVA, 2010, p.67)

Quanto ao princípio da Descategorização, segundo Pereira (2012),

Quando um item deixa uma categoria plena, como nomes e verbos, por exemplo, ele abandona as marcas morfológicas e sintáticas características dessa classe e passa a adquirir características gramaticais de categorias secundárias, como conectivos, pronomes, auxiliares etc. Assim, o princípio da descategorização relaciona-se à perda de traços mais lexicais e ao ganho de marcas das categorias secundárias, mais gramaticalizadas.

Voltando ao exemplo da forma A GENTE, verifica-se que, em sua função pronominal, a construção não permite que se substitua o determinante nem admite a presença de um modificador à sua direita. Trata-se de processos morfossintáticos que se aplicam à forma gramaticalizada A GENTE, assim como a outros itens vinculados à categoria de pronome, mas que não se aplicam ao sintagma nominal A GENTE. (PEREIRA, 2012, p. 56)

Lopes (2002) ressalta que, como em todo processo de mudança linguística, a gramaticalização da forma A GENTE ocorreu de modo lento e gradual e envolveu um estágio intermediário no qual o nome *gente* perdeu o traço sintático de plural e cristalizou-se como um nome singular, sendo atribuída a ele uma interpretação semântica coletiva e genérica. Ainda em relação a essa variável, destacamos outro aspecto no decorrer do processo de mudança, o que remete à questão da concordância de gênero/sexo da palavra *gente*: quando substantivo, pertence ao gênero feminino; já na condição de pronome, a forma A GENTE pode aparecer acompanhada tanto de formas femininas quanto de formas masculinas (adjetivos, nomes).

Na concepção de Lopes (1999),

Essa correlação entre *referente* e *marcas de concordância em predicativos relacionados a formas pronominais* evidencia que, na ausência de especificação do traço formal, a concordância é estabelecida com o traço semântico. Por isso, como o pronome *a gente* é formalmente [fem,fpl], o gênero-número formal do adjetivo concorda com o seu gênero-número semântico, que é [aFEM,+PL], por isso prevalece a concordância sintática com o *singular*, seja combinado ao *masculino* em *referências genéricas ou abstratas*, seja combinado ao *feminino* em *referência exclusiva a mulheres* [+genérico]. Na medida em que o pronome *nós* é formalmente [fem,+pl], o gênero-número formal do adjetivo concorda com o seu gênero-número semântico, que é [aFEM,+PL], por isso prevalece a concordância sintática com o *plural*, seja combinado ao *masculino* em *referência a grupos mistos*,

seja combinado ao *feminino* em *referência exclusiva a mulheres* [+específico]. (LOPES, 1999, p.85)

De acordo com Lopes (2004),

Com a forma gramaticalizada *a gente*, a especificação positiva de gênero formal [+fem] do substantivo desaparece, tornando-se neutra ([\varnothing fem]) do mesmo modo que ocorre com as outras formas pronominais de primeira e segunda pessoas (*eu/nós, tu/você(s)/vós*) que não têm gênero formal. No que se refere à interpretação semântica de gênero, o traço[\varnothing FEM] que não esclarecia necessariamente o gênero semântico do referente, com a pronominalização, passaria a ser semanticamente subespecificado [α FEM], uma vez que *a gente* pode combinar-se com adjetivos no masculino e/ou no feminino dependendo do gênero semântico (*a gente ficou arrasada* (referência exclusiva a mulheres) ou *a gente ficou arrasado* (referência mista ou exclusiva a homens) (LOPES, 2004, p. 56-57)

Ressaltamos que, neste estudo, observaremos especialmente os princípios da estratificação, da especialização e da persistência.

Em consonância com Vitral; Viegas e Oliveira (2010),

Para usar uma fórmula cômoda, podemos dizer que não há, no caso da gramaticalização, concorrência e, sim, coocorrência de formas. Essa conclusão aponta para a hipótese de que as mudanças previstas pela noção de gramaticalização são de natureza diferente daquelas com as quais se ocupa a Teoria da Variação e Mudança. Por enquanto, ela é, no entanto, apressada, já que os processos de gramaticalização preveem outras etapas além da criação de um item de natureza gramatical a partir de um item de natureza lexical. (VITRAL; VIEGAS E OLIVEIRA, 2010, p. 205)

Ainda segundo Vitral; Viegas e Oliveira (2010),

Retomemos a noção de Estratificação, a qual prevê que uma nova forma, gerada por gramaticalização, não exclui outras da mesma função. Ocorre, portanto, que, numa dada sincronia, podem coexistir duas formas: uma delas é a forma inovadora gerada por gramaticalização a partir de uma determinada fonte e a segunda é uma forma já produtiva na língua, sendo que as duas desempenham a mesma função gramatical e são equivalentes do ponto de vista do conteúdo, o que tem, como resultado, a incidência de um fenômeno de variação linguística. (VITRAL; VIEGAS e OLIVEIRA, 2010, p. 210)

Tamanine (2010), baseando-se no trabalho de Menon (1996), apresentou a direção do PRONOME INDETERMINADO > PRONOME PESSOAL no processo de gramaticalização de A GENTE:

[...] **Fase PRONOME INDETERMINADO > PRONOME PESSOAL** - no trabalho de Menon (1996) esta fase da gramaticalização de *a gente* corresponde ao momento em que o falante pode se incluir naquele genérico indeterminador *a gente*, e a inclusão

de *eu* no coletivo genérico possibilita a interpretação *nós* [eu + x = nós], passando a ser possível a interpretação de *a gente* como *nós*. (cf. MENON, 1995). [...] (TAMANINE, 2010, p.27, grifo da autora)

Assim, estamos assumindo o *cline* da gramaticalização de A GENTE (determinado; substantivo) > A GENTE (pronome indeterminado) > A GENTE (pronome determinado; referencial).

Nas palavras de Vitório (2017), baseando-se em Lopes (2002; 2004),

[...] a implementação de *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro, segundo Lopes (2002; 2004), iniciou-se entre os séculos XVII e XVIII e originou-se da forma nominal *gente*, que, ao passar por um processo de gramaticalização do nome *gente* para o pronome *a gente*, perde o traço formal de número, perde o traço formal de gênero [+ feminino] e ganha o traço [+ pessoa]. (VITÓRIO, 2017, p. 63-64)

Smaniotto (2010) afirmou que

Já houve muitos estudos com base no português falado do Brasil para demonstrar que a forma *a gente* vem suplantando o pronome *nós* nos últimos 30 anos. A integração, principalmente no português do Brasil, de *a gente* no quadro de pronomes criou uma série de repercussões gramaticais em diferentes níveis da língua.

A substituição do *nós* por *a gente* está se efetivando progressivamente, seja entre os falantes cultos, seja entre os não cultos. Segundo o estudo feito por Brandão e Vieira (2007), nos anos de 1970, o uso da forma *nós* suplantava a forma inovadora, mas uma nova amostra feita tendo como referência os anos de 1990, com novos informantes, aponta o contrário: usa-se mais a forma *a gente* indicando com isso uma rápida aceleração na implantação da substituição do *nós* por *a gente* entre falantes cultos. (SMANIOTTO, 2010, p. 27)

De acordo com Borges (2004),

Observa-se, portanto, que os diferentes graus de gramaticalização estão relacionados tanto com as características sociais, próprias a determinado tipo de sociedade, como também a sua estrutura linguística. Julga-se pertinente afirmar que, tanto a natureza dos processos de gramaticalização como as condições linguísticas para a mudança, estariam atreladas a motivos sociais e não apenas a aspectos puramente gramaticais. (BORGES, 2004, p.13)

3.3 Redes Sociais

Vamos considerar primeiramente o conceito de rede social apresentado em Milroy (1980). Nesse trabalho, a referida autora constatou que as realizações linguísticas são melhor elucidadas por meio da observação das redes de relacionamentos existentes entre os membros de um grupo de falantes. Assim, conforme Milroy (1980), as redes funcionam como um instrumento de reforço dos valores linguísticos de determinada comunidade de fala.

Milroy (1995, p. 138) menciona a respeito das redes sociais: “It can be seen as a web of boundless bonds reaching the whole of society, linking these people to one another even remotely.”¹³

Oliveira (2016) destaca a influência das redes sociais na realização de determinada variante:

Vivemos inseridos em redes sociais. Ligamo-nos às pessoas por meio de uma rede invisível e maleável que nos conecta a nossos círculos sociais, profissionais e familiares, propiciando inúmeras trocas de experiências em nossas atividades no dia a dia.

Na interação cotidiana, cada falante segue uma ou outra variedade linguística, o que depende do papel social representado em cada uma de suas diversas situações de interação. Mas também entram no jogo interativo, sendo determinantes na opção por qual variedade fazer uso nesses momentos, as redes sociais (*social networks*) imbricadas nessas relações. (OLIVEIRA, 2016, p. 268)

Acerca das forças das redes sociais Milroy e Milroy (1985) discorrem:

In thirteenth- and fourteenth-century Iceland, there were no such developments. Icelanders in search of their fortune had no large town to settle in; they tended to go abroad for a time and then return to their rural homes in Iceland. In such conditions, strong networks remained to a large extent intact.

Thus, the contrast between English and Icelandic seems to be an exemplar of the contrast between social conditions that encourage weak ties and those that encourage strong ties. Rapid changes in English seem to have depended on the existence of individuals and groups who were socially and geographically mobile and whose strong network ties were weakened or broken up by this mobility. A high degree of social distance seems to have resulted. Icelandic society, on the other hand, depended in earlier centuries on the strong networks typical of rural life. Hence, despite the difficulties of climate and terrain, social networks proved to be a cohesive force, not only in maintaining social norms, but

¹³Podem ser vistas como uma teia de laços sem limites atingindo toda a sociedade, ligando essas pessoas umas às outras ainda que remotamente. (Tradução nossa)

also in maintaining the norms of language.¹⁴ (MILROY E MILROY, 1985, p.379)

Segundo Battisti (2014),

Consideradas como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade, as redes apresentam diferenças em sua configuração estrutural em duas dimensões, a da densidade e a da plexidade (do inglês *density e plexity*, respectivamente). Conforme Evans (2004), a densidade (estrutura da rede) refere-se aos contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas em rede que se conhecem, maior sua densidade. Já plexidade (conteúdo da rede) à multiplexidade de conexões dos membros. Por exemplo, pode ter membros que sejam vizinhos (rede uniplexa), ou também colegas de escola (rede multiplexa). As redes sociais são ancoradas nos indivíduos. (BATTISTI, 2014, p. 83)

Carvalho (2011) conclui, em relação às redes sociais, que:

Diante do exposto, constata-se que a análise da variação dos usos linguísticos associada à análise das redes sociais em que se integram os falantes permite ao pesquisador buscar explicações para o fato de por que, em determinados contextos, algumas estruturas linguísticas permanecem estáveis, isto é, não mudam. Vale ressaltar, entretanto, que Milroy não nega o fato de a variação ser inerente ao sistema, pelo contrário, ele defende a ideia de que no interior da comunidade de fala convivem padrões linguísticos variáveis, porém constantes.

Em outras palavras, consideramos que, ao estudar um fenômeno linguístico variável em uma determinada comunidade, há que se levar em conta, além dos conceitos de variação e mudança linguística, o conceito de manutenção linguística e a correlação desse processo à análise das redes sociais dos membros da comunidade de fala. (CARVALHO, 2011, p.11)

¹⁴Na Islândia do século XIII e XIV, não havia tais desenvolvimentos. Islandeses à procura de sua sorte não tinham uma grande cidade na qual se estabelecer; eles costumavam viajar ao exterior por um período e então retornar para suas casas rurais na Islândia. Em tais condições, fortes relações sociais permaneceram intactas numa larga escala.

Portanto, o contraste entre Inglês e Islandês parece ser um exemplo do contraste entre condições sociais que encorajam laços fracos e aquelas que encorajam laços fortes. Mudanças rápidas no Inglês parecem ter dependido da existência de grupos individuais, os quais eram social e geograficamente móveis e aqueles onde fortes redes sociais foram enfraquecidas ou rompidas por essa mobilidade. Um alto grau de distância social parece ter se originado. A sociedade islandesa, por outro lado, dependeu em séculos anteriores das fortes redes sociais típicas da vida rural. Consequentemente, apesar das dificuldades do clima e do terreno, redes sociais se provaram como uma força coesiva, não só na manutenção de normas sociais, mas também para manter as normas da língua. (Tradução nossa)

Na concepção de Milroy (1987, p. 139), “Social networking studies clearly show that density and multiplexing are excellent indicators of pressures on a person to adopt standards and values, including language standards and local community values.”¹⁵

Almeida (2008) corrobora a assertiva de Milroy (1987) ao destacar que a densidade e multiplicidade das redes sociais funcionam como indicadores das pressões das normas e valores sobre os indivíduos:

Portanto, densidade e multiplicidade operam como indicadores das pressões das normas e valores sobre os indivíduos: quanto mais densa e múltipla for uma rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto mais frouxa, mais sujeita a variações. (ALMEIDA, 2008, p. 57)

Reiterando os conceitos retomados em Battisti (2014) e em Almeida (2008), observamos que a estabilidade linguística está diretamente relacionada aos fatores de densidade e de multiplexidade das redes sociais. Nesse sentido, tornou-se possível considerar a rede social pesquisada em Itaúna como mais frouxa (SIMIÃO, 2016) do que a rede social pesquisada em Machacalis (SILVA, 2014) e do que a rede social pesquisada em Piranga (SIMIÃO, 2016). Sabemos também que, em comunidades mais isoladas, os processos de mudança linguística ocorrem mais lentamente. (SILVA, 2014)

Também conforme Simião (2016),

[...] as redes sociais são constituídas pelos laços de interação que o falante estabelece em sociedade. Esses laços podem ser mais fortes ou mais fracos. Os primeiros dizem respeito à relação que o falante mantém com os parentes, os vizinhos e os amigos; já os últimos correspondem à relação estabelecida entre o falante e aquelas pessoas com as quais ele passa uma parte do tempo, sem, contudo, se relacionar com demasiada intimidade, sem confidenciar-lhes segredos ou dar-lhes conselhos, por exemplo, isto é, sem vínculos estreitos. Laços fracos se estabelecem, por exemplo, entre os colegas de trabalho. É possível, assim, se falar em redes de primeira ordem – formadas pelas pessoas que estabelecem entre si laços mais fortes; e redes de segunda ordem – constituída por aqueles mantêm, entre si, laços mais fracos.

Ainda de acordo com Milroy (1980), a tessitura da rede social se dá pela junção dos laços anteriormente citados e envolve dois fatores denominados “densidade” e “multiplexidade”, relacionados, respectivamente, ao número de ligações e à sua capacidade de alcance. (SIMIÃO, 2016, p. 21-22).

¹⁵“Estudos sobre redes sociais mostram claramente que a densidade e multiplexidade são excelentes indicadores das pressões para que uma pessoa adote os padrões e valores, incluindo os padrões linguísticos e valores locais da comunidade. (Tradução nossa)

Nas palavras de Battisti (2014),

[...] A quantificação da variação, correlacionada à rede social dos informantes, revelou que o emprego majoritário de alternantes vernaculares reflete os padrões de interação social entre as comunidades em redes densas, multiplexas. Esses padrões não poderiam ser explicados por gênero, idade e classe social, dada a homogeneidade das comunidades em rede. [...] (BATTISTI, 2014, p. 83)

Consideramos que a implementação da mudança ocorre mais facilmente em cidades com polos industriais e universitários, uma vez que, nesses ambientes, o convívio social está supostamente atrelado a diferentes pessoas em diferentes ocasiões, o que caracteriza uma rede social mais aberta e mais permeável, como ocorre em Itaúna.

Neste trabalho, estamos analisando comunidades de fala em que as redes sociais são diversas: Itaúna, que possui rede social mais aberta, e Machacalis e Piranga, que possuem redes sociais mais fechadas.

4. A VARIÁVEL, A SELEÇÃO DOS INFORMANTES E A COLETA DE DADOS

4.1 A variável e os fatores envolvidos

Estamos estudando a variável 1ª Pessoa do Plural e suas variantes A GENTE ~ NÓS nas funções de sujeito determinado e indeterminado; objeto sem preposição determinado e indeterminado; e na função de objeto com preposição determinado e indeterminado.

4.1.1 Significados determinado e indeterminado

Segundo Tarallo (2007), baseando-se em Labov (2008), as variantes linguísticas podem ser definidas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. O conjunto formado pelas variantes linguísticas recebe a denominação de variável. No caso em questão, a variável é a 1ª Pessoa do Plural e as variantes expressas são as formas NÓS e A GENTE.¹⁶

Observa-se inicialmente que a variante A GENTE e a variante NÓS possuem, pelo menos, dois significados:

- a) Determinado: significado de 1ª Pessoa do Plural, em que estão incluídos eu + você (s) e/ou ele(s).

Exemplos:

13. “[...] de vez em quando **a gente** vai para o clube, joga uma bolinha, o lazer né, joga uma bolinha, [...].” (KMJF e as pessoas da igreja)
14. “[...] **nós** temos muita gente de Machacalis voando atrás de emprego.” (AMAM e os moradores da cidade)

- b) Indeterminado: significado de 1ª Pessoa do Plural, em que são incluídos eu + outras pessoas de modo geral.

Exemplos:

15. “[...] tipo assim **a gente** fica olhando como que Deus trabalha na vida do homem né e eu chegava assim nas férias [...].” (SMJM e as pessoas de modo geral)

¹⁶ Como sabemos há um *continuum* de determinação até indeterminação. Aqui, por motivos operacionais, trataremos a questão dicotomicamente.

16. “[...] **nós** temos os nossos momentos difíceis nas nossas vidas, [...].”
(SMJM e as pessoas de modo geral)

Segundo Franceschini (2011),

A determinação do referente tem se destacado como uma variável relevante para a escolha do pronome, seja no caso da variação *nós/a gente* ou *tu/você*. Apesar da correspondência apontada entre *nós* e *a gente* na indicação de 1.^a pessoa do plural, uma análise preliminar das ocorrências dessas duas formas feita a partir de nossos dados parece indicar que *nós* geralmente refere-se a um sujeito mais determinado, enquanto *a gente* seria mais utilizado com referente indeterminado, mesmo que também seja amplamente usado em referência à 1.^a pessoa do plural. (FRANCESCHINI, 2011, p. 114)

Franceschini (2011) mostra os seguintes resultados em relação ao uso de A GENTE:

Omena (2003), para o Rio de Janeiro, também verificou um aumento do uso de *a gente* na determinação: de 67%, na década de 1980, passou para 80% na década de 2000. Esses resultados indicam, portanto, um aumento significativo no uso de *a gente* no campo da determinação no PB. (FRANCESCHINI, 2011, p. 164)

Em conformidade com Omena (1996),

a necessidade de, na 1.^a pessoa do discurso no plural, contrapor uma referência precisa a uma imprecisa foi talvez o que deu origem ao uso de *a gente*, substituindo *nós*, dando início a uma variação que está em vias de se completar em determinados contextos, em que *a gente* está perdendo o traço de indefinição; alterna-se com *nós*, em outros, com maior ou menor probabilidade; mas ainda não atingiu certos pontos da estrutura. (OMENA, 1996, p.190)

De acordo com Mendonça (2016, p. 16), “A determinação/indeterminação é uma propriedade semântico-pragmática do sujeito, visto que todo sujeito tem um referente que pode estar determinado ou indeterminado em um dado contexto.”

Nessa perspectiva, Silva (2004) ressalta:

As estratégias de designar referentes, como são os casos dos pronomes *nós* e *a gente*, são interessantes de serem observados porque abarcam multissignificações no desenrolar de atividades comunicativas. Na realidade, o que se observa na fala é que uma mesma forma pronominal pode abarcar uma variedade de referenciais, específicos e genéricos, elaborados nas negociações entre interlocutores, podendo designar o mesmo objeto ou, em certos casos, a entidade pode se tornar tão imprecisa que sua referência propicia inúmeras interpretações. Assim, contextos opacos podem ser encontrados em predicções que envolvem mudanças de sentido, e, portanto, exigem cuidado na identificação referencial. (SILVA, 2004, p.80)

Conforme Milanez (1982),

Estamos, portanto, diante de um processo da língua que permite ao falante passar do universo das três pessoas especificadas e identificáveis (que consideraremos como o nível da *determinação*) a um nível de generalização, que transcende o anterior por implicar numa referência de tal forma abrangente que pode envolver *qualquer* pessoa. É o fenômeno da *indeterminação*. (MILANEZ, 1982, p. 26)

Para Lopes (1999),

O *a gente* pronominal designa, mais comumente, **um todo** abstrato, indeterminado e genérico, representando o conjunto base “ser-pessoa”, perdendo, gradativamente, o sentido de “+de um”. O que reforça a hipótese do [ØPL] é que a forma cristalizada *a gente*, cuja referência conceptual é uma massa indeterminada de pessoas disseminadas na coletividade – com o *eu* necessariamente incluído – herdou, justamente, a possibilidade combinatória com o singular, e não com o plural. Além disso, *a gente* pode ser usado por *eu*. (LOPES, 1999, p. 31, grifo do autor)

Silva (2004) nos diz que,

Segundo Menon (1996), especializou-se o emprego da locução *a gente* no sentido coletivo; no entanto, o significado primeiro não se perdeu, passando a expressar indeterminação do sujeito, concorrendo posteriormente com os pronomes *nós* e *eu*. (SILVA, 2004, p. 15)

A literatura de modo geral assume que a variante com o sentido indeterminado (A GENTE) foi implementada primeiro e só depois se estendeu para o significado determinado. Considerando, assim, que o significado determinado é mais recente, pode-se formular a hipótese de que o termo A GENTE é mais usado com o significado indeterminado, posto que foi o primeiro a ser implementado. (MENON, 1996)

Para Borges (2004),

[...] a necessidade de se identificar os fatores, principalmente de natureza sintático-semântica, que atuaram e atuam no processo de gramaticalização de *a gente*, em especial os que dizem respeito a sua efetivação como pronome pessoal. Nesse sentido, torna-se importante a caracterização do percurso histórico da pessoalização de *a gente*, para que se possa identificar o período em que essa forma passou a ser utilizada também em contexto de referência específica. (BORGES, 2004, p. 1-2)

Mendonça (2016) retoma o estudo de Omena (1986) e os estudos de Lopes (1998):

Com base em dados de fala de cariocas não-cultos, evidenciou que a forma **a gente** está associada a contextos de referência a grupo grande e indeterminado, enquanto a forma **nós** é favorecida por contextos de referência a grupo grande e determinado. Lopes (1998), a partir da análise da variação **nós** e **a gente** na função de sujeito com dados do

NURC (Norma Urbana Culta) do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre, constata que a multirreferencialidade (“eu-ampliado”) exerce influência no condicionamento das formas pronominais de primeira pessoa do plural: a expressão **a gente** é favorecida em contextos com grau máximo de indeterminação. (MENDONÇA, 2016, p. 31, grifo do autor)

Observamos nesses relatos que, atualmente no PB, o crescente uso de A GENTE, primeiramente concorrendo com o NÓS e mais recentemente com o *eu*, mostra que o pronome está, como postula Menon (1996, p. 627), “integrado ao paradigma dos pronomes pessoais”.

4.1.2 Função Sintática

Outro aspecto que será avaliado é o contexto em que a variação ocorre, pois, conforme a definição de variável apresentada, as variantes devem ter o mesmo significado em um mesmo contexto linguístico. Desse modo, estudaremos os diversos contextos em que cada variável ocorre separadamente, ou seja, a função de sujeito será estudada separadamente da função de objeto sem preposição e essa separadamente da função de objeto com preposição. Por exemplo¹⁷:

a) Na função de sujeito com significado determinado, temos:

17. A GENTE trabalha na empresa FASAR. / NÓS trabalhamos na empresa FASAR.

Consideramos sujeito o termo que comanda a concordância verbal.

b) Na função de objeto com preposição, com significado determinado, temos:

18. Ele gosta de NÓS. / Ele gosta da GENTE.

Objeto com preposição será aquele termo que tem a fórmula: preposição + sintagma nominal. Nos casos em que a preposição foi omitida havia sempre dois objetos: um que consideramos preposicionado e o outro não.

19. A FASAR dava A GENTE auxílio viagem.

c) Na função de objeto sem preposição, com significado determinado, temos:

20. Ele ama NÓS. / Ele ama A GENTE.

¹⁷ Serão feitas análises separadas para o significado determinado e para o significado indeterminado.

Consideramos que o objeto sem preposição é o nome (sintagma nominal) que poderia ser substituído pelo pronome oblíquo átono, desde que não possa ter preposição explícita.

Sabemos que o pronome NOS, dependendo do contexto, pode funcionar também como objeto com preposição, como é o caso do exemplo:

21. “Ele deu comida para A GENTE. / Ele deu-nos comida.”

Cabe ressaltar que, no contexto deste trabalho, esse exemplo não se aplica, pois consideramos somente exemplos em que o NOS funciona como objeto sem preposição.

Nesse sentido, é relevante destacar que, quando o NÓS está na função de objeto, como em “Deus ama NÓS”, parece haver certo estigma em relação a essa forma NÓS, pelo uso do pronome pessoal reto no lugar do pronome pessoal clítico. Já, em relação ao termo A GENTE, que só possui uma forma para todas as funções, esse estigma não parece ocorrer nessa mesma função.

Essa avaliação nos leva à hipótese de que o termo A GENTE como pronome é implementado mais rapidamente nas funções em que há duas formas NÓS para a 1ª Pessoa do Plural (NÓS e NOS). O uso de A GENTE em detrimento do NÓS nesses casos seria uma solução de esquiva ao estigma do uso do pronome do caso reto no lugar do clítico.

Em conformidade com Lopes (2004),

A introdução de a gente no sistema pronominal acarretou, por seu turno, um rearranjo no sistema pronominal tanto no subsistema de possessivos, quanto nos pronomes que exercem função de complementos diretos ou indiretos. Omena (2003:65) afirma que “a gente avançou mais em alguns contextos do que em outros”. Segundo a autora, (preposição + a gente = com a gente) tem emprego quase categórico entre as crianças no lugar de conosco. “Na função de complemento e de sujeito, com taxas diferentes entre crianças e adultos, a gente predomina” (LOPES, 2004, p. 67)

Para Duarte (2013),

[...] apenas a primeira pessoa do singular se mantém inalterada. A primeira do plural apresenta, na fala, preferencialmente o pronome **a gente** (OMENA, 1986; MENON, 1994, 1996; LOPES, 1999, 2003, entre muitos outros), tanto para o nominativo quanto para o acusativo (*ele viu a gente*), dativo (*ele deu o livro pra gente*), oblíquo (*ele vai com a gente*), enquanto as formas grifadas - o nominativo **nós**, o clítico **nos** e os oblíquos **nós**, **conosco** - (*ele nos viu*, *ele nos deu o livro*, *ele confia em nós*, *ele vai conosco*) ficam restritos à escrita ou à fala mais

conservadora (seja de indivíduos mais velhos seja em regiões mais isoladas), que ainda mantêm o pronome *nós* em variação com *a gente*. (DUARTE, 2013, p. 120)

Em outras funções, como complemento/adjunto adnominal, predicativo etc., as variantes ocorrem em pouquíssimos casos nos dados aqui pesquisados. Por isso, esses casos não serão aqui tratados por nós. Retomamos, então, a hipótese 2 que considerou o fato de que o A GENTE, tanto determinado quando indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição, e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição parece apresentar algum estigma social. Poderíamos acrescentar, ainda, que, no caso do objeto com preposição COM NÓS ~ CONOSCO ~ COM A GENTE, a forma COM A GENTE deve progredir mais rapidamente também devido ao provável estigma da forma COM NÓS.

4.1.3 Faixa Etária e Gênero/Sexo

De acordo com Oliveira (2006, p. 54), “Desde os primeiros estudos variacionistas, o gênero/sexo e a faixa etária têm sido considerados como fatores importantes na seleção de formas componentes de variáveis linguísticas.”

Na análise, observamos os grupos de fatores faixa etária e gênero/sexo.

Labov ([1972] 2008), em um estudo sociolinguístico, observa o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias:

Pode-se argumentar de imediato que não observamos, literalmente, a mudança “em andamento”. Na maioria dos estudos a serem relatados aqui, o investigador observou a distribuição no *tempo aparente* — ou seja, o comportamento diferenciado dos falantes em várias faixas etárias. Distinguímos esse comportamento da gradação etária regular e repetida pela obtenção de uma medida em algum ponto contrastante no tempo real (LABOV, [1972]2008, p. 318).

Nas palavras de Tarallo (2007), deve-se verificar o fator idade:

Feita a análise dos fatores condicionadores internos, você deverá correlacionar as variantes ao fator idade. A relação de estabilidade das variantes (a situação de contemporização) avultará, se entre a regra variável e a faixa etária dos informantes não houver qualquer tipo de correlação. Se, por outro lado, o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes, você terá presenciado uma situação de mudança em progresso [...] (TARALLO, 2007, p. 65)

Nas palavras de Labov ([1972] 2008),

Podemos apontar comportamento semelhante na evolução do inglês da cidade de Nova York, e aqui o padrão de diferenças entre os sexos é

ainda mais notável. Caso após caso, descobrimos que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada. (LABOV, [1972]2008, p. 346)

Assim, foi feita uma análise objetivando verificar se o grupo de fator faixa etária favorece, ou não, o uso de uma ou de outra forma em cada contexto, para cada significado. Buscamos, com isso, verificar se há indícios de mudança em progresso.

Se compararmos, em uma comunidade de fala, duas ou mais variantes de uma variável, considerando o gênero/sexo do falante, conseguimos ter alguns indícios da possibilidade de haver, naquele espaço, avaliação social de prestígio, ou de estigma, e perceber qual (is) variante (s) é (são) prestigiada (s) e qual(is) variante(s) é (são) estigmatizada (s) pelos falantes daquele local. Se, ao compararmos o uso de duas ou mais variantes, percebemos que uma delas tem sido significativamente mais usada pelas mulheres do que pelos homens, pode-se levantar a hipótese de que a forma preferida pelas mulheres é a variante não estigmatizada.

Nas palavras de Paiva (2015),

Homens e mulheres falam diferentemente? A pergunta pode parecer retórica, se considerarmos que qualquer observação superficial nos permite constatar que diferenças de timbre e altura determinam especificidades da voz feminina e da voz masculina. Homens possuem voz mais grave e mais baixa; mulheres possuem voz mais aguda e uma oitava mais alta que a voz masculina. Embora essas diferenças possam ser interessantes do ponto de vista fisiológico, não constituem o centro de interesse da Sociolinguística. [...]

As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente, ao desaparecimento. O que não impede, entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões como “ não fica bem para uma garota falar dessa forma”. (PAIVA, 2015, p.33)

Ao entrar em uma comunidade de fala, a nova forma linguística, a inovadora, pode receber avaliação social positiva ou negativa ou ser uma forma neutra. De acordo com Labov ([1972] 2008), se essa variante inovadora recebe uma avaliação negativa (estigma), as mulheres tendem a recusá-la, fazendo maior uso da forma variante não estigmatizada. Se a nova forma, no entanto, for prestigiada, ou não houver estigma a ela atribuído, as mulheres tendem a alavancar o seu uso. Assim, podemos dizer que, segundo a teoria laboviana, no caso do uso de formas estigmatizadas, as mulheres são mais

conservadoras do que os homens; enquanto, no caso do uso de formas com a avaliação de prestígio ou neutra, elas estão à frente deles no processo de mudança linguística.

Em conformidade com Paiva (2015),

Uma outra questão relevante para o sociolinguista se refere ao papel da variável gênero/sexo na mudança linguística. Essa variável pode atuar como um vetor de propulsão ou retenção de processos que implementam uma nova variante no sistema? Quanto a esse aspecto, resultados obtidos a partir do estudo de uma vasta gama de fenômenos ainda não podem ser tomados como conclusivos, pois indicam direções contraditórias. Não raro, as mulheres tendem a liderar processos de mudança linguística, estando, muitas vezes, uma geração à frente dos homens. Tal tendência delinea-se, por exemplo, no estudo de Labov (1966), sobre o inglês de Nova York. O autor constata que a pronúncia retroflexa do [r] pós - vocálico (em *card*, por exemplo), forma inovadora, tende a ocorrer mais frequentemente na fala das mulheres do que na fala dos homens. (PAIVA, 2015, p. 36)

Tarallo (2007, p. 63) afirma que “Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação!”

Segundo Nascimento (2013, p. 51), estudos realizados por “Omena (1986) e Lopes (1993) mostraram que a substituição de NÓS por A GENTE está acontecendo em todas as faixas etárias, embora tenha sido evidenciada uma maior frequência no grupo mais jovem.”

Em consonância com Mattos (2013), em sua tese intitulada *Goiás na primeira pessoa do plural*, é importante destacar as contribuições da análise linguística em tempo aparente:

Sem dúvida, a análise em tempo aparente, realizada por meio de coleta e análise de dados relativos a diversos extratos etários, como jovens, adultos e idosos, possibilita importantes correlações entre os fatores linguísticos internos às variantes do fator idade, e inferências possíveis quanto ao processo ou não de mudança linguística em curso. As conclusões a esse respeito se baseiam no pressuposto de que se jovens, representando o futuro da língua, utilizam mais intensamente a variante inovadora, comparativamente aos outros segmentos etários, então podemos estar diante de uma situação de mudança em progresso. (MATTOS, 2013, p. 64)

Weinreich; Labov e Herzog (2006, p. 139) afirmam que “ a mudança é entendida como uma consequência inevitável da dinâmica interna das línguas naturais”. [...] Os

referidos autores retomam os termos de Chambers¹⁸ (1995, p. 349 *apud* WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006, p.139) dizendo que “a mudança é um tipo de variação linguística com propriedades sociais particulares.” Nessa perspectiva, para que haja mudança, é necessário que, em um dado período, uma variável tenha sofrido algum tipo de modificação ou variação. Todavia, o fato de existir mais de uma forma com o mesmo valor de verdade, não significa que houve, há ou haverá necessariamente mudança. A partir dessa ótica da variação linguística, torna-se possível compreender, bem como refletir sobre o processo de mudança. Nesse sentido, podemos dizer que fenômenos de variação podem passar por longos períodos de estabilidade ou ser resolvidos ao longo do tempo.

Segundo Vianna (2011):

De maneira geral, as pesquisas destacam que o fenômeno de variação entre *nós* e *a gente*, na variedade brasileira, pode ser caracterizado como um processo de mudança linguística em curso, a partir do qual, gradativamente, a forma inovadora vai ocupando os espaços da forma mais antiga. Nesse processo de difusão e implementação de *a gente* na língua oral do PB, atuam de maneira decisiva dois importantes fatores: a preferência crescente dada ao pronome entre as faixas etárias mais jovens (Seara, 2000; Maia, 2003; Omena, 2003; Zilles, 2002; 2005; entre outros) e o fato de não haver estigma associado ao uso da forma no desempenho oral dos falantes, mesmo entre os considerados cultos. (VIANNA, 2011, p. 1)

De acordo com Paiva (2015),

Qualquer explicação das diferenças linguísticas entre homens e mulheres deve ser relativizada em função do grupo social considerado. A coatuação das variáveis gênero/sexo e classe social é uma indicação possível de que, nas classes intermediárias, a divisão de papéis pode ser mais rígida do que nas classes trabalhadoras. A depender da sociedade considerada, é frequente, por exemplo, que as mulheres, muito mais do que os homens, assumam a direção familiar e ampliem sua rede de contato sociais. De forma semelhante, a coatuação entre gênero/sexo e idade pode ser tomada como um indicador da diluição das fronteiras nítidas entre papéis femininos e papéis masculinos nas faixas etárias mais jovens da população. (PAIVA, 2015, p. 41)

Segundo Labov ([1972] 2008),

[...] Os membros mais velhos da classe média alta tenderiam a conservar suas formas de prestígio mais antigas, consolidadas relativamente cedo em seu desenvolvimento, enquanto os membros mais jovens exibiriam a adoção da forma de prestígio mais nova. Quando consideramos o grupo de *status* imediatamente inferior, em geral a classe média baixa, prevalece a situação inversa. A grande

¹⁸ CHAMBERS, J. K. *Sociolinguistic theory*. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

insegurança linguística desses falantes levaria à flutuação em suas normas para contextos formais, e até mesmo na meia-idade eles tendem a adotar os marcadores de prestígio mais recentes dos falantes mais jovens da classe média alta. Com isso, eles ultrapassariam os membros mais jovens de seu próprio grupo social, os quais não teriam tido uma exposição tão ampla à estrutura da estratificação social e suas consequências. (LABOV, [1972] 2008, p.164)

Labov ([1972] 2008, p. 215) afirma que a língua é “uma forma de comportamento social, usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros”. A sociolinguística tem por finalidade descrever a língua em seu uso real, buscando identificar padrões sistemáticos de variação, o que permite fazer julgamentos dos usos da língua dentro da comunidade de fala.

Considerando o que foi mencionado, vamos analisar aspectos relacionados à faixa etária e ao gênero/sexo, buscando indícios de mudança em progresso nas comunidades em questão. Avaliamos que, se os mais jovens estiverem utilizando a variante inovadora A GENTE, isso será um indício de progressão dessa variante. Avaliamos também que, se as mulheres estiverem usando mais A GENTE, isso é indício de que essa variante não apresenta estigma muito evidente.

4.1.4 Comunidades de Fala

A Sociolinguística propõe, principalmente, um estudo do componente social na análise linguística e a noção de língua como sistema heterogêneo. Assim, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da mudança linguística dentro do contexto social da comunidade de fala.

A língua não é propriedade do indivíduo, mas da comunidade. Labov ([1972] 2008) acredita que fazer linguística é estudar empiricamente a comunidade de fala.

Na concepção de Labov ([1972] 2008),

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, [1972] 2008, p.150)

Coelho *et al.* (2015) retomam a definição apresentada por Labov acerca da comunidade de fala:

Uma comunidade de fala não é apenas um grupo de falantes que usa as mesmas formas da língua, mas um grupo de falantes que, além disso,

compartilha as mesmas normas a respeito do uso dessa língua - o que pode ser observado tanto em "comportamentos avaliativos explícitos" como "pela uniformidade de padrões abstratos de variação." (COELHO *et al.*, 2015, p. 67-68)

Em consonância com Labov ([1972] 2008):

Os métodos de análise quantitativa foram aplicados ao problema de descrever a estrutura fonológica da comunidade em seu conjunto, enquanto oposta à fala dos indivíduos. De fato, descobriu-se que a fala da maioria dos indivíduos não formava um sistema coerente e racional, sendo marcada por numerosas oscilações, contradições e alternâncias, inexplicáveis em termos de um único idioleto. [...]

Mas quando a fala de qualquer pessoa em qualquer contexto dado foi comparada com o padrão geral da variação social e estilística da comunidade, seu comportamento linguístico se apresentou como altamente determinado e altamente estruturado. (LABOV, [1972] 2008, p. 153)

A partir da pesquisa feita na comunidade de fala de Martha's Vineyard, Labov apresentou resultados que revelam uma tendência dos moradores dessa ilha em centralizar a primeira vogal dos ditongos investigados, diferentemente da pronúncia padrão da Nova Inglaterra (região nordeste dos Estados Unidos), onde se localiza o estado de Massachusetts.

Labov ([1972] 2008) afirmou que é necessário determinar qual estrutura social corresponde à dada estrutura linguística e como mudanças na estrutura social se traduzem em mudanças na estrutura linguística. No caso de sua pesquisa em Martha's Vineyard, por exemplo, Labov observou que a comunidade sofreu influências sociais dramáticas provocadas por veranistas do continente e que os habitantes "nativos", ressentindo-se de tal invasão cultural e econômica, marcavam a pronúncia dos ditongos como forma de demarcar seu espaço, sua identidade, sua cultura, seu perfil de comunidade e de grupo social, e concluiu que o estilo articulatorio seria objeto de avaliação social. Assim, é possível constatar que, variáveis linguísticas particulares poderiam ser afetadas pela tendência geral rumo ao favorecimento de uma postura articulatória, sob a influência das forças sociais.

Comparando-se o uso de duas ou mais variantes, por exemplo, podemos perceber que uma delas é significativamente mais usada pelas mulheres do que pelos homens, pode-se, então, levantar a hipótese de que a forma preferida pelas mulheres é variante não estigmatizada. No entanto, somente é possível confirmar com mais certeza a hipótese levantada quando aplicamos testes de avaliação da variável.

Segundo Zilles (2007),

Um procedimento para verificar se uma forma linguística tem prestígio social é observar ou mesmo solicitar às pessoas das comunidades estudadas que expressem seu julgamento sobre tal emprego. Outra, menos explorada, até agora, em relação ao uso de *a gente*, é observar seu emprego na escrita. No caso de uma mudança em andamento, são valiosos os registros que caracterizam quem usa a forma inovadora, em que contextos, em que gêneros textuais, para que leitores, com que finalidade, entre tantas outras questões que, se respondidas amplamente, revelariam melhor a avaliação social em jogo. (ZILLES, 2007, p. 38)

Além do conceito de comunidade de fala, existem pesquisadores que trabalham com outros conceitos relacionados ao *locus* dos fenômenos linguísticos investigados. Coelho *et al.* (2015) situa seus falantes em **redes sociais**:

– redes de relacionamento dos indivíduos estabelecidas na vida cotidiana, que variam de um indivíduo para outro e são constituídas por ligações de diferentes tipos, envolvendo graus de parentesco, amizade, ocupação (ambiente de trabalho) etc. Quanto maior o número de pessoas que se conhecem umas às outras numa certa rede, mais alta será a **densidade** dessa rede.

Uma análise sociolinguística baseada em redes sociais procura captar a dinâmica dos comportamentos interacionais dos falantes e possibilita o estudo de pequenos grupos sociais, como grupos étnicos minoritários, migrantes, populações rurais etc., favorecendo a identificação das dinâmicas sociais que motivam a mudança linguística. (COELHO *et al.*, 2015, p. 68)

Assim, o uso do conceito de redes sociais (MILROY, 1987) para a análise da diversidade linguística baseia-se no fato de que as diferenças nas redes sociais podem explicar o incremento de diferenças linguísticas. Nesse sentido, torna-se possível discutir as relações entre os laços sociais existentes nas comunidades de fala e sua atuação nos processos de variação e mudanças linguísticas.

Coelho *et al.* (2015) mencionam ainda, brevemente, a noção de **comunidades de prática** como *locus* dos fenômenos linguísticos:

Essa noção diz respeito a práticas sociais compartilhadas por indivíduos que se reúnem regularmente em torno de uma meta comum, e envolvem desde crenças e valores até formas de realizar certas atividades e de falar. Podem ser caracterizadas como comunidades de prática, reuniões de pais e professores, rotinas familiares e escolares, comunidades de *hackers*, entrevistas médicas, comunidades de pescadores etc. (COELHO *et al.*, 2015, p. 69)

Segundo Coelho *et al.* (2015),

Nota-se, portanto, que o sociolinguista pode situar seu estudo em domínios diversos. A depender de seu objeto e de seus interesses de pesquisa, ele pode considerar a atuação da língua em uma comunidade de fala, em redes sociais ou em comunidades de prática. Essas opções não são mutuamente excludentes: o mesmo fenômeno pode ser analisado, num primeiro momento, sob a ótica da comunidade de fala, que permite um olhar mais amplo e panorâmico sobre o objeto, e, no momento posterior, ser analisado em redes sociais e/ou comunidades de prática, permitindo uma visão mais detalhada, mais "micro" do fenômeno. Apesar de terem características diferentes e de configurarem pesquisas com feições específicas, o que une todas essas abordagens é o foco na língua em seu contexto social – e não individual. (COELHO *et al.*, 2015, p. 70)

No estudo de três comunidades operárias de Belfast, Milroy (1987) mostra que as propriedades que caracterizam a rede social de um indivíduo influenciam sua performance linguística. A autora também afirma que as redes sociais mais densas – aquelas em que todos os membros se inter-relacionam intensamente e interagem uns com os outros numa diversidade de situações – constituem um mecanismo poderoso de “normativização”. Tal mecanismo acaba desempenhando papel decisivo na homogeneização de crenças e práticas sociais dentro do grupo, o que inclui as práticas linguísticas.

Os laços de uma rede social podem ser caracterizados como fortes ou fracos. Os laços fortes são aqueles estabelecidos nos vínculos sociais com parentes, vizinhos e amigos, através de elevado grau de intimidade, cujo contato é contínuo e rotineiro. Já os laços fracos são decorrentes de atividades variadas, como as profissionais, com menor intensidade e sem vínculos extremos. Esses dois laços permitem a distinção entre redes de primeira e de segunda ordem: constituem redes de primeira ordem as formadas pela família e por amigos e de segunda ordem as compostas por pessoas com as quais o indivíduo passa uma boa parte do tempo, mas não confiando a elas segredos, conselhos etc.

Nesse contexto, pode-se inferir que a soma dos laços constitui a tessitura da rede social, a qual, nos aspectos estruturais estabelecidos por Milroy (1987), envolve a densidade e a plexidade. A densidade (frouxa ou densa) está relacionada ao número de ligações entre os indivíduos de um grupo, enquanto a plexidade (multiplexa ou uniplexa) está na capacidade dessas ligações.

Nessa perspectiva, para a caracterização das comunidades em estudo, serão considerados os conceitos de redes sociais apresentados por Milroy (1987). As comunidades de fala em questão foram analisadas considerando-se os aspectos das suas redes sociais. Temos a hipótese de que a implementação do processo de gramaticalização de A GENTE está relacionada a aspectos das redes sociais. Comunidades com redes sociais mais fechadas, mais densas e multiplexas, mais conservadoras, estariam em estágios menos avançados no processo de mudança envolvendo A GENTE.

As comunidades de fala contempladas nesta pesquisa estão nas cidades de Itaúna, localizada no Centro-Oeste de Minas Gerais, na cidade de Piranga, localizada na Zona da Mata, ambas pertencentes ao falar mineiro, e também na cidade de Machacalis, também em Minas Gerais, localizada no Vale do Mucuri, área pertencente ao falar baiano. Essas classificações estão em consonância com Zágari (1998), que propõe a divisão do estado em três falares: mineiro, baiano e paulista. Nesta pesquisa, estamos estudando dois dos três falares propostos por Zágari (1998).

Como propusemos realizar uma análise sociolinguística das cidades de Itaúna/MG, de Machacalis/MG e de Piranga/MG, apresentamos a seguir de forma concisa algumas informações relevantes acerca dessas cidades.

4.1.4.1 A Comunidade de Fala: Itaúna/MG

O município de Itaúna possui uma área total de 495,769 Km², está localizado na macrorregião do Centro-Oeste de Minas Gerais e na microrregião de Divinópolis à distância de 96 Km de Belo Horizonte. No ano de 2010, segundo os dados do censo demográfico do IBGE, Itaúna possuía 85.463 habitantes, sendo a população urbana correspondente a 94,13% do total populacional.

Abaixo a localização do município em Minas Gerais e, em seguida, o mapa da cidade.

FIGURA 1 – Localização do Município de Itaúna



Fonte: WIKIMEDIA.¹⁹

De acordo com Simião (2016),

Na cidade acontecem festas populares tradicionais, como a de Nossa Senhora de Santana e o tradicional carnaval itaunense. Os pontos turísticos mais famosos do local são a Gruta de Nossa Senhora de Itaúna, o Museu Municipal, a Barragem do Benfica, a Igreja do Bonfim e a Igreja do Rosário e a Usina do Caixão. É bastante comum também os turistas se interessarem pelas cachoeiras e pelas estâncias minerais que cercam a cidade. (SIMIÃO, 2016, p. 31)

Inicialmente, os habitantes de Itaúna eram distribuídos entre portugueses, seus descendentes e escravos. Em conformidade com as informações apresentadas por Matos (2012), a formação das primeiras grandes famílias do município de Itaúna teve influência portuguesa:

Custódio Coelho Duarte, português, casou-se com sua prima Angélica Nogueira Duarte. O pai desta, João Nogueira Duarte, casou-se com Clara Maria Assunção. Uma filha de Custódio e de Angélica, Umbelina Nogueira Duarte, casou-se com Manoel Ribeiro de Camargos, dando origem aos Nogueira, Nogueira Machado e Soares Nogueira. Manoel Nogueira Penido, casado com Luíza Rodrigues de Sousa, da "Vila dos Penidos", em Portugal, é o responsável pelos Nogueira Penido de Itaúna. (MATOS, 2012, p. 03)

¹⁹Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Itauna.svg> Acesso em: 20 fev. 2018.

De acordo com as informações trazidas pelo documento Itaúna em Dados²⁰, o povoamento do município citado se iniciou no século XVIII, com a chegada de três jovens portugueses: Tomás Teixeira, Manoel Neto de Melo e o sargento-mor Gabriel de Silva Pereira. Este último possuidor de escravos e sesmeiro é considerado o fundador da cidade, pois abriu caminho a partir de Bonfim até Pitangui, ao longo do rio São João pela margem direita e ao passar para a esquerda se iniciou a povoação.

A emancipação como cidade, sob o nome de Itaúna²¹, ocorreu em fevereiro de 1877, mas não foi reconhecido de imediato pela Assembleia Provincial. Somente em 14 de junho de 1901, com a alteração na Lei nº319, foi legitimada a emancipação do município de Itaúna, separando-o, assim, de Pará de Minas. No entanto, Itaúna foi emancipada como vila, e só em 24 de janeiro de 1925 a vila foi elevada à categoria de cidade. Segundo Matos (2012), a demora na emancipação de Itaúna fez com que a cidade pertencesse à administração de outros municípios, a saber: Sabará, em 1711; Pitangui, em 1715; em 1850 e em 1872; Pará de Minas, em 1848, em 1858 e em 1874; até conquistar sua autonomia.

De acordo com o IBGE (2017)²², a estimativa da população itaunense é de 92.696 habitantes, o que mostra um constante crescimento populacional da cidade, se considerarmos os números do censo de 2010.

Itaúna obteve 0,758 de IDH, conforme IBGE (2010). A partir de dados fornecidos pela prefeitura municipal, ficou evidente que a economia da cidade é extremamente forte, o que corroboramos na citação a seguir:

O setor econômico local também é bastante fortalecido. O CDE (Centro de Desenvolvimento Empresarial) congrega as principais entidades ligadas ao comércio e à siderurgia do município. Dentre as principais empresas estão a Belgo Mineira Bekaert, Santanense (Grupo Coteminas), Ergom/Magneti Marelli, Água Mineral Viva, Saint-Gobain, dentre outros setores. (Disponível em <http://www.imp.mg.gov.br/Conhe%C3%A7a+Ita%C3%BAna/id/76>, acesso em 22 de fev. 2015, às 15 horas.)²³

²⁰É um documento elaborado por Ângelo Braz de Matos (MATOS, 2012). Disponível em <<http://www.itauna.mg.gov.br/site/municipio/itauna-em-dados>>, acesso em: 22 fev. 2015, às 11 horas.

²¹ De acordo com o Dicionário Tupi-Guarani (2016): “pedra preta (ita = pedra; una = preta, negra) ” Disponível em <<https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/itauna/>>, acesso em 23 de fev. 2016, às 13 horas.

²² Pesquisa feita pelo IBGE para o Diário Oficial da União. Disponível em <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2017/estimativa_dou.shtm>, acesso em 24 de fev. 2017, às 8 horas.

²³Disponível em <<http://www.imp.mg.gov.br/Conhe%C3%A7a+Ita%C3%BAna/id/76>>, acesso em 22 de fev. 2015, às 15 horas.

Conforme o site do município²⁴, Itaúna nos dias atuais é referência em educação, cultura e lazer. A Universidade de Itaúna conta com três *campi* – em Itaúna, Almenara e Lagoa da Prata, contendo dezessete cursos de bacharelado, três cursos de licenciatura, um curso tecnólogo e pós-graduação *Stricto Sensu* e *Lato Sensu* em Direito e Odontologia, respectivamente. O estabelecimento está entre as melhores escolas privadas de ensino superior do país, tendo os cursos de Medicina e Educação Física como referência, com boa avaliação pelo Ministério da Educação (MEC). A título de exemplo, no ano de 1975, foi concedido ao município o nome de “Cidade Educativa do Mundo”, qualificação conferida pela UNESCO, segundo o site do município.

Tendo em vista que a rede social em Itaúna é considerada mais aberta do que de Machacalis e Piranga, interessa-nos seu estudo, pois estamos buscando a comparação da implementação de A GENTE pronominal em comunidades de fala diversas. Por essa razão, torna-se importante retomar as palavras de Simião (2016):

Sendo as pequenas comunidades de fala caracterizadas pelas redes densas e multiplexas, são as grandes cidades, as metrópoles e os grandes pólos industriais e universitários que constituem as comunidades de fala em que a mudança implementa-se mais facilmente. Nesses locais, os círculos sociais não são tão bem definidos e os diferentes e numerosos espaços de convívio social são frequentados por diferentes pessoas – rede social mais frouxa. (SIMIÃO, 2016, p.22)

4.1.4.2 A Comunidade de Fala: Machacalis/MG

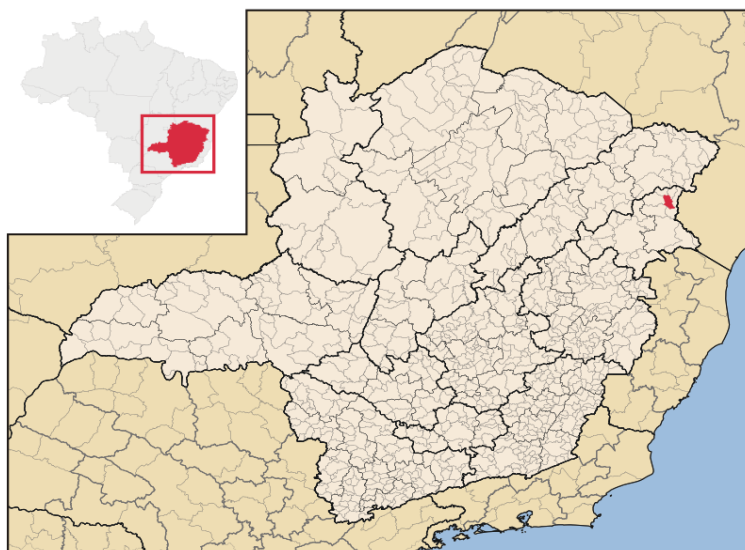
Em consonância com as informações apresentadas pelo IBGE no censo de 2010, a população de Machacalis é de aproximadamente 6.976 habitantes, com estimativa de 7.237 para o ano de 2017. O IDH do município de acordo com o censo de 2010 é de 0,640. Pertence à microrregião de Nanuque, à mesorregião do Vale do Mucuri e à macrorregião do Jequitinhonha/Mucuri, de acordo com a ALMG (2017)²⁵. A cidade está situada a 645 km de Belo Horizonte, com uma área de 330, 8 km² em terras de relevo ondulado, tendo como municípios limítrofes: Águas Formosas, Fronteira dos Vales, Santa Helena de Minas, Bertópolis, Umburatiba, Crisólita.

A seguir, a localização e o mapa da cidade de Machacalis em Minas Gerais.

²⁴ Disponível em <<http://www.itauna.mg.gov.br/site/municipio/informacoes-gerais>>, acesso em 23 de fev. 2015, às 18 horas.

²⁵ ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS - ALMG. Disponível em <https://www.almg.gov.br/consulte/info_sobre_minas>, acesso em de 20 jun. de 2017, às 20 horas.

FIGURA 2 – Localização do Município de Machacalis



Fonte: WIKIMEDIA²⁶

De acordo com Almeida (2008),

Atualmente, o município de Machacalis/MG vive da pecuária de corte e leite, com algumas poucas áreas servindo para o desenvolvimento da agricultura. A recuperação econômica do município se deve, principalmente, a abertura e conservação das estradas, a instalação da indústria Barbosa & Marques, possibilitando o total aproveitamento da produção leiteira. A cidade conta ainda com uma indústria de café. A monocultura do eucalipto tende a se alastrar devido à quantidade de água no subsolo. Machacalis é uma das regiões mais ricas em água doce da região do Vale do Mucuri. É importante ressaltar que o acesso à cidade de Machacalis ainda é feito, por uma grande extensão, em estradas de terra. (ALMEIDA, 2008, p. 61)

Almeida (2008, p. 63) afirma que “ o povoamento de Machacalis teve início no século XX, em decorrência da seca e da miséria no sertão da Caatinga baiana e nas cidades do Vale do Jequitinhonha”.

Gazel²⁷ (2007, p. 30 *apud* ALMEIDA, 2008, p.63) ressaltou que,

Machacalis, com o nome anterior de São Sebastião do Norte, surge bem no início do século passado. Inúmeras famílias vitimadas pela seca e pelas consequências da Primeira Grande Guerra (fome, hanseníase, difteria, coqueluche, gripe espanhola, perseguição política e outros tantos desafios) resolvem migrar do sertão da caatinga baiana (Condeúba) e de cidades do Vale do Jequitinhonha para a área que fica entre os rios Alcobaça e Umburanas. Ambos os rios eram caudalosos e abundantes em peixes. Além disso, o clima da região era prodigioso e

²⁶Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Machacalis.svg>
Acesso em: 20 fev. 2018.

²⁷GAZEL, Pe. S. **Machacalis: Seu povo, sua história**. 2007. (Distribuição Própria)

muito próprio para o desenvolvimento da agricultura. Assim sendo, as famílias migrantes com as suas crianças contemplam a nova terra como um “oásis” verdejante e festivo, ao contrário de suas terras de origem vitimadas pelas constantes estiagens. (GAZEL, 2007, p. 30 *apud* ALMEIDA, 2008, p.63)

A existência de índios é antiga, o que pode ser comprovado nos relatos de alguns historiadores, conforme Santos²⁸ (1970, p.169 *apud* ALMEIDA, 2008, p. 63-64):

Antes mesmo, de começar o lugarejo, os índios Maxakali já compunham normalmente aquela paisagem, em suas andanças incessantes à procura de caça e pesca copiosas. Já não eram tão agressivos; apresentavam-se mais cordiais e facilmente sociáveis. Havia entre eles um elemento de ligação, o Sr. Joaquim Fernandes Martins, através do qual se entrosavam com Quartéis. O seu trabalho foi construtivo, contudo, parcialmente destruído pela corrupção do homem branco em fornecer bebidas alcoólicas ao aborígine, que se exasperava na sua atávica fúria selvagem, cometendo vandalismo ou perpetrando crimes na taba. (SANTOS, 1970, p. 169 *apud* ALMEIDA, 2008, p. 63-64)

De acordo com Almeida (2008), nas últimas décadas, graças à luta de entidades que trabalham pela autonomia dos povos indígenas, o Governo Federal fez a redemarcação das terras dos Maxakali, agregando dois territórios, nos quais eles vivem atualmente: Água Boa e Pradinho. No âmbito social, ocorreram grandes transformações na cidade em detrimento do loteamento da parte alta da área urbana, aumentando, desse modo, o número de residências e a extensão de seu território.

Segundo Almeida (2008),

Há 7 anos, as comunidades rurais dispõem de energia elétrica, o que permite aos moradores fazer uso de geladeiras, chuveiros, televisões, rádios e outros pequenos aparelhos eletrônicos. Não há linhas telefônicas disponíveis para a zona rural. Existem algumas escolas municipais de ensino fundamental na zona rural, porém os jovens cursam o ensino médio na zona urbana. (ALMEIDA, 2008, p. 62)

Com relação à educação no município, ainda em conformidade com Almeida (2008, p. 61), “Em 2005, foi instalado um campus da Instituição de Ensino Superior - UNIPAC em Machacalis, o que contribuiu para a diminuição do número de jovens que saem da cidade para estudar. ”

²⁸ SANTOS, P. R. S. **Pioneiros de Águas Formosas**: Relato Histórico do Desbravamento das Selvas do Pampa. Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1970.

Levando em conta as informações acerca do município de Machacalis, observamos que este possui uma rede mais fechada. Temos ainda a descrição apresentada por Silva (2014):

[...] Machacalis é uma cidade localizada no Vale do Mucuri e à época da coleta de dados não possuía estrada asfaltada (2006), fator que dificulta a mobilidade, causando um relativo isolamento da comunidade. [...] Sabemos que, em comunidades mais isoladas, os processos de mudança linguística ocorrem mais lentamente. [...] (SILVA, 2014, p. 84)

Machacalis possui assim uma rede social mais fechada (mais densa e multiplexa), sem indústrias, estradas precárias, localização distante da capital e, na época da coleta de dados, não havia uma cultura de ensino superior. Assim, é do nosso interesse o estudo dessa comunidade com o objetivo de compararmos seus dados com os de Itaúna, cuja rede social é considerada mais aberta. Cotejaremos os dados de Machacalis com os de Piranga, comunidade que descreveremos a seguir.

4.1.4.3 A Comunidade de Fala: Piranga/MG

Alguns historiadores afirmam que o povoamento do município de Piranga teve seu início em 1691. Denominada inicialmente Guarapiranga, Arraial de Nossa Senhora da Conceição do Guarapiranga, em homenagem à Virgem Maria, trazida ao Brasil pelos portugueses, e ao pássaro Guará, que habitava as margens do Rio Piranga.

Nas palavras de Dias (2014),

Piranga foi denominada primitivamente Guarapiranga, provavelmente, por referência à ave guará-piranga (em tupi, ave vermelha) de plumagem vermelha muito intensa, que era comum na região à época em que se iniciou a ocupação do município. (DIAS, 2014, p.77)

Segundo dados apresentados pelo IBGE em 2017, estimativa da população de Piranga é de aproximadamente 17918 habitantes. No censo de 2010, este número era de 17232 e o IDH de 0,600. Pertence à microrregião de Viçosa, à mesorregião da Zona da Mata e à macrorregião da Mata. A cidade está situada a 169 km de Belo Horizonte, com uma área de 658, 812 km², tendo como municípios limítrofes: Diogo de Vasconcelos, Mariana, Ouro Preto, Catas Altas da Noruega, Lamim, Senhora de Oliveira, Presidente Bernardes, Porto Firme, Guaraciaba.

A cidade de Piranga possui uma arquitetura colonial com tortuosas ruas históricas, tendo sua história baseada inicialmente na época do ciclo do ouro. Suas fazendas e igrejas centenárias destacam o belíssimo e peculiar acervo arquitetônico da cidade.

Em conformidade com Dias (2014),

Atualmente, a economia em Piranga se sustenta na atividade agropecuária e no comércio. A maioria da população vive na zona rural e, como não há Instituição de Ensino Superior, os jovens precisam sair da cidade para prosseguir os estudos. Muitos também saem da cidade em busca de empregos melhores. (DIAS, 2014, p.77)

A seguir, a localização e o mapa da cidade de Piranga em Minas Gerais.

FIGURA 3 – Localização do Município de Piranga



Fonte: WIKIMEDIA²⁹

Em consonância com o site da Prefeitura de Piranga³⁰, após os meados do século XVIII, com a decadência da exploração das minas, a região passou a se tornar agrícola, afetando Guarapiranga, que abastecia os demais territórios auríferos. A partir de 1953, a região do Guarapiranga foi marcadamente povoada.

Nas palavras de L.H. Oliveira (2006), no ano de 1704, foram descobertas as minas do Pinheiro, Bacalhau e Pirapitinga, as quais faziam parte da Freguesia de Guarapiranga, e que se tornaram atualmente distritos de Piranga conforme citação a seguir:

²⁹Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Piranga.svg> Acesso em: 20 julho. 2018, às 6 horas.

³⁰ Disponível em: < <http://www.piranga.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/historia/6502>> Acesso em 20 julho.2018, às 7 horas.

Nos anos de 1702 a 1704, o Coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, procurando ampliar os descobrimentos das minas, envia seus filhos e escravos na direção sul do Ribeirão do Carmo, no até então pouco conhecido sertão do Guarapiranga. Nesta diligência, seus filhos acabam descobrindo no ano de 1704, as minas do Pinheiro, Bacalhau e Pirapitinga, que como já informamos, pertenciam à freguesia de Guarapiranga, e que atualmente são distritos da cidade de Piranga. O interesse deste importante paulista pelas terras de Guarapiranga, não cessou com estas descobertas. Já no ano de 1711, este, expressa através de um pedido de concessão de sesmaria, o interesse de possuir novas terras nesta freguesia, o que pode explicar um certo destaque e importância desta, dentro das regiões das Minas. (OLIVEIRA, L.H., 2006, p. 31)

L.H. Oliveira (2006) ressalta que, com o crescimento do ciclo do ouro, os bandeirantes vão abandonando a escravização indígena, oportunizando, desse modo, o mercado de escravos africanos.

No entanto, à medida que se desenvolve a exploração do ouro, os bandeirantes vão abandonando a escravização indígena, que passa a ter um caráter meramente defensivo. Este abandono se deve em função da maior rentabilidade da atividade mineratória, fazendo com que os antigos bandeirantes ao invés de buscarem escravos em diligências pelas matas, recorressem ao mercado de escravos africanos. Cabe destacar a existência de um trânsito já mais consolidado à época do tráfico de escravos para as Minas Gerais, além de podermos destacar o papel do Rio de Janeiro como porto importante para a chegada de africanos, entre outras questões. [...] (OLIVEIRA, L.H., 2006, p. 36)

Nesse contexto, fica explícito que, durante a exploração da atividade mineradora, a escravização não só indígena, mas também africana fizeram parte da história de Piranga.

Leal (2015) descreve concisamente a economia da região de Guarapiranga, bem como a diminuição constante da presença da população africana no século XIX.

Em síntese, sobre a região de Guarapiranga no século XIX, pode-se destacar que se tratava de uma economia dinâmica, desvinculada de setores agroexportadores, com ampla e variada produção de gêneros alimentícios, destinada ao autoconsumo e aos mercados vicinais; destacam-se as pequenas escravarias, porém a propriedade escrava tendeu a se concentrar nas mãos dos grandes proprietários na segunda metade do século; forte presença de crioulos nas posses e de pardos na população livre; diminuição constante da presença africana, mesmo antes da proibição do tráfico atlântico (1850), resultando na “crioulização” das escravarias; considerável aumento da população livre frente à escrava, sendo a primeira formada, majoritariamente, por indivíduos livres de “cor”. (LEAL, 2015, p. 34)

A devoção à Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito são heranças da assiduidade negra na construção da cidade de Piranga, e até hoje são festejados em uma comemoração que reúne tradição, fé e cultura. Em conformidade com

o site da prefeitura, a Fundação Palmares reconhece duas comunidades que se definem como quilombolas, e há outras três em fase de reconhecimento.

De acordo com Simião (2016),

Piranga tem hoje bases econômicas centradas na agricultura e na agropecuária. Não há no município universidades ou grandes centros comerciais e industriais, como se observa em Itaúna. O município é hoje uma cidade interiorana, e grande parte do seu território é considerada área rural. (SIMIÃO, 2016, p.36)

Nessa perspectiva, constatamos que Piranga mantém as características socioeconômicas de uma região ruralizada, que sustenta uma economia mercantil de alimentos, diferentemente de Itaúna, que tem características preponderantemente urbanas.

Consideramos a rede social de Piranga mais fechada, assemelhando-se, desse modo, à de Machacalis. Segundo Simião (2016):

De acordo com a teoria das redes sociais, os espaços rurais e as pequenas cidades, ou cidades de interior, tendem a ser caracterizados pelas redes densas e multiplexas. As pessoas que se socializam nesses espaços são quase sempre as mesmas. Elas se encontram corriqueiramente nas igrejas, nos bares, nas ruas, etc. – o que mantém o vernáculo ali utilizado mais resistente à implementação das mudanças linguísticas. (SIMIÃO, 2016, p.22)

A seguir, veremos a seleção dos informantes e a coleta de dados.

4.2 Seleção dos Informantes e Coleta de Dados

Nesta pesquisa foi utilizada a técnica de entrevistas gravadas, dados do VARFON-Minas/CNPq. Trabalhamos aqui com uma amostra de 24 informantes no total selecionados por meio da técnica de amostragem aleatória, conforme foi definido por Tarallo (2007, p. 27). Consideramos a certeza de que todos os membros da comunidade tiveram a chance de ser entrevistados. Para a seleção desses informantes, foram observados o grupo de fator gênero/sexo (4 indivíduos do gênero/sexo masculino e 4 indivíduos do gênero/sexo feminino) e o grupo de fator faixa etária (4 jovens, de 15 a 24 anos e 4 adultos, de 30 a 60 anos) em cada cidade. Os fatores grupo social e a escolaridade foram controlados. Os informantes estão equitativamente distribuídos quanto ao gênero/sexo e à faixa etária. São 8 informantes em cada cidade e os dados foram coletados em 2004, em Itaúna; 2007 em Machacalis e em 2007 em Piranga.

A seguir, apresentamos um quadro com a relação dos 8 informantes selecionados das cidades de Itaúna, Machacalis e Piranga, com suas respectivas faixas etárias e códigos para sua identificação no decorrer desta pesquisa.

QUADRO 1 – Código dos Informantes por Cidade e Faixa Etária

CÓDIGO DOS INFORMANTES			
Itaúna	Machacalis	Piranga	Faixa etária
IMIJF15	KMJF	GPJF	Jovens de 15 a 24 anos
DMIJF16	JMJF	LPJF	
FHIJM16	SMJM	BPJM	
RHIJM17	MMJM	CPJM	
EMIAF39	CMAF	SPAF	Adultos de 30 a 60 anos
BMIAF40	GMAF	DPAF	
CHIAM33	JMAM	LPAM	
AHIAM34	AMAM	RPAM	

A primeira letra representa a identificação dos informantes de Machacalis e Piranga. No caso de Itaúna, as duas primeiras letras representam as iniciais dos informantes. Depois temos a inicial da cidade pesquisada: I=Itaúna, M=Machacalis e P=Piranga. A seguir temos as letras: J (jovem) e A (adulto), indicando a faixa etária. Na última posição temos as letras: F (feminino) e M (masculino), indicando o gênero/sexo. Salientamos que os números que acompanham a descrição dos informantes de Itaúna dizem respeito à idade.

Os critérios adotados para a escolha dos informantes foram ser pessoa nascida e moradora da cidade de Itaúna, de Machacalis ou de Piranga; ter o ensino médio completo e pertencer ao grupo social intermediário, controlando, dessa maneira, as variáveis sociais não estratificadas; ter boa dicção, já que o estudo das variáveis depende de uma boa qualidade sonora; estar disposta (o) a realizar entrevista gravada e a autorizar a gravação conforme Dias (2008, p. 77-78), Oliveira (2006, p. 42-44) e Almeida (2008, p. 65-66).

Todas as entrevistas gravadas têm duração de aproximadamente 60 minutos, sendo obtidas em conformidade com a metodologia empregada, usualmente, em estudo de caráter variacionista. Tais entrevistas foram norteadas pela abordagem de assuntos do cotidiano dos informantes, os quais tiveram suas predileções de tema respeitadas. As transcrições dessas entrevistas foram feitas de acordo com os padrões ortográficos da Língua Portuguesa. Nesse sentido, é importante ressaltar que as características da fala dos

informantes, como, por exemplo, a concordância e a regência nominais e verbais realizadas, foram respeitadas.

Para a realização do que foi proposto nesta tese, durante a coleta de dados, fizemos a descrição dos significados e das funções das formas pronominais NÓS e A GENTE. Os contextos em que não houve a possibilidade de variação segundo nosso julgamento foram excluídos da análise. O estudo estatístico das variantes na cidade de Itaúna, Machacalis e de Piranga foi realizado com base na metodologia da sociolinguística, considerando-se cada significado e cada função.

Foram aplicados testes de *qui-quadrado* para observar a significância dos dados. De acordo com Vitral; Viegas e Oliveira (2010),

O objetivo desse teste é verificar, enfim, se podemos afirmar que há diferença estatisticamente significativa. A partir do teste obteremos como resultado um valor de probabilidade (chamado p-valor). Em ciências sociais, convencionou-se o p-valor de 0,05 (chamado nível de significância) como limite para probabilidade de cometer tal erro. Valores abaixo de 0,05 são considerados estatisticamente significativos; valores acima de 0,05 não são estatisticamente significativos. (VITRAL; VIEGAS e OLIVEIRA, 2010, p. 215)

Consideramos, no decorrer da codificação dos dados, a separação dos casos invariáveis, os quais não entraram na análise. Casos como “A GENTE três vamos viajar”, quando há um quantificador, não ocorreram nos dados, variavelmente com “NÓS” três vamos viajar”. Não houve também a variação com o NÓS em frases como “A casa DA GENTE é esta aqui”, pois não ocorreu “A casa de NÓS é esta aqui” nos dados analisados. Ocorre aí o possessivo NOSSA variando com DA GENTE. Esses casos não foram aqui analisados.

5. ANÁLISE DOS DADOS

Propõe-se, aqui, realizar a análise dos dados coletados acerca da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito com significado determinado e na função de sujeito com significado indeterminado, bem como na função de objeto sem preposição e com preposição, com significado determinado e indeterminado, da cidade de Itaúna/MG, Machacalis/MG e Piranga/MG.

Antes de iniciarmos as análises, torna-se relevante retomar as hipóteses desta pesquisa:

A hipótese 1 é que A GENTE se encontra em mudança em progresso nas comunidades de fala, no significado indeterminado, estando esse à frente do significado determinado na implementação da mudança.

Na hipótese 2, consideramos que o A GENTE, tanto determinado quanto indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito por exemplo, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição provavelmente apresenta estigma.

A hipótese 3 é que a mudança se encontra em diferentes estágios de progressão nas comunidades pesquisadas, devido às diferenças nas redes sociais das mesmas. Haveria reação à mudança, maior em Machacalis e Piranga do que em Itaúna. Consideramos que Piranga, assim como Machacalis, possui uma rede social mais fechada do que Itaúna.

Não analisaremos concordância verbal relacionada a essas variantes porque são poucos casos de variação, assim como não vamos avaliar aspectos da concordância nominal pelo mesmo motivo.

5.1 Itaúna

5.1.1 Análise da Faixa Etária

TABELA 1 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Itaúna

SUJEITO - DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IMIJF15	6	0	EMIAF39	26	51
DMIJF16	6	4	BMIAF40	11	1
FHIJM16	31	1	CHIAM33	6	0
RHIJM17	34	23	AHIAM34	19	5
TOTAL:	77	28	TOTAL:	62	57
	73%	27%		52%	48%
TOTAL GERAL	139	85			
	62%	38%			
P-VALOR TOTAL			0,00108327		

Com base na análise dos dados da Tabela 1, observamos que, na fala dos itaunenses, é mais frequente o uso da variante A GENTE (62%).

Vejamos alguns dados.³¹

22. “[...] **nós** tivemos que saí correndo com ele pra aqui [...]” (BMIAF40 e sua família).
23. “[...] porque aqui em casa **nós** é muito amoroso com cachorro, [...]” (AHIAM34 e sua família).
24. “[...] aí na hora que **nós** estávamos voltando, [...]” (RHIJM17 e seu primo).
25. “[...] e **nós** fomos nos bairro tudo participando com isso, [...] (EMIAF39 e os moradores da cidade).
26. “[...] **nós** já denunciemos terça feira na câmara municipal, [...] (EMIAF39 e os moradores da cidade).
27. “[...] **A gente** ia muito pra clube [...]” (BMIAF40 e sua família).
28. “[...] quando **a gente** saiu para ir para casa dormir [...]” (DMIJF16 e seu amigo).

³¹ Todos os dados de sujeito determinado estão arrolados no Anexo 1.

29. “[...] porque na época **a gente** não sabia [...]” (FHIJM16 e os moradores da cidade).
30. “[...] **a gente** brincava ali [...]” (IMIJF15 e seus amigos).
31. “[...] de vez em quando **a gente** faz algum churrasquinho, [...] (CHIAM33 e seus amigos).

Para verificar se essa diferença de uso das variantes entre os jovens e adultos é estatisticamente significativa, foi calculado o p-valor no teste *qui-quadrado*. Como pudemos ver na Tabela 1, o p-valor é inferior a 0,05, o que mostra que a diferença de idade é significativa para a função gramatical de sujeito com significado determinado. Os jovens usam mais significativamente o A GENTE do que os adultos. Indícios de progressão da variante A GENTE.

Vamos ao significado indeterminado.

TABELA 2 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

SUJEITO– INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IM IJF15	0	0	EMIAF39	15	2
DM IJF16	7	0	BMIAF40	6	0
FHIJM16	8	0	CHIAM33	0	0
RH IJM17	1	1	AHIAM34	20	0
TOTAL:	16	1	TOTAL:	41	2
	94%	6%		95%	5%
TOTAL GERAL	57	3			
	95%	5%			
P-VALOR TOTAL			0,843687204		

Com relação à variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito com significado indeterminado, a Tabela 2 mostra que os falantes utilizaram mais A GENTE (95%). Como se observa, não há diferença entre jovens e adultos quanto ao uso das formas A GENTE e NÓS e ambos os grupos preferem falar A GENTE em vez de NÓS. Assim, com um índice tão alto, podemos dizer que a variante A GENTE já progrediu.

Vejamos alguns dados³²:

³² Todos os dados de sujeito indeterminado de Itaúna estão arrolados no Anexo 2.

32. “[...] **nós** tem esse mundo grande, planeta, de terra, [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).
33. “[...] um dia **a gente** vai, todo mundo que morreu vai encontrar. [...]” (BM IAF40 e as pessoas de modo geral).
34. “[...] ih **a gente** tem que aproveitar esses dias para pedir alguma coisa, agradecer [...]” (DMIJF16 e as pessoas de modo geral).
35. “[...] eu saio muito para receber, vou muito no banco, então eu morro de medo, mas é só Deus mesmo né? [...] **a gente** que trabalha.” (DMIJF16 e as pessoas de modo geral).
36. “[...] Porque hoje **a gente** vê muito hoje, antigamente, [...]” (FHIJM16 e as pessoas de modo geral).
37. “[...] eu acho que como **a gente** está vendo e vivendo agora, tem muita corrupção, [...]” (FHIJM16 e as pessoas de modo geral).
38. “[...] hoje **a gente** infelizmente não pode acredita em amizade mais, né? [...]” (AHIAM34 e as pessoas de modo geral).
39. “[...] infelizmente **a gente** que é jovem a gente acredita em todo mundo, mas eu fui até eu quebrar a cabeça. (AHIAM34 e as pessoas de modo geral).
40. “[...] **a gente** acredita em todo mundo, [...]” (AHIAM34 e as pessoas de modo geral).
41. “[...] **a gente** tem que fazer opção [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

A interpretação é de que a variante inovadora A GENTE já progrediu consideravelmente na cidade de Itaúna no contexto de sujeito com significado indeterminado. Com base nesses dados, observamos que tanto os adultos quanto os jovens utilizam mais A GENTE na posição de sujeito com significado indeterminado. Na Tabela 2, observamos que o resultado do teste de *qui-quadrado* apresenta p-valor superior a 0,05, revelando que a diferença relacionada à idade entre os falantes (jovens e adultos) não é estatisticamente significativa para explicar o uso de A GENTE e NÓS.

Assim, na função de sujeito, usa-se sempre mais A GENTE em Itaúna com significado determinado e com significado indeterminado e encontramos indícios de progressão do A GENTE com o significado determinado. No significado indeterminado a variante A GENTE já progrediu. Há indício de comprovação da hipótese 1 de que a

progressão da mudança se deu primeiro no significado indeterminado, já que a variante A GENTE se encontra bem implementada nesse significado na função de sujeito em toda a comunidade de Itaúna.

Vejamos a função de objeto³³ sem preposição.

TABELA 3 – Estudo da variação NÓS ~ GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IM IJF15	1	0	EM IAF39	5	2
DM IJF16	0	1	BMIAF40	1	0
FH IJM16	0	0	CH IAM33	2	0
RH IJM17	1	0	AH IAM34	2	0
TOTAL:	2	1	TOTAL:	10	2
	67%	33%		83%	17%
TOTAL GERAL	12	3			
	80%	20%			

São poucos dados. Temos aí o uso preponderante de A GENTE.

Vejamos os dados.

42. “[...] e ele briga ele xinga **nós** sabe, e nós xinga ele também. mas nós dois saiu na mesma semana, [...]” (EMIAF39 e o Luís)
43. “[...] mas depois o guarda foi e pegou **nós**, nós passou aperto, mas só que [...]” (DMIJF16 e seus colegas).
44. “[...] eles encobria **nós**, eles dava carona pra nós, [...]” (EMIAF39 e seus colegas).
45. “[...] já ia na prefeitura pedir patrocínio, prefeito com muito custo levava **a gente**, levou a gente para Pará-de-Minas uma vez, Belo Horizonte e Ouro Branco.” (CHIAM33 e os atletas da cidade).
46. “[...] muitas pessoas que financiou **a gente**, gente daqui e gente de fora [...]” (EMIAF39 e seus colegas).

³³ Optamos por não apresentar cálculo do p-valor em relação aos casos de objetos sem e com preposição no significado determinado e indeterminado, uma vez que ocorreram poucos casos. Tomamos como padrão não calcular o p-valor quando temos menos de 30 ocorrências no total geral.

47. "[...] ele era mais carinhoso, pegava **a gente** no colo [...]" (IMIJF15 e seus irmãos).
48. "[...] levou **a gente** para Pará-de-Minas uma vez [...]" (CHIAM33 e os atletas da cidade).
49. "[...] meu pai toda vida ensinou **a gente** a acordar cedo, que home tem que acordar é cedo, [...]" (AHIAM34 e seus irmãos).
50. "[...] ou tinha gente no poder que tinha dinheiro que ajudava **a gente**, sabe, eles não aparecia não mas eles falava vocês quer ir vocês vão dinheiro tá aqui, [...]" (EMIAF39 e seus colegas).
51. "[...] médicos, né, políticos, que patrocinou **a gente**. É, então eu participei muito em Belo Horizonte, do movimento estudantil [...]" (EMIAF39 e seus colegas).
52. "[...] o Ulisses Guimarães recebeu **a gente**, nós entregamos as nossas emenda de Itaúna, [...]" (EMIAF39 e seus colegas).
53. "[...] o Marcos Lima era deputado recebeu **a gente** lá." (EMIAF39 e seus colegas).
54. "[...] então é assim eles respeitando **a gente** eles podem viver do jeito que quiser, [...]" (BM IAF40 e os moradores da cidade).
55. "[...] então é assim tem umas coisa que por uma cidade do interior apesar que tá muito perto de Belo Horizonte, mas tá assustando **a gente** um pouco [...]" (AHIAM34 e os moradores da cidade).
56. "[...] Ele também foi doido, não é, de reagir, mas é, aí depois que eles acabaram de roubar **a gente** eles foram, . . . , não, eles começaram a picar muro [...]. ” (RHJIM17 e seu primo)

Diante dos exemplos apresentados, notamos que, apesar de o NÓS nessa posição não ser variante padrão, foi utilizado em alguns casos pelos falantes. Provavelmente o estigma da variante NÓS nessa função é mais um fator que vem levando o falante a substituir o NÓS por A GENTE, mas não foi determinante categoricamente.

Segundo Coelho (2006),

Nessa perspectiva, quando nos reportamos à mudança linguística, não nos referimos somente a uma substituição de uma variante por outra numa comunidade por inteiro. A mudança linguística deve também ser entendida como uma estratégia de afastamento, por parte do falante, de uma variante estigmatizada. (COELHO, 2006, p. 51)

Assim, a hipótese 2 aqui testada é de que o A GENTE estaria em progressão mais adiantada na função de objeto sem preposição do que na de sujeito, já que o NÓS nessa função parece carregar estigma devido à existência do padrão (NOS).

Segundo Omena (1986), as variantes NÓS e A GENTE ocorrem mais frequentemente na posição de sujeito do que na de objeto, “o que é uma característica dos pronomes pessoais, em geral, pois, envolvendo pessoas do discurso, os pronomes veiculam informações velhas que aparecem mais comumente na posição de sujeito” (OMENA, 1986, p. 288). Nos dados aqui analisados os pronomes ocorreram mais na função de sujeito, confirmando a observação de Omena (1986).

Ao comparar os percentuais gerais das Tabelas 1 e 3, percebemos que a implementação do A GENTE na função de objeto sem preposição no significado determinado é um pouco maior (80%) do que do A GENTE na função de sujeito com significado determinado (62%). Esse fato indica que essa variante se implementa primeiro ou mais rapidamente na função de objeto, o que favorece a hipótese 2.

Vejamos os casos de objeto sem preposição indeterminado.

TABELA 4 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IMIJF15	0	0	EMIAF39	2	0
DMIJF16	0	0	BMIAF40	0	0
FHIJM16	0	0	CHIAM33	0	0
RHIJM17	0	0	AHIAM34	0	0
TOTAL:	0	0	TOTAL:	2	0
	0%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	2	0			
	100%	0%			

Não há variação.

São poucos casos, mas observamos que os informantes usaram apenas a forma A GENTE para essa função com esse significado. Já mencionamos que comprovamos a hipótese 1 de que o A GENTE está sendo implementado mais rapidamente com o significado indeterminado. Se compararmos os percentuais gerais no uso da variante A GENTE temos 100% de A GENTE no objeto sem preposição no significado

indeterminado versus 80% no significado determinado. Assim, comprovamos mais uma vez a hipótese 1. Verificamos da hipótese 2 também indícios de maior índice de A GENTE de objeto sem preposição do que na função de sujeito indeterminado (95%).

Vejamos os dados:

57. “[...] tem muitas pessoas que pode ensinar **a gente** basta a gente querer aprender, [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

58. “[...] porque de fora o que ensina **a gente** é competição muito alta [...]” (EMIAF39 e as pessoas de modo geral).

Aproveitamos para reiterar que a hipótese 2 postula que a variante A GENTE, tanto determinado quando indeterminado, está progredindo mais rapidamente na função de objeto sem preposição, e tomando o lugar do NÓS, do que na função de sujeito, visto que o NÓS na função de objeto sem preposição parece apresentar algum estigma social por não ser variante padrão.

Optamos por incluir também na análise as realizações dessas variantes na função sintática de objeto com preposição para verificarmos qual é a realização das variantes quando precedidas da preposição “COM”. No caso do objeto com preposição COM NÓS ~ CONOSCO ~ COM A GENTE, a forma COM A GENTE deve por hipótese progredir mais rapidamente devido ao provável estigma da forma COM NÓS conforme mencionado no item 4.1.2.

A seguir, vejamos os dados da Tabela 5 acerca da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado na cidade de Itaúna.

TABELA 5 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna.

OBJETO COM PREPOSIÇÃO DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IMIJF 15	0	0	EMIAF39	1	3
DMIJF 16	0	0	BMIAF40	0	0
FHIJM 16	1	0	CHIAM33	0	0
RHIJM 17	1	0	AHIAM34	2	2
TOTAL	2	0	TOTAL	3	5
	100%	0		38%	62%
TOTAL GERAL	5	5			
	50%	50%			

Nesta função, com significado determinado há variação nos adultos, já os mais jovens apresentaram apenas a variante A GENTE. São poucos dados, mas há indícios de progressão do A GENTE. É o primeiro caso em que o NÓS tem um índice maior do que o A GENTE (adultos).

Vejamos os dados.

59. "[...] eles chamaram polícia **pra nós**, veio o pessoal de bom despacho [...]" (EMIAF39 e os moradores da cidade)
60. "[...] eles dava carona **pra nós**, né, às vezes a gente falava assim pode deixar, [...]" (EMIAF39 e mais quatro colegas do bairro)
61. "[...] meu pai sempre deu exemplo **pra nós**, né? Ele tinha aquele negócio só de olhar [...]" (AHIAM34 e seus irmãos)
62. "[...] e deu **nós** umas boas correçada [...]" (AHIAM34 e seus irmãos)³⁴
63. "[...] ele deu oportunidade **pra nós** também, entendeu, então a gente agradece, [...]" (EMIAF39 e o Luís)
64. "[...] e o senhor gritando lá falando que ia chamar a polícia **para a gente** e a gente criancinha e tal, [...]" (FHIJM16 e seu colega)
65. "[...] foi a única vez que meu pai bateu **na gente**, pegou eu e meu irmão mais velho do que eu, [...]" (AHIAM34 e seus irmãos)
66. "[...] ele tinha aquele negócio só de olhar **pra gente** a gente já sabia a notícia, [...]" (AHIAM34 e seus irmãos)
67. "[...] juntou 15 **na gente**, é, ainda bem que eles não estavam com arma [...]" (RHIJM17 e seu primo)
68. "[...] eles pagava ônibus **pra gente**, eles pagava comida, alimentação, [...]" (EMIAF39 e seus colegas)

Observamos que as preposições usadas são: PARA e EM, mas a variante NÓS só apareceu com a preposição explícita PARA.

³⁴ Apesar de a preposição não estar presente, vamos considerar a preposição implícita no exemplo 62.

Vejamos os dados do objeto com preposição indeterminado.

TABELA 6 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

OBJETO COM PREPOSIÇÃO INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
IMIJF 15	0	0	EMIAF39	1	0
DMIJF 16	2	0	BMIAF40	0	0
FHIJM 16	1	0	CHIAM33	0	0
RHIJM 17	1	0	AHIAM34	0	0
TOTAL	4	0	TOTAL	1	0
	100%	0		100%	0
TOTAL GERAL	5	0			
	100%	0%			

Não há variação.

Com base nos resultados apresentados na Tabela 6, observamos que são poucos os casos de objeto com preposição com significado indeterminado. O A GENTE é a única variante na função de objeto com preposição no significado indeterminado, assim como ocorreu com o objeto sem preposição indeterminado.

Vejamos os dados:

69. "[...] porque amigo que é amigo não oferece nada **pra gente**, eles pode fumar, ele pode fazer a deles lá, [...]" (DMIJF16 e as pessoas de modo geral)
70. "[...] que cuida **da gente** a vida inteira, [...]" (DMIJF16 e as pessoas de modo geral)
71. "[...] eles gostam de conversar **com a gente** mesmo. [...]" (FHIJM16 e as pessoas de modo geral)
72. "[...] tira uma experiência **pra gente** mesmo, né? [...]" (AHIAM34 e as pessoas de modo geral)
73. "[...] só que agora nós estamos criando ele online, **pra gente**, por pessoal né." (EMIAF39 e as pessoas de modo geral)

Aqui observamos as preposições PARA, DE e COM. Houve apenas a variante A GENTE.

Em Itaúna observamos que ocorreu apenas o uso de A GENTE com a preposição COM. Não ocorreu COM NÓS. Observamos que existe a forma padrão CONOSCO que

também não ocorreu. Assim, podemos concluir que provavelmente existe estigma em relação ao uso do COM junto à forma conservadora.

Em síntese, na função de objeto com preposição no significado determinado são poucos dados, mas há indícios de progressão do A GENTE. Em relação ao objeto com preposição no significado indeterminado, também são poucos casos e o A GENTE é a única variante nessa função.

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 2 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Itaúna

Faixa Etária - Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	Jovens usam significativamente mais A GENTE do que os adultos. Indícios de progressão do A GENTE.	Não tem diferença de faixa etária, sempre A GENTE em maior percentual. A GENTE já está bem implementado.
Objeto sem preposição	A GENTE parece estar mais bem implementado (80%) do que na função de sujeito (62%).	Não há variação. O A GENTE está tão bem implementado quanto na função de sujeito.
Objeto com preposição	São poucos dados, mas há indícios de progressão do A GENTE. Não ocorreu o uso da preposição COM.	Também são poucos casos. O A GENTE é a única variante nessa função. Observamos que junto à preposição COM só ocorre a variante A GENTE.

A partir dos dados apresentados no Quadro 2, ficou explícito que o A GENTE no significado indeterminado está bem implementado e, no determinado, há indícios de progressão. Na função de objeto sem preposição o A GENTE parece estar bem implementado. Em relação à função de objeto com preposição, observamos a ocorrência da preposição COM apenas no indeterminado e apenas com a variante A GENTE.

5.1.2 Análise do Gênero/Sexo

O gênero/sexo é considerado um aspecto de grande relevância na análise linguística. Na concepção de Labov ([1972] 2008) as mulheres são mais suscetíveis às normas linguísticas de prestígio:

[...] Não pode ser apenas a sua sensibilidade às formas de prestígio, já que isso explica somente metade do padrão. Podemos dizer que elas são mais sensíveis aos padrões de prestígio, mas por que, desde o início elas avançam mais rápido em primeiro lugar? Nossas respostas no momento não passam de especulações, mas é óbvio que tal comportamento das mulheres deve desempenhar um importante papel no mecanismo da mudança linguística. (LABOV, [1972] 2008, p. 347)

Vejamos os dados.

TABELA 7 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Itaúna

SUJEITO - DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM16	31	1	IMIJF15	6	0
RHIJM17	34	23	DMIJF16	6	4
CHIAM33	6	0	EMIAF39	26	51
AHIAM34	19	5	BMIAF40	11	1
TOTAL:	90	29	TOTAL:	49	56
	76%	24%		47%	53%
TOTAL GERAL	139	85			
	62%	38%			
P-VALOR TOTAL			0,0000082777		

Conforme os dados expressos na Tabela 7, o uso da variante A GENTE é predominante entre os homens, correspondendo a 76% das ocorrências. As mulheres falam mais o NÓS na função sintática de sujeito, com significado determinado, na cidade de Itaúna. Podemos hipotetizar que a forma pronominal A GENTE parece carregar algum estigma. Observamos isso quando comprovamos que em muitas gramáticas a forma A GENTE não é sequer mencionada.

Assim, como vimos no levantamento acerca do A GENTE nas gramáticas, não ocorreu um rearranjo no sistema pronominal, tendo em vista que o uso da variante inovadora ainda é restrito a contextos informais. Nesse sentido, a maioria das gramáticas mencionam o A GENTE pronominal na linguagem coloquial. Apesar de ser uma locução pronominal, o A GENTE ainda não substitui o NÓS na linguagem formal.

Verificamos na Tabela 7 que o p-valor é inferior a 0,05, revelando, desse modo, que a diferença de idade é significativa para a função gramatical de sujeito com significado determinado. Os homens usam mais significativamente o A GENTE do que as mulheres.

TABELA 8 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

SUJEITO– INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM16	8	0	IM IJF15	0	0
RH IJM17	1	1	DM IJF16	7	0
CHIAM33	0	0	EMIAF39	15	2
AHIAM34	20	0	BMIAF40	6	0
TOTAL:	29	1	TOTAL:	28	2
	97%	3%		93%	7%
TOTAL GERAL	57	3			
	95%	5%			
P-VALOR TOTAL			0,553616992		

Os dados da Tabela 8 demonstram que o uso de A GENTE é maior do que o uso de NÓS, no caso do sujeito indeterminado. Assim, observamos que A GENTE é sempre mais usado entre homens e mulheres. Aqui o possível estigma em relação ao A GENTE parece ter sido neutralizado.

Na Tabela 8, observamos que o resultado do teste de *qui-quadrado* apresenta p-valor superior a 0,05, indicando que a diferença relacionada ao gênero dos falantes (homens e mulheres) não é estatisticamente significativa para explicar o uso de A GENTE e NÓS.

TABELA 9 – Estudo da variação NÓS ~ GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM16	0	0	IMIJF15	1	0
RHIJM17	1	0	DMIJF16	0	1
CHIAM33	2	0	EMIAF39	5	2
AHIAM34	2	0	BMIAF40	1	0
TOTAL:	5	0	TOTAL:	7	3
	100%	0%		64%	36%
TOTAL GERAL	12	3			
	80%	20%			

Os dados revelam que o A GENTE tem uso preponderante entre homens e mulheres. Observamos que entre os homens não houve variação.

TABELA 10 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM16	0	0	IMIJF15	0	0
RHIJM17	0	0	DMIJF16	0	0
CHIAM33	0	0	EMIAF39	2	0
AHIAM34	0	0	BMIAF40	0	0
TOTAL:	0	0	TOTAL:	2	0
	0%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	2	0			
	100%	0%			

Os dados da Tabela 10 mostram apenas ocorrências de A GENTE no gênero feminino. Não houve variação. A variável não ocorreu entre os homens.

TABELA 11 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Itaúna.

OBJETO COM PREPOSIÇÃO DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM 16	1	0	IMIJF 15	0	0
RHIJM 17	1	0	DMIJF 16	0	0
CHIAM33	0	0	EMIAF39	1	3
AHIAM34	2	2	BMIAF40	0	0
TOTAL	4	2	TOTAL	1	3
	67%	33%		25%	75%
TOTAL GERAL	5	5			
	50%	50%			

Na interpretação dos resultados, constatamos que as realizações das mulheres mostram indícios do estigma de A GENTE com significado determinado. Além disso, observamos que os homens fazem maior uso da forma inovadora.

TABELA 12 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Itaúna

OBJETO COM PREPOSIÇÃO INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
FHIJM 16	1	0	IMIJF 15	0	0
RHIJM 17	1	0	DMIJF 16	2	0
CHIAM33	0	0	EMIAF39	1	0
AHIAM34	0	0	BMIAF40	0	0
TOTAL	2	0	TOTAL	3	0
	100%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	5	0			
	100%	0%			

Com base nos dados da Tabela 12, observamos que não há variação nem entre homens e nem mulheres. Homens e mulheres usam somente o A GENTE (100% das ocorrências).

Quando comparamos os resultados das de todas as tabelas, constatamos que o uso de A GENTE, de modo geral, é elevado entre os homens. Já não podemos dizer dessa mesma forma para as mulheres. Esses são indícios de estigma em relação ao A GENTE.

Nas palavras de Labov ([1972] 2008),

[...] A diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida por eles, mas, sim, uma postura expressiva que é

socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro. [...] (LABOV, [1972] 2008, p. 348-349)

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 3 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Itaúna

Gênero/Sexo – Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	Os homens usam mais A GENTE do que as mulheres. Índícios de estigma em relação à variante inovadora A GENTE. As mulheres usam mais significativamente o NÓS do que os homens.	Observamos que A GENTE é sempre mais usado entre homens e mulheres.
Objeto sem preposição	Os homens usam mais A GENTE e as mulheres também, mas em percentual menor.	As mulheres estão usando mais o A GENTE. Não houve ocorrências entre os homens. Não podemos comparar homens e mulheres.
Objeto com preposição	Os homens estão usando mais o A GENTE e as mulheres mais o NÓS. ³⁵ Índícios de estigma em relação ao uso de A GENTE.	Os homens e as mulheres estão usando mais A GENTE. Não houve variação.

Os dados do Quadro 3 mostram que o uso de A GENTE está mais bem implementado no significado indeterminado e é menos estigmatizado. Considerando que o estigma é um fator que pode dificultar a implementação da variante inovadora, observamos que, no determinado, o A GENTE está mais bem implementado na função de objeto sem preposição do que na de sujeito e de objeto com preposição.

³⁵ As mulheres estão usando mais o NÓS no significado determinado quando comparado aos homens.

5.2 Machacalis

5.2.1 Análise da Faixa Etária

Prosseguimos com a análise da faixa etária em Machacalis.

TABELA 13 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Machacalis

SUJEITO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	25	0	CMAF	77	44
JMJF	16	59	GMAF	13	26
SMJM	11	3	JMAM	36	13
MMJM	8	19	AMAM	4	20
TOTAL:	60	81	TOTAL:	130	103
	43%	57%		56%	44%
TOTAL GERAL	190	184			
	51%	49%			
P-VALOR TOTAL:			0,013054243		

Na Tabela 13, os adultos fazem mais uso de A GENTE com significado determinado na função sintática de sujeito, enquanto que os jovens fazem mais uso de NÓS, quando o significado é determinado. O teste de *qui-quadrado* apresentou aqui resultado significativo com o p-valor menor que 0,05. Diferentemente de Machacalis, em Itaúna, encontramos evidências da progressão de A GENTE com significado determinado na função de sujeito e o uso preferencial de A GENTE em todos os casos de sujeito analisados.

Vejamos alguns dados de Machacalis.³⁶

74. “[...] **nós** também precisamos. E quero continuar aquilo que eu deixei embonitar a cidade [...]” (AMAM e os moradores da cidade).
75. “[...] **nós** morávamos aqui mesmo na cidade, [...]” (CMAF e sua família).
76. “[...] **nós** moramos na outra casa, [...]” (GMAF e sua família).
77. “[...] **nós** ficamos morando com minha avó né, [...]” (JMJF e suas irmãs)
78. “[...] como **nós** não tínhamos o nosso pai ao nosso lado, [...]” (SMJM e sua família).

³⁶ Todos os dados de Machacalis na função de sujeito com significado determinado estão arrolados no Anexo 3.

79. “[...] que **a gente** tem um problema parece que grande na cidade com alcoolismo né, [...]” (AMAM e os moradores da cidade).
80. “[...] há dez anos **a gente** já ajudava a mãe a colocar as coisas em casa pra se alimentar. [...]” (CMAF e seus irmãos).
81. “[...] o que importa agora é **a gente** trabalhar pelo município né. [...]” (JMAM e os vereadores)
82. “[...] acaba o culto **a gente** fica conversando. [...]” (KMJF e as pessoas da igreja).
83. “[...] então **a gente** ia para a escola mais para não trabalhar [...]” (MMJM e seus irmãos).

NÓS aparece em maior percentual nos jovens nas comparações realizadas. Podemos dizer que encontramos indícios de progressão de NÓS na função de sujeito determinado em Machacalis. Poderíamos analisar como indícios de especialização das formas conforme Hopper e Traugott (1993). O NÓS expressaria o significado determinado nessa função e o A GENTE expressaria o significado indeterminado como veremos a seguir.

Vejamos os dados da variação na função de sujeito indeterminado.

TABELA 14 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis

SUJEITO – INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	7	0	CMAF	23	1
JMJF	1	0	GMAF	2	0
SMJM	52	7	JMAM	10	1
MMJM	3	2	AMAM	4	6
TOTAL:	63	9	TOTAL:	39	8
	88%	12%		83%	17%
TOTAL GERAL	102	17			
	86%	14%			
P-VALOR TOTAL:			0,490817311		

Na Tabela 14, a variante A GENTE é mais usada com significado indeterminado, na função sintática de sujeito, entre adultos e jovens. O teste *qui-quadrado* não é significativo. Jovens e adultos falam igualmente mais o A GENTE com significado indeterminado. A variante A GENTE está bem implementada com o significado indeterminado. O A GENTE pronominal considerado indeterminado já atingiu mais de

80% entre jovens e adultos. Conforme Menon (1996), o primeiro significado de A GENTE pronominal é o significado indeterminado.

Vejamos alguns dados³⁷:

84. “[...] **nós** temos que ter mesmo amor no coração [...]” (SMJM e as pessoas de modo geral).
85. “[...] **nós** temos os nossos momentos difíceis nas nossas vidas, [...]” (SMJM e as pessoas de modo geral).
86. “[...] **nós** como consumidores às vezes não exigimos a nota fiscal, [...]” (JMAM e as pessoas de modo geral).
87. “[...] eu acredito que **nós** temos um lugar no céu, [...]” (AMAM e as pessoas de modo geral)
88. “[...] claro que **a gente** não vai generalizar, [...]” (MMJM e as pessoas de modo geral).
89. “[...] mas **a gente** não pode visar só o lado ruim né, [...]” (KMJF e as pessoas de modo geral).
90. “[...] **a gente** não precisa estar parado no tempo [...]” (JMAM e as pessoas de modo geral).
91. “[...] mas assim após a morte **a gente** tem uma vida assim com deus né [...]” (JMJF e as pessoas de modo geral).
92. “[...] **a gente** já crescia ajudando os pais [...]” (CMAF e as pessoas de modo geral).
93. “[...] **a gente** era muito mais comportados né, não tinha essa, [...]” (GMAF e as pessoas de modo geral).

Consideramos que o significado mais referencial é o determinado, mais gramatical. O significado determinado ainda não está bem implantado em Machacalis, pois os jovens utilizam menos o A GENTE do que os adultos na função de sujeito determinado. Já no significado indeterminado, na função de sujeito, a comunidade de Machacalis utiliza mais a forma A GENTE.

É interessante notar que o significado indeterminado parece ser o menos gramatical contrariando a expectativa de que o uso indeterminado, por ter uma referência mais ampla, fosse mais gramatical que o uso determinado e, portanto, posterior a ele no

³⁷ Todos os dados na função de sujeito indeterminado em Machacalis estão arrolados no Anexo 4.

continuum de gramaticalização. O uso indeterminado de A GENTE precede o uso determinado, considerando o princípio da persistência dado que o *status* de indeterminação encontra raízes em sua forma pregressa (substantivo gente).

Assim, retomamos a citação de Tamanine (2010), baseada na pesquisa de Menon (1996):

[...] Fase **PRONOME INDETERMINADO > PRONOME PESSOAL** - no trabalho de Menon (1996). Esta fase da gramaticalização de *a gente* corresponde ao momento em que o falante pode se incluir naquele genérico indeterminador *a gente*, e a inclusão de *eu* no coletivo genérico possibilita a interpretação *nós* [eu + x = nós], passando a ser possível a interpretação de *a gente* como *nós*. (MENON, 1995).[...] (TAMANINE, 2010, p.27, grifo da autora)

Como mostra a autora, acontece, desse modo, a direção do processo da gramaticalização: A GENTE (pronome indeterminado) > A GENTE (pronome determinado; referencial).

Em Machacalis, parece estar ocorrendo uma especialização das formas, pois, na função de sujeito com significado indeterminado, o A GENTE é mais usado, e, com significado determinado, os jovens usam mais o NÓS³⁸. O princípio da especialização ocorre quando há um estreitamento da variedade de escolhas, fazendo com que uma das formas se torne, em alguns contextos, praticamente obrigatória.

Cavalcante (2017) ressalta que a gramática de uma língua está em constante evolução, propiciando, desse modo, o aparecimento de novas funções, valores e usos para formas já existentes como ocorreu com a variante A GENTE. Corroboramos isso com a assertiva:

Hopper (1991) afirma que a gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções/valores/usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, verificável a partir de padrões fluídos da linguagem, o autor propõe os seguintes princípios que dizem respeito a estágios iniciais, aos graus variados do processo de gramaticalização: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização.

Esses princípios acentuam o caráter gradual da gramaticalização, uma vez que, conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não a gramática. (CAVALCANTE, 2017, p.5)

³⁸ Silva (2014) encontrou resultados semelhantes.

Ainda segundo Cavalcante (2017),

O terceiro princípio, especialização tem relação com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço, vai se tornando mais frequente, mais rotinizada e cristalizada, habituando-se entre as interlocuções dos falantes, que automaticamente tornam obrigatório determinados usos, funções e valores para atender às demandas das suas necessidades comunicativas.

A especialização evidencia o quão o sistema linguístico é emergente e adaptativo, e quanto os falantes são criativos, visto que, automatizam e desautomatizam novas funções para formas já existentes, especializando funções diferentes para essas formas na expansão dos diversos contextos comunicativos. (CAVALCANTE, 2017, p.6)

Nessa linha de pensamento, determinada variante vai se tornando automaticamente obrigatória em razão da necessidade comunicativa, tornando perceptível o princípio da especialização. A especialização evidencia o caráter dinâmico da língua, o que configura a capacidade de adaptação e criatividade nos usos linguísticos por parte dos falantes.

Evidenciamos, assim, a presença do princípio da especialização das formas em Machacalis: o uso de A GENTE na função de sujeito no significado indeterminado e o uso crescente de NÓS na função de sujeito no significado determinado.

Na comunidade de Machacalis, ocorreu reação à mudança de NÓS para A GENTE por parte dos jovens nessa função com esse significado.

Vejamos os dados na função de objeto sem preposição determinado.

TABELA 15 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	3	0	CMAF	0	0
JMJF	1	7	GMAF	1	0
SMJM	3	2	JMAM	0	0
MMJM	1	0	AMAM	2	0
TOTAL:	8	9	TOTAL:	3	0
	47%	53%		100%	0%
TOTAL GERAL	11	9			
	55%	45%			

Na Tabela 15, não há variação nos adultos. Apenas o A GENTE é usado. Os jovens usam mais o NÓS. Novamente indícios de especialização das formas.

Vejamos os dados.

94. "[...] deixou **nós** tudo novo, era cinco irmãos [...]" (SMJM e seus irmãos)
95. "[...] aí ele pegou e trabalhava assim para conseguir manter **nós**. Aí depois ele teve que viajar né, [...]" (JMJF e sua família)
96. "[...] Olaria, tijolo assim, não saia muito aqui, aí ele foi trabalhar fora devido a isso né, para manter **nós**." (JMJF e sua família)
97. "[...] mas nunca trabalhou assim, sabe para sair, deixar **nós** e trabalhar não e minha avó também ajudou ela bastante, [...]" (JMJF e suas irmãs)
98. "[...] aí graças a deus ela aceitou **nós** e hoje nós moramos todo mundo junto na mesma casa ainda." (JMJF e suas irmãs)
99. "[...] desde novinho meus avós levaram ele para igreja, aí ele casou né e foi levando **nós** também, aí nós crescemos assim, [...]" (JMJF e sua família)
100. "[...] e a professora passava e levava **nós**, aí nós crescemos na Cristo Salva." (JMJF e suas irmãs)
101. "[...] e na minha irmã Jileade e chamou **nós** para participar, para ajudar elas a cantar na frente e tudo mais [...]" (JMJF e sua irmã Jileade)
102. "[...] meus irmãos, os mais velhos pegava **nós** e regaçava no pau, porque tipo assim [...]" (SMJM e seus irmãos mais novos)
103. "[...] levava **a gente** para a beira do rio à noite, com aquela lua bonita, caía no rio [...]" (GMAF e sua turma).
104. "[...] aí ele está querendo levar **a gente** na praia, mas eu não sei se vai dar certo não [...]" (JMJF e a comunidade que frequenta a igreja)
105. "[...] tinha professores que levava **a gente** sim. Mas excursões fora da cidade, tipo assim, você fala viajar [...]" (KMJF e os colegas de classe)
106. "[...] criou um sistema que prejudica **a gente**. Você está entendendo. O que acontece, a pessoa para você ganhar um voto aqui [...]" (MMJM e os candidatos)
107. "[...] ele pegou **a gente**, aí virou para ela e perguntou: assim que você faz, você vai para escola [...]" (SMJM e sua namorada)
108. "[...] uma das vizinha que chamava **a gente** de passa fome né, meu irmão chegou lá de carro novo [...]" (SMJM e seus irmãos)

109. "[...] meu pai ter deixado **a gente** muito novo então a minha mãe tinha acabado de ganhar a minha irmã [...]" (SMJM e sua família)
110. "[...] a política às vezes afasta **a gente**. Afasta **a gente** e ela não me largou nessa época, não larga mais não [...]" (AMAM e sua esposa)
111. “[...] buscava **a gente** assim a gostar da matéria, a ter curiosidade de aprender sabe, [...]” (KMJF e seus colegas de classe)
112. “[...] professor às vezes levava né, levava **a gente** tinha vez, levava para fazenda, [...]” (KMJF e seus colegas de classe)

A hipótese aqui testada é de que o A GENTE estaria em progressão mais adiantada na função de objeto, já que o NÓS nessa função parece carregar estigma devido à existência do padrão NOS. Os percentuais gerais nos mostram que, na função de objeto sem preposição determinado, o percentual de A GENTE é ligeiramente maior (55%) do que na função de sujeito determinado (51%). Mas essa diferença é muito pequena.

Ao que parece em Machacalis não há estigma tão marcado em relação ao uso de NÓS na função de objeto. Assim, a avaliação social que poderia ser negativa do uso do NÓS não é tão motivadora para o uso de A GENTE.

Observamos que não ocorreram casos das variantes A GENTE e NÓS na função de objeto sem preposição com significado indeterminado.

Vejamos os dados do objeto com preposição determinado.

TABELA 16 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis

OBJETO COM PREPOSIÇÃO DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	1	0	CMAF	2	0
JMJF	0	4	GMAF	1	0
SMJM	1	3	JMAM	0	0
MMJM	2	1	ADMAM	3	0
TOTAL	4	8	TOTAL	6	0
	33%	67%		100%	0%
TOTAL GERAL	10	8			
	56%	44%			

Os jovens usam mais o NÓS do que os adultos nos casos de objeto com preposição determinado. Essa observação segue o princípio geral de que os jovens em Machacalis usam mais o NÓS com significado determinado do que A GENTE. Índícios de progressão

do NÓS e especialização das formas como resistência a um processo de mudança em curso no PB.

Vejamos os dados do objeto com preposição:

113. "[...] conseguiu assim uma vida melhor **para nós** né, hoje graças a Deus nós estamos bem [...]" (JMJF e sua família)
114. "[...] ela sempre cuidou sempre **de nós**, ela nunca tirou assim para trabalhar fora, [...]" (JMJF e sua família)
115. "[...] aí ele ficou mandando dinheiro **para nós** para manter lá dentro de casa [...]" (JMJF e suas irmãs)
116. "[...] porque o pastor Amadeu que compra **para nós** de Belo Horizonte [...]" (JMJF e a comunidade que frequenta a igreja)
117. "[...] eles estão jogando pedra **em nós** e nós estamos crescendo." (MMJM e as pessoas da igreja)
118. "[...] depois das irmãs mais nova, passou **para nós**. Quer dizer começou pelo irmão mais velho [...]" (SMJM e seus irmãos mais velhos)
119. "[...] tenho uma vontade de comprar uma Parati **para nós**, né e passando esse ano, até o outro ano [...]" (SMJM e seus irmãos mais velhos)
120. "[...], mas a gente vai comprar um carro **para nós** entendeu?" (SMJM e sua esposa)
121. "[...] porque quem mais precisa **da gente** é a pobreza." (ADMAM e os políticos)
122. "[...] muitas coisas ele previa, ele falava **com a gente** vai acontecer isso." (ADMAM e sua família)
123. "[...], mas meu pai sempre pregava **para a gente**. E eu acredito que nós [...]" (ADMAM e sua família)
124. "[...] pagava um carroceiro pra levar água **pra gente** na escola [...]" (CMAF e os funcionários da escola)
125. “[...] a escola era municipal e o prefeito não dava **a gente**³⁹ a bolsa né." (CMAF e as pessoas da cidade)

³⁹ Apesar de a preposição poder não estar presente, vamos considerar a preposição implícita no exemplo 125.

126. "[...] porque às vezes faz **para gente**, o professor às vezes ignora, [...]" (GMAF e os funcionários da secretaria)
127. "[...] e assim ela orou **pela gente** sabe e falou assim, ontem eu estava muito desanimada [...]" (KMJF e sua família)
128. "[...] a outra assembleia joga pedra **na gente**, porque a gente usa bermuda e tal, [...]" (MMJM e as pessoas da igreja)
129. "[...] se jogar pedra **na gente**, a gente vai orar pelas pessoas, [...]" (MMJM e as pessoas da igreja)
130. "[...] batia **na gente** era com cabo de vassoura, [...]" (SMJM e seus irmãos mais velhos)

As preposições usadas com o NÓS são DE, EM e PARA. As explícitas utilizadas com A GENTE são diversas: DE, COM, PARA, POR, EM.

Vejamos os dados do objeto com preposição indeterminado.

TABELA 17 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis

OBJETO COM PREPOSIÇÃO INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
KMJF	1	0	CMAF	0	1
JMJF	0	0	GMAF	1	0
SMJM	1	1	JMAM	0	0
MMJM	0	0	ADMAM	0	0
TOTAL	2	1	TOTAL	1	1
	67%	33%		50%	50%
TOTAL GERAL	3	2			
	60%	40%			

São poucos os dados, mas observamos que, na função de objeto com preposição no significado indeterminado, o uso de A GENTE é maior entre os jovens. Ligeiro indício de progressão, já que são poucos dados. Assim, em todos os casos de indeterminação os jovens usam mais o A GENTE.

Vejamos os dados:

131. "[...] eles pode se levantar **contra nós**, mas como diz a palavra do senhor, [...]" (SMJM e as pessoas de modo geral).

132. "[...] porque os milagres que Jesus realizou e realiza até hoje, depende **de nós** ... então quando a pessoa não quer [...]" (CMAF e as pessoas de modo geral).
133. "[...] que deus manda falar **com a gente** e o pastor falou com a minha mãe [...]" (KMJF e as pessoas de modo geral).
134. "[...] é assim que o senhor faz **com a gente** entendeu." (SMJM e as pessoas de modo geral).
135. "[...] **a gente**⁴⁰ que é excedente sempre acontece isso [...]" (GMAF e as pessoas de modo geral).

As preposições que ocorrem com o NÓS são CONTRA e DE. A preposição explícita que ocorre com A GENTE é COM.

É importante destacar que em Itaúna e Machacalis não ocorreram casos do emprego de "COM NÓS" nem de "CONOSCO". O uso de COM A GENTE parece indicar uma estratégia de esquiva, devido à existência da forma padrão CONOSCO e do provável estigma em COM NÓS.

⁴⁰ Apesar de a preposição não estar presente, vamos considerar a preposição implícita no exemplo 135.

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 4 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Machacalis

Faixa Etária – Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	Indícios de progressão do NÓS. Especialização das formas. Os jovens usam significativamente mais o NÓS e os adultos usam mais A GENTE.	A GENTE já está bem implementado entre jovens e adultos.
Objeto sem preposição	O percentual geral de A GENTE é ligeiramente maior (55%) do que na função de sujeito determinado (51%). Apenas o A GENTE é usado entre os adultos. Os jovens usam mais o NÓS. Indícios de especialização das formas.	Não ocorreram casos das variantes A GENTE e NÓS.
Objeto com preposição	Os jovens usam mais o NÓS do que os adultos. Indícios de progressão do NÓS e especialização das formas.	Existem poucos dados, sendo o uso de A GENTE maior entre os jovens. Indícios de progressão. Os adultos usam o A GENTE e o NÓS de forma semelhante. Com a preposição COM só aparece A GENTE.

Por meio do Quadro 4, é possível inferir que, no significado indeterminado, o A GENTE é preponderante enquanto que, no determinado, ocorre a especialização das formas nas três funções sintáticas, tendo em vista que os jovens estão usando mais a variante conservadora. É uma situação diferente da síntese apresentada em Itaúna. O uso de A GENTE na função de objeto sem preposição no significado determinado apresenta percentual ligeiramente maior do que na função de sujeito.

Segundo Silva (2014, p. 82 - 83), que realizou pesquisa na comunidade de Machacalis/MG e Ouro Branco/MG a respeito da função de sujeito, "encontramos em Ouro Branco um estágio mais avançado do que em Machacalis do processo de

implementação da forma A GENTE como pronome de 1ª Pessoa do Plural com sentido indeterminado".

Ainda segundo Silva (2014),

Em Machacalis encontramos um quadro de progressão da variante NÓS, o que está de acordo com a nossa hipótese de especialização das formas. Isso não ocorre em Ouro Branco, onde encontramos uma situação de contemporização das variantes com preferência geral entre os falantes pela forma A GENTE. (SILVA, 2014, p. 88)

Os dados de Itaúna se assemelham mais aos de Ouro Branco, comunidades com redes sociais consideradas mais abertas do que aos dados de Machacalis. Assim, encontramos indícios da comprovação da hipótese 3 de que a mudança se encontra em diferentes estágios de progressão nas diferentes cidades devido às diferenças nas redes sociais das cidades pesquisadas. Haveria reação à mudança, maior em Machacalis do que em Itaúna. Nesse sentido, nossa hipótese é que a implementação de A GENTE sofre influência das redes sociais, conforme Milroy (1987), nas comunidades em questão. Itaúna, por apresentar uma rede social mais aberta, vem implementando a mudança mais rapidamente do que Machacalis. Em Machacalis, o processo de mudança estaria mais atrasado do que em Itaúna.

5.2.2 Análise do Gênero/Sexo

TABELA 18 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Machacalis

SUJEITO – DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
SMJM	11	3	KMJF	25	0
MMJM	8	19	JMJF	16	59
JMAM	36	13	CMAF	77	44
AMAM	4	20	GMAF	13	26
TOTAL:	59	55	TOTAL:	131	129
	52%	48%		50%	50%
TOTAL GERAL	190	184			
	51%	49%			
P-VALOR TOTAL			0,807297298		

Com base nos dados, percebemos que homens e mulheres usam da mesma forma o A GENTE e o NÓS. A interpretação dos dados da Tabela 18 é de que não há distinção significativa no uso de A GENTE ~ NÓS posto que o p-valor é superior ao nível de

significância de 0,05. Isso mostra que a variável independente (gênero/sexo) não influencia na escolha da variante, nesse contexto.

TABELA 19 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis

SUJEITO – INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
SMJM	52	7	KMJF	7	0
MMJM	3	2	JMJF	1	0
JMAM	10	1	CMAF	23	1
AMAM	4	6	GMAF	2	0
TOTAL:	69	16	TOTAL:	33	1
	81%	19%		97%	3%
TOTAL GERAL	102	17			
	86%	14%			
P-VALOR TOTAL			0,025304283		

Mais uma vez os dados da Tabela 19 revelam que a forma inovadora tem uso mais frequente no sujeito indeterminado. Observamos que homens e mulheres estão usando mais A GENTE e que o p-valor é inferior ao nível de significância de 0,05, o que mostra que a variável independente (gênero/sexo) interfere na realização da variável: as mulheres usam mais A GENTE do que os homens. Assim, nesse contexto, não parece haver estigma atribuído à variante inovadora.

TABELA 20 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
SMJM	3	2	KMJF	3	0
MMJM	1	0	JMJF	1	7
JMAM	0	0	CMAF	0	0
AMAM	2	0	GMAF	1	0
TOTAL:	6	2	TOTAL:	5	7
	75%	25%		42%	58%
TOTAL GERAL	11	9			
	55%	45%			

Observamos que os homens adotaram maior uso da forma inovadora, e as mulheres que tendem a ser mais conservadoras, quando há estigma atribuído à variante mais inovadora, usaram com maior frequência o NÓS, variante conservadora, ou seja, parece

haver estigma em relação à variante A GENTE. Seria esperado que houvesse maior estigma em relação ao uso do NÓS como objeto porque ele não é considerado padrão, mas ao que parece a resistência maior é em relação à mudança de NÓS para A GENTE no significado determinado.

É importante salientar que não houve casos da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis.

TABELA 21 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Machacalis

OBJETO COM PREPOSIÇÃO DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
SMJM	1	3	KMJF	1	0
MMJM	2	1	JMJF	0	4
JMAM	0	0	CMAF	2	0
ADMAM	3	0	GMAF	1	0
TOTAL	6	4	TOTAL	4	4
	60%	40%		50%	50%
TOTAL GERAL	10	8			
	56%	44%			

Considerando os resultados da Tabela 21, identificamos que os homens usam um pouco mais A GENTE que as mulheres. Observamos, ainda, que o uso das variantes por parte das mulheres se apresenta de forma semelhante.

O estigma da forma inovadora, baseado no uso das variantes pelas mulheres, ocorre mais no significado determinado (50%) do que no indeterminado (67%), coerentemente com as observações acerca do significado indeterminado ser implementado anteriormente ou mais rapidamente em relação ao determinado.

Vejamos os resultados de objeto com preposição indeterminado:

TABELA 22 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Machacalis

OBJETO COM PREPOSIÇÃO INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
SMJM	1	1	KMJF	1	0
MMJM	0	0	JMJF	0	0
JMAM	0	0	CMAF	0	1
ADMAM	0	0	GMAF	1	0
TOTAL	1	1	TOTAL	2	1
	50%	50%		67%	33%
TOTAL GERAL	3	2			
	60%	40%			

Considerando os resultados da Tabela 22, observamos que as mulheres usam mais a variante A GENTE.

Assim, de modo geral, as mulheres usam mais o A GENTE, forma inovadora, com significado indeterminado. Índícios de que o estigma é menor no significado indeterminado.

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 5 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Machacalis

Gênero/Sexo – Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	Mulheres e homens usam de forma semelhante as duas variantes com percentuais próximos de 50%.	Ambos homens e mulheres usam mais A GENTE. Mas as mulheres usam significativamente mais. Não há estigma atribuído.
Objeto sem preposição	Os homens adotaram maior uso da forma inovadora e as mulheres, que tendem a ser mais conservadoras, usaram com maior frequência o NÓS. Indícios de estigma em relação à variante inovadora.	Não houve casos da variação NÓS ~ A GENTE.
Objeto com preposição	Os homens usam um pouco mais A GENTE do que as mulheres. Indícios de estigma em relação à variante conservadora.	As mulheres usam mais a variante A GENTE. Não há estigma no significado indeterminado neste contexto.

Vale ressaltar que no significado indeterminado as mulheres usam mais a variante inovadora.

5.3 Piranga

5.3.1 Análise da Faixa Etária

Vejam os dados de Piranga.

TABELA 23 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Piranga

SUJEITO - DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	19	2	SPAF	17	5
LPJF	15	4	DPAF	30	4
BPJM	1	1	LPAM	15	8
CPJM	22	6	RPAM	3	0
TOTAL	57	13	TOTAL	65	17
	81%	19%		79%	21%
TOTAL GERAL	122	30			
	80%	20%			
P- VALOR TOTAL			0,738727242		

O uso das variantes entre jovens e adultos é equivalente. Usa-se sempre mais A GENTE em alto percentual. Índícios de que o A GENTE já progrediu em Piranga, com percentuais próximos a 80% de A GENTE.

O p-valor é maior que 0,05 e esse resultado indica que não há uma relação estatisticamente significativa entre a faixa etária do falante e a escolha de determinada variante.

Vejam alguns dados.⁴¹

136. “[...] então, nós efetivos, **nós** temos essa questão que é todo ano, de seis em seis meses, duas vezes no ano e o designado também [...]” (SPAF e os funcionários da escola)
137. “[...] **nós** temos faixa de cem alunos que vêm da pimenta, o Ildefonso, esse número também de alunos que vem da roça [...]” (SPAF e a escola)
138. “[...] basta um pouquinho de boa vontade e pegar o microfone e falar: ô gente, tem uma casa caindo ali em baixo ali, o que que **nós** pode fazer?” (BPJM e os moradores da cidade)

⁴¹ Todos os dados de sujeito determinado de Piranga estão arrolados no Anexo 5.

139. “[...] agora se houver um projeto de melhoria da festa, não é? **Nós** vamos levar para o ginásio, [...]” (CPJM e os moradores da cidade)
140. “[...] E aí ... **nós** vamos ter que espremer, não é?” (DPAF e sua família)
141. “[...] no meu caso, que eu sou efetiva, **a gente** é avaliado na escola, manda essa nota para lá [...]” (SPAF e os funcionários da escola)
142. “[...] entregou para ela uma portaria que está até afixada lá pediu que ela afixasse aquele cartaz com o horário, aí **a gente** fez isso aí, [...]” (CPJM e a Kayla)
143. “[...] então era assim, **a gente** ficava, o dia inteiro enfeitando caminhão, não é? Para desfilarmos à noite e rezava [...]” (DPAF e os moradores da cidade)
144. “[...] e o Zé Pereira também é bom porque no calor **a gente** vai para a praça e os meninos gostam, não é?” (GPJF e sua família)
145. “[...] Zé Pereira era tudo, era a expectativa que **a gente** tinha para o carnaval, não é?” (LPJF e os moradores da cidade)

Vamos ao significado indeterminado.

TABELA 24 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

SUJEITO - INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	24	1	SPAF	24	4
LPJF	17	0	DPAF	8	0
BPJM	5	0	LPAM	25	6
CPJM	9	0	RPAM	1	1
TOTAL:	55	1	TOTAL:	58	11
	98%	2%		84%	16%
TOTAL GERAL	113	12			
	90%	10%			
P- VALOR TOTAL			0,007545945		

Os dados revelam que o A GENTE é a variante mais usada na função de sujeito no significado indeterminado entre jovens e adultos. A variante inovadora já progrediu bastante em Piranga, e os jovens apresentam percentual maior de A GENTE do que os adultos. Índícios de progressão. Aqui fica claro que, no significado indeterminado, a mudança ocorreu primeiro ou mais rapidamente do que no determinado. Ao cotejar os

resultados, observamos que 81% dos jovens usam o A GENTE pronominal no significado determinado enquanto que no indeterminado essa porcentagem é 98% e, 79% dos adultos usam a forma inovadora no significado determinado e 84% no significado indeterminado.

Para esse caso analisado, identificamos por meio do p-valor que a diferença de faixa etária atua no comportamento linguístico.

Vejamos alguns dados.⁴²

146. “[...] mas **nós** já estamos na era da informática, [...]” (SPAF e as pessoas de modo geral)
147. “Você vê o mundo que **nós** vivemos. A criminalidade no Rio de Janeiro, [...]” (RPAM e as pessoas de modo geral)
148. “[...] Eu penso assim. Como que **nós** vamos continuar trabalhando, não é?” (GPJF e as pessoas de modo geral)
149. “Então não é só a educação, **nós** estamos numa bandalheira, uma... só vê, só consegue enxergar lucro, [...]” (LPAM e as pessoas de modo geral)
150. “Infelizmente **nós** estamos vivendo uma bandalheira.” (LPAM e as pessoas de modo geral)
151. “Antes **da gente** aproveitar porque eu gente, eu acho que viver é muito bom, [...]” (GPJF e as pessoas de modo geral)
152. “Então tem que estar ... **a gente** tem que estar sempre revendo conceitos [...]” (LPAM e as pessoas de modo geral)
153. “Tanto de prejuízo que **a gente** leva, porque você não sabe, ah democracia, isso aqui é aberto ao povo, [...]” (LPAM e as pessoas de modo geral)
154. “[...] esse negócio de depois da morte, é meio complicado, sei lá eu acho que é muita coisa que os outros falam **a gente** põe na cabeça [...]” (LPJF e as pessoas de modo geral)
155. “[...] põe na cabeça **para gente** acreditar, entendeu, [...]” (LPJF e as pessoas de modo geral)

Vejamos a função de objeto sem preposição.

⁴² Todos os dados de sujeito indeterminado de Piranga estão arrolados no Anexo 6.

TABELA 25 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO - DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	1	0	SPAF	0	0
LPJF	0	1	DPAF	0	0
BPJM	1	0	LPAM	0	0
CPJM	1	0	RPAM	0	0
TOTAL:	3	1	TOTAL:	0	0
	75%	25%		0%	0%
TOTAL GERAL	3	1			
	75%	25%			

Os dados mostram que os jovens fazem mais uso de A GENTE na função de objeto sem preposição no significado determinado, apresentando somente um caso da variante NÓS. Já os adultos não apresentaram realizações com as variantes NÓS ~ A GENTE nessa função.

Vejamos os dados.

156. “[...] aqui é pior do que lá e lá os alunos enfrentam **a gente**, [...]”
(GPJF e os funcionários da escola)
157. “[...] aí teve um dia que chamaram **nós**[...]” (LPJF e sua mãe)
158. “[...] aí eles viram **a gente** lá e parou, falei: pô eu vou chamar polícia [...]” (BPJM e seus amigos)
159. “[...] essa picuinha política, isso ... isso desanima **a gente**, sabe? ”
(CPJM e os moradores da cidade)

Em Piranga, o A GENTE é maior do que o NÓS. Não podemos comparar as faixas etárias aqui.

Vejamos os casos de objeto sem preposição indeterminado.

TABELA 26 –Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO - INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	0	0	SPAF	1	0
LPJF	0	0	DPAF	0	0
BPJM	0	0	LPAM	2	0
CPJM	0	0	RPAM	0	0
TOTAL:	0	0	TOTAL:	3	0
	0%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	3	0			
	100%	0%			

Não há variação.

Observamos que ocorreram apenas três realizações de A GENTE na função de objeto sem preposição no significado indeterminado e só na fala dos adultos.

Assim, ao comparar os resultados da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição no significado determinado e na função de objeto sem preposição no significado indeterminado, observamos que há apenas a ocorrência de A GENTE.

Vejamos os dados.

160. “[...] tem hora que pega **a gente**, você vai lá comprar uma mercadoria, [...]” (LPAM e as pessoas de modo geral)
161. “[...] então é uma coisa que, deixa **a gente** assim, triste, não é?” (LPAM e as pessoas de modo geral)
162. “[...] ele não obriga **a gente**[...]” (SPAF e as pessoas de modo geral)

TABELA 27 –Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga

OBJETO COM PREPOSIÇÃO - DETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	0	0	SPAF	1	0
LPJF	1	0	DPAF	1	0
BPJM	1	0	LPAM	4	1
CPJM	0	0	RPAM	0	0
TOTAL:	2	0	TOTAL:	6	1
	100%	0%		86%	14%
TOTAL GERAL	8	1			
	89%	11%			

Os dados revelam que o A GENTE é a variante mais usada na função sintática de objeto com preposição no significado determinado. Os jovens não usaram a variante NÓS. Houve somente um caso de NÓS na fala dos adultos.

Vejamos os dados.

163. “[...] o prefeito chega lá e fala: oh, gente, vocês não podem votar nisso não por isso, isso e isso, vai trazer mal resultados **para nós**” (LPAM e os moradores da cidade)
164. “[...] ele jogava moeda, não é? Pratinha **para a gente**. E eu lembro que no dia que eu cheguei lá, ele estava num andaime [...]” (SPAF e seus colegas de classe)
165. “[...] não tem emprego, falta empresas, fábricas que proporcione emprego **para a gente**, não é?” (BPJM e os moradores da cidade)
166. “[...] quinta feira eles dão entrada nos processos, então ela ia mandar para poder agilizar **para gente**” (DPAF e sua mãe)
167. “[...] então, esse professor que deu aula **para gente**, ele estava fazendo o mestrado em Portugal, [...]” (LPAM e seus colegas de classe)
168. “[...] eu estou dando aula desse jeito, ele é doidão, dando aula desse jeito, ele mostra **para gente**, a bandalheira [...]” (LPAM e seus colegas de classe)
169. “Eles conseguem vender ovo podre **para a gente** a preço de mercadoria boa. Um dia eles fizeram uma promoção de ovo lá, [...]” (LPAM e os moradores da cidade)
170. “O que que ele fez **com a gente**? ” (LPAM e os professores)

171. “[...] financeiramente é bem mais caro. E se instalasse algumas outras aqui dentro, **para gente** seria bem melhor,[...]” (LPJF e os moradores da cidade)

Em uma única ocorrência do NÓS foi empregada a preposição PARA. As preposições que ocorrem com o A GENTE são PARA, COM e SEM. O COM não ocorreu com o NÓS.

TABELA 28 –Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na Função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

OBJETO COM PREPOSIÇÃO - INDETERMINADO					
JOVENS			ADULTOS		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
GPJF	1	0	SPAF	1	0
LPJF	2	0	DPAF	1	0
BPJM	1	0	LPAM	1	0
CPJM	0	0	RPAM	0	0
TOTAL:	4	0	TOTAL:	3	0
	100%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	7	0			
	100%	0%			

Com base nos dados, observamos que a variante A GENTE é a única usada na função sintática de objeto com preposição no significado indeterminado com resultados semelhantes entre jovens e adultos. Não há ocorrências de NÓS na fala dos jovens e dos adultos. Não há, portanto, variação.

Em Piranga, podemos dizer que praticamente não há NÓS na função de objeto com ou sem preposição. Houve apenas um caso de NÓS objeto.

Em Piranga e Itaúna no objeto indeterminado com preposição não há variação, sempre A GENTE.

Observamos que a hipótese 2 mostra que a função sintática também atua, pois quando nós temos objeto indeterminado ocorre o uso categórico de A GENTE e na função de sujeito há variação. Em Piranga assim como em Itaúna não há indícios de especialização das formas.

Vejamos os dados.

172. “[...] eu já vou falando como mãe, como tudo, aí eu sempre falo dois caminhos, ô gente deus é tão bom, ele dá dois caminhos **para a gente**, ele não obriga [...]” (SPAF e as pessoas de modo geral)
173. “[...] no próprio entendimento que ela passa **para gente**, mas se você for olhar a história da igreja católica você, você acaba perdendo a fé.” (BPJM e as pessoas de modo geral)
174. “[...] eu já sou o contrário, eu acredito que existe um Deus sim, porque ele que dá força **para a gente**, sabe?” (DPAF e as pessoas de modo geral)
175. “[...] O que que vai acontecer **com a gente**, então eu acho assim que todo mundo tem seu destino, não é?” (GPJF e as pessoas de modo geral)
176. “[...] então eu acho que uma forma de... de você estar bem, saber o que vai acontecer **com a gente**, não é?” (LPAM e as pessoas de modo geral)
177. “Então a gente... é história assim que as pessoas falam assim **para gente**[...]” (LPJF e as pessoas de modo geral)
178. “[...] e lá tinha que ter mais cursos **para gente**. Meu sonho mesmo era fazer medicina. Ah, federal eu não consigo, particular é muito caro.” (LPJF e as pessoas de modo geral)

As preposições empregadas com a variante inovadora foram: PARA e COM. O COM não ocorreu com o NÓS.

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 6 – Síntese dos Resultados da Faixa Etária em Piranga

Faixa Etária – Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	O uso de A GENTE é sempre maior entre jovens e adultos.	O uso de A GENTE é sempre maior entre jovens e adultos. Em Piranga o A GENTE segue à frente, mas os jovens usam A GENTE mais significativamente do que os adultos.
Objeto sem preposição	Os jovens fazem mais uso de A GENTE, apresentando somente um caso da variante NÓS. Já os adultos não apresentaram realizações com as variantes NÓS ~ A GENTE nessa função.	Não há variação. Ocorreram apenas três realizações de A GENTE na função de objeto sem preposição no significado indeterminado na fala dos adultos.
Objeto com preposição	O A GENTE é a variante mais usada. Os jovens não usaram a variante NÓS. Houve somente um caso de NÓS na fala dos adultos.	A variante A GENTE é a única usada, com resultados semelhantes entre jovens e adultos. Não há variação. Com a preposição COM só ocorreu a variante A GENTE.

Com base nas informações apresentadas no Quadro 6, podemos inferir que, de modo geral, o A GENTE é mais usado.

5.3.2 Análise do Gênero/Sexo

TABELA 29 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado determinado, na cidade de Piranga

SUJEITO - DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	1	1	GPJF	19	2
CPJM	22	6	LPJF	15	4
LPAM	15	8	SPAF	17	5
RPAM	3	0	DPAF	30	4
TOTAL:	41	15	TOTAL:	81	15
	73%	27%		84%	16%
TOTAL GERAL	122	30			
	80%	20%			
P-VALOR TOTAL			0,095386779		

Diante dos resultados da análise constatamos que não há diferença significativa entre homens e mulheres, usa-se sempre mais o A GENTE. O gênero/sexo não interfere no uso da variante conforme resultado apresentado no p-valor.

TABELA 30 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de sujeito, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

SUJEITO- INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	5	0	GPJF	24	1
CPJM	9	0	LPJF	17	0
LPAM	25	6	SPAF	24	4
RPAM	1	1	DPAF	8	0
TOTAL:	40	7	TOTAL:	73	5
	85%	15%		94%	6%
TOTAL GERAL	113	12			
	90%	10%			
P-VALOR TOTAL			0,118874737		

Não há diferença entre homens e mulheres. Usa-se sempre mais o A GENTE. Com base no resultado apresentado no p-valor, notamos que a escolha da variante independe do gênero/sexo do falante considerando que o critério adotado é o nível de significância 0,05.

TABELA 31 – Estudo da variação NÓS ~ GENTE na função de objeto sem preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	1	0	GPJF	1	0
CPJM	1	0	LPJF	0	1
LPAM	0	0	SPAF	0	0
RPAM	0	0	DPAF	0	0
TOTAL:	2	0	TOTAL:	1	1
	100%	0%		50%	50%
TOTAL GERAL	3	1			
	75%	25%			

Com base nos dados, constatamos que o A GENTE é mais usado pelos homens na função sintática de objeto sem preposição determinado. Não há uso de NÓS pelos homens, apenas uma ocorrência apresentada na fala das mulheres.

TABELA 32 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto sem preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

OBJETO SEM PREPOSIÇÃO – INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	0	0	GPJF	0	0
CPJM	0	0	LPJF	0	0
LPAM	2	0	SPAF	1	0
RPAM	0	0	DPAF	0	0
TOTAL:	2	0	TOTAL:	1	0
	100%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	3	0			
	100%	0%			

Observamos nos dados que homens e mulheres apresentam resultados semelhantes na função de objeto sem preposição no significado indeterminado, fazendo maior uso de A GENTE e nenhuma ocorrência de NÓS. Não apresenta estigma em relação ao uso de A GENTE.

TABELA 33 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado determinado, na cidade de Piranga

OBJETO COM PREPOSIÇÃO DETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	1	0	GPJF	0	0
CPJM	0	0	LPJF	1	0
LPAM	4	1	SPAF	1	0
RPAM	0	0	DPAF	1	0
TOTAL	5	1	TOTAL	3	0
	83%	17%		100%	0%
TOTAL GERAL	8	1			
	89%	11%			

Homens e mulheres usam mais o A GENTE. Não houve variação entre as mulheres.

TABELA 34 – Estudo da variação NÓS ~ A GENTE na função de objeto com preposição, com significado indeterminado, na cidade de Piranga

OBJETO COM PREPOSIÇÃO INDETERMINADO					
HOMENS			MULHERES		
CÓDIGO	A GENTE	NÓS	CÓDIGO	A GENTE	NÓS
BPJM	1	0	GPJF	1	0
CPJM	0	0	LPJF	2	0
LPAM	1	0	SPAF	1	0
RPAM	0	0	DPAF	1	0
TOTAL	2	0	TOTAL	5	0
	100%	0%		100%	0%
TOTAL GERAL	7	0			
	100%	0%			

Usa-se sempre mais o A GENTE. Não houve variação tanto para as mulheres quanto para os homens.

Agora vejamos o quadro:

QUADRO 7 – Síntese dos Resultados de Gênero/Sexo em Piranga

Gênero/Sexo - Resultados		
	Determinado	Indeterminado
Sujeito	O uso de A GENTE é maior e ocorre igualmente entre homens e mulheres.	Ambos (homens e mulheres) usam mais o A GENTE.
Objeto sem preposição	O A GENTE é mais usado pelos homens do que pelas mulheres. Não há uso de NÓS pelos homens, apenas uma ocorrência apresentada na fala das mulheres.	Homens e mulheres apresentam resultados semelhantes, fazendo maior uso de A GENTE e nenhuma ocorrência de NÓS. Não há variação.
Objeto com preposição	Usa-se mais o A GENTE.	Usa-se sempre o A GENTE. Não há variação.

Com base nos dados do Quadro 7, inferimos que o A GENTE é prevalente em todos os significados e funções gramaticais.

5.4 Conclusão

Apresentamos a seguir um panorama das três cidades pesquisadas.

QUADRO 8 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária

Sujeito	Determinado	Indeterminado
Itaúna	Jovens usam mais significativamente A GENTE do que os adultos. Indícios de progressão do A GENTE.	Não tem diferença de faixa etária, sempre A GENTE em maior percentual.
Machacalis	Indícios de progressão do NÓS. Os jovens usam mais significativamente o NÓS e os adultos usam mais A GENTE.	Tanto jovens quanto adultos usam mais A GENTE.
Piranga	O uso de A GENTE é sempre maior entre jovens e adultos.	O uso de A GENTE é sempre maior entre jovens e adultos. Observamos que os jovens usam significativamente mais do que nos adultos.

Os dados revelam especificidades nos processos linguísticos das comunidades pesquisadas, para a função sintática de sujeito no significado determinado. Em Itaúna, o A GENTE é significativamente mais usado pelos jovens do que pelos adultos. Em Piranga, tanto os jovens quanto os adultos fazem maior uso da variante inovadora, ou seja, já progrediu. Assim, diferentemente de Piranga, podemos dizer que Itaúna apresenta mudança em progresso, respaldando na teoria laboviana de que os jovens sinalizam a mudança linguística. Já em Machacalis, encontramos um fenômeno linguístico que interpretamos como o princípio da especialização de acordo com Hopper (1991), uma vez que os resultados apontam que os jovens estão usando mais o NÓS no significado determinado e A GENTE é sempre mais usado no indeterminado.

Na função de sujeito no significado indeterminado, observamos que a variante inovadora já progrediu nas três comunidades pesquisadas, o que corrobora a hipótese 1.

QUADRO 9 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária

Objeto sem preposição	Determinado	Indeterminado
Itaúna	O A GENTE está mais bem implementado do que na função de sujeito.	Não há variação. O A GENTE está bem implementado.
Machacalis	O percentual geral nos mostra que o A GENTE é ligeiramente maior do que na função de sujeito determinado. Os adultos usam apenas A GENTE. Os jovens usam mais o NÓS. Índícios de especialização das formas.	Não ocorreram casos das variantes A GENTE e NÓS.
Piranga	Os jovens fazem mais uso de A GENTE, apresentando somente um caso da variante NÓS. Já os adultos não apresentaram realizações com as variantes NÓS ~ A GENTE nessa função.	Não há variação. Ocorreram apenas três realizações de A GENTE na fala dos adultos.

Com base nos dados do Quadro 9, podemos dizer que, de modo geral, o A GENTE predomina em relação à variante NÓS na função sintática de objeto sem preposição. Considerando os totais gerais apresentados neste capítulo 5, observamos que, nas comunidades de Itaúna e Machacalis, o A GENTE está ligeiramente mais bem implementado nesta função do que na função de sujeito no significado determinado. Isso favorece a hipótese 2. Em Piranga, isso não acontece, uma vez que os percentuais são similares nas duas funções sintáticas.

QUADRO 10 – Análise Conjunta das Cidades – Faixa Etária

Objeto com preposição	Determinado	Indeterminado
Itaúna	São poucos dados, mas há indícios de progressão do A GENTE. A preposição COM não ocorreu.	Também são poucos casos e observamos que junto à preposição COM, só ocorre a variante A GENTE.
Machacalis	Os jovens usam mais o NÓS do que os adultos. Indício de progressão do NÓS e especialização das formas. Com a preposição COM só aparece A GENTE.	Existem poucos dados. O uso de A GENTE é maior entre os jovens. Indício de progressão. Com a preposição COM só aparece a variante A GENTE.
Piranga	O A GENTE é a variante mais usada. Os jovens não usaram a variante NÓS. Houve somente um caso de NÓS na fala dos adultos. Com a preposição COM só aparece A GENTE.	A variante A GENTE é a única usada, com resultados semelhantes entre jovens e adultos. Não há variação. Com a preposição COM só aparece a variante A GENTE.

Comparativamente, observamos situações opostas em Itaúna e Piranga em relação a Machacalis, tendo em vista que há indícios de progressão de A GENTE no significado determinado em Itaúna e que o A GENTE está bem implementado em Piranga nessa função, enquanto que em Machacalis existe maior uso da forma conservadora NÓS.

Ao separar por faixa etária, constatamos que enquanto os jovens de Itaúna usam mais A GENTE; os de Machacalis usam mais o NÓS. Isso é um indício de especialização das formas em Machacalis: NÓS determinado e A GENTE indeterminado. Quando cotejamos os resultados das três cidades, é perceptível em Piranga que o modo de falar em relação ao uso de tais variantes não muda significativamente no tocante à faixa etária.

Aventamos, na hipótese 3, que a diferença supracitada no uso das duas variantes nas três comunidades em estudo está associada às redes sociais. Nesse sentido, consideramos que Ouro Branco, conforme Silva (2014), e Itaúna possuem redes sociais mais abertas, as quais tendem a ser menos conservadoras em relação ao uso de A GENTE.

Constatamos que o A GENTE é mais usado em ambas as cidades. Nesse sentido, reforçamos a assertiva de Battisti (2014), a qual argumenta que as redes sociais abertas são mais propensas à inovação linguística:

O foco [da pesquisa de Battisti] baseia-se em Milroy e Milroy (1985), que tratam a difusão da inovação como um aspecto relacionado ao clássico problema da implementação da mudança linguística. A análise da posição e dos laços dos inovadores na rede parte do pressuposto, igualmente inspirado naqueles autores, de que a inovação, adotada inicialmente por membros periféricos (e de laços mais fracos), difunde-se na rede quando os membros centrais (e com laços mais fortes), a adotam. (BATTISTI, 2014, p.86)

Assim comprovamos, em parte, a hipótese 3. Mas Piranga, que é uma rede social mais fechada, não se assemelha a Machacalis, outra rede fechada. Possivelmente existem outras questões atuando nas relações das redes sociais que devem ser consideradas em estudos posteriores.

Por exemplo, a proximidade maior de grandes centros pode interferir no processo variável. Piranga é uma comunidade mais próxima da capital (169 km) diferentemente de Machacalis, comunidade que se localiza a 645 km da capital. Assim, a distância dos grandes centros deve ser um fator a ser estudado pois, por hipótese, pode influenciar na progressão maior do uso da variante inovadora em comunidades de fala mais fechadas.

Em relação ao uso da forma inovadora com significado indeterminado, A GENTE já está implementado ou progredindo nas três cidades. Comprovamos a hipótese 1, pois a variante A GENTE no significado indeterminado está sendo implementado mais rapidamente nas três cidades.

Encontramos indícios de comprovação da hipótese 2, pois no significado determinado a implementação da variante inovadora no objeto é, em muitos casos, maior do que na função de sujeito.

Com a preposição COM ocorreu apenas a variante A GENTE nas três cidades. Isso é algo a ser considerado, pois parece ser uma estratégia de esquiva em relação à variante padrão CONOSCO e da variante, que aparenta ter estigma, COM NÓS.

Agora vejamos os quadros comparativos das três comunidades em relação ao gênero/sexo.

QUADRO 11 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo

Sujeito	Determinado	Indeterminado
Itaúna	Os homens usam significativamente mais A GENTE do que as mulheres. Indícios de estigma em relação à variante inovadora A GENTE.	Não há indícios de diferenças entre homens e mulheres, sendo predominante a forma inovadora.
Machacalis	Mulheres e homens usam de forma semelhante as duas variantes com percentuais próximos de 50%.	Homens e mulheres usam mais A GENTE. Mas as mulheres usam significativamente mais do que os homens.
Piranga	O uso de A GENTE é igual entre homens e mulheres.	Homens e mulheres usam mais A GENTE.

Na função sintática de sujeito no significado determinado, os dados mostram que o A GENTE é preponderante entre os homens em Itaúna, mas não entre as mulheres. Assim, constatamos que há indícios de estigmatização da forma inovadora. Nas comunidades de Machacalis e Piranga não observamos a presença de estigma, posto que homens e mulheres usam de forma semelhante o A GENTE.

Diante do exposto, percebemos que há indícios de progressão do A GENTE na função gramatical de sujeito com significado determinado na cidade de Itaúna. Em Piranga o A GENTE já está bem implementado. Ao contrário, em Machacalis há indícios de implementação das formas. Os homens em Itaúna usam mais o A GENTE enquanto que em Piranga o uso de A GENTE é igual entre homens e mulheres. Em Machacalis, observamos que homens e mulheres fazem uso semelhante das duas variantes. Observamos que o A GENTE é empregado entre os machacalienses, mas a mudança provavelmente vai demorar mais.

QUADRO 12 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo

Objeto sem preposição	Determinado	Indeterminado
Itaúna	Os homens e as mulheres estão usando mais o A GENTE. Mas, as mulheres usam menos o A GENTE do que os homens.	As mulheres estão usando mais o A GENTE. Não houve ocorrências entre os homens. Não há como comparar.
Machacalis	Os homens adotaram maior uso da forma inovadora, e as mulheres, que tendem a ser mais conservadoras, usaram com maior frequência o NÓS.	Não houve casos da variação NÓS ~ A GENTE. Não há como comparar.
Piranga	O A GENTE é mais usado pelos homens do que pelas mulheres. Não há uso de NÓS pelos homens, apenas uma ocorrência apresentada na fala das mulheres.	Homens e mulheres apresentam resultados semelhantes, fazendo apenas uso de A GENTE e nenhuma ocorrência de NÓS.

Os resultados apontam que, se há diferença nos usos das variantes, as mulheres usam menos a variante inovadora A GENTE (na maioria das vezes).

QUADRO 13 – Análise Conjunta das Cidades – Gênero/Sexo

Objeto com preposição	Determinado	Indeterminado
Itaúna	Os homens estão usando mais o A GENTE do que as mulheres. Indícios de estigma em relação ao A GENTE.	Os homens e as mulheres estão usando mais A GENTE com significado indeterminado. A variante inovadora já progrediu. Não há variação.
Machacalis	Os homens usam um pouco mais A GENTE do que as mulheres.	As mulheres usam ligeiramente mais a variante A GENTE. Indícios de que o estigma é menor no significado indeterminado.
Piranga	Usa-se mais A GENTE. As mulheres usam um pouco mais do que os homens a variante inovadora.	Não há diferença entre homens e mulheres. Usa-se sempre o A GENTE.

Aqui temos que ressaltar que ainda se faz necessário um estudo para cada preposição separadamente, o que poderá ser feito em estudos posteriores.

No âmbito da sociolinguística, torna-se relevante destacar que o estudo da correlação gênero/sexo e mudança linguística está atrelado ao valor social da variante, ou seja, observou-se a estigmatização por parte das mulheres em Itaúna, pois as mulheres usaram significativamente mais a variante conservadora NÓS na função de sujeito indeterminado. Baseando-se em Labov ([1972]2008), em situações de fala monitorada, as mulheres tendem a fazer hipercorreção, revelando-se mais suscetíveis do que os homens à linguagem prestigiada.

Nas palavras deste autor:

[...] Aqui, como em toda parte, fica claro que as mulheres são mais sensíveis do que os homens aos valores sociolinguísticos explícitos. Mesmo quando usam as formas mais extremas de uma variável sociolinguística em avanço em sua fala casual (cap. 6), as mulheres se corrigem mais nitidamente do que os homens nos contextos formais. [...] (LABOV[1972]2008, p.287)

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmamos anteriormente, analisamos apenas casos da variação explícita NÓS e A GENTE como a 1ª Pessoa do Plural, não analisamos como 1ª Pessoa do Singular, posto que não foram encontrados dados no *corpus* pesquisado com esse último significado. Não observamos questões relativas às flexões de número e gênero/sexo, pois houve pouca variação nos dados coletados. Não observamos também aspectos relacionados à concordância verbal, pois houve pouca variação.

Retornemos, então, às questões iniciais:

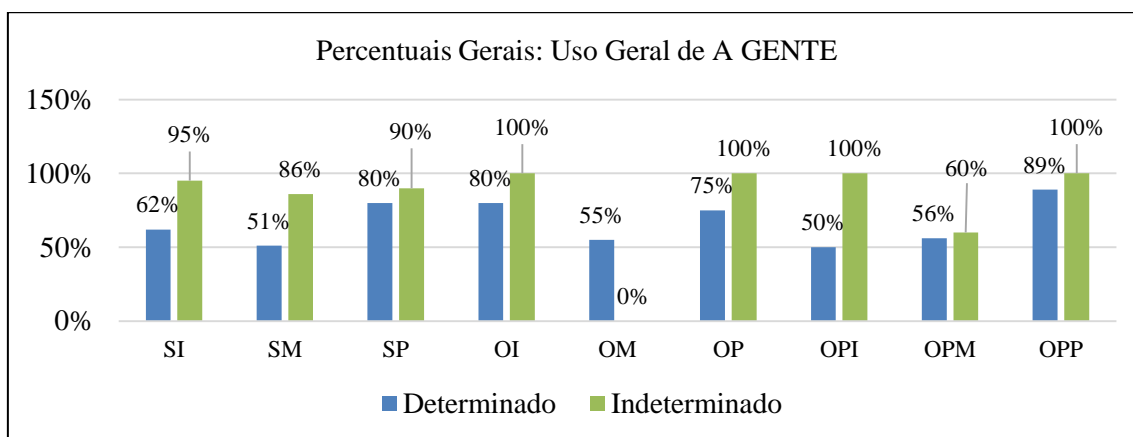
- a) O significado da variável, determinado ou não, interfere na implementação da forma A GENTE? Essa forma se implementa mais rapidamente em um significado do que em outro?
- b) A mudança de NÓS para A GENTE ocorre igualmente em funções sintáticas diversas? Se há diferença em relação às funções, podemos dizer que encontramos indícios de que essa diferença está relacionada à simplificação do sistema pronominal (LOPES, 2003)?
- c) No processo de mudança NÓS ~ A GENTE, as comunidades estão todas na mesma etapa do processo? Caso negativo, que hipóteses podemos aventar a respeito das diferenças?

Para nossas considerações finais, vejamos o quadro e o gráfico a seguir:

QUADRO 14 – Percentuais Gerais: Uso Geral de A GENTE

Percentuais Gerais: Uso Geral de A GENTE			
Função sintática / cidade	Código	Determinado	Indeterminado
Sujeito / Itaúna	SI	62%	95%
Sujeito / Machacalis	SM	51%	86%
Sujeito / Piranga	SP	80%	90%
Obj. sem preposição / Itaúna	OI	80%	100%
Obj. sem preposição / Machacalis	OM	55%	–
Obj. sem preposição / Piranga	OP	75%	100%
Obj. com preposição / Itaúna	OPI	50%	100%
Obj. com preposição / Machacalis	OPM	56%	60%
Obj. com preposição / Piranga	OPP	89%	100%

GRÁFICO 1 – Percentuais Gerais: Uso Geral de A GENTE



Comprovamos nas cidades, com dados substanciais, a hipótese 1 de que A GENTE com o significado indeterminado foi e está sendo implementado mais rapidamente do que com o significado determinado em todas as cidades, em todas as funções em que há dados para a análise.

Interessante notar que o princípio da persistência do processo de gramaticalização evidencia que alguns traços do item lexical inicial persistem. Isso ocorre com A GENTE pronominal, que se implementa muito mais rapidamente no significado indeterminado. Essa indeterminação está presente no item GENTE, que deu origem ao A GENTE. Não fosse assim, nos processos de gramaticalização de modo geral os traços de indeterminação seriam mais presentes nas etapas finais.

Encontramos indícios da hipótese 2 de que a implementação se dá mais rapidamente na função de objeto sem preposição do que na função de sujeito provavelmente devido ao estigma do uso de NÓS como objeto, já que a forma NOS é padrão.

Os percentuais de A GENTE são maiores na função de objeto sem preposição do que na função de sujeito, exceto em Piranga no significado determinado.

Observamos no objeto com preposição que não ocorreu COM NÓS nem CONOSCO nos nossos dados. Provavelmente o uso de A GENTE aí é uma estratégia de esquiva da forma CONOSCO e do estigma de COM NÓS. Nesse caso, os percentuais de modo geral de uso de A GENTE são maiores do que na função de sujeito.

Assim, nas funções onde se poderiam realizar NÓS ~ NOS ~ A GENTE; COM NÓS ~ CONOSCO ~ COM A GENTE a implementação do A GENTE ocorre mais rapidamente, posto que o A GENTE pronominal tem sempre a mesma forma em todas as

funções. Isso parece estar relacionado com a simplificação do sistema pronominal português.

Retomemos a citação de Duarte (2013):

[...] apenas a primeira pessoa do singular se mantém inalterada. A primeira do plural apresenta, na fala, preferencialmente o pronome **a gente** (OMENA, 1986; MENON, 1994, 1996; LOPES, 1999, 2003, entre muitos outros), tanto para o nominativo quanto para o acusativo (*ele viu a gente*), dativo (*ele deu o livro pra gente*), oblíquo (*ele vai com a gente*), enquanto as formas grifadas - o nominativo **nós**, o clítico **nos** e os oblíquos **nós, conosco** - (*ele nos viu, ele nos deu o livro, ele confia em nós, ele vai conosco*) ficam restritos à escrita ou à fala mais conservadora (seja de indivíduos mais velhos seja em regiões mais isoladas), que ainda mantêm o pronome *nós* em variação com *a gente*. (DUARTE, 2013, p. 120)

Observamos nos nossos dados que nem sempre o A GENTE é igualmente preferencial. Há diferenças entre as funções. Essa filigrana no processo de mudança nos interessou analisar. O que notamos foi que a força da simplificação da concordância verbal relacionada ao sujeito não supera a força da simplificação do sistema pronominal.

A diferença encontrada entre as cidades parece estar relacionada às redes sociais. Assim, ao compararmos as comunidades pesquisadas, observamos que em Machacalis, uma comunidade com rede social mais fechada (SILVA, 2014), a implementação da mudança de NÓS para A GENTE está ocorrendo mais lentamente do que em Itaúna, rede mais aberta (SIMIÃO, 2016). É importante elucidar que Piranga, considerada como uma comunidade de rede mais fechada, não tem as realizações nos moldes de Machacalis (rede mais fechada também). Piranga se aproxima mais de Itaúna, rede aberta. Ocorre em Machacalis um fenômeno de resistência à mudança: especialização das formas – com o significado determinado os jovens usam mais o NÓS; com o significado indeterminado usa-se mais o A GENTE de modo geral.

Ao comparar os resultados desta pesquisa com os resultados apresentados por Silva (2014) a respeito do sujeito nas cidades mineiras de Ouro Branco (rede aberta) e Machacalis (rede fechada), constatamos que a autora comprovou que redes sociais diferentes atuam diferentemente. Vejamos o quadro:

QUADRO 15 – Síntese das Cidades

Cidade	Rede Social	Processo de Mudança em Curso
Ouro Branco	Aberta	Sim
Itaúna	Aberta	Sim
Machacalis	Fechada	Não plenamente
Piranga	Fechada	Sim

Observando o sujeito, o estudo de Silva (2014) nos mostra que, em Ouro Branco, há influência das redes sociais nas realizações da variável A GENTE na mesma direção que encontramos em Itaúna, posto que as duas cidades possuem redes sociais mais abertas de acordo com Milroy (1987), ou seja, a implementação da forma inovadora A GENTE ocorre mais rapidamente nas comunidades mais abertas. Como vimos, Itaúna, por apresentar uma rede social mais aberta, vem implementando a mudança mais rapidamente do que em Machacalis. Machacalis difere de Itaúna e Ouro Branco por apresentar a especialização das formas (HOPPER, 1996).

Como dissemos, comprovamos em parte a hipótese 3. Piranga, considerada rede social mais fechada, no entanto, não apresentou realizações como Machacalis. Piranga apresenta resultados que se assemelham aos resultados de Itaúna e Ouro Branco.

Assim, cremos que uma contribuição importante desta pesquisa é mostrar que vários fatores atuam no processo de mudança. No caso de Piranga, rede social mais fechada, consideramos que essa cidade está em posição privilegiada, mais próxima de um grande centro urbano (Belo Horizonte) do que Machacalis e seus habitantes têm possibilidade de contato com falantes de Belo Horizonte com maior frequência. Ademais, Piranga está a 57 km de Viçosa, cidade universitária, que, provavelmente, apresenta redes multiplexas. Assim, aventamos a hipótese de que essa proximidade é um importante fator nas realizações dos falantes.

Observamos, então, que não são só as redes sociais que atuam, existem outros fatores que podem interferir nas realizações linguísticas. Levantamos a hipótese da atuação do grau de contato com os grandes centros como fator importante na propagação das mudanças a ser melhor avaliado em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. L. **Map locator of Minas Gerais's Itaúna city**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Itauna.svg>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. **Map locator of Minas Gerais's Machacalis city**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Machacalis.svg>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. **Map locator of Minas Gerais's Piranga city**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:MinasGerais_Municip_Piranga.svg>. Acesso em: 20 julho 2018.

ALMEIDA, L. F. **A Variação das Vogais Médias Pretônicas na Cidade de Machacalis**. 2008. 283f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR7QBH79/1182m.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS - ALMG. **Municípios de Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.almg.gov.br/consulte/info_sobre_minas>. Acesso em: 20 jun.2017.

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BATTISTI, E. Redes sociais, identidade e variação linguística, p.79-98. In Raquel Meister Ko. Freitag (Org.). **Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística**. São Paulo: Editora Edgard Blucher, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5151/BlucherOA-MCMDS-7cap>>. Acesso em 3 jun. 2018.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BORGES, P. R.S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. 2004. 208 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>>. Acesso em: 3 dez. 2015.

BRUSTOLIN, A. K. B. da S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 2009. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/93178>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

CARNEIRO, S. **Nós e a gente em Caimbongo: aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos de uma comunidade afro-brasileira**. 2008. 123f. Dissertação (Mestrado

em Estudo de Linguagens) – Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=137178>. Acesso em: 20 fev. 2017.

CARVALHO, A. P. M. A. **Redes sociais e variação sintática**: o comportamento linguístico dos jovens de Barra Longa/MG em relação ao uso do artigo definido diante de antropônimos. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2011, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/edicao_volume_2_numero_2.php>. Acesso em: 12 mar.2015.

CARVALHO, L. B. **Escrever bem com gramática**. 5ºano. 6 ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, D. A. **O estágio de gramaticalização do então à luz dos princípios de Hopper**. In: IV SIMPÓSIO NACIONAL DE LINGUAGENS E GÊNEROS TEXTUAIS. 1., 2017, João Pessoa. Anais do SINALGE. João Pessoa: Editora Realize, Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <www.editorarealize.com.br/revistas/sinalge/anais.php>. Acesso em: 13 out. 2018.

CEGALLA, D.P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, W.R. MAGALHÃES, T.C. **Gramática Reflexiva**. 4 ed. São Paulo: Atual, 2016.

COELHO, *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. 174 p.

COELHO, R. F. **É nós na fita!** Duas variáveis linguísticas numa vizinhança da periferia paulistana (O pronome de primeira pessoa do plural e a marcação de plural no verbo). 2006. 182f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.academia.edu/28743075/_%C3%89_n%C3%B3is_na_fita_-_Duas_vari%C3%A1veis_lingu%C3%ADsticas_numa_vizinhan%C3%A7a_da_periferia_paulistana>. Acesso em: 10 jun.2016.

COUTINHO, I. L. **Pontos de gramática histórica**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, C. CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DEON, V. A., PENKAL, L. L., FRANCESCHINI, L. T. Variação pronominal NÓS/A GENTE em Guarapuava, Paraná: O papel dos fatores linguísticos. **Revista Trama**. Vol. 12, N. 27, 2016, p.110-138.

DIAS, M. R. **A variação das vogais médias pretônicas no falar dos mineiros de Piranga e de Ouro Branco**. 2008. 296f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ALDR-7LSPMJ>>. Acesso em: 10 nov.2014.

DIAS, M. R. **Estudo Comparativo da variação das vogais médias pretônicas em falares mineiros**. 2014. 372f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MGSS-9PPQHP/1199d.pdf?sequence.>> Acesso em: 20 fev. 2016.

DICIONÁRIO Tupi-Guarani. **Guarapiranga**. Disponível em: <<http://goo.gl/IWkMDH>>. Acesso em: 24 fev. 2018.

DUARTE, M. E. L. O papel da sociolinguística na descrição da gramática da escrita contemporânea. In: MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. (Org.). **Contribuições da Sociolinguística e da Linguística Histórica para o ensino de língua portuguesa**. Natal: Ed. da UFRN, 2013b. p. 117-143.

FRANCESCHINI, L. T. **Variação pronominal nós/a gente e tu/você em Concórdia – SC / _Curitiba**. 2011. 252f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Paraná (UFP), Curitiba, 2011. Disponível em: <<https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/32629/R%20-%20T%20-%20LUCELENE%20TERESINHA%20FRANCESCHINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 8 set. 2016.

FREITAS, C. J. **A GENTE ~ NÓS estudo comparativo do vocabulário rural mineiro**. In: XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 12. , 2015, Rio de Janeiro. Cadernos do XIX CNLF. Rio de Janeiro, 2015.

GIACOMOZZI, G. VALÉRIO, G. REDA, C.M. **Descobrimo a Gramática: língua portuguesa, 6º ao 9ºano - Ensino Fundamental**. São Paulo: FTD, 2016.

GRUBER, E. S. E., COSTA, N. S. A., SANTOS, F. E. A. NÓS e A GENTE Variação estável ou mudança linguística? **Revista Philologus**, Ano 21, n. 63. Supl.: Anais da X CNLF. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2015.

HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. **Gramaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, P. J. On some principles of gramaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). **Approaches to Grammaticalization**. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, 1991. p. 17-35.

HOPPER, P. J. Some recent trends in grammaticalization. **Annual Review of Anthropology**, Califórnia, v.25, p. 217-236, 1996. Disponível em:< <https://www.annualreviews.org/toc/anthro/25/1>>. Acesso em: 2 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.com>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

LABOV, W. ([1972] 2008). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria Marta P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, Editorial, 2008. 389 p.

LEAL, T.P. **Da promessa à confirmação: alforrias, legados e heranças aos escravos e libertos da região de Guarapiranga, Minas Gerais (c: 1820 – 1871)**. 2015. 210 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/6320>>. Acesso em: 8 ago. 2016.

LIMA, R. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 51 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

LOPES, C. R. S. **Nós e A Gente no português falado culto do Brasil**. 1993. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa), Rio de Janeiro, 1993.

_____. **NÓS e A GENTE no Português falado culto do Brasil**. **Revista DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (PUCSP. Impresso), SÃO PAULO, v. 14, n.2, p. 405-422, 1998.

_____. **A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português: percurso histórico**. 1999. 199 p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

_____. De gente para a gente: o século XIX como fase de transição. In: ALKMIN, Tânia M. **Para a história do português brasileiro**. v. 3. São Paulo: FLP/USP, 2002.

_____. A inserção de ‘a gente’ no quadro pronominal do português. Frankfurt amMain/Madrid: **Vervuert/Iberoamericana**, 2003, v.18. p.174. Disponível em: <<http://www.laborhistorico.letras.ufrj.br/producao/Lopetese.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

_____. A gramaticalização de *a gente* em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificação dos traços intrínsecos. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.4, n.1, p. 47-80, 2004.

_____. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S.R. BRANDÃO, S. F. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007, v. 1, p. 103-114.

_____. O quadro de pronomes pessoais: descompasso entre pesquisa e ensino. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 19, n.30, p. 116-141, 2013.

_____. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R. BRANDÃO, S. F. (Org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. 2ed., 4ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2016.

LUFT, C. P. **Moderna Gramática Brasileira**. Edição revista e atualizada por M. Módolo e M. E. Viaro. 2.ed. São Paulo: Globo, 2002.

MAIA, F. P. S. **Investigando as formas reduzidas de A GENTE no dialeto mineiro**. 2012. 148f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8U7M2P>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

Mapas App. **Mapas de Machacalis – MG**. Disponível em: <<https://mapasapp.com/satelite/minas-gerais/machacalis-mg/>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

MATOS, Â. B. **Itaúna em dados** (Ano: 2012 – Ano Base: 2011), 5 ed. Disponível em: <<http://www.itauna.mg.gov.br/site/municipio/itauna-em-dados>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

MATTOS, S. E. R. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 137 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13064>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

MENDONÇA, A. K. **Nós e a gente em Vitória**: análise sociolinguística da fala capixaba. 2010. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010. Disponível em: <<http://linguistica.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGEL/detalhes-da-tese?id=4127>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

MENDONÇA, J. J. **Variação na expressão da 1ª pessoa do plural**: indeterminação do sujeito e polidez. 2016. 102 f. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/bitstream/riufs/5694/1/JOSILENE_JESUS_MENDONCA.pdf>. Acesso em: 17 out. 2017.

MENON, O. P. S.. O sistema pronominal do português. **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, p.91-106, 1995.

_____. **A gente**: um processo de gramaticalização. In: GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 25., 1996, Taubaté. Anais do Seminário do GEL, XXV: Taubaté, 1996. p. 622-628. Disponível em: <<http://www.gel.hospedagemdesites.ws/anais/index.php>>. Acesso em: 14 nov. 2015.

MESQUITA, R.M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 9 ed. São Paulo: Saraiva, 2007.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. Oxford: Routledge. 2006.

MILANEZ, W. **Recursos de indeterminação do sujeito**. 1982. 149 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1982. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270871>>. Acesso em: 10 nov. 2015.

MILROY, J., MILROY, L. **Linguistic change, social network, and speaker innovation**. *Journal of Linguistics* 21. 1985. p. 339–384.

MILROY, L.. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

_____. **Language and social networks**. 2 ed. Oxford: Blackwell, 1987.

- _____. **Language and social networks**. 2. ed. Cambridge: Blackwell, 1995.
- MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. (orgs.). Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015. p. 9-14.
- NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- NASCIMENTO, C. S. **Nós e A Gente em Salvador: confronto entre duas décadas**. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27654>>. Acesso em: 11 ago. 2017.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- NUNES, N. N. A variação social em Areia, Estado da Paraíba, Brasil. Pensar diverso. Da singularidade à confluência. **Revista de Estudos Lusófonos da Universidade da Madeira**, Universidade da Madeira, n. 1, 2010, p. 27-49.
- OLIVEIRA, A. J. **Variação em itens lexicais terminados em /l/+vogal na região de Itaúna/MG**. 2006. 159 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp035745.pdf> >. Acesso em: 17 ago. 2018.
- OLIVEIRA, A. J. **‘Comendo o final das palavras’**: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: < <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-96THZA>>. Acesso em: 2 maio 2014.
- OLIVEIRA, E. V. M. A Análise de Redes Sociais de Interação e o Letramento: contributos para o ensino de língua portuguesa. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 19, n.1, p. 267-292, jun. 2016.
- OLIVEIRA, L. H. **Nas malhas da incerteza: comportamento e estratégias camponesas na Freguesia de Guarapiranga (1750-1820)**. 2006. 241f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006. Disponível em: < <http://repositorio.ufjf.br:8080/xmlui/handle/ufjf/5479> >. Acesso em: 26 out. 2018.
- OMENA, N. P. A referência variável da primeira pessoa do discurso no Plural. In: NARO, A. J. *et al.*: **Relatório Final de Pesquisa: Projeto Subsídios do Projeto Censo à Educação**, Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. VOL. II, p. 286 – 319.
- OMENA, N. P. de. A referência à primeira pessoa do discurso no plural. In: SILVA, G. M. de O. e SCHERRE, M. M. P. (Orgs.) **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: Departamento de Linguística e Filologia, UFRJ, 1996. p. 185-215

PACHECO, C. S. **Alternância nós e a gente no Português Brasileiro e no Português Uruguaio na fronteira Brasil-Uruguaí (Aceguá)**. 2014. 311f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/17791>>. Acesso em: 18 abril 2018.

PAIVA, M. da C. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed., 3ª reimpressão - São Paulo: Contexto, 2015. p. 33-42.

PEREIRA, A. P. **NÃO em formações nominais no português: morfologização e gramaticalização**. 2012. 285f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR7QBH79/1182m.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITAÚNA/MG. **História de Itaúna - Séc. XVIII**. Disponível em:<<http://goo.gl/uuJnxu>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

RAMOS, C. M. A; BEZERRA, J. R. M.; ROCHA, M. F. S. Do nosso cotidiano ou do cotidiano da gente? Um estudo da alternância nós/a gente no português do Maranhão. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 279-292, 2009.

RUBIO, C. F. “Nós” versus “a gente” no português falado no noroeste paulista. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 1029-1044, 2011.

SCHERRE, M. M. P., YACOVENCO, L. C., NARO, A. J. Nós e a gente no português brasileiro: concordâncias e discordâncias. **Estudos de linguística galega**, Universidade de Santiago de Compostela, 2018. Volume especial I. p. 13-27, 2018.

SEARA, I. C. A variação do sujeito nós e a gente na fala florianopolitana. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, v. 14, n. 28-29, p. 179-194, 2000.

SILVA, A. F. Emprego de Nós e A Gente no Preenchimento do Sujeito em Cocal-GO. **Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia - RENEFARA**, v. 4, n. 4, p. 88-100, 2013.

SILVA, C. C. C. A variação nós e a gente no português culto carioca. **Revista do GELNE**, Piauí, v. 12, n. 1, p. 67-74, 2010.

SILVA, I. **De quem nós/a gente está (mos) falando afinal?: uma investigação sincrônica da variação entre nós e a gente como estratégias de designação referencial**. 2004. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30368591.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.

SILVA, L. B. C. **Nós/A gente: variação ou mudança?** 2011. 96f. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura) – Universidade da Amazônia, Belém, 2011. Disponível em: <<http://www6.unama.br/ppgclc/dissertacoes>>. Acesso em: 3 mai. 2017.

SILVA, M. R., CAMACHO, R. G. Os pronomes nós e a gente no português falado em Rio Branco. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 311-321, 2017.

SILVA, M. L. M. Estudo comparativo da variação A GENTE ~ NÓS no falar baiano e no falar mineiro. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, Belo Horizonte, v. 7, 2014, p. 76-91.

SIMIÃO, D. P. **Estudo comparativo das formas uai, uê e ué em Itaúna/MG e Piranga/MG**, 2016. 138f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MGSS-AF3L8C>>. Acesso em: 27 out. 2017.

SMANIOTTO, J. **O uso do A GENTE no lugar do pronome NÓS entre os falantes de Língua Portuguesa**. 2010. 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/619/TCC%20Overs%C3%A3o%20final%20Jana1207.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 29 mai. 2016.

SÓRIA, M. V. P. **Nós, a gente e o sujeito nulo de primeira pessoa do plural**. 2013. 129f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/12218/1/ulfl157008_tm.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2015.

SOUZA, A. S., BOTASSINI, J. O. M. **A variação no uso dos pronomes-sujeito nós e a gente**. In: SIMPÓSIO NACIONAL/INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2009, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 1-10.

SPESSATTO, M. B. Formas linguísticas inovadoras não conhecem fronteiras: nós/a gente na fala da população da Costa da Lagoa. **Working Papers em Linguística (UFSC)**, Florianópolis, v. 11, n.esp., p. 82-93, 2010.

TAMANINE, A. M. B. **Curitiba da gente: um estudo sobre a variação pronominal nós/a gente e a gramaticalização de a gente na cidade de Curitiba** – PR. 2010. 222 f. Tese (Doutorado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24120>>. Acesso em: 5 fev. 2016.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. 4. ed. São Paulo, Ática, 2007. 96 p.

TAVARES, N. R. K. **Variação pronominal (NÓS/A GENTE) nos telejornais nacionais da rede Globo**. 2014. 131f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37024>>. Acesso em: 15 mai. 2015.

TERRA, E. **Curso Prático de Gramática**. 6 ed. São Paulo: Scipione, 2011.

VARGAS, M. R. M. **Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX**. 2014. 102f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/20904>>. Acesso em: 18 set. 2018.

VIANNA, J.; LOPES, C. A competição entre nós e a gente nas funções de complemento e adjunto: desvendando outras portas de entrada para o pronome inovador. **Revista Caligrama**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 137-161, 2012.

VIANNA J. B. S. **Semelhanças e diferenças na implementação de a gente em variedades do português**. 2011. 235f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VILELA, M. KOCH, I.V. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

VITÓRIO, E. G. S. L. A. O Pronome A Gente Na Fala Maceioense: Um Estudo Sociolinguístico. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Espírito Santo, v. 11, n.19, p. 63-82, 2017.

VITRAL, L., VIEGAS, M. C., OLIVEIRA, A. J. Inovação versus Mudança: a interseção Gramaticalização/Teoria da Variação e Mudança. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (Org.). **Estudos de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006. 151 p.

ZÁGARI, M. R. L. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A Geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas**. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 1998. p. 45-72.

ZILLES, Ana Maria S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n 2., p. 27-44, 2007.

Quadro sinóptico dos dados de Itaúna

Código do informante	Sujeito determinado		Sujeito indeterminado		Faixa etária	Gênero/sexo	Cidade
	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS			
BMI AF40	11	1	6	0	Adulto	Feminino	Itaúna
EMIAF39	26	51	15	2	Adulto	Feminino	Itaúna
CHIAM33	6	0	0	0	Adulto	Masculino	Itaúna
AHIAM34	19	5	20	0	Adulto	Masculino	Itaúna
IMI JF15	6	0	0	0	Jovem	Feminino	Itaúna
DMI JF16	6	4	7	0	Jovem	Feminino	Itaúna
FHIJM16	31	1	8	0	Jovem	Masculino	Itaúna
RHIJM17	34	23	1	1	Jovem	Masculino	Itaúna

ANEXO A – Dados de Itaúna: Sujeito Determinado

Informante BMI AF40:

1. “tenho, saía muito, assim tinha muito colega, brincava muito na rua, sabe? **A gente** ia muito pra clube,” [...]
2. “[...] quando num era pro iate **a gente** ia muito pra praça de esportes, ia muito pra sítio, então era bem tranquilo”.
3. “[...] Eles num eram assim de repreender não. Assim, mas **a gente** não fazia coisas absurda também não, sabe, era coisa assim de criança mesmo, [...]”
4. “[...] Eu fui correndo... uma vez também ele machucou lá na roça, apertou o dedo na roça, **nós** tivemos que saí correndo com ele pra aqui [...]”
5. “[...] tem sítio, **a gente** ia muito agora até que eu num vou muito mais não.”
6. “[...] Mas quando os meninos eram pequenos eu ia demais. Quando **a gente** era pequeno [...]”
7. “[...] indo pra Divinópolis, sabe? Mas agora até que **a gente** num vai mais não por que, ah, desanima né?”
8. “[...] fica naquela ilusão, quando **a gente** tem... agora já é mais antigo quase num vai lá não [...]”
9. “[...] Porque o papai tem apartamento em Guarapari, mas agora tá tudo assim mais difícil né? fica tudo assim mais caro, aí uma vez por ano **a gente** vai, [...]”
10. “[...] janeiro mais ou menos **a gente** vai, pra Guarapari.”

11. “[...] diz, que desde que fundou o asilo ele mora lá. Ele tem irmã só, aqui em Itaúna e tem uma família em Rio Manso. Aí quando ele some **a gente** sabe que ele foi para Rio Manso, [...].”
12. “[...] é, às vezes **a gente** sai e vai no varejão, com eles, faz o suco com eles, faz bolo, mas, mais é o diário mesmo, trabalha o sistema corporal [...].”

Informante EMIAF39:

13. “[...] Itaúna é uma cidade assim que né eu acho que ela faz assim a sua própria história. A história dela não mistura com nenhuma não. Que aqui **nós** tivemos, a cidade foi criada por pessoas que mandavam na cidade né?”
14. “[...] então aí **a gente** votou no ramalho que era uma pessoa que nem daqui num era, era de sete lagoas e as classe mais pobre teve como mudar [...].”
15. “[...] não tinha associação mas **nós** já fomos criando , quando foi em oitenta e dois que deu a virada eu participei das primeiras ideias de associação dos bairros [...].”
16. “[...] que o povo sabia que podia ter um líder no bairro, ter uma associação e **nós** fomos nos bairro tudo participando com isso, depois eu entrei, [...].”
17. “[...] eu entrei no conselho municipal de saúde, pra eles vê que conselho é que manda saúde, e **a gente** participava e reivindicava e brigava com os médico [...].”
18. “[...] os político achou que tava mandando no eleitorado itaunense, quando eles junta num grupão, eles pensa assim , agora **nós** vamos ganhar [...].”
19. “[...] porque **nós** tamo tudo juntinho, e o povo mostrou pra eles que o povo não anda no cabresto deles, [...].”
20. “[...] **Nós** temos muito itaunense, Itaúna tem uma universidade boa, qualquer itaunense pode se inscrever em qualquer país e passar e eles vão pagar pra todo mundo?”
21. “[...] então eles privilegiar filho de ex - vereador de vereador é contra a lei , eles num tá podendo fazer isso e fez essa semana, **nós** já denunciemos isso já.”
22. “[...] **nós** já denunciemos terça feira na câmara municipal, toda terça eu tô lá, [...].”
23. “[...] eu participo das reunião do executivo , do legislativo e do judiciário , do judiciário é muito difícil porque é muita coisa, então **a gente** não dá conta de cobrir tudo não [...].”
24. “[...] se não **a gente** não sai de lá toda hora, mas terça feira lá no legislativo, [...].”

25. “[...] na reunião dos vereador **nós** já denunciemos isso lá, inclusive com o da prefeitura, [...].”
26. “[...] Então eu escrevo as matérias daqui pra ser incluída lá, o jornal agora, o jornal dicas, Betim. Só que agora **nós** estamos criando ele online, [...].”
27. “[...] **nós** estamos criando as páginas, até mês de setembro [...].”
28. “[...] **nós** já vamos estar com o jornal online.”
29. “[...] é **nós** tamo, trabalhando sabe?”
30. “[...] **nós** temos convênio com a prefeitura de lá, de Betim. Jornal circula direitinho, [...].”
31. “[...] é mas isso o meu amigo lá, lá **nós** temos uma turma de funcionários que é empresa né, [...].”
32. “[...] **nós** temos lá meia dúzia de gente que faz isso lá.”
33. “[...] comprou o maquinário todo, entendeu, então **nós** é o único que temos a impressora própria, mais nenhum não tem não, [...].”
34. “[...] era, quem mandava aqui era os Gonçalves de Souza, os Nogueira, **nós** participamos do movimento, [...].”
35. “[...] era, **nós** participamos um vez do movimento de greve aqui dos trabalhadores da São João eles chamaram polícia pra nós, [...].”
36. “[...] os soldados tudo desceram dos ônibus, aqui também era, **a gente** era muito ameaçado na rua, [...].”
37. “[...] **nós** corria o risco de vida na rua, [...].”
38. “[...] porque **nós** li aqueles livros dos comunista, [...].”
39. “[...] tem eu e um colega meu aqui do bairro **nós** era uns quatro aqui no bairro só, [...].”
40. “[...] então **nós** era vigiado, [...].”
41. “[...] **nós** sabia que tava sendo vigiado, ninguém andava assim muito sozinho não, [...].”
42. “[...] agora **a gente** anda, [...].”
43. “[...] e assim **nós** tinha muito cúmplice, [...].”
44. “[...] **nós** participava, [...].”
45. “[...] toda vida **nós** participava das reunião dos vereadores, os vereador, até os mesmo que ajudava a ditadura [...].”
46. “[...] às vezes **a gente** falava assim pode deixar, aqui era muito difícil porque não tinha calçamento na rua, [...].”

47. “[...] então os militar não gostava né, e aqui tinha muitos que era a favor, mas sempre **a gente** teve proteção de muita gente, [...].”
48. “[...] ele conseguiu avisar assim meia hora antes, para que ele não aparecesse lá e que **a gente** desaparecesse com ele que ele ia ser preso no momento da formatura.”
49. “[...] então o povo da ditadura ia prender ele lá. Aí **nós** consumimos ele. Sabe , sumiu com ele, ele não foi lá na formatura, [...].”
50. “[...] ele ficava em prisão domiciliar, ele trabalhava de dia, a partir de 6 horas da tarde até no outro 6 horas ele não podia sair de casa. Então **a gente** fazia o movimento, [...].”
51. “[...] então por mês cada um era escalado para ir pra casa dela que a esposa dele tava em Itatiaiuçu **a gente** ficava com medo dele estar correndo risco de vida [...].”
52. “[...] porque ele ficava sozinho, e aí **a gente** fazia uma troca, [...].”
53. “[...] **nós** os colega fazia um troca por mês [...].”
54. “[...] aí **a gente** fazia um calendário, tal dia fulano ia, [...].”
55. “[...] tal dia outro fulano e **a gente** ficava lá, [...].”
56. “[...] a gente assim a esposa dele saia 6 e meia **a gente** chegava seis e meia e saia dez hora, dez e meia a hora que ela tivesse chegando pra vir embora, [...].”
57. “[...] então **a gente** ficou dois anos assim, nesse prisão domiciliar dele [...].”
58. “[...] ficou dois anos preso, então **a gente** ficava assim.”
59. “[...] As diretas foi em oitenta e cinco. Então **a gente** tinha muito movimento aqui, [...].”
60. “[...] mas **nós** tinha muitas pessoas também que queria isso, mas não assim, não se mostrava assim pessoalmente que queria, [...].”
61. mas só que eles ajudava a gente, eles pagava ônibus pra gente, eles pagava comida, alimentação, então **a gente** ia nos movimento entendeu, [...].”
62. “[...] **a gente** não tinha, então esse colega mesmo o Célio mesmo ele não teve condições de ir, [...].”
63. “[...] Porque já acabou aqueles movimento, é uma vez **nós** fomos no rio naquele movimento dos 100 mil, no Rio de Janeiro, [...].”
64. “[...] então aqui em Itaúna **nós** temos muitas pessoas que financiou a gente, gente daqui e gente de fora que tava morando aqui.”

65. “[...] é, então eu participei muito em Belo Horizonte, do movimento estudantil, em Brasília, São Paulo, no Rio, eu já andei por esses lugar tudo, **nós** passava a noite lá [...].”
66. “[...] com a bandeira na mão querendo virada, em oitenta e oito **nós** criamos o, [...].”
67. “[...] em oitenta e sete **nós** criamos o comitê pró-constituente, [...].”
68. “[...] **nós** queria constituição diferente, porque a constituição antiga já tava, né, não dava direito a ninguém, cidadão comum, [...].”
69. “[...] então **nós** criamos a constituinte. Aí eu escrevi, tem um jornal do senado que saiu as escrita, tem carta minha, [...].”
70. “[...] porque naquele tempo os trabalhador rural tinha direito só da metade do salário, eles não recebia salário integral, salário mínimo não era pra eles, uma das nossas propostas era essa e aí **nós** começamos a fazer o movimento, [...].”
71. “[...] então **nós** criamos o movimento pró-constituente que era patrocinado por uma turma de vereadores que foi eleito na virada de oitenta e dois.”
72. “[...] Aí quando foi a, **nós** tivemos lá, o Ulisses Guimarães recebeu a gente, [...].”
73. “[...] **nós** entregamos as nossas emenda de Itaúna, [...].”
74. “[...] **nós** participamos, [...].”
75. “[...] **nós** fomos lá, recebido lá em todos os lugar, o Marcos Lima era deputado recebeu a gente lá.”
76. “[...] então **a gente** participou desse movimento todo, então de 88, tem muito, depois teve aquela dos trabalhadores, dos 100 mil eu participei também, [...].”
77. “[...] então a partir daquele tempo que precisava, a população tá mobilizada **a gente** num se furtou não.”
78. “[...] e eu num quis sair dele não porque eu achava que todo partido tinha defeito e que **a gente** só conserta o partido tando nele, [...].”
79. “[...] então eu participo, eu escrevo, sou, nunca larguei não... o nosso aqui, **nós** andamos de acordo é com a cidade, não estamos muito pra isso não, [...].”
80. e eu tenho consciência do que que eu quero brexó **nós** sempre fala docê lá. O Celinho fala, [...].”
81. “[...] aí o Tonho ficou bravo comigo e com o Luis porque **nós** largou ele, agora ele já voltou às boas de novo porque é Maria vai com as outra, [...].”
82. “[...] então depois **nós** num importou com isso nada, [...].”
83. “[...] **nós** começou a conversar com ele do mesmo jeito, [...].”

84. “[...] assim, **a gente** agradece ele porque ele deu oportunidade pra nós também, entendeu, [...].”
85. “[...] então **a gente** agradece, [...].”
86. “[...] **a gente** sabe disso. Foi uai, ele mudou a coisa mesmo, então assim ele é engraçadinho demais.”
87. “[...] E ele briga ele xinga nós sabe, e **nós** xinga ele também [...].”
88. “[...] aí **nós** saímos na mesma semana, mas ele ficou bravo, ele ficou sem colonista sabe, [...].”
89. “[...] Antônio de Freitas, ele é trambiqueiro demais, às nossos custa, punha nosso nome no meio. Ganhava nada. Mas **nós** num importava não [...].”

Informante CHIAM33:

90. “[...] agora eu mexo com Mountain bike. Mas na minha época **a gente** já já ia na prefeitura pedir patrocínio.”
91. “[...] mas **a gente** reunia e fazia aquela, aquelas, juntava, aquela patota de meninos, uns 50 meninos na por falar, até ele ceder, [...].”
92. “[...] aí mandava tirar um trator **para gente** andar de bicicleta, foi desdesdeixando, desdesdeixando, hoje ninguém corre atrás, ninguém faz mais nada, [...].”
93. “[...] é onde que **a gente** praticava, atrás da cooperativa [...].”
94. “[...] Cachoeira dos Campos, lá já de uma área rural, então tem muito sítiozinho lá. Tem amigos meus que tem uns, de vez em quando **a gente** faz algum churrasquinho, [...].”
95. “[...] tem, tem muito lugarzinho para ir, Brejo Alegre, Retiro dos Farias, angicos, Freitas, tem muita coisinha **pra a gente** ir, tem muito de varejozinho.”

Informante AHIAM34:

96. “[...] E hoje **a gente** é amigo a mesma coisa, hoje ele é uma pessoa casada, super bem estruturado, sabe?”
97. “[...] aqui em casa **nós** somos em sete, sete irmãos.”
98. “[...] é, eu e meu irmão mais velho do que eu **a gente** sempre brigava, mas assim é questão de idade, [...]”.
99. “[...] **a gente** tinha assim os mesmo colega, então aquela coisa mesmo de infância, mas nada assim grave não graças a deus.”

100. “[...] pegou eu e meu irmão mais velho do que eu, até foi aqui no bairro mesmo, então **a gente** tava correndo no corredor principal da igreja e meu pai nunca foi de bater e graças a deus [...].”
101. “[...] ele tinha aquele negócio só de olhar pra gente **a gente** já sabia a notícia, o que que tava acontecendo.”
102. “[...] Aí nisso aí **a gente** chegou em casa, ele lá tava sentado com a correia na mão e deu nós umas boas correuada [...].”
103. “[...] não, mas essa coisa lá é uma coisa que eu num posso nem falar, né porque é restrito à gente então é uma coisa que **a gente** num pode não, não [...].”
104. “[...] e com certeza eles pode ser confiável, porque **a gente** tá lá é pra ajudar, aí de repente eu posso tá lá amanhã, [...].”
105. “[...] **Nós** aqui em casa foi pessoas que, pela criação do meu meu, meu pai toda vida ensinou a gente a acordar cedo, [...].”
106. “[...] Meu pai acorda cinco horas, aqui em casa, eu acordo cinco hora com ele. Então **a gente** acorda, se for preciso pra eu virar a noite trabalhando eu viro, [...].”
107. “[...] é muito complicado, então assim **a gente** tinha uma afinidade tão forte, o que morreu primeiro, [...].”
108. “[...] **a gente** tava no carnaval aqui na praça da estação, aí eu tava, [...].”
109. “[...] como **a gente** tinha uma afinidade muito forte, eu tava sentado na beirada do meio fio lá, [...].”
110. “[...] Eu te dou você duas oportunidade, duas sugestão. Ou você larga a droga e **a gente** vai ser amigo, ou você fica com a droga e você vai me perder como amigo.”
111. “[...] olha, eu num sei, eu num sei se era porque afinidade demais que **a gente** tinha, que eu sabia que ele tava no hospital [...].”
112. “[...] **a gente** tinha, [...].”
113. “[...] **a gente** num tem mais não, [...].”
114. “[...] porque aqui em casa **nós** é muito amoroso com cachorro, [...].”
115. “[...] **nós** temo aqui na rua, no posto aqui tem dois cachorro, até uma agora tá com cria.”
116. “[...] Mas como ele sabe que ele tem a nossa confiança, sabe que **a gente** gosta dele, [...].”
117. “[...] **a gente** chega lá, pega os cachorrinho com ela amamentando eles lá.”

118. “[...] ele num deixa não. **A gente** chega lá. Igual eles tá saindo põe eles lá, às vezes de lá mesmo, num fala nada, mas se for uma pessoa estranha [...].”
119. “[...] de rua assim, igual, teve um dia, lá são dois, um tava preso lá em baixo na carrocinha, aí ele sumiu daqui, aí **nós** fica doido, caçando ele [...]”

Informante IMIJF15:

120. “[...] não. Ele não, meu pai uma vez só. Porque **a gente** tava conversando aí ele me chamou pra ir embora assim, aí eu fiquei sem graça.”
121. “[...] porque era muito menino, aí juntava todo mundo jogava, brincava de bola, de roba bandeira, era calçamento ainda, aí passava pouco carro, **a gente** brincava ali.”
122. “[...] eu já conhecia ele antes, aí **a gente** foi conversando, [...].”
123. “[...] conversando conversando aí **a gente** namorou, durou pouco, durou um mês só.”
124. “[...] que eu vou aproveitar e comprar arroz, ele não então vamos lá no rena que **a gente** compra , ela não que não sei que tem.”
125. “[...] de vez em quando **a gente** vai lá. Leva minha avó lá, ele fica todo feliz [...].”

Informante DMIJF16:

126. “[...] não, **a gente** andou normal. É só esse negócio mesmo
127. “[...] não. Não foi o outro show. Aí um pagou o ingresso e o resto tudo entrou. mas depois o guarda foi e pegou nós, **nós** passou aperto, mas só que [...].”
128. “[...] Aí ele foi, **nós** até conhecia ele, só que ele falou sério, aí eu falei com ele assim não eu vou pagar a minha, aí eu tive que pagar a minha.”
129. “[...] ele tinha até uma tatuagem da folha da maconha na boca, ele falou assim que ia apagar, ele tirou o pircin, tirou tudo lá dentro da igreja quando **a gente** saiu para ir para casa dormir, [...].”
130. “[...] eu não converso com ele mais, mas lá no congresso assim, ficou quatro dias né, **a gente** lá todo mundo era amigo de todo mundo [...].”
131. “[...] até ligar para mim mandando chamar ele ela ligou, ela fez de tudo, mas assim a gente até é ruim fala isso, **a gente** cansou, não foi cansou dele, [...].”
132. “[...] cansou do povo mesmo que **a gente** acabou terminando.”
133. “[...] agora **nós** é amigo [...].”

134. “[...] porque antes ele era assim, conversava demais comigo, mas depois que ele casou a esposa, ela fica mandando muito nele, aí **nós** parou de conversar, [...].”
135. “[...] aí hoje **a gente** não fala nem ei um com o outro. não fala mais nada.”

Informante FHIJM16:

136. “[...] Com a minha mãe é perfeita, eu sempre encontro com ela , assim , eu não fico sem conversar com ela um dia. Sempre **a gente** tem que telefonar um para o outro.”
137. “[...] foi assim, **a gente** estava na casa de um amigo assim e tal, [...].”
138. “[...] e de uma hora para outra **a gente** começou a conversar assim e tal [...].”
139. “[...] e de repente rolou assim uma coisa e tal, **nós** ficamos já, [...].”
140. “[...] e **a gente** começou a ficar e periodicamente começamos o namoro, resolvemos assumir uma coisa mais séria mesmo.”
141. “[...] Eu lembro **da gente** correndo na rua, de brincar mesmo,
142. “[...] de era carrinho bonequinho, essas coisas assim que **a gente** sempre brincava.”
143. “[...] Eu lembro **da gente** brincando no bairro, correndo mesmo, [...].”
144. “[...] e **a gente** tava brincando de esconder, eu e o pessoal, [...].”
145. “[...] **a gente** escondeu em cima de uma árvore assim, e o dono da casa assim saiu xingando todo mundo assim e tal.”
146. “[...] Que foi uma vez que **a gente** estava brincando com um chamado leiser não é uma lusinha assim é [...].”
147. “[...] e **a gente** brincando assim uma brincadeira com um senhor mais de idade [...].”
148. “[...] e **a gente** colocando na cara dele.”
149. “[...] E o senhor estava na casa dele e **a gente** próximo assim a casa dele colocando e tal [...].”
150. “[...] **A gente** estava lá e de repente [...].”
151. “[...] **a gente** saiu de perto da casa, [...].”
152. “[...] de repente quando **a gente** volta assim, [...].”
153. “[...] quando **a gente** vira a esquina assim tava lá a polícia e assim com a sirene ligada assim [...].”

154. “[...] **a gente** saiu correndo, com maior medo assim [...].”
155. “[...] e **a gente** era menino ainda não tinha nem noção das coisas [...].”
156. “[...] É as vezes nem era, mas **a gente** ficou com medo não é, acho que é essa então [...].”
157. “[...] Eu me recordo de uma vez na 6ª série, foi eu estava, **a gente** sempre que batia o sinal do intervalo para ir comprar a merenda [...].”
158. “[...] **a gente** sempre saía correndo, e no eu sair correndo, meu cadarço estava desamarrado e um rapaz pisou no meu cadarço e eu caí com o braço.”
159. “[...] Acho que pelas raízes dele, por ser aqui do bairro, por ser uma pessoa, na época não é , porque na época **a gente** não sabia, [...].”
160. “[...] como você disse, hoje **a gente** vê o que ele está fazendo e tal, mas na época eu pensava que por ele ser do bairro, ele era uma pessoa humilde, [...].”
161. “[...] então eu descobri, na verdade minha mãe me contou, que eles o soltaram porque na época **a gente** não tinha uma condição melhor para ficar o sustentando no veterinário, ficava muito caro.”
162. “[...] Era muito bonito e ta, . . . depois cresceu também, e ele tinha, **a gente** tinha muito afeto assim , vamos dizer [...].”
163. “[...] Então hoje quando **a gente** reclama da comida, ah, a comida está ruim, então ela chega e fala, olha, hoje vocês tem, [...].”
164. “[...] antigamente **a gente** não tinha e tal. Então acho que isso que, isso marca muito na minha avó, que ela sempre gosta de falar isso, gosta não, falar para, [...].”
165. “[...] quando você está dizendo, **para a gente** criar consciência [...].”
166. “[...] do que **a gente** às vezes fala, reclama demais, isso marca muito nela.”
167. “[...] Antes eu participava mais, eu ia com minha família, **a gente** gostava de ver. Hoje nem tanto, eu acho que eu perdi um pouco dessa parte, [...].”

Informante RHIJM17:

168. “[...] **A gente** estava na prainha, eu e um primo meu, dia de domingo na prainha do peixe, [...].”
169. “[...] aí na hora que **nós** estávamos voltando, umas 11 horas, aí minha avó mora na 15 de Novembro, logo aqui na prainha, [...].”
170. [...] então, **a gente** estava indo para a casa da minha avó, juntou 15 na gente [...].”

171. “[...] Ah, fim de semana, o que eu mais gosto de fazer mesmo em Itaúna é jogar bola, **a gente** joga muita bola,
172. “[...] assim **a gente** sai muito quando tem umas festas assim, mas o que eu mais faço mesmo é jogar bola, assim, dar uma saída.”
173. “[...] tem **a gente** aqui da rua antes treinava, [...].”
174. “[...] **a gente** treinava assim, numa escolinha de futebol.”
175. “[...] É, quando acontece festas assim, por exemplo, na . . . , **a gente** sai muito no [...].”
176. “[...] **a gente** vai muito.”
177. “[...] Foi boa, foi padrão normal, **a gente** divertiu muito, [...].”
178. “[...] **a gente** brincava muito.”
179. “[...] É, até assim pelo nível que nós conhecemos de irmãos, **nós** não brigamos tanto não, [...].”
180. “[...] Era, tranqüilo, eu acho até que **a gente** era mais tranqüilo.”
181. “[...] fui lá para as 8 horas fui eu com a minha mãe, aí **nós** fomos sair de lá meio dia, porque eles começaram a atender 11 horas, entendeu.”
182. “[...] Deixa eu ver aqui, eu lembro que até esse dia eu estava pensando o dia que **nós** estávamos , um dia que ele desmaiou na praia [...].”
183. “[...] Estava, **nós** estávamos todo mundo junto, [...].”
184. “[...] **nós** éramos bem pequenos, eu estava lembrando esses dias, [...].”
185. “[...] Ultimamente **a gente** não está viajando muito não, [...].”
186. “[...] mas quando **a gente** viaja assim, [...].”
187. “[...] **a gente** viaja para Betim para a casa do meu primo ou para São Paulo na casa da minha tia, é só isso mesmo.”
188. “[...] De vez em quando **a gente** viaja com meu pai também, quando eu estou de férias de escola, ou então, que nem agora que ele está desempregado [...].”
189. “[...] e minha mãe ficava mais lá, meu pai viajando, e eu era, eu já tinha quantos anos, eu tinha, tinha 13 anos, 14 anos [...] com 16 anos, **a gente** ficava aqui mais sozinho, [...].”
190. “[...] Tinha, quase todo final de semana, quando podíamos **nós** íamos para lá.”
191. “[...] Não, eu tenho, meu avô pescava muito, eu lembro a última pescaria dele, **a gente** sente saudades, [...].”

192. “[...] Porque **nós** já chamamos minha avó para morar aqui, mas essas pessoas mais antigas são sistemáticas, não gostam de incomodar.”
193. “[...] Então, mas **nós** trazemos minha avó para cá para passar um final de semana no sítio.”
194. “[...] Por causa que apesar dele ser aqui do bairro, **de a gente** estar sempre convivendo com ele, acho que as propostas dele foram melhores do as do Dr . Hélivio.”
195. “[...] Eu estou namorando, mas estou namorando escondido, **a gente** está olhando [...].”
196. “[...] Por causa que foi até domingo **nós** começamos a namorar escondido [...].”
197. “[...] para ver se é isso que **nós** queremos mesmo, e ao devagarzinho [...].”
198. “[...] É isso mesmo, para ver se é isso mesmo que **nós** queremos, por causa que eu e ela nunca namoramos [...].”
199. “[...] Não, **nós** nunca namoramos antes, estamos bem devagarzinho, para ver se é isso mesmo, aí ela vai falar com o pai dela, com a mãe dela.”
200. “[...] **A gente** começou, não, foi até engraçado, [...].”
201. “[...] **a gente** começou foi mês passado numa festa de 15 anos, os meninos todos aqui da rua estavam, e um amigo meu namora uma amiga dela.”
202. “[...] e o namorado dessa menina não tinha ido não, ele tinha ido escondido, aí **nós** fomos, ele foi até comigo, [...].”
203. “[...] e eu fiquei brincando com ela assim, e **a gente** ficou, isso foi no sábado, aí no domingo ela ficou, por intermédio dele ela pediu para ir à missa, [...].”
204. “[...] aí foi conhecendo, conhecendo, agora já tem umas três semanas já, e quando foi domingo agora **a gente** estava conversando, [...].”
205. “[...] **a gente** optou por namorar assim escondido para ver se é isso [...].”
206. “[...] mesmo que **nós** queremos, e devagarzinho, cada um ir conhecendo o outro, se conhecer melhor e se for isso mesmo, [...].”
207. “[...] **para a gente** começar a namorar em casa.”
208. “[...] que ela até já falou comigo que o pai dela é muito ciumento com ela. Mas eu acho assim, **a gente** não está fazendo nada de errado, [...].”
209. “[...] **a gente** está na idade de aproveitar, eu não quero não é passar tempo com ela e nem ela comigo, [...].”

210. “[...] mas **a gente** vai devagarzinho.”
211. “[...] É. Aí estava construindo uma BR na porta do meu primo, **a gente** estava lá e já presenciou um cara que morreu lá onde que vai ser a BR,
212. “[...] **a gente** viu o lance, sabe, [...].”
213. “[...] depois que **a gente** ficou sabendo a história, foi assassinato. Mas acho que foi a única coisa assim, triste assim mesmo lá em Betim, foi isso.”
214. “[...] É, agora, bater uma bola, agora quando estiver pronto que **a gente** vai, agora nesse frio agora não está indo muito para lá não, porque frio, nó!”
215. “[...] Não, não tem não, **nós** tínhamos um sítio antes, é num lugar que chama [...].”
216. “[...] é longe para caramba, até **nós** chamamos de nordeste porque não tinha água, [...].”
217. “[...] lá **nós** tínhamos duas éguas, roubaram, lá tinha duas éguas, lá tinha campo de futebol também, [...].”
218. “[...] Chamou a prefeitura. Aí depois **nós** vendemos, [...].”
219. “[...] aí **nós** vendemos a eguinha depois, [...].”
220. “[...] e depois **nós** vendemos o sítio, que estavam roubando, desanimou, aí meu pai comprou outro mais perto.”
221. “[...] Ultimamente, já te falei **a gente** não está indo para dormir por causa do frio [...].”
222. “[...] domingo retrasado eu, passado ou fui e a ultima vez que eu fui, eu fui com a Raquel, a menina que eu estou namorando, aí **a gente** precisa ter essa ação, mas ela ate me xinga sabe, [...].”
223. “[...] o ultimo carnaval que **nós** passamos, fomos passar lá no sítio, que sua tia foi, todo mundo foi, de vez em quando o Fernando vem, [...].”
224. “[...] Um dia eu estava viajando com meu pai no, eu era muito pequeno, estava indo para Franca, em São Paulo, com meu pai, **nós** estávamos no posto aí um veado veio mexer comigo assim [...].”

ANEXO B – Dados de Itaúna: Sujeito Indeterminado

O informante e as pessoas de modo geral

Informante BMIAF40:

1. “[...] é, isso acontece até que assim som de carro tem roubado bastante. Sabe **a gente** vê muito [...].”
2. “[...] acho que é porque meus meninos é adolescente também, **a gente** fica sabendo.”
3. “[...] Principalmente o cinema que não tem. nenhum. **A gente** quando quer assistir um filme de lançamento tem que ir para Pará de Minas.
4. “[...] **a gente** vê muito pedir mas é tonto.”
5. “[...] a, eu acho que um dia **a gente** vai, todo mundo que morreu vai encontrar. igual eu penso muito na minha avó, no meu irmão que morreu, [...]”
6. “[...] tem o lugar onde eles estão, onde que **a gente** vai encontrar eles.”

Informante EMIAF39:

7. “[...] tudo **a gente** lembra né. Foi muito boa.
8. “[...] era muito bom porque não tinha videogame então **a gente** brincava era na rua, então tinha aquela união um com o outro, [...].”
9. “[...] é, na tribuna eu escrevi muitos anos lá, acho que uns quinze anos, depois tava muito difícil pra mim sabe, **a gente** tem que fazer opção [...].”
10. “[...] senão **a gente** fica só por conta de jornal [...].”
11. “[...] no momento agora **a gente** tá sabendo que ano que vem tem eleição [...].”
12. “[...] **a gente** sabe que o movimento fica preto né? Cada um quer, no outro, baixar né, então isso acontece na política [...].”
13. “[...] é, mas hoje pela história que **a gente** tá vendo tá todo mundo aí né. Então até o povo do PT toda vida gostou do movimento né, [...].”
14. “[...] a vida é um eterno aprendizado, você vai aprendendo com outras pessoas e tem muitas pessoas que pode ensinar a gente basta **a gente** querer aprender, [...].”
15. “[...] **a gente** não aprende só no banco das escolas não, [...]”
16. “[...] às vezes, então a vida tem lição que **a gente** tem que ter, então eu procuro tirar da vida, [...].”
17. “[...] então o mundo nosso, **nós** tem esse mundo grande, planeta, de terra, [...].”

18. “[...] mas o mundo nosso tá dentro de nós, **nós** tem que criar de dentro pra fora, [...].”
19. “[...] porque se **a gente** não criar de dentro pra fora, de fora pra dentro é muito difícil.”
20. “[...] então os valor são muito diferente hoje, então **a gente** mesmo tem que criar os próprio valores, [...].”
21. “[...] ficar doente **a gente** tá ali, olhar os velho, [...].”
22. “[...] então tem muita coisa que **a gente** precisa, [...]”
23. “[...] mas isso vem de dentro, **a gente** não cria isso de fora pra dentro não.”

Informante CHIAM33:

Não há casos

Informante AHIAM34:

24. “[...] não, num é questão de pensar na vida, hoje amizade tá difícil, hoje **a gente** infelizmente não pode acredita em amizade mais, né?”
25. “[...] Tive muita decepção com amigo, tive, até minha mãe, é uma coisa que minha mãe sempre falou, ó, toma cuidado com os amigos, infelizmente **a gente** que é jovem [...].”
26. “[...] **a gente** acredita em todo mundo, mas eu fui até eu quebrar a cabeça.”
27. “[...] com certeza, **a gente** tira uma experiência pra gente mesmo, né?”
28. “[...] mas eu num sei se devido eu ter mexido na APAC, então lá **a gente** aprende a lidar com todo mundo, né?”
29. “[...] lá **a gente** tem vários [...].”
30. “[...] que **a gente** tem que aprender a lidar com aquilo. Então um dos motivos que, de eu tá aqui hoje, foi, eu acredito que seja através da APAC.”
31. “[...] a vida é uma só e **a gente** tem que saber aproveitar [...].”
32. “[...] há pouco tempo teve uns tiroteio muito forte lá, sabe, então assim por ser uma cidade do interior, **a gente** assusta.”
33. “[...] eu acho que confusão só gera confusão, então eu acho também que **a gente** tem que chegar num ponto que, a idade também ajuda.”
34. “[...] a primeira coisa que eu faço é rezar que eu acho que é fundamental que **a gente** tem é rezar, sempre acreditar em Deus porque deus tá acima de qualquer coisa.”

35. “[...] porque eu num vou poder resolver o problema de ninguém, quem dera se **a gente** pudesse, [...].”
36. “[...] mas infelizmente **a gente** num pode, e, eu ir lá pra eu me sentir contrariado?”
37. “[...] Aí eu acho que é melhor **a gente** também ficar na da gente, porque infelizmente aqui tá assim.”
38. “[...] A pessoa que aí morreu, morreu ué, fazer o quê? Né? Igual **a gente** saí, [...]”
39. “[...] **a gente** saía muito, via assim a pessoa morrer em acidente, uai gente, morreu, acho que ninguém morre fora da hora.”
40. “[...] não, um foi assim, ele tinha uma situação financeira muito ruim, então **a gente** via, chamava ele pra vim em casa pra comer, [...].”
41. “[...] aí tinha uma pessoa assim, oi, oi, eu acredito, eu vi, **a gente** fala ninguém acredita.”
42. “[...] Mas a livre escolha é direito de todo mundo, ele escolheu isso, **a gente** tem que saber respeitar também né?”
43. “[...] E aí interessante, o amor pelos cachorrinho, que **a gente** que tá acostuma, [...].”

Informante IMIJF15:

Não há casos

Informante DMIJF16:

44. “[...] é mais, nossa senhora, é ruim né? **a gente** que trabalha [...].”
45. “[...] eu tenho assim muito amigo que mexe mesmo, não sei se, na escola que o estudo assim tem muita gente que mexe e **a gente** sabe que mexe [...].”
46. “[...] mais **a gente** não pode falar nada, mas eu converso com todo mundo , eles pensa assim , pode até saber que eu sei, não fala nada, nem eu.”
47. “[...] porque amigo que é amigo não oferece nada pra gente, eles pode fumar, ele pode fazer a deles lá, mas **a gente** deixa para um canto.”
48. “[...] Aí eu falei, que eu achava errado tal, nossa, muito mesmo. Querendo mudar de vida, no começo **a gente** não acredita não.”
49. “[...] Porque assim um mês direto, o mês de agosto, eu vou mesmo só nos dias mesmo, ih **a gente** tem que aproveitar esses dias para pedir alguma coisa, agradecer [...].”

50. “[...] as vezes, mas as vezes assim, **a gente** fala que não mas sente. porque antes ele era assim, conversava demais comigo, [...].”

Informante FHIJM16:

51. “[...] Não tem muita coisa não, mas acho que violência tipo armada assim, eu não convivo muito com isso não, mas agora o que **a gente** vê muito [...].”
52. “[...] que **a gente** sai assim, são pivetes, [...].”
53. “[...] que **a gente** chama assim, roubando e tal, sempre caçando encrenca, como se diz, procurando briga com você e tal.”
54. “[...] Porque hoje **a gente** vê muito hoje, antigamente, pelo menos eu penso que antigamente era mais a baixa sociedade, na verdade eu nunca entendi [...].”
55. “[...] Eu acho que começando pelo governo, eu acho que como **a gente** está vendo e vivendo agora, tem muita corrupção, [...].”
56. “[...] mas não é a casa daqueles senhores, então eu acho que eles sentem falta de conversar. Inclusive quando **a gente** faz visitas, eles ficam alegres, [...].”
57. “[...] então ela costuma dizer muito, quando às vezes **a gente** reclama de alguma coisa [...].”
58. “[...] que **a gente** vive hoje, aí ela conta como que era antigamente para ela. Que ela mesma tinha que ficar, ela teve muitos filhos, são 11 ou 12 filhos [...].”

Informante RHIJM17:

59. “[...] Não, discussão assim, a mesma idade, de vez em quando assim, sempre rola, mas sempre volta ao normal. É, até assim pelo nível que **nós** conhecemos de irmãos [...].”
60. “[...] quando eu estava voltando de jogar bola, eu encontrei um senhor dormindo ali debaixo, quase ali perto do Itaúna ABC, dormindo assim, lá para as 10 horas, **a gente** fica triste [...].”

Quadro sinóptico dos dados de Machacalis

Código do informante	Sujeito determinado		Sujeito indeterminado		Faixa Etária	Gênero/ Sexo	Cidade
	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS			
KMJF	25	0	7	0	Jovem	Feminino	Machacalis
JMJF	16	59	1	0	Jovem	Feminino	Machacalis
SMJM	11	3	52	7	Jovem	Masculino	Machacalis
MMJM	8	19	3	2	Jovem	Masculino	Machacalis
CMAF	77	44	23	1	Adulto	Feminino	Machacalis
GMAF	13	26	2	0	Adulto	Feminino	Machacalis
JMAM	36	13	10	1	Adulto	Masculino	Machacalis
AMAM	4	20	4	6	Adulto	Masculino	Machacalis

ANEXO C – Dados de Machacalis: Sujeito Determinado

Informante KMJF:

1. “[...] **a gente** não tem muita (...). Muita ligação assim de conversar.”
2. “[...] Não, não tem, **a gente** não tem [...].”
3. “[...] eles têm ministério de dança, aqui **a gente** faz assim ocasionalmente né, quando tem algum evento assim, [...].”
4. “[...] alguma data especial, dia das mães, alguma coisa assim **a gente** faz [...].”
5. “[...] dia das mães, dia dos pais, o ano novo, é (...) assim **a gente** faz.”
6. “[...] mas já tem tempo que **a gente** não faz, [...].”
7. “[...] tem muito tempo que **a gente** não faz trabalho na igreja, bastante, [...].”
8. “[...] porque **a gente** sempre ia aquele grupinho assim, três, quatro pessoas [...].”
9. “[...] **a gente** fez um trabalho, tem bastante tempo, no bairro lá em cima, lá no Bela Vista, [...].”
10. “[...] **a gente** fez trabalho lá, fez culto, foi muito bom, mas tem tempo que não faz também.”
11. “[...] mas assim (...) está ali junto com o pessoal da igreja (...) **a gente** faz, [...].”
12. “[...] **a gente** faz.”
13. “[...] de vez em quando **a gente** vai para o clube, joga uma bolinha, o lazer né, joga uma bolinha, [...].”

14. [...] está sempre na casa de um irmão, nesse encontro familiar, **a gente** está ali conversando, [...].”
15. “[...] acaba o culto **a gente** fica conversando na praça.”
16. “[...] eu acho que falta muito, **a gente** tem essa carência, é muito grande.”
17. “[...] igual quando tem os eventos assim é bom né, tem os eventos que **a gente** aviva [...].”
18. “[...] **a gente** vê até caso de aluno que sai da oitava série sem saber ler. Eu já vi caso né, isolado [...].”
19. “[...] assim **a gente** não tinha, era mais aqui nas imediações da cidade mesmo.”
20. “[...] **a gente** já precisou muitas vezes assim sabe, não eles já atenderam, mas agora recentemente depois que ela já se aposentou aquela coisa.”
21. “[...] **a gente** já precisou da, da secretaria, às vezes, e eles não podia dar um encaminhamento, uma coisa assim [...].”
22. “[...] desde a quinta série **a gente** sempre ia em Belo Horizonte, todo ano, [...].”
23. “[...] todo o ano, que **a gente** tem uns parentes lá [...].”
24. “[...] **a gente** vai fazer uma oração, [...].”
25. “[...] fica em roda aqui que **a gente** vai fazer oração [...].”

Informante JMJF:

26. “[...] hoje graças a deus **nós** estamos bem assim devido a ele ter conseguido assim uma (...), um recurso né de vim [...].”
27. “[...] ele vende verdura, **nós** trabalhamos com ele trabalha na feira.”
28. “[...] Ele trabalha na feira, ele vende verdura, **nós** trabalhamos com ele também né [...].”
29. “[...] chega quinta e **a gente** trabalha quinta, quinta a tarde né, o restante da tarde, sexta de manhã [...].”
30. “[...] **nós** ficamos morando com minha avó né, [...].”
31. “[...] como **nós** ia ficar sozinha assim, aí meu pai resolveu [...].”
32. “[...] **nós** morava de aluguel né, aí como meu pai e minha avó falou assim [...].”
33. “[...] e hoje **nós** moramos todo mundo junto na mesma casa ainda.”
34. “[...] que **a gente** era diferente, era mais sossegada, era interessada nas aulas e tudo o mais né, [...].”
35. “[...] aí assim quando **a gente** assim estava meia na lua [...].”
36. “[...] aí **nós** consertava.”

37. “[...] Não, ela não é brava não, ela assim, quando ela via que a coisa estava assim, que **a gente** estava meio desinteressada [...].”
38. “[...] então vocês procuram assim, fazer o melhor. Aí **nós** pegava e ajeitava [...].”
39. “[...] **nós** também dava também né, as mais velhas assim sempre dava conselho, falava ô Dênia isso não é bom né, [...].”
40. “[...] até para a nossa imagem mesmo, **nós** somos bem vistas [...].”
41. “[...] aí **nós** crescemos assim, já no ritmo evangélico, sabendo as doutrinas, [...].”
42. “[...] o que era certo o que não era certo, tanto é que **nós** nunca foi de interessar por festa [...].”
43. “[...] até então **nós** não interessamos, [...].”
44. “[...] **nós** ia na igreja de papai, [...].”
45. “[...] só que **nós** não gostamos muito do ritmo lá né, [...].”
46. “[...] aí **nós** conhecemos uma igreja perto da nossa igreja [...].”
47. “[...] **nós** estamos hoje, a Cristo salva, aí tinha escolinha dominical [...].”
48. “[...] e **nós** interessava e a professora passava [...].”
49. “[...] aí **nós** crescemos na Cristo salva. Só que quando chegou uma certa idade assim [...].”
50. “[...] e **nós** assim esforçamos, fizemos eventos para conseguir dinheiro para construir a igreja né [...].”
51. “[...] **nós** não estamos assim na frente de nenhum trabalho, [...].”
52. “[...] **nós** só participamos do grupo de mulheres né [...].”
53. “[...] só que **nós** ficamos assim, quase só senhoras e só nós duas de moça lá no meio né [...].”
54. “[...] aí **nós** ia lá para frente cantava, [...].”
55. “[...] só que **a gente** ficava com aquela cisma, [...].”
56. “[...] só nós assim de jovens aqui na frente com as senhoras né, aí **nós** saímos.”
57. “[...] **nós** saímos do grupo de senhoras [...].”
58. “[...] que **nós** não estava bem , aquele monte de senhoras [...].”
59. “[...] **a gente** quer está interessado em ajudar eles também né, então devido a isso a igreja fica parada [...].”
60. “[...] **nós** fomos um dia para praça e ficamos lá [...].”
61. “[...] **nós** assim sair depois do culto, assim dar uma voltinha, aí já tem bastante tempo.”
62. “[...] já, **nós** reúne lá na praça, você viu né, [...].”

63. “[...] **nós** conversa com todo mundo [...].”
64. “[...] assim agora que né assim **a gente** junta, [...].”
65. “[...] quando assim **nós** queremos um churrasquinho, aí junta todo mundo, junta todo mundo e acaba fazendo [...].”
66. “[...] **nós** estava querendo ir para o show de Fernanda Brum em Teófilo Otoni né [...].”
67. “[...] **nós** ficamos tristes.”
68. “[...] **Nós** foi numa num show de novo som em Itanhem [...].”
69. “[...] **nós** irmos né porque [...].”
70. “[...] é bom, **nós** mesmo estava animada moça para ir no de Fernanda Brum [...].”
71. “[...] sempre que **nós** podemos [...]”
72. “[...] **nós** visitamos outras igrejas, Assembleia de Deus [...].”
73. “[...] não, **a gente** vai, [...].”
74. “[...] tanto é que essa semana **nós** temos que ir na Madureira, [...].”
75. “[...] porque talvez **nós** não vamos trabalhar né essa semana, [...].”
76. “[...] aí **nós** temos que ir na Madureira, [...].”
77. “[...] aí quando **nós** não vamos na Madureira, [...].”
78. “[...] **nós** vamos na Assembleia e é assim, na Maranata também é uma igreja pequena, [...].”
79. “[...] mas **nós** gostamos muito de lá [...].”
80. “[...] então são pessoas que conseguiram uma casinha lá em cima né, aí **nós** gostamos muito de visitar lá [...].”
81. “[...] teve uma época que **nós** até fizemos assim né de (...) assim, começamos a interessar assim de levar uma cesta [...].”
82. “[...] **nós** mesmos já presenciamos uma briga tão feia dos índios moça, de, de um índio chegar e pegar a cabeça do outro e meter no meio fio assim.”
83. “[...] Bateu a cabeça do outro no meio fio então são brigas assim que **a gente** via de bastante violência [...].”
84. “[...] é isso e ir para praça também, é os lazer que **a gente** tem aqui [...].”
85. “[...] **nós** temos todos os cds praticamente só falta o último que lançou agora né, [...].”
86. “[...] **nós** temos uma encomenda moça, porque nossos cds, sabe quando você enjoa, você vai ouvindo [...].”
87. “[...] **a gente** acaba pegando filmes [...].”

88. “[...] tem, aí **nós** assistimos muito filme assim [...].”
89. “[...] **nós** mesmo gosta muito de coreografia.”
90. “[...] toda época comemorativa assim dia dos pais, **a gente** inventa uma.”
91. “[...] aí **a gente** vai reúne, ensaia durante a semana, aí vai apresenta, mas assim não é direto, só de vez em quando mesmo.”
92. “[...] inventa, é, **a gente** mais é de cabeça [...].”
93. “[...] aí **a gente** fala ah tal passo assim seria melhor, mas não insiste naquele passo [...].”
94. “[...] **nós** juntamos umas cinco e louvamos, eu acho que a minha voz é assim bem apropriada [...].”
95. “[...] **a gente** vai ter assim o privilégio de ser escolhidos por Deus para viver uma vida [...].”
96. “[...] **nós** gosta de ir, é novidade né tanto é que essa última vez agora [...].”
97. “[...] **nós** aprendemos bastante coisa. Então costuma vir às vezes pastores, pessoas de fora para fazer [...].”
98. “[...] aí acaba fazendo os estudos, aí convida as outras igrejas e **nós** vamos.”
99. “[...] eles vão mas **nós** mesmo né é só praça, casa, igreja.”
100. “[...] ô gente se for **para nós** ir para lá desse jeito é melhor não ir né [...].”

Informante SMJM:

101. “[...] os filhos né e **a gente** foi lutando daqui, um dava apoio daqui, o outro dava apoio dali [...].”
102. “[...] graças a Deus **a gente** está onde está hoje né, meus irmãos está tudo sossegado [...].”
103. “[...] que é bem do lado da casa da minha mãe. O único lugar que **a gente** recorria, [...].”
104. “[...] tipo assim começou a crescer, virou assim já podia pegar uma ferramenta ali (...) **a gente** ia para lá [...].”
105. “[...] é tanto que nós todos **nós** passamos por lá, mas nenhum ficou entendeu, então eu, assim, lá em casa [...].”
106. “[...] uns quatro meses de graça para mim aprender. Aí quando **a gente** terminava o pão ali de fazer pegava a sacolinha de pão, [...].”
107. “[...] **a gente** vai cativando as pessoas né. Aí ele começou a gostar de mim [...].”

108. “[...] a minha vendagem de pão hoje, ela não está cem por cento, porque **a gente** está (...) né, mas hoje eu estou vendendo em torno de trezentos pães [...].”
109. “[...] eles achava que como **nós** não tínhamos o nosso pai ao nosso lado, eles estavam fazendo o papel de pai [...].”
110. “[...] mesmo que naquele tempo lá **a gente** tomava manguairada nas costas né [...].”
111. “[...] **nós** vamos comprar, não sei como.”
112. “[...] lá em casa tem um mucado de coisa para fazer do lado de fora, mas **a gente** vai comprar um carro [...].”
113. “[...] e eu creio no nome de Jesus que **a gente** vai conseguir, [...].”
114. “[...] com fé em Deus que **a gente** vai conseguir, porque eu, eu venho de uma família humilhada [...].”

Informante MMJM:

115. “[...] porque como **nós** éramos obrigado a trabalhar nessa faixa, [...].”
116. “[...] então **a gente** ia para a escola mais para não trabalhar [...].”
117. “[...] só que hoje **nós** tentamos mudar essa política.”
118. “[...] só que talvez **a gente** não consegue [...]”
119. “[...] porque **a gente** tem um sistema adotado que as pessoas que passaram criou [...].”
120. “[...] lá em casa **nós** somos dez irmãos, seis mulheres e quatro homens [...].”
121. “[...] e fora os três de criação que **nós** temos, no total são treze [...].”
122. “[...] aí **nós** fomos para um retiro espiritual. Aí no retiro espiritual eu lembro que o pastor Armando me chamou [...].”
123. “[...] **nós** somos cento e oitenta milhões de brasileiros, não somos, se você olhar trinta e cinco por cento [...].”
124. “[...] **nós** estamos perdendo e muito, por que, porque se você olhar, Machacalis se você fosse acompanhar o índice nacional, [...].”
125. “[...] **nós** deveríamos ter o que, pelo menos dez por cento de evangélicos, [...].”
126. “[...] **nós** temos o que, sete por cento, numa cidade de oito mil habitantes não tem seiscentos evangélicos.”

127. “[...] então suponhamos que, no máximo que **nós** temos aqui é três por cento de evangélico.”
128. “[...] **nós** colocava inveja nelas e elas procuraria mais conhecer o evangelho.”
129. “[...] **Nós** vamos na praia, [...].”
130. “[...] já tem dois domingos seguidos que **nós** fomos para o rio. Ficamos lá, fizemos almoço no rio, o dia todo lá, [...].”
131. “[...] na região aqui, Teófilo Otoni vem para cá, por que, **nós** temos a igreja mais bonita [...].”
132. “[...] porque **a gente** usa bermuda e tal, tipo assim, [...].”
133. “[...] fala que **a gente** não vai para o céu, [...].”
134. “[...] que **a gente** não é crente. Só pelo fato de às vezes, as mulheres colocarem uma calça e tal, [...].”
135. “[...] igual **a gente** fala, [...].”
136. “[...] **a gente** vai orar pelas pessoas, vamos orar por elas, [...].”
137. “[...] **nós** estamos trabalhando [...].”
138. “[...] **nós** estamos crescendo. Então é igual Edi Macedo falou da Universal, [...].”
139. “[...] **nós** fomos lá e pegamos a, pegamos, eu fiz a matéria, a câmara, fui lá, filmei tudo, os índios, [...].”
140. “[...] quando **nós** fomos lá distribuir roupas para eles e fazer um trabalho evangelístico, lá tem como é que fala [...].”
141. “[...] **nós** fizemos umas perguntas para eles, eles cantaram música da igreja, aparece eles cantando música [...].”

Informante CMAF:

142. “[...] como **a gente** já cresceu, a vida muito difícil financeiramente né [...].”
143. “[...] **a gente** começou trabalhando [...].”
144. “[...] quando **a gente** começou a crescer, [...].”
145. “[...] há dez anos **a gente** já ajudava a mãe a colocar as coisas em casa pra se alimentar.”
146. “[...] **Nós** morávamos aqui mesmo na cidade, não era nessa casa não, [...].”
147. “[...] era lá no final da rua, naquela rua, primeiro de janeiro **a gente** morava lá e vivia de lenha, [...].”

148. “[...] **a gente** pisava, ajudava a pisar o café em coco sabe, tudo era [...].”
149. “[...] **nós** crescemos assim, nessa vida assim trabalhando até chegou o tempo de casar né [...].”
150. “[...] **a gente** tinha que pegar lenha nas fazendas bem longe pra servir [...].”
151. “[...] tudo que **a gente** tinha, tinha que ser dos braços né, [...].”
152. “[...] então **a gente** vivia era assim, era de lavada de roupa, era um trabalho muito pesado e como eu fiquei viúva [...].”
153. “[...] lá a vida foi muito difícil, na época que **nós** começamos trabalhar, lá não tinha água também, [...].”
154. “[...] **nós** tínhamos que pegar água numa cacimba e lavar as vasilhas num córrego, sabe era num córrego, [...].”
155. “[...] **nós** lavávamos as vasilhas da escola, era assim: usava com a água da cacimba [...].”
156. “[...] **a gente** fazia comida né e ia num rio [...].”
157. “[...] quando eu cheguei pra ir **a gente** não tinha água também, as merendas era pegada na prefeitura, na cabeça, [...].”
158. “[...] **nós** pegávamos a merenda trazíamos na cabeça [...].”
159. “[...] quando a água não chegava mais cedo, **nós** tínhamos que pegar água na cisterna, [...].”
160. “[...] **nós** tínhamos que descer cá pra baixo, [...].”
161. “[...] na outra casa **pra gente** pegar mais água, então a vida foi muita luta né [...].”
162. “[...] **nós** trabalhava ... era uma escola, [...].”
163. “[...] era duas escolas que **a gente** carregava merenda de uma escola pra outra, [...].”
164. “[...] **nós** apanhava merenda da escola José de Alencar pra trazer pra Antônio Dias, aí era uma dificuldade, [...].”
165. “[...] **a gente** trazia era merenda quente, só pra você ver que dificuldade [...].”
166. “[...] desmembrou a escola e **nós** ficamos no... aí foi opção que era efetiva e quem era contratada [...].”
167. “[...] **nós** criamos, mamãe criou, aí mamãe ficou viúva, ficou viúva, meu pai sumiu ... como comecei a contar [...].”

168. “[...] **a gente** construiu, o fundo era uma casinha pequena que meu esposo tinha feito um cômodo aí minha filha casou [...].”
169. “[...] **nós** morávamos né, essas portas aí eu fui e troquei só as de frente e tirei as janelas de madeira [...].”
170. “[...] **a gente** continua assim no interior e graças a Deus foi assim a muita luta, mas meus filhos está tudo bem, [...].”
171. “[...] no que **a gente** trabalha, sou da equipe da liturgia, também faço parte, [...].”
172. “[...] até hoje o trabalho da igreja **a gente** continua né, [...].”
173. “[...] **nós** tinha um trabalho, eu comecei a fazer um trabalho depois com a terceira idade nas ruas uma equipe de oração, [...].”
174. “[...] **a gente** ia nas casas visitar [...].”
175. “[...] **nós** começamos a rezar de madrugada, [...].”
176. “[...] **a gente** fazia oração, [...].”
177. “[...] porque **a gente** ficou dois anos sem padre, [...].”
178. “[...] **a gente** começou a rezar às cinco horas da manhã [...].”
179. “[...] e aí **nós** ganhamos dois padres, [...].”
180. “[...] aí depois que **nós** ganhamos dois padres, [...].”
181. “[...] aí **a gente** passou a rezar às três horas né [...].”
182. “[...] **a gente** continua essa oração com muita fieldade [...].”
183. “[...] e **a gente** tem conseguido muitas graças né , nessa oração, isso não é uma pastoral é um movimento de oração né [...].”
184. “[...] aí **a gente** faz essa oração, eu faço, [...].”
185. “[...] aí também **a gente** ta no grupo de reflexão nas casas, uma vez por semana eu faço o grupo de reflexão, [...].”
186. “[...] nas quartas-feiras **a gente** faz também nas casas dos doentes, [...].”
187. “[...] faço a visita os doentes e lá **a gente** faz a reflexão da palavra [...].”
188. “[...] um projeto né ... **nós** não temos, [...].”
189. “[...] oh **nós** não temos um asilo na cidade, [...].”
190. “[...] **nós** não temos uma casa de apoio para uma pessoa, tem tanta gente doente na rua, [...].”
191. “[...] e esse trabalho deveria partir do prefeito e **nós** não temos né [...].”
192. “[...] **nós** conseguimos correr atrás de um sindicado dos trabalhadores... e aí eu entrei com a mulher [...].”

193. “[...] **nós** e ela começou assim pedindo ajuda né ... como eu , eu também sempre trabalhava no social e ela, ela queria ser algo né pra ajudar, [...].”
194. “[...] aí **nós** conseguimos, ela ganhou como presidente do sindicato, [...].”
195. “[...] **nós** conseguimos fazer uma casa [...].”
196. “[...] **a gente** faz social né, mas como a cidade não tem uma financeiramente uma ajuda, [...].”
197. “[...] quando vai fazer uma casa, **nós** tem que fazer bingo, tem que fazer um festival de pipoca, [...].”
198. “[...] **pra gente** conseguir algo né, pra fazer, [...].”
199. “[...] para arrumar a casa de uma pessoa, **a gente** não derruba a casa de uma pessoa pra fazer não [...].”
200. “[...] **a gente** tampa os buracos né, troca o telhado [...].”
201. “[...] quando **a gente** vai atrás deles né assim que tem o CRAS agora que abriu, [...].”
202. “[...] uma assistência social e **a gente** vai atrás dos casos né e eles estão resolvendo, mas é coisa que não é resolvido toda a semana, [...].”
203. “[...] **a gente** vai lá hoje ele leva aquela feira para aquela pessoa, mas não resolve o caso, pra ficar resolvendo [...].”
204. “[...] caso de doença é uma dificuldade demais pra tratamento né, **nós** temos [...].”
205. “[...] **a gente** não vê a melhora, situação de comida, de higiene, de problema de cérebro, [...].”
206. “[...] não tem nada assim a melhora, **a gente** não vê né [...].”
207. “[...] porque **a gente** também não ganha bem pra passar pra eles [...].”
208. “[...] o que **a gente** quer que eles melhora [...].”
209. “[...] assim boa **da gente** realizar [...].”
210. “[...] o que **a gente** quer. Eu por exemplo, eu estou aposentando na escola [...].”
211. “[...] **nós** não vemos melhoria, na minha escola não, não vejo a alimentação bem, bem adequada como fala nos cardápios [...].”
212. “[...] **nós** fazemos é merenda tudo da cidade mesmo, [...].”
213. “[...] não tem nada assim que **a gente** faz especial, porque antigamente vinha as merendas já prontas né [...].”
214. “[...] **pra gente** fazer e hoje não, [...].”

215. “[...] **a gente** compra tudo ... é ... é ... a comida básica mesmo, é arroz, feijão, carne né [...].”
216. “[...] o leite, é só essas coisas, a merenda doce que **a gente** dá [...].”
217. “[...] **a gente** que faz parte de um colegiado não vê mostrando, [...].”
218. “[...] porque quando **a gente** faz parte de um colegiado [...].”
219. “[...] **a gente** vê que vem o dinheiro [...].”
220. “[...] **a gente** chega, já vai chegando, vai para cozinha pra te dar um cafezinho.”
221. “[...] **a gente** dá alguns, não é todos, nem todos procura a cantina, aqueles mais carente já vai pra cantina, [...].”
222. “[...] às vezes **a gente** leva uma merenda [...].”
223. “[...] igual **a gente** leva [...].”
224. “[...] e **a gente** dá eles o cafezinho com a merenda [...].”
225. “[...] que **a gente** leva pra merendar [...].”
226. “[...] agora mesmo **nós** temos, [...].”
227. “[...] **nós** estamos com um problema lá da escola, [...].”
228. “[...] porque **nós** perdemos mais uma sala [...].”
229. “[...] **a gente** está esperando.”
230. “[...] então está esperando mas não vem a verba, **a gente** tem essa esperança, mas não sabe quando vai chegar né [...].”
231. “[...] pra chegar e fazer, **a gente** ver, [...].”
232. “[...] realizar o sonho que **a gente** quer realizar ... eu por exemplo queria sair da escola e vê a escola toda organizada, [...].”
233. “[...] outro dia mesmo eu falei com o meu diretor, que **nós** podia inventar [...].”
234. “[...] **nós** temos um diretor muito bom agora que ele está com doze anos que ele está na escola [...].”
235. “[...] que **nós** tínhamos na terceira idade [...].”
236. “[...] **nós** fazíamos [...].”
237. “[...] agora **a gente** deu uma parada, porque as pessoas umas morreram outras está doentinha, [...].”
238. “[...] **a gente** viaja ... um pouco ... o lugar que eu mais viajo é pra praia, todo ano quase eu vou na praia [...].”
239. “[...] **nós** fazemos que você viu lá na igreja hoje né, [...].”

240. “[...] que **a gente** faz aquele grupo nas ruas também né, então aquele grupo [...].”
241. “[...] quando **a gente** vai fazer nas casas animar, [...].”
242. “[...] **a gente** comunica [...].”
243. “[...] **nós** estava reunindo antes deu viajar, [...].”
244. é por exemplo uma fazia anos **a gente** colocava no calendário a data do nascimento [...].”
245. “[...] e naquele dia **a gente** ia fazer uma visita [...].”
246. “[...] **nós** nunca formamos um coral, que tem bastante pessoas assim que poderia fazer um coral né, [...].”
247. “[...] mas **nós** ainda não pensamos nisso, [...].”
248. “[...] então meu sonho é ter um teclado pra ver se **a gente** realiza alguma coisa [...].”
249. “[...] então nesse trabalho **a gente** já pode usar alguma coisa como música né, isso aí, eu ainda quero realizar esse sonho [...].”
250. “[...] **a gente** colocamos ela na casinha, veio uma chuva bem grossa e casinha era muito velha, caiu né, [...].”
251. “[...] aí depois **a gente** ia as igrejas, o trabalho de igreja assim, a igreja tem os terrenos [...].”
252. “[...] e a escola também **nós** fizemos, entrou ... como eu trabalhava na escola, o secretário também era uma pessoa muito boa [...].”
253. “[...] **nós** fizemos um trabalho na escola com os jovens né [...].”
254. “[...] e **a gente** conseguiu fazer essa casa pra essa mulher, essa doida né, [...].”
255. “[...] aí **nós** tiramos ela da rua, [...].”
256. “[...] **a gente** ia lá na casa dela e dava banho nela [...].”
257. “[...] **nós** mandamos tirar, tirou pra fora, aí construiu outra casa pertinho dessa casa, dessa daí também, [...].”
258. “[...] tudo é um trabalho que **a gente** faz assim voluntário né [...].”
259. “[...] **pra gente** usar, lavar as vasilhas, fazer a merenda e lavar os banheiros sabe [...].”
260. “[...] **pra gente** ajudar, então e era assim eu fazia tudo que tinha direito de fazer, eu fazia doce, eu fazia biscoito, eu fazia geleia [...].”

261. “[...] feijoada **pra gente** fechar a área lá, porque nossa escola é acidentada né, [...].”
262. “[...] a cidade é muito pequena **pra gente** construir essas coisas, o pessoal aqui é difícil né.”

Informante GMAF:

263. “[...] **nós** moramos na outra casa, [...].”
264. “[...] mas **a gente** era bem pequenininho, era bem pequena né [...].”
265. “[...] **nós** fomos para, municipalizou, [...].”
266. “[...] **nós** ainda ficamos trabalhando ai, mas aquela, [...].”
267. “[...] aquele negócio sem saber se **a gente** ia ficar, ficou todo mundo [...].”
268. “[...] **nós** que trabalhamos como auxiliar dessa época já sente dificuldade, [...].”
269. “[...] porque **nós** lidamos muito, [...].”
270. “[...] **nós** pegamos muito assim, agora não, agora o que eu estou achando ainda mal organizado é o arquivo [...].”
271. “[...] tem uma parte também que **a gente** discorda também, que é os alunos, os alunos também [...].”
272. “[...] ah **nós** fizemos uma gincana menina, deixou saudades, [...].”
273. “[...] eu estou achando que esse ano **nós** vamos programar uma no José de Alencar novamente [...].”
274. “[...] **nós** arrecadamos cinco mil e quinhentas colheres na escola.”
275. “[...] Aí **nós** até doamos para a igreja católica, doamos para a igreja evangélica também né, agora mesmo anteontem, [...].”
276. “[...] essa semana mesmo, **nós** arranjamos trezentos e cinquenta [...].”
277. “[...] sempre **a gente** ajuda né e toneladas de arroz, toneladas de feijão, [...].”
278. “[...] **nós** ganhamos uma bezerra. A bezerra fizemos um bingo, oh uma boa aí, [...].”
279. “[...] **nós** fizemos o bingo de uma bezerra [...].”
280. “[...] **nós** estamos fazendo, os pais estão pedindo, Wilton faz uma gincana [...].”
281. “[...] e **nós** trabalhamos, deixou, (...) professores ficaram moídos mesmo, ninguém estava aguentando [...].”

282. “[...] Wilton **nós** não estamos aguentando mais não, foi bom demais.”
283. “[...] Sinto saudade da gincana nossa, acho que **nós** vamos fazer outra [...].”
284. “[...] **a gente** achava justo né [...].”
285. “[...] e **a gente** achou justo e também teve [...].”
286. “[...] e **a gente** faz festas no clube [...].”
287. “[...] **nós** fizemos uma festa, a banda foi boa, mas a do ano passado deu um show.”
288. “[...] **Nós** arrecadamos dinheiro, [...].”
289. “[...] **nós** compramos tem uma renda [...].”
290. “[...] que **nós** compramos cem cadeiras [...].”
291. “[...] **nós** compramos cem cadeiras e armários, agora teve a renda dessa festa do ano passado [...].”
292. “[...] **a gente** tem vontade é da escola, a estrutura dela. Para quando a pessoa chegar, ver aquela escola bonita sabe [...].”
293. “[...] que se for mexer com aquilo para ir jogando, para já ir adiantando né. Mas, **nós** vamos chegar lá [...].”
294. “[...] **nós** tivemos aqui na, na igreja. No salão paroquial, vieram, quem participava era só auxiliares [...].”
295. “[...] **a gente** fez o curso [...].”
296. “[...] e depois ela pediu para ver o que que **a gente** tinha aprendido.”
297. “[...] mandou corrigir aquela pasta, as dúvidas que **a gente** tinha, [...].”
298. “[...] imediatamente **a gente** tirava, para mim foi um dos melhores cursos, agora demora, demora.”
299. “[...] até que **nós** pedimos para elas que sempre fizesse um curso desse, [...].”
300. “[...] mas **a gente** queria que elas fizessem também para o professor [...].”
301. “[...] **nós** pedimos, eles prometeram que esse ano vai dar, que eu acho assim tem que fazer [...].”

Informante JMAM:

302. “[...] porque sempre **a gente** vai na câmara né, quase todos os dias eu vou, porque as reuniões mesmo [...].”
303. “[...] fui do grupo de jovens aqui e **a gente** discutia muito essa questão política, [...].”

304. “[...] que **nós** somos nove vereadores né e o, a situação são cinco, e a chamada oposição são quatro [...].”
305. “[...] eleição o que importa agora é **a gente** trabalhar pelo município né.”
306. “[...] **a gente** percebe isso, até então pelo fato, às vezes não tanto por quem está, pelo prefeito né [...].”
307. “[...] **nós** fizemos [...].”
308. “[...] então **nós** votamos vários projetos. Considero muitos de grande importância para o município [...].”
309. “[...] muitos projetos que **a gente** votou [...].”
310. “[...] e outro também que **a gente** não tem o respaldo da comunidade né.”
311. “[...] Às vezes **a gente** vota os projetos na câmara né [...].”
312. “[...] então é isso **a gente** aprova os projetos, mas não significa que eles, tenha uma lei que a obrigatoriedade [...].”
313. “[...] então **a gente** tem questionado muito isso né, as pessoas vão mais quando diz respeito a determinadas áreas né [...].”
314. “[...] eu mesmo quando tem assim, **a gente** faz uma agenda né, [...].”
315. “[...] a comunidade rural fizer uma atividade, **a gente** vai, está presente.”
316. “[...] e no caso assim, é (...) essas divisões que **a gente** tem, que parece que a cidade, ela é dividida [...].”
317. “[...] não estão cuidando bem das estradas, **a gente** já fez várias solicitações, o pessoal de lá reivindica, [...].”
318. “[...] **a gente** já reclamou várias vezes [...].”
319. “[...] o que precisamos é **a gente** criar mesmo um plano de desenvolvimento né para o município, [...].”
320. “[...] **a gente** tentar levantar apoio né às indústrias né.”
321. “[...] Pequenas industrias que **nós** temos aqui.”
322. “[...] **Nós** temos aqui uma indústria de café né, eu acho que precisa de apoio e mais incentivo, [...].”
323. “[...] e se **a gente** for fazer uma pesquisa aqui [...].”
324. “[...] **nós** já fizemos inclusive essa proposta na câmara para o prefeito fazer essa organização né.”
325. “[...] **nós** fizemos uma pesquisa né, com o pessoal da região lá do pirulito né, [...].”

326. “[...] até como exemplo **a gente** tem o bairro Bela Vista hoje foi feito de uma forma desorganizada né [...].”
327. “[...] igual **a gente** tem lá de casas populares, de repente algumas pessoas foram beneficiadas [...].”
328. “[...] a questão de lazer por exemplo **a gente** não tem quase opção nenhuma né, tem danceteria, [...].”
329. “[...] final de semana quando **a gente** não tem reunião, nas comunidades, [...].”
330. “[...] **a gente** vai, eu jogo bolo né, tem, pratico esporte, [...].”
331. “[...] **nós** temos um horário na quadra, futebol de salão.”
332. “[...] e às vezes **nós** vamos [...].”
333. “[...] **a gente** estava até discutindo, eu discutindo com o padre Edilson né.”
334. “[...] **A gente** estava na reunião, organizando, numa reunião preparatória para a festa do padroeiro né, [...].”
335. “[...] aí **a gente** estava programando [...].”
336. “[...] **a gente** está tentando resgatar a questão cultural, mas às vezes acaba trazendo bandas, [...].”
337. “[...] mesmo que é cultura, mas não é tanto como **a gente** tinha.”
338. “[...] não se identifica tanto com a região e **a gente** estava discutindo a questão de uma preparação, de um projeto nesse sentido para o município.”
339. “[...] mas o que **a gente** esbarra mais é mesmo na questão financeira [...].”
340. “[...] às vezes **a gente** pensa muito essa questão, [...].”
341. “[...] isso, **nós** temos ideia, temos espaço, [...].”
342. “[...] falta **a gente** sentar, [...].”
343. “[...] eu até estava com a ideia **de a gente** organizar (...) não tem nada no papel né [...].”
344. “[...] não tem nada no papel né, só ideia mesmo, **da gente** criar um movimento cultura da cidade.”
345. “[...] uma organização né, com pessoas **para a gente** está discutindo isso, temos a ideia de fazer, [...].”
346. “[...] desenvolver um projeto de arte na praça. Mesmo que **a gente** não tenha condição de fazer todo final de semana [...].”
347. “[...] **nós** temos muitos talentos aqui em Machacalis. Pessoas que gostam de música, que toca instrumentos [...].”

348. “[...] **nós** fomos lá, fizemos o maior esforço para eles vir, fizeram, eu estava na organização [...].”
349. “[...] e **a gente** percebeu que foi a primeira vez [...].”
350. “[...] foi a primeira vez que **nós** trouxemos assim no estilo diferente né, a música por exemplo serteneja [...].”

Informante AMAM:

351. “[...] **nós** fizemos, calcei Machacalis.”
352. “[...] **nós** também precisamos. E quero continuar aquilo que eu deixei embonitar a cidade [...].”
353. “[...] **nós** tinha concurso aí de futebol era regional, hoje acabou se todo, apesar de ter um campo [...].”
354. “[...] **nós** tivemos, um afastamento um do outro, mas acho que a culpa foi mais minha [...].”
355. “[...] então **nós** queremos se tornar assim, eu meu desejo é que saísse um candidato único [...].”
356. “[...] teve nove filhos eu amo demais é muito ligados, depois minha mulher saiu e **nós** tivemos [...].”
357. “[...] **nós** continuamos, mas nunca tive aquela pretensão, aquela usura eu quero ser candidato [...].”
358. “[...] **nós** fomos para uma festa, [...].”
359. “[...] nisso **nós** fomos para uma festa em Pavão, ele morreu e seu Aurélio está aí vivo [...].”
360. “[...] **nós** temos justiça, mas não temos punição, o país está impune.”
361. “[...] **nós** temos duas coisas.”
362. “[...] **Nós** estamos com a justiça sem punição [...].”
363. “[...] e saúde **nós** não temos, saúde acabou [...].”
364. “[...] **nós** estamos aguardando agora, o início do asfalto agora em maio.”
365. “[...] **nós** temos muita gente de Machacalis voando atrás de emprego.”
366. “[...] e no caso, que **a gente** tem um problema parece que grande na cidade com alcoolismo né, muitas pessoas (...) alcoólatras.”
367. “[...] **nós** temos hoje, além da, além disto né, que hoje os menores já estão se tornando todos alcoólatras né,
368. “[...] porque está geral e **nós** temos a droga [...].”

369. “[...] **nós** fizemos um abaixo assinado, aí e dirigimos ao Márcio Pestana, o secretário da saúde [...].”
370. “[...] **nós** estamos de mão e pé quebrado. O comércio é bonzinho [...].”
371. “[...] **nós** vamos viver tranqüilo. Ela está lá doida querendo vir embora, [...].”
372. “[...] **a gente** dorme a hora que quer, vai para a festa a hora que quer, come o churrasco a hora que quer e lá na capital não é assim, [...].”
373. “[...] **a gente** fica muito visado né. Está saindo aí, um está assaltando e aqui não, [...].”
374. “[...] **a gente** conhece todo mundo [...].”

ANEXO D – Dados de Machacalis: Sujeito Indeterminado

O informante e as pessoas de modo geral

Informante KM JF:

1. “[...] puxando o irmão para outra igreja e tal, mesmo que **a gente** quer muito [...].”
2. “[...] mas **a gente** não pode visar só o lado ruim né, vindo o asfalto para cá, viria muita indústria, muita coisa, [...].”
3. “[...] porque o jovem sai daqui, sai daqui porque não tem opção mesmo de trabalho né, a cidade que **a gente** quer ficar [...].”
4. “[...] **a gente** vê pelo geral né da saúde assim. Medicamentos, falta também muitos medicamentos assim [...].”
5. “[...] **a gente** não vai generalizar a coisa, mas, hoje esses funcionários, Deus faz as coisas certinhas [...].”
6. “[...] e também eu acho que tudo vai vir, é consequência, tudo que **a gente** vai plantando assim [...].”
7. “[...] assim **para gente** ver, sentir na pele isso assim. Minha avó trabalhou vinte e cinco anos assim [...].”

Informante JMJF:

8. “[...] mas assim após a morte **a gente** tem uma vida assim com Deus né [...].”

Informante SMJM:

9. “[...] tipo assim **a gente** fica olhando como que Deus trabalha na vida do homem né e eu chegava assim nas férias [...].”
10. “[...] criança hoje de dez anos está beijando na boca, infelizmente entendeu, infelizmente é o que **a gente** vê, [...].”
11. “[...] que **a gente** fala assim chateado entendeu, mas vamos por aí de quinze anos para cima né [...].”
12. “[...] e isso acontece muito né **a gente** sabe. E pelas humilhações, eu lutei, lutei para [...].”
13. “[...] até quatro horas da tarde fazendo doce, então assim, a vida, **a gente** é aquilo [...].”
14. “[...] que **a gente** quer ser. Se você quer [...].”
15. “[...] **nós** temos os nossos momentos difíceis nas nossas vidas, [...].”
16. “[...] por mais que **a gente** passa por dificuldade, [...].”

17. “[...] por mais que **a gente** por muitas vezes entristece o coração do senhor, [...].”
18. “[...] **a gente** sabe que ele está nos olhando [...].”
19. “[...] e **a gente** sabe que o espírito santo de Deus ele testifica e no momento que você está falho, [...].”
20. “[...] mas **a gente** olhando hoje assim, puxa vida se não tivesse feito o que fez lá atrás [...].”
21. “[...] que **a gente** sabe que vestes é doutrina do homem entendeu, mas o homem e a mulher de Deus [...].”
22. “[...] eu acho quando **a gente** se converte é o amor, você olha o irmão aqui, te abraça daqui [...].”
23. “[...] são os mesmos que no amanhã vão virar as costas para você entendeu? então isso **a gente** tem que estar preparado, [...].”
24. “[...] **a gente** vai preparando como, atrás de uma palavra né, se rendendo nos caminhos do senhor [...].”
25. “[...] aquele irmão é aquilo, mas a palavra de Deus fala que, **nós** somos o valor do mundo e [...].”
26. “[...] se **nós** somos valor [...].”
27. “[...] **nós** temos que ter amor [...].”
28. “[...] **para nós** resplandecer, então em cima disso [...].”
29. “[...] **nós** temos que estar com os nossos olhos fixados no senhor, temos que estar firmes no senhor, [...].”
30. “[...] **nós** temos que ter mesmo amor no coração e tem que ser forte, porque não é fácil não e [...].”
31. “[...] tipo assim... igual eu estava falando, **a gente** tem que estar preparado [...].”
32. “[...] preparado **para a gente** suportar, [...].”
33. “[...] **a gente** suportar essas coisas, porque depois que eu, depois que você se converte assim [...].”
34. “[...] porque **a gente** nunca sabe tudo, mas eu fui vendo assim, o que é servir a Deus.”
35. “[...] então tipo assim, **a gente** tem que aprender, porque a palavra de Deus fala assim [...].”
36. “[...] porque **a gente** vê que vocês têm compromisso, o testemunho [...].”
37. “[...] **a gente** vai remando, vai remando, vai remando, [...].”
38. “[...] um dia com certeza **a gente** chega lá e qual que é o nosso objetivo, [...].”

39. “[...] qual que é o nosso alvo, qual é o nosso foco, **a gente** quer ter a salvação [...].”
40. “[...] **a gente** tem que estar agarrado no senhor mesmo, [...].”
41. “[...] porque igual eu estava falando assim, **a gente** tem que está com a vida [...].”
42. “[...] mas você tem que ter compromisso com o senhor, que **a gente** sabe que servir a Deus é bom, [...].”
43. “[...] mas **a gente** também tem as dificuldades, porque a salvação também ela não vem de graça [...].”
44. “[...] é o tipo da coisa assim. **A gente** tem mesmo que estar voltado para o senhor, [...].”
45. “[...] se não for assim **a gente** fica a mercê aí entendeu [...].”
46. “[...] eu falei oh amor **a gente** tem que pensar grande, [...].”
47. “[...] mas **a gente** tem que vigiar no que fala também, porque tipo assim, se eu penso grande [...].”
48. “[...] sempre quando fala alguma coisa **a gente** vai aprendendo, [...].”
49. “[...] **a gente** vai pondo na mente [...].”
50. “[...] as coisas ruins **a gente** vai excluindo entendeu. O que você tem ninguém precisa saber que você tem, se você tem dinheiro [...].”
51. “[...] com mil e quinhentos reais hoje **a gente** consegue fazer em torno de seis mil e seiscentos reais [...].”
52. “[...] aí vem despesa de casa eu acho que **a gente** nem conta né, graças a Deus, misericórdia, sabe chega em casa [...].”
53. “[...] falei oh meu Deus, **a gente** não pode guardar rancor, [...].”
54. “[...] **a gente** não pode guardar mágoa de ninguém, [...].”
55. “[...] mas **a gente** também tem que ter a nossa mente, [...].”
56. “[...] **a gente** tem que ter a nossa mente aberta [...].”
57. “[...] nossa mente aberta **para a gente** ver, entendeu assim. Puxa vida, Deus, Deus, Ele transforma a vida do homem [...].”
58. “[...] então **a gente** tem, eu não sei, [...].”
59. “[...] eu gosto muito de falar assim: **a gente** tem que estar voltado para o senhor, [...].”
60. “[...] **a gente** tem que estar com a nossa vida voltada para o senhor.”
61. “[...] Porque é só assim que **a gente** vai conseguir alguma coisa, [...].”
62. “[...] é só assim que **a gente** vai alcançar alguma coisa, porque a preparação, [...].”

63. “[...] quando **a gente** vai para os caminhos do senhor, [...].”
64. “[...] **a gente** tem uma preparação. É como uma criança, a criança ela vai para o peitinho, [...].”
65. “[...] **a gente** serve a Deus, [...].”
66. “[...] **a gente** honra o nome do senhor para ser honrado, [...].”
67. “[...] porque (...) **a gente** tem que honrar mesmo, porque ele é digno de toda a honra, ele é digno de toda a glória , não é verdade?”

Informante MMJM:

68. “[...] tipo assim, **a gente** sai, dá uns pulinho fora e tal, mas aí aos dezessete anos mesmo, aí eu encontrei o meu Deus verdadeiro na igreja Cristo salva [...].”
69. “[...] claro que **a gente** não vai generalizar, mas alguns, pode ser que eles não estejam preparados para o cargo que estão exercendo hoje em dia?”
70. “[...] demora para chegar e de certa forma se **a gente** olhar o protestantismo, ele chega depois [...].”
71. “[...] **nós** estamos ocupando é terra indígena, os índios eles habitavam aqui.”
72. “[...] **Nós** invadimos, que na realidade são dos índios, está entendendo, então o nome maxakali, origina-se da cidade Machacalis [...].”

Informante CMAF:

73. “[...] **a gente** já crescia ajudando os pais e como minha mãe eu já com dez anos [...].”
74. “[...] **a gente** casava nova, só que a minha vida de casamento não foi tão nova, com vinte anos eu me casei né [...].”
75. “[...] antigamente **a gente** não pegava moleza né, não tinha água, não tinha uma luz, não tinha nem lenha né [...].”
76. “[...] **a gente** não tinha esse negócio de fazer inscrição em escola era chamada né, as pessoas olhavam pela aparência [...].”
77. “[...] eu vou exercer esses trinta anos de trabalho, nessa vida que **a gente** anda né.”
78. “[...] pra mim hoje está melhor a vida pra mim porque, hoje **a gente** tem mais a sobrevivência né, [...].”
79. “[...] **nós** temos hoje uma luz, [...].”
80. “[...] **a gente** tem uma água, [...].”

81. “[...] **a gente** tem uma casa né. Eu nunca fiquei sem casa própria porque minha mãe sempre teve [...].”
82. “[...] **a gente** tinha que pegar as coisas, eu tirava barrigada de vaca sabe, e vendia os trem, uma parte vendia aqui [...].”
83. “[...] **a gente** fala, porque você está fazendo a entrevista comigo e eu estou assim, agradecendo ao meu Deus [...].”
84. “[...] porque **a gente** deve contar só alegria, mas como você está querendo saber de tudo né?”
85. “[...] porque **a gente** tem que ter muita perseverança [...].”
86. “[...] muita perseverança **pra gente** conseguir as coisas [...].”
87. “[...] e quando **a gente** vai, [...].”
88. “[...] Deus ajuda e **a gente** consegue... como... como eu falei [...].”
89. “[...] quando **a gente** trabalha pra uma pessoa... mas como eu passei tanta necessidade e hoje eu vejo que eu tenho [...].”
90. “[...] **a gente** vê passando na televisão tem aqueles voluntários e pede ajuda e consegue muitas coisas [...].”
91. “[...] a situação muito difícil né... **pra gente** que quer ajudar as pessoas [...].”
92. “[...] **a gente** não consegue ajudar voluntária né [...].”
93. “[...] assim porque **a gente** vê na televisão... assim aquelas fantasias né e é a escola estadual por exemplo [...].”
94. “[...] mas como **a gente** vai chegando o tempo, não é a idade, não está velha pra minha idade pra mim não cantar [...].”
95. “[...] como tem os jovens que **a gente** também tem que dar oportunidade pra eles né [...].”
96. “[...] **pra gente** ver o que vai dar, porque a idade é... ontem mesmo eu estava lendo um livro sobre a terceira idade [...].”

Informante GMAF:

97. “[...] **a gente** era muito mais comportados né, não tinha essa, essa, essa coisa assim de, igual está tendo hoje [...].”
98. “[...] **a gente** fica tão (...). Ontem mesmo era para mim fazer unhas né, não deixei, porque eu já fui [...].”

Informante JMAM:

99. “[...] se **a gente** for observar aí tem cinquenta e cinco anos de emancipação política.”
100. “[...] **a gente** não precisa estar parado no tempo [...].”
101. “[...] então **a gente** percebe que a juventude, ela está muito distante também da política [...].”
102. “[...] então **a gente** tem que mudar uma mudada realmente nisso né. Fazer com que as pessoas abracem a ideia de que as mudanças [...].”
103. “[...] às vezes **a gente** acha que é uma coisa bem informal e às vezes não é, mesmo uma cidade pequena pode estar toda regularizada [...].”
104. “[...] às vezes **nós** como consumidores às vezes não exigimos a nota fiscal, [...].”
105. “[...] às vezes **a gente** passa sem exigir porque, [...].”
106. “[...] sendo que se **a gente** exigir vai obrigar [...].”
107. “[...] as pessoas ocuparam lá a área e construíram, então baseado nisso **a gente** percebe que as pessoas constroem [...].”
108. “[...] aí **a gente** acaba voltando na questão política, porque foi uma reivindicação né dos artesãos [...].”
109. “[...] porque **a gente** pensa muito em coisa de televisão, e na hora que você vê engloba os vários tipos [...].”

Informante AMAM:

110. “[...] **a gente** quando gosta muito e que tem um balancinho procura, às vezes afasta e está sendo prejudicado [...].”
111. “[...] **nós** rezamos o pai nosso contrito Jesus Cristo, filho de Deus precisa aprofundar em outras rezas não.”
112. “[...] é só **a gente** pedir meu Jesus, ajuda me, ajude minha família [...].”
113. “[...] **nós** temos um lugar no céu, [...].”
114. “[...] eu acredito que **nós** temos um lugar no céu, aquele que vai fazer as boas obras, aquele que não é um pecador, pecado mortal [...].”
115. “[...] **nós** temos o nosso lugar, porque quando morre, [...].”
116. “[...] **nós** estamos vagando né, a escritura fala assim, eu nunca li não [...].”
117. “[...] **nós** vamos ter um lugar, cada qual vai ter o seu lugar. Se eu merecer Jesus vai me dar, [...].”

118. “[...] às vezes **a gente** brinca e paga. Eu não joga isso na (...) mas estive aqui um exemplo que o rapaz [...].”
119. “[...] mas **para a gente** não pegar dele e fazer besteira, (...) aplicar ele, bem aplicado, é bom [...].”

Quadro sinóptico dos dados de Piranga

Código do informante	Sujeito determinado		Sujeito indeterminado		Faixa etária	Gênero/sexo	Cidade
	A GENTE	NÓS	A GENTE	NÓS			
SPAF	17	5	24	4	Adulto	Feminino	Piranga
BPJM	1	1	5	0	Jovem	Masculino	Piranga
RPAM	3	0	1	1	Adulto	Masculino	Piranga
CPJM	22	6	9	0	Jovem	Masculino	Piranga
DPAF	30	4	8	0	Adulto	Feminino	Piranga
GPJF	19	2	24	1	Jovem	Feminino	Piranga
LPAM	15	8	25	6	Adulto	Masculino	Piranga
LPJF	15	4	17	0	Jovem	Feminino	Piranga

ANEXO E – Dados de Piranga: Sujeito Determinado

Informante SPAF

1. “[...] ah, eu gosto é o ambiente mesmo sabe? Esta coisa que **a gente** pode ainda ficar à vontade, deixar os meninos [...]”
2. “[...] essa questão do pgdi, que **a gente** está fazendo na escola, eu acho que ele está fazendo assim [...]”
3. “[...] o pgdi é o plano de gestão de desempenho individual, todo ano **a gente** passa por uma avaliação, inclusive eu faço parte da equipe.”
4. “[...] então, nós efetivos, **nós** temos essa questão que é todo ano, de seis em seis meses, duas vezes no ano e o designado também [...]”
5. “[...] no meu caso, que eu sou efetiva, **a gente** é avaliado na escola, manda essa nota para lá [...]”
6. “[...] **nós** tivemos também professores que aposentaram, dois na escola, aí teve mais chance de outras pessoas [...]”
7. “[...] fase dois, porque **nós** fizemos isso lá na delegacia, para tentar reter esses alunos, sabe?”
8. “[...] não veio uma equipe pedagógica dar um curso esse ano, sabe? Muda as coisas assim, **a gente** fica igual questão de escola pública é assim [...]”
9. “[...] **nós** temos faixa de cem alunos que vêm da pimenta, o Ildefonso, esse número também de alunos que vem da roça [...]”

10. “[...] **a gente** sai à noite, o jovem aqui de Piranga, ele está sem opção, ele está sem opção, ele fica ali na praça, [...]”
11. “[...] não tem nem questão de um barzinho, não tem nada, **a gente** fala em escola e tudo, mas mesmo o lazer, está ficando assim, [...]”
12. “[...] ele estava fazendo a torre lá em cima e jogando pratinha, **a gente** passava ele jogava moeda, [...]”
13. “[...] gente mais era legal demais, **a gente** tinha que pular, era pular mesmo.”
14. “[...] **a gente** ia para o nacional, o nacional mesma coisa pulando, era só Edson tocando na banda, batuta.”
15. “[...] **a gente** entrava num e noutro. Homem pagava. Mulher não. Aí aquelas coisas, serpentina, você jogava serpentina, [...]”
16. “[...] ia revesando. E as rainhas? **A gente** ficava assim, juntava turma, não é? e ficava... mesmo os do Piranga esporte ficava escondendo [...]”
17. “[...] não tem ambiente. Reveillon, eu estou assim, o que que **a gente** fazia aqui em casa, não é?”
18. “[...] daqui uns dias vem o carnaval, se não tiver nem a escola de samba, **a gente** vai ficar fazendo o quê?
19. “[...] uma patinação, coisas como se diz, para prefeitura criar é uma coisa assim, que para eles é um... é **a gente** pintar uma casa.”
20. “[...] nossa, hoje **nós** descemos ali na... indo para aqui, para carneirinho, um caminhão de um lado e um outro, entregando gás no carneirinho [...]”
21. “[...] os amigos deles vão ser iguais os meus, que **a gente** tinha aquela coisa igual de cabeça.”
22. “[...] **a gente** estava com um coral lá na escola, menino na faixa assim da idade de Júlia, quarta série, marcava horário [...]”

Informante BPJM

23. “[...] basta um pouquinho de boa vontade e pegar o microfone e falar: ô gente, tem uma casa caindo ali em baixo ali, o que que **nós** pode fazer?”
24. “[...] dar educação para a família e o resto, depois que você tiver uma boa, ainda mais **a gente** que é acostumado [...]”

Informante RPAM

25. “[...] aquele onde **a gente** vê que ele fez lá para a rodoviária, ótimo que ficou aquilo ali , população toda gostou, [...]”
26. “[...] já faz aqui em Piranga, então quer dizer, **a gente** não precisa de... e quando o caso é mais, é um caso mais minucioso, que as pessoas precisam sair daqui, [...]”
27. “[...] em compensação Piranga vai atender os pacientes nossos, que **a gente** levar para lá, [...]”

Informante CPJM

28. “[...] à medida que o tempo vai passando é crescendo e subindo e **nós** estamos aqui, parados no tempo [...]”
29. “[...] entregou para ela uma portaria que está até afixada lá pediu que ela afixasse aquele cartaz com o horário, aí **a gente** fez isso aí, [...]”
30. “**A gente** procura, não é? Cumprir na medida do possível. Tem determinados momentos que não, não dá, [...]”
31. “[...] tem hora ali que o bicho pega, mas na medida do possível **a gente** está colocando em prática.”
32. “[...] Ainda não. Ainda não. **A gente** não teve esse problema sabe?”
33. “**A gente** chegou, pouquíssimas vezes [...]”
34. “[...] pouquíssimas vezes **a gente** teve problema de chegar e ver um moleque com material pornográfico [...]”
35. “[...] **a gente** chegou e falou assim: oh, não pode esse tipo de material e tal, explicou a situação, [...]”
36. “[...] agora se houver um projeto de melhoria da festa, não é? **Nós** vamos levar para o ginásio,
37. “[...] **a gente** vai murar toda a região ali, fazer um parque de exposição, vamos trazer artistas de peso, [...]”
38. “Ele queria montar uma indústria em Piranga, só que aí não... não é? Não... **a gente** não sabe nem se isso é verdade, [...]”
39. “O que que é de verdade, o que que não é de verdade nessa história. Não é? A única verdade que **a gente** sabe é que [...]”
40. “[...] **a gente** tem um ponto de ônibus na cidade, num local de transito horrível, não é?”

41. “[...] então quer dizer, quando estava disputando, beleza, tinha jogo aqui em Piranga, **a gente** jogava lá em Lafaiete, [...]”
42. “[...] mas clara, ou minha ou dela, não sei eu falei: o Aninha, eu acho que **a gente** não vai se ver amanhã, estou achando que eu vou morrer.”
43. “[...] que eu iria morrer, que eu não ia mais vê-la. E aí fui... nossa, **nós** ficamos um tempão conversando
44. “[...] eu gosto muito dele, ele gosta muito de mim, inclusive ele esteve aí semana passada, **a gente** saiu junto, conversou, comeu feijoada e tal.”
45. “[...] aí eles falaram com ela: **a gente** avisou alguém da sua família ou alguém próximo e avisou para ela também [...]”
46. “[...] aí já é questão lá do espiritismo, não sei, eu respeito e morreu. **A gente** derrubou o porta retrato do Felipe [...]”
47. “[...] três vezes perto de você, aí ela se lembrou de duas, não é? E **a gente** avisou alguém da sua família.”
48. “[...] eu não converso muito com ele não, sabe? Mas eu creio que **a gente** deve ter sim, [...]”
49. “É o caso também de até pouco tempo **a gente** não tinha promotor de justiça, [...]”
50. “[...] **a gente** estava sem também. Juiz de direito, a mesma coisa.”
51. “Eu acho que por isso **a gente** está, ainda está tranqüilo, o trabalho da policia militar em Piranga é muito sossegado, [...]”
52. “[...] barra circular, oitenta e oito, aquela dura até bater na cerca, aí **nós** fomos lá na barra andar de bicicleta [...]”
53. “[...] andando e beleza, **nós** vamos embora. Vamos. Aí falei, descendo o morro da barra ali, da boa vista, um morro cheio de pedra, não é?”
54. “**A gente** estava descendo empurrando, só que quando chegou no meio do morro para baixo um pouquinho, [...]”
55. “[...] falei assim: ah, Patricio, monta aí que agora **nós** damos conta, não é possível, não é? ele montou na... na garupa ali, [...]”

Informante DPAF

56. “[...] da vida tranqüila que **a gente** leva aqui. Entendeu? Eu acho que tem... por ser uma cidade pequena, [...]”
57. “[...] até hoje **a gente** tem uma certa tranqüilidade. Não que eu diga totalmente porque, de vez em quando acontece [...]”

58. “[...] porque isso é importante, porque do jeito que o salário está achatado **a gente** não vive tranqüilo fora.”
59. “Então eu acho **para gente** é um ótimo lugar para se morar.”
60. “[...] Piranga não tem campo de emprego, não é? Não tem. Mas eu acho que **a gente** teria que começar [...]”
61. “[...] em um mês você botar uma escola de pé. E também **nós** temos que ver a qualidade do serviço também, [...]”
62. “[...] então era assim, **a gente** ficava, o dia inteiro enfeitando caminhão, não é? Para desfilar à noite e rezava [...]”
63. “[...] **a gente** fazia todo ano e era uma fantasia para cada dia, era assim pedaços de pano, aproveitava fantasias, não é?”
64. “[...] e era muito bom, inclusive **a gente** tinha visita até de gringo, sabe?”
65. “[...] as fantasias são modernas, antigamente não, era feito com sucata mesmo, **a gente** pegava o lençol furava o lençol para fazer de fantasma, sabe?”
66. “[...] eu estava até comentando com a minha mãe, **a gente** ficava até certa hora da noite, na minha rua ali tinha [...]”
67. “[...] ontem eu fui a Lafaiete com um taxista, **a gente** veio comentando sobre isso, até achei que ali estava um lugar muito bom para rodoviária, [...]”
68. “[...] é ... está falido, não é? O que **a gente** ouviu falar é que está falido.”
69. “[...] então assim, eles vêm, **a gente** é cobaia na mão deles. Esses médicos de psf eles não fazem residência, [...]”
70. “[...] eles não estão querendo saber. Não importa, não é? Então **a gente** está... a saúde não está legal não.”
71. “[...] Deus vai me ajudar que **a gente** vai conseguir isso, a menina falou assim: olha. Inclusive, está faltando só um exame dela.”
72. “[...] mas ela falou que no máximo durante trinta dias **a gente** consegue. Estou torcendo, sabe?”
73. “[...] então tem um formulário para preencher com um relatório da... da médica, então o Toninho me arrumou e **a gente** já levou praticamente assim, [...]”
74. “[...] então eu acredito que **a gente** vai conseguir, estou com fé em Deus que vamos conseguir, não é?”
75. “[...] é demorado demais, você vê situações aí, gente reclamando, a gente graças a Deus, **a gente** não é rico, [...]”
76. “[...] mas numa emergência **a gente** consegue, não é?”

77. “[...] eu fui lá uma hora só, só para ver onde os meninos estavam, aquele trem todo e eu não fui porque **a gente** estava com mãe no hospital.”
78. “[...] cismou que quer terapia ocupacional cismou que quer terapia ocupacional, nada faz mudar, nada faz mudar, então, **a gente** já falou que é uma área difícil, [...]”
79. “[...] então assim, não adianta, quer fazer, **a gente** tem que deixar, não é?”
80. “**A gente** falou muito com ela, [...]”
81. “[...] se **a gente** pudesse, eu acho que hoje na atual conjuntura nossa, eu acho que uma administração, um direito, sabe?”
82. “[...] porque você se manter como profissional não é fácil não, não é? Então **a gente** está pensando pelo lado do concurso público [...]”
83. “[...] terapia também. Inclusive **a gente** já até matriculou.”
84. “[...] **nós** matriculamos na ciências médicas, porque a Fumec, o curso dela é a noite, lá no Belvedere, [...]”
85. “[...] então **a gente** optou pela ciências médicas, é ali central. Na parte da manhã.”
86. “E aí... **nós** vamos ter que espremer, não é?”
87. “[...] eu falo que **a gente** mesmo não precisa cobrar, não. Eles mesmo se cobram.”
88. “[...] o dia que eu fui fazer inscrição dele no cursinho do Filadélfia lá em Viçosa, sua irmã tinha acabado de passar. E você sabe que **nós** temos o mesmo sobrenome?”
89. “Basta você querer e não vai impedi-lo de fazer um cursinho, **a gente** está pensando nisso, se ele quiser ir, vai.”

Informante GPJF

90. “[...] gente, aquilo é um absurdo, **a gente** passa ali, [...]”
91. “[...] aquela rua você vê que já é tão difícil **da gente** passar ali por causa dos carros, não é?”
92. “[...] o que eu sei, é antes **a gente** usava aquela, não é? Eu não sei falar o ... nem de internet [...]”
93. “[...] eu não... que nem linha telefone, **a gente** usava essa, aqui em casa tinha. Mas diz que estava ficando muito... nos domingos [...]”
94. “[...] **a gente** vai na prefeitura eles também não ... não assim ... a ... lá é banda larga que eles falam, não é?”

95. “[...] se um dia o pessoal, a comunidade falar assim: hoje **nós** vamos reformar a igreja, eu vou vender um capado e vou dar o dinheiro, [...]”
96. “Ele machucou, não é? A... cabeça aqui, aí deu um corte muito grande, **a gente** pensou que ele tinha furado mesmo, não é?”
97. “[...] e o Zé Pereira também é bom porque no calor **a gente** vai para a praça e os meninos gostam, não é?”
98. “[...] ele ainda gosta assim, de ir para o campo jogar futebol, mas falar assim: vamos jogar queimada todo mundo que nem **a gente** jogava [...]”
99. “Aqui **a gente** não vê mais ninguém brincando na rua. Pode ir em qualquer lugar que você não vê.”
100. “[...] então assim, é muito difícil. Ai eu não... antes do menino fazer prova somativa **a gente** já sabe se ele vai passar ou não, sabe?”
101. “[...] eu acho que a nota mostra se o aluno está indo bem ou não. E não... não tem, lá assim, é lógico que **a gente** dá as provas e tudo e tal, [...]”
102. “[...] como que **nós** vamos continuar trabalhando, não é? Vamos bem dizer de graça e não conseguir nada?”
103. “[...] os alunos lá de Pinheiros, eles não sabem o que que é parágrafo, o que que é travessão, o que que é fala, quando que **a gente** está perguntando [...]”
104. “[...] o que que **a gente** usa, nada.”
105. “[...] então **a gente** é habilitado de trabalhar de primeira a quarta, de alfabetizar o aluno, de levar ele até a quarta série.”
106. “[...] abrange a nossa área, eles podem dar aula também, mas eles não têm as mesmas matérias que **a gente** tem, está entendendo?”
107. “[...] aí ele tem que fazer a oficina dele primeiro, para depois **a gente** fazer a casa. Porque não adianta fazer a casa e depois ter que desmanchar [...]”
108. “[...] aí eu vou morar nas casinhas que tem ali no fundo por enquanto, até ele construir a oficina, ele construindo a oficina **a gente** constrói em cima e vai para lá, [...]”
109. “[...] é, porque o pessoal daqui que faz comida, então **a gente** tem uma base mais ou menos, sabe?”
110. “[...] Justo e eu ia ajudar minha família, ia construir alguma coisa **para a gente** poder trabalhar, [...]”

Informante LPAM

111. “[...] tem escolas **a gente** fala com eles: isso é para que vocês sejam homens no futuro, gente.”
112. “[...] **a gente** está brigando com vocês porque não gosta de vocês não. Tem que mostrar para o aluno falta de... de... falta de disciplina, [...]”
113. “[...] prefeito uai, **nós** tivemos prefeito aqui também que nunca estudou na vida dele, uê!”
114. “[...] **nós** estamos formando professor de educação física aqui, [...]”
115. “[...] **nós** estamos formando, pagamos caríssimo o curso, precisamos dele para [...]”
116. “[...] **nós** perdemos uma igreja, o povo perdeu uma igreja, aquela igreja na chegada ali, ela era valiosíssima, [...]”
117. “Eu acho que o que tinha ali de tão valioso, o povo fala, é a arte que foi empregada que hoje não sei, **a gente** não consegue ver mais e ninguém explica, [...]”
118. “[...] as paredes da igreja e aquilo ali foi demolido e **a gente** não sabe para onde foi aquilo, o povo não tomou conhecimento, [...]”
119. “Já pensou se **a gente** tivesse só aquelas igrejinhas até hoje?”
120. “[...] olha para você ver, **nós** tivemos uma rodoviária, primeiro ela era aonde? Ali no bar de José Pulinha, [...]”
121. “[...] então já era um risco maior que **a gente** corria. É, tanto motorista como pedestre.”
122. “[...] porque **a gente** não consegue lavar banheiro? Olha, eu, se eu tivesse que lavar banheiro, para receber um bom salário, eu lavaria banheiro [...]”
123. “Ele deu o concurso, **nós** fomos lá, passamos no concurso, aí, as escolas mandou o número de vagas que ... que tinha, [...]”
124. “[...] porque por lei só podia mandar aquelas, aí depois apareceu um montão de vaga **para a gente** trabalhar.”
125. “Olha para você ver, imagina se... olha, **nós** ganhamos menos que um salário mínimo, salário menor do que o salário mínimo, [...]”
126. “[...] igual você está falando. **A gente** tem essa parcela que não sabe quanto que ela é. Se você tem um cargo ela é... você ganha ela num cargo, [...]”

127. “E a culpa não é do Sindiut, **a gente** mantém, acaba mantendo o órgão e eles não é que eles não fazem nada, eles fazem sim, [...]”
128. “[...] a gente como professor, **a gente** tem que criar isso. Criar esse órgão.”
129. “Criar esse sindicato. Porque é um direito nosso e **a gente** não tem tempo, para isso. Como é que você vai criar um sindicato, [...]”
130. “[...] se uniram, se organizaram e lutaram por uma melhora de salário, **nós** não vamos conseguir.”
131. “Agora, será que **a gente** vai conseguir? Conseguir, é... um grupo de professores, é... fizeram greve, [...]”
132. “[...] no dia que entra ele quer ganhar até menos, para mais tarde ficar igual **a gente** está, brigando por um salário melhor.”
133. “[...] agora, brigando de forma errada, porque enquanto **a gente** não se organizar, não vai ter jeito não.”

Informante LPJF

134. “[...] quem quer estudar às vezes não tem a chance, tem oportunidades que tem outras, mas não tem a chance **da gente** ir.”
135. “[...] não sei também, não sei, eu fiquei sabendo. Aqui **a gente** não tem um lugar [...]”
136. “[...] não tem um lugar **para gente** sair, falta não é, um lugar para sair, [...]”
137. “[...] **nós** não temos é uma diversão, [...]”
138. “[...] lembra quando **a gente** saía, [...]”
139. “[...] **a gente** ia para praça.”
140. “E na praça **a gente** ia para o que, direto para o que?”
141. “[...] aquele prédio ali que está caindo e fazer uma rua larga ali, mas a cabeça pequena demais, o que **a gente** pode fazer não.”
142. “[...] Zé Pereira era tudo, era a expectativa que **a gente** tinha para o carnaval, não é?”
143. “Tinha o Zé Pereira, **nós** estamos, carnaval já está chegando o carnaval.”
144. “[...] banda normal, poropopó que **a gente** chama. A banda normal de sopro tinha, era, era, sabe onde é o bar do rei.”
145. “[...] não tenho expectativa para chegar mais julho. Igual **a gente** tinha.”

146. “**A gente** ficava doido não é, para chegar julho, nossa, mas acabou tudo. Este ano, ano passado, [...]”
147. “[...] você viu com que roupa que aquela menina estava com ela na igreja? Vem falar que não é assim? Que **nós** ia na missa, [...]”
148. “[...] **a gente** chegava atrasada, é como se fosse a rainha, minha filha, chegando, todo mundo virando para ver com que roupa você estava indo.”
149. “Era da Telemig, só que o meu era de cartão. Aí **nós** fizemos um plano empresarial, com a Silvia, a Marina e o Ary, entramos.”
150. “[...] então **a gente** paga assim, tem uma taxa, é bem melhor do que você ter uma conta.”
151. “Dá doze e setenta que **a gente** tem que pagar aquela taxa e fora as ligações [...]”
152. “[...] tem que pagar aquela taxa e fora as ligações que **a gente** faz.”

ANEXO F – Dados de Piranga: Sujeito indeterminado

Informante SPAF

1. “[...] tem até aquela frase que **a gente** cria filho para mundo, mas eu não [...]”
2. “[...] os meninos que **a gente** tem hoje estão uns meninos assim, muito, parece que independentes, não é?”
3. “[...] às vezes o pai não cobra muito ele fica à vontade e em questão de escola **a gente** não tem retorno, [...]”
4. “[...] sabe porque às vezes no horário não podia, que deixassem que quando precisassem iam na escola, **a gente** já está vendo isso na escola, [...]”
5. “[...] claro a gente como educadora, **a gente** preocupa com a criança num todo, mas tem que ter uma outra pessoa ali na escola [...]”
6. “[...] você vê que se **a gente** tiver cinco alunos, não tem um igual o outro, cada um é uma dificuldade, não é?”
7. “[...] que eu já tinha mais de vinte e cinco anos de serviço, mais de vinte anos, **nós** continuamos com quinquênio a cada cinco anos [...]”
8. “[...] em outubro acho que fez doze pelo contra cheque **a gente** vê direitinho [...]”
9. “[...] **nós** tivemos o quê é... trinta... trinta... quarenta reais no vencimento.”
10. “[...] não, **nós** nunca tivemos trinta por cento de aumento.”
11. “[...] isso assim, **a gente** ganha mais um pouco porque eu tenho quinquênio, [...]”
12. “[...] com isso muita coisa que parece que **a gente** faz fica perdendo o valor, [...]”
13. “[...] questão de escola pública é assim, **a gente** fica sabendo, não é? Sai uma coisa no jornal ali, você ficou sabendo naquela hora.”
14. “[...] o objetivo principal dessa municipalização em Piranga, **a gente** vê claramente que não é questão nem de... de está preocupado [...]”
15. “[...] eu também não tenho, mas quando **a gente** vê esses planos de governo em educação [...]”
16. “[...] **a gente** fica assim, tudo bem se o transporte for uma coisa da prefeitura, eles fazem o favor de trazer os alunos [...]”
17. “[...] mas tem hora que eu fico brava também, falando assim, a meu Deus, **a gente** não deve jogar, não é?”
18. “[...] fico mesmo. Preocupo demais porque **a gente** faz tudo, não é?”
19. “[...] Como se diz, é uma questão assim, em casa **a gente** fala muito em valor para esses meninos, [...]”

20. “[...] **a gente** vê pessoas falando que não comungam com ministro, comungam só com padre.”
21. “[...] você não vê falar que de outra veio para a católica, ultimamente eu estou vendo muita católica, não é? Que **a gente** vê indo para outra.”
22. “[...] eu falo isso com... com alguém e fala assim, mas **nós** já estamos na era da informática, [...]”
23. “[...] na minha época **a gente** olhava muita moda, cabelo, que sapato, não é?”
24. “[...] acho que **a gente** tem que acreditar é muito em Deus, muito, muito mesmo, porque senão.”
25. “[...] o que que vai fazer com uma pessoa dessa? É um monstro. Vai por numa cadeia? E **a gente** ainda vai pagar [...]”
26. “[...] eu acho que **a gente** não vem só para ficar aqui tudo não, sabe? Eu acho que é... é... uma coisa, eu acho que é uma coisa assim muito vaga, [...]”
27. “[...] mas eu acho que tem uma maneira **da gente** ser selecionado no fim da nossa vida, sabe?”
28. “[...] **a gente** pode escolher, não é?”

Informante BPJM

29. “[...] não tem vaga para todo mundo. **A gente** está pré-selecionado. Aí depois vai fazer entrevista, aquele negócio todo.”
30. “[...] não a faculdade **a gente** que escolhe também. ”
31. “[...] e que não tem nada a ver com a estrutura da cidade. É um trem... é um trem que você... **a gente** vê e não acredita viu, [...]”
32. “[...] que isso aqui é só uma passagem mesmo, que o que **a gente** fizer aqui corresponde ao que você vai ter do outro lado.”
33. “[...] a pessoa que tem fé eu acho que vale a pena mesmo, até por, **a gente** nunca teve essa provação, [...]”

Informante RPAM

34. “[...] você vê o mundo que **nós** vivemos. A criminalidade no Rio de Janeiro, pessoas que estão (?) de carro, às vezes na praia lá [...]”
35. “Eu falei é gente, então cacitete ligou ele aí mesmo. Mas, **a gente** vê cada história, [...]”

Informante CPJM

36. “[...] o mundo vai mudando, vai crescendo e vai dando voltas que a gente, na nossa visão, **a gente** não entende, [...]”
37. “[...] é experiência que o idoso tem, ele já viveu, ele já passou, talvez não tenha passado pela mesma circunstância que **a gente** está passando, [...]”
38. “[...] eu procuro viver cada dia melhor que o outro, ao menos tentar, se **a gente** não conseguir, ao menos tentar [...]”
39. “[...] a crença ou sei lá o quê? Mas o que eu sei foi ela que me falou, não é? E ela falou que **a gente** vai, não é?”
40. “[...] mas que se **a gente** fica devendo da nossa vida [...]”
41. “[...] da nossa vida, **a gente** volta para pagar, entendeu?”
42. “[...] são poucos amigos, são colegas, mas poucos amigos. E antes **a gente** não tinha essa coisa de amigo, era todo mundo colega, [...]”
43. “[...] a nossa faixa etária aqui, ela busca aquela... (?) **a gente** passou tanto, acho que não só nós, todo mundo, não é?”
44. “[...] eu quero dar para o meu filho o que eu não tive. Quero dar uma vida melhor para ele e **a gente** sabe, que tendo nove, dez, quinze, [...]”

Informante DPAF

45. “[...] Luiz Henrique, por ser homem, que **a gente** vê que está mais para o lado do fumo, aquele trem todo e ele tem bronquite, [...]”
46. “[...] está complicado mesmo. Eles não... não... vou falar com você que eles não tiveram infância, **a gente** teve.”
47. “[...] está caro e ela assim, está ficando a desejar. Não está aquele, o que **a gente** esperava não.”
48. “[...] eu acho que isso, **a gente** pensa assim, o povo hoje não tem aquele apego às raízes mais não.”
49. “[...] sou super bem tratada, **a gente** que mexe com doença, toda hora, eu adoro, mas é pobre, o hospital não tem uma estrutura
50. “Pagar, **a gente** vê pessoas que ficam aí meses e meses na fila com o pedido lá no departamento de saúde e não consegue marcar, não é?”
51. “[...] é complicado, falar que **a gente** quer o melhor, é claro, todo pai quer, não é? Mas a hora que aparece ... igual a Letícia, [...]”

52. “Porque eu acho que para ter as coisas **a gente** mesmo tem que conseguir, não tenho a intenção de deixar nada não.”

Informante GPJF

53. “[...] eu não sei o que pensar, porque eu acho um mistério assim, é tanta coisa, não é? **A gente** vê, tem acesso a algumas coisas, vê na televisão, [...]”
54. “[...] eu não sei o que pensar não, eu acho que **a gente** tem que aproveitar agora [...]”
55. “[...] porque **a gente** não sabe o que vai acontecer lá, não é?”
56. “[...] você pode ter certeza, que ele era feliz, eu penso assim, ele era feliz, eu acho que **a gente** não morre antes [...]”
57. “[...] não morre antes **da gente** ser feliz.”
58. “Antes **da gente** aproveitar porque eu gente, eu acho que viver é muito bom, [...]”
59. “[...] tem tanta coisa **para a gente** aproveitar, [...]”
60. “[...] porque a igreja católica, **a gente** é católico... eu sou católica, tudo, mas eu ... eu sou católica, acredito em Deus do meu jeito, [...]”
61. “[...] não sei se é porque também a ... **a gente** vai amadurecendo, não sai muito de casa, começa a namorar.”
62. “[...] os alunos ... antigamente **a gente** tinha um certo, vamos dizer assim [...]”
63. “Eu penso assim. Como que **nós** vamos continuar trabalhando, não é?”
64. “**A gente** estuda o aluno, [...]”
65. “[...] se fosse mesmo, **a gente** poder colocar tudo em prática [...]”
66. “[...] poder colocar tudo em prática o que **a gente**, não é? Aprendeu na faculdade, você precisa de ver, [...]”
67. “[...] realidade é muito... é diferente demais, não é? Do que **a gente** aprende, [...]”
68. “[...] mas se fosse **para gente** colocar, [...]”
69. “[...] se **a gente** pudesse pôr tudo direitinho no asilo, tanto é que não pode mesmo mais hoje.”
70. “[...] eu fui uma vez só, que eu tive que fazer uma entrevista lá, você precisa de ver quando **a gente** chega lá, [...]”
71. “[...] eles acham que estão no céu, que **a gente** vai para conversar com eles, tudo e tal, mas eu não vou, [...]”
72. “[...] eu penso assim: eu não ia pensar em ajudar igreja, porque diz que tudo que **a gente** recebe [...]”

73. “[...] **a gente** tem que dar o dízimo.”
74. “[...] eu ia conseguir construir tudo isso com esse dinheiro, porque eu acho que tudo que **a gente** ganha, [...]”
75. “[...] **a gente** tem que trabalhar para conseguir, [...]”
76. “[...] eu acho que o dinheiro que **a gente** ganha, você vê, se você acha dez reais na rua, amanhã já sumiu, você não sabe o que que você fez com ele não.”
77. “[...] eu acho que se **a gente** não estudar, a cabeça da gente fica muito vazia, eu não gosto disso não.”

Informante LPAM

78. “[...] é ... assim, **a gente** que ainda está estudando, que está formando esse ano, ainda tem um pouquinho de ... de visão sobre essas coisas, [...]”
79. “[...] e se o menino não aprende ele é burro, ele é isso, é aquilo. Então tem que estar ... **a gente** tem que estar sempre revendo conceitos [...]”
80. “Tanto de prejuízo que **a gente** leva, porque você não sabe, ah democracia, isso aqui é aberto ao povo, [...]”
81. “[...] porque eles querem lucro imediato e o retorno que **a gente** dá para o estado é amanhã, está no futuro, [...]”
82. “[...] eu sei que não tem como mudar, **a gente** planta um semente que no futuro talvez alguém possa mudar isso aí, mas no momento [...]”
83. “[...] não é isso que ele quer falar não, ele quer falar é a bandalheira que **nós** estamos nela, [...]”
84. “[...] que **a gente** está tentando fazer com que [...]”
85. “[...] fazer com que **a gente** saia dela, mas não tem não, você vai cada vez se afundando mais, tudo que você faz está cada vez se afundando mais, não é?”
86. “[...] **a gente** acha que tem uma fresta, que tem uma porta, ah, não adianta, o poder vai e fecha tudo.”
87. “Porque o certo é **a gente** ter um presidente do PT, um governador do PT, não é?”
88. “[...] você chega em Belo Horizonte hoje, **a gente** tem que tirar o chapéu para ele, o homem é inteligentíssimo, o cara sabe governar [...]”
89. “[...] é muito grande, você **a gente** ganha muito pouco, [...]”
90. “[...] mas **a gente** são milhões, bilhões de dinheiro para pagar a folha do... do professorado.”

91. “[...] mas naquele dia você tem seu dinheiro para pagar suas contas. E anos atrás aí **a gente** não sabia nem quando e se ia receber o décimo terceiro, [...]”
92. “[...] porque eu acho que **a gente** não pode jogar a culpa em tudo que é do governador não.”
93. “Será que ele teria tempo, **a gente** como governador teria tempo, saco para ler tudo que o outro fez, [...]”
94. “[...] o problema todo, não tem, **nós** não temos, o governo não tem como é... fiscalizar, se chega uma fiscalização ela chega tarde demais [...]”
95. “Então não é só a educação, **nós** estamos numa bandalheira, uma... só vê, só consegue enxergar lucro, [...]”
96. “Infelizmente **nós** estamos vivendo uma bandalheira.”
97. “[...] a bandalheira que **a gente** está nela, sabe? Porque nós... e não tem como mudar, o problema é que não tem como mudar.”
98. “[...] então, é assim que está a nossa educação. Agora eu acho que **a gente** não tem que, com nossos filhos, [...]”
99. “[...] com nossos alunos, **a gente** tem que ser mais, deixar de ser professor, não é?”
100. “[...] porque se a gente... se **a gente** vai beneficiar esse fulano aqui oh, [...]”
101. “[...] **nós** vamos estar prejudicando o outro lá que tem muito mais voto que esse aqui e por aí vai [...]”
102. “[...] aqui uai, **nós** não temos nenhum.”
103. “Até hoje não consegui acertar tudo assim não. Entendeu? **A gente** toma um prejuízo, [...]”
104. “[...] você ... **a gente** não consegue calcular porque, olha se você vai ali e compra um ... um ... ah, qualquer objeto [...]”
105. “[...] na ignorância **a gente** fala assim: ele anota para mim e não me cobra nada, porque não fala que está me cobrando juro [...]”
106. “No supermercado não. Aqui em Piranga não. Então, **a gente** perde muita coisa, perde muito dinheiro.”
107. “Nesse ponto... tem certo ponto que **a gente** tem que criticar mesmo, [...]”
108. “[...] mas tem outros que **a gente** tem que voltar atrás e falar assim: gente, como que é?”

Informante LPJF

109. “Eu não sei te falar verdade assim não. Tanta coisa tem hora que acontece, **a gente** se pergunta, não é? Por que?”
110. “[...] tem hora que **a gente** está precisando muito, [...]”
111. “[...] **a gente** pede: ô Deus me ajuda! É isso, entendeu?”
112. “Na hora das coisas ruins **a gente** sempre acha que não existe, [...]”
113. “[...] mas quando **a gente** está no aperto [...]”
114. “[...] no aperto **a gente** sempre pede ajuda, não é? Aí, eu caio... missa essas coisas assim, eu também não estou indo muito não, [...]”
115. “Ah, que **a gente** volta? Não [...]”
116. “[...] eu tipo assim, eu acredito não acreditando. Está vendo tem hora que **a gente** cai muito em contradição.”
117. “**A gente** tem um protetor sim, é tanta coisa, não é, que acontece. Eu acredito sim que tem uma pessoa do lado que fica pondo a mão na cabeça.”
118. “[...] esse negócio de depois da morte, é meio complicado, sei lá eu acho que é muita coisa que os outros falam **a gente** põe na cabeça [...]”
119. “[...] põe na cabeça **para gente** acreditar, entendeu, [...]”
120. “[...] eu acho que é isso, **a gente** é muito acostumado desde pequena a falar isso, ouvir isso.”
121. “É que nem eu falei, **a gente** nunca foi [...]”
122. “[...] nunca foi **para gente** ver se tem ou se não tem.”
123. “Sei lá **para gente** ver [...]”
124. “[...] eu não consigo, particular é muito caro. É muito difícil, **a gente** querer as coisas e não poder, entendeu?”
125. “O interessante que é... **a gente** acha que é tipo um trezinho fino, não é? Você fala assim, tem sangue, tem um monte de coisa [...]”